

AS CRÔNICAS DAS IRMÃS BRUXAS III

JESSICA SPOTSWOOD

PREDESTINADAS



PREDESTINADAS



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

AS CRÔNICAS DAS IRMÃS BRUXAS III

JESSICA SPOTSWOOD

PREDESTINADAS



Título original: *Sister's Fate*

Copyright © 2014 por Jessica Spotswood
Copyright da tradução © 2015 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Ana Ban

preparo de originais: Renata Divan

revisão: Flávia Midori e Juliana Souza

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Kathrin Schüler

adaptação de capa: Miriam Lerner

imagens de capa: Alexandra Sophie e Shutterstock, (Grafvision, Apollofoto, Crystalfoto e Yaipearn)

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S749p

Spotswood, Jessica

Predestinadas [recurso eletrônico] / Jessica Spotswood ; tradução Ana Ban. - 1.ed. - São Paulo :
Arqueiro, 2015.
recurso digital

Tradução de: *Sister's fate*

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-398-4 (recurso eletrônico)

1. Bruxas - Ficção americana. 2. Ficção americana. 3. Livros eletrônicos. I. Ban, Ana. II. Título.

15-20573

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para minhas irmãs, Amber e Shannon; sem elas eu não poderia ter
passado para o papel todo o amor e as implicâncias
que existem entre as irmãs Cahill.*

*E para as minhas amigas Jenn, Jill, Liz e Laura, que, assim como as amigas
de Cate, se transformaram nas minhas irmãs do coração.*

PRÓLOGO

CINCO MINUTOS ATRÁS

BRENNA DANÇA PELA ESCADA DE MÁRMORE branco em direção à porta, e eu a estou seguindo quando escuto o barulho de um corpo indo de encontro ao piso molhado. Eu me viro. Finn está de quatro no chão. Tropeçou no meio-fio. Ele se levanta, ajeita os óculos e caminha de volta à carruagem, mas seus passos não são os graciosos de sempre. Finn faz uma pausa, examina a carruagem e parece confuso.

– Está tudo bem? – pergunto a ele.

Ele ergue os olhos para mim e então abaixa a cabeça. Suas orelhas estão vermelhas de vergonha.

– Sinto muito, senhorita, mas esta carruagem é minha?

A voz dele soa estranha, formal. Como se estivesse falando com uma desconhecida.

As palavras dele ecoam na minha cabeça: Sinto muito, senhorita.

Achei que estivesse entorpecida, mas o que sinto agora é pior. Não compreendo. Dou uma olhada na rua vazia. Além de Finn, estamos só Brenna, eu e Maura aqui...

Maura.

Minha irmã está parada à calçada, fitando Finn com os olhos semicerrados.

O meu Finn.

Ela não faria isso.

Não minha própria irmã.

CAPÍTULO

I

ABANDONO MAURA NO MEIO DO REDEMOINHO de neve e de gelo. Se eu olhar para o rosto dissimulado dela por mais um minuto, não serei responsável pelas minhas ações.

Dentro do convento, eu me apoio na porta pesada de madeira.

Minha capa preta está pingando, mas meus olhos estão secos. Tudo parece... inconcebível. Harwood está vazia, Zara está morta e Finn não vai se lembrar de nada nem de nós dois. Pensar no nosso futuro foi o que me guiou por toda esta guerra; a promessa de que, no fim, ficaríamos juntos. Fora isso que tinha me impelido, muito embora as adversidades parecessem insuperáveis.

Como poderei prosseguir assim? Sem ele?

Tess chega apressada pelo corredor e se joga em cima de mim. Provavelmente estava de sentinela junto à porta.

– Você voltou! Como foram as coisas em Harwood? Fiquei tão preocupada, eu... – Mas fico rígida no abraço, e ela recua com os olhos fixos no meu rosto. – O que houve?

– Maura sabe que você é o oráculo.

Abraço a mim mesma, como se isso fosse impedir que eu me desmanchasse em mil pedaços. Não consigo deixar de notar o fio vermelho escarlate na minha mão.

O sangue de Zara.

Tess morde o lábio.

– Como Maura sabe disso?

Encolho os ombros.

– Eu contei a ela.

– Mas... – Minha irmã parece estupefata. – Você prometeu.

Não é do meu feitio quebrar uma promessa feita às minhas irmãs. Na verdade, a qualquer pessoa. Não sou de dar minha palavra em vão.

Isso é culpa de Maura também. Ela me transformou em uma mentirosa.

Tess franziu o cenho, e seus olhos ficaram tão tempestuosos quanto nuvens carregadas.

– Por que você contou se tínhamos combinado de esperar?

Essa verdade sai com bastante facilidade:

– Eu queria magoá-la. Não consegui pensar em mais nada.

Maura desejava muito ser o oráculo, a bruxa da profecia que iria salvar a Nova Inglaterra. Ela desejava tanto tudo isso que me traiu.

O que mais será que ela apagou, além de mim? Nos últimos meses, minha vida e a de Finn estiveram entrelaçadas. Ele não vai compreender por que a mãe fechou a livraria. Vai se odiar por ter entrado para a Fraternidade, principalmente agora, com os Irmãos sujeitando meninas inocentes aos calabouços, à tortura e à fome.

Cerrei os punhos, deixando marcas de unhas nas palmas. Ou faço isso ou vou começar a berrar, e, se eu começar, não sei quando vou conseguir parar.

– Você queria magoá-la – repete Tess, parecendo não compreender. Ela fica me encarando, como se eu tivesse saído para libertar as garotas de Harwood e retornado no corpo de uma desconhecida. – E me usou para isso. Você não devia...

– Zara está morta – interrompo, irritada. De repente estou muito irritada. – Você previu que isso ia acontecer. Poderia ter feito a gentileza de me contar!

Lágrimas brotam nos olhos de Tess.

– Sinto muito. Ela me pediu que não contasse e eu... fiquei com medo de que isso pudesse distrair você. Além do mais, você não poderia ter feito nada para evitar. – Ela curva os ombros e parece ter bem mais do que 12 anos. Tess dá um suspiro que fere meu coração. – Foi por isso que você contou para Maura? Para se vingar de mim?

– Não.

Está tudo péssimo, mas a culpa não é de Tess.

– A pequenina! – Brenna Elliott surge da sala de visitas feito um boneco de mola assustador. – Você está segura. Eu não contei. Queriam que eu contasse, mas eu resisti, até quando me bateram.

Tess fica paralisada quando o oráculo louco estende a mão e faz um carinho nela, alisando seus cachos louros.

– Obrigada?

– Quebraram meus dedos. – Brenna os agita diante do rosto de Tess. – Mas o corvo bonzinho me curou.

O corvo é a Irmã Sophia, que também me ensinou a curar. É o único tipo de magia em que me destaco. Encontrei satisfação no trabalho de enfermeira e em provar que os Irmãos estão errados: nem toda magia é egoísta e má.

Nesta noite, usei meu dom de modo a parar o coração de Zara.

Ela pediu que eu a ajudasse a morrer com dignidade, e foi o que fiz. Mas seus olhos vidrados e o cheiro de cobre de seu hálito ainda me assombram.

– Você também ficará a salvo agora. Ninguém vai machucar você aqui – diz Tess, que dá tapinhas no braço de Brenna.

– Rory vai chegar logo. Com a irmã dela. – Os olhos de Brenna se agitam feito borboletas azuis alvoroçadas. – Você, Cate e outra. As três irmãs.

– É Cate que está aí? – Alice Auclair entra no saguão, sorrindo como um gato que comeu um canário. – O Conselho Titular está destruído. Pelo menos onze dos doze membros, incluindo Covington!

– Fiquei sabendo – eu digo.

Se ela espera que eu lhe dê os parabéns, pode esperar sentada. O sorriso dela deixa minha pele toda arrepiada. Alice, Maura e Inez usaram magia mental no Conselho Titular e apagaram a memória dos conselheiros de modo tão completo que agora eles ficarão reduzidos a bebês chorões. Os Irmãos já vinham agindo nos limites da violência. Há menos de um século, bruxas foram perseguidas até quase serem extintas e muitas garotas inocentes morreram no processo. Eles só estavam esperando um pretexto para retomar os antigos métodos, e agora Inez lhe dera um.

As mulheres da Nova Inglaterra vão sofrer pela leviandade de Inez. Qualquer moça um pouco mais educada, excêntrica ou loquaz pode ser morta sem hesitação em vez de enviada a Harwood. E o que eu posso fazer para impedir isso? Nada. Existem dezenas de milhares de Irmãos e apenas algumas centenas de bruxas para lutar contra eles. Nossa única esperança é conquistar o apoio do público, e agora Inez também acabou de vez com essa possibilidade. Os Irmãos tinham condicionado as pessoas a temer a magia mental. Depois de um ataque horrível como este, voltaremos a ser os monstros da escuridão, as protagonistas das histórias que contam às crianças na hora de dormir para assustá-las e obrigá-las a se comportar.

Brenna agarra minha manga com dedos ossudos e me arranca dos devaneios.

– É ela – sussurra. Seus olhos aterrorizados estão grudados em Alice. – O corvo que arrancou com o bico todas as minhas lembranças!

Alice recua aos tropeções, olhando de Brenna para mim e então de volta a Brenna. Sua pele de porcelana fica toda vermelha.

Tess abraça Brenna com força.

– Ela não vai fazer isso de novo. Foi um acidente – diz Tess em tom acalentador.

Brenna choraminga como uma criança. Alice se vira, pronta para se retirar. Acredito que ela nunca tenha achado que precisaria voltar a encarar Brenna. O *acidente* dela.

Dou um passo adiante, bloqueando o caminho.

– Olhe só para ela – digo. – Veja só o que você fez.

Alice olha. Observa a blusa branca manchada de Brenna, a saia marrom que mais parece um saco, o cabelo castanho desgrenhado. O rosto fundo, um olho ainda roxo por causa das pancadas dos Irmãos depois de ela ter se recusado a cooperar, os braços magricelas de espantinho, as cicatrizes lívidas em seus pulsos, marcas de uma tentativa de suicídio cometido há seis meses.

– Sinto muito – sussurra Alice. – Não era essa a minha intenção.

Alice tinha tentado fazer Brenna se esquecer de que todas as Irmãs eram bruxas, mas falhou.

A magia mental é imprevisível.

– Isso não basta. – Eu a seguro pelos ombros. – Você não tem como reverter o efeito. Nunca vai poder fazer isso!

– Me solte! – Alice tenta se desvencilhar, mas seguro com firmeza. Eu a sacudo um pouco.

Não é pouca coisa bagunçar as lembranças de alguém.

Nosso primeiro beijo, com os Irmãos do outro lado da porta, as mãos dele na minha cintura e as penas na escuridão.

E o segundo beijo, no gazebo da colina, o vento batendo em meus cabelos, o cheiro de serragem e de terra molhada ao redor.

E o terceiro, no dia em que revelei a Finn que era bruxa e ele pediu minha mão em casamento mesmo assim.

– Cate! – exclama Tess, que puxa meu braço.

Solto Alice e me afasto. Minha respiração está acelerada e minha garganta, engasgada com o choro que não vou – *não vou!* – liberar. Fico encarando o assoalho de madeira e o tapete verde redondo, molhado por causa da neve nas minhas botas.

– Você ficou louca? Qual é o seu problema? – Alice quer saber, seguindo apressada pelo corredor até a sala de estar.

Ela abre caminho pelo grupo de meninas mais jovens que espiam a confusão pelo vão da porta.

– O que Maura fez? – indaga Tess, com temor na voz.

Levanto a cabeça.

– Ela apagou a memória de Finn. Ele não se lembra mais de mim.

Tess leva a mão à boca.

– Por que ela faria isso?

– Ela tem inveja do que nós dois temos. Do que nós *tínhamos* – corrijo. – Queria que eu ficasse solitária e amarga como ela. Deu certo. Estou tão furiosa que seria capaz de *matá-la*.

Tess me encara, os olhinhos arregalados. Não falei da boca para fora. Não desde que descobrimos a profecia segundo a qual uma de nós vai matar a outra antes da virada do século. Sempre achei que isso fosse impossível. Somos irmãs, amamos e protegemos umas às outras.

Nada é mais forte do que isso.

Nada *era*.

Brenna enfia a cabeça pela pequena abertura da porta da sala de visitas.

– Não é assim que acontece.

– Quieta! – explode Tess, que se vira rapidamente para Brenda.

Tess nunca se exalta.

O que ela tinha visto?

– Ninguém vai matar ninguém. – Tess agarra meu braço de novo, com força, tentando me arrastar em direção à escadaria. Percebo um tom de desespero na voz dela, e fico me

perguntando se ela está tentando convencer a mim, a Brenna ou talvez até a si mesma. – Vamos dar um jeito nisso. Vamos subir, Cate.

– Não se pode dar um jeito nisso. – As lembranças de Finn se foram para sempre; nenhuma magia será capaz de trazê-las de volta. Maura traiu minha confiança, e isso também não pode ser consertado. Avisto Lucy Wheeler, amiga de Tess, andando de um lado para outro no fim do corredor. – E não vou fugir dela. Além do mais, preciso contar a Lucy e às outras como as coisas se desenrolaram em Harwood.

Aceno para Lucy e ela vem correndo, com as bochechas de esquilo coradas e os olhos preocupados. Antes que eu abra a boca para dizer que sua irmã mais velha está bem e não se encontra mais no hospício, a porta de entrada se escancara e várias garotas entram, todas vestidas com as capas pretas da Irmandade.

– Estamos aqui! – Minha colega de quarto, Rilla, anuncia o óbvio. – A outra charrete já vai chegar. Vão entrar pelos fundos.

Ela está radiante, encantada com nossa vitória. Libertamos centenas de garotas do Hospício de Harwood. Algumas fugiram por conta própria, outras estão sendo levadas para esconderijos no interior. Seis garotas com poderes especiais ou laços com a Irmandade estão vindo para cá. Elas estão seguras ou, pelo menos, mais seguras do que estavam em Harwood, junto aos Irmãos sedentos por vingança. Zara foi nossa única baixa. Nossa missão foi bem-sucedida, mas, mesmo assim, não consigo encontrar alegria nisso.

– Grace! – Lucy solta um berro estridente.

– Lucy? – Grace Wheeler é uma versão mais alta e mais magra de Lucy, com cabelo cor de caramelo desgrenhado e olhos castanhos grandes demais para o rosto esquelético.

Lucy se joga em cima da irmã, com as lágrimas escorrendo em suas bochechas.

– Achei que nunca mais fosse ver você de novo!

– E eu pensei que nunca sairia daquele lugar. Achei que ficaria lá até morrer. – Grace olha ao redor, temerosa. – Você é uma... uma bruxa, como disseram?

Lucy assente.

– Todas nós somos. Mas não somos como os Irmãos pregam, Grace, nós não somos más.

– Não ligo se vocês dançam com o diabo todas as noites – diz outra desconhecida, uma garota mais velha com cabelo de um ruivo intenso e a pele coberta de sardas. – No que me diz respeito, vocês são anjos, pois nos salvaram daquele inferno.

– Caroline! – Maud a repreende. A ruiva deve ser a prima dela.

Caroline revira os olhos azuis em um gesto expressivo.

– Acho que devemos nomear as coisas pelo que elas são. Aquele lugar era cheio de ratos, a carne que nos davam para comer quase sempre tinha vermes e os Irmãos chegavam a dar um beliscão ou dois em nós, as bonitinhas. Se revidássemos, eles nos faziam tomar doses extras de láudano.

Meus olhos passam para a terceira recém-chegada, uma garota bonita com traços hindus, mais ou menos da minha idade, que se apoia na mesa do saguão, mexendo no porta-cartas

em formato de lira. De acordo com as enfermeiras, Parvati era o alvo preferido dos Irmãos.

– Você está a salvo agora – garanto a ela. – Ninguém vai...

Minhas palavras morrem na garganta quando Maura se adianta por trás das outras.

– Bem-vindas à Irmandade, meninas. Eu sou Maura Cahill. Vocês estão em segurança aqui, desde que nos prometam sua lealdade.

Meu corpo fica tão tenso quanto a corda de um arco milésimos de segundos antes de a flecha ser disparada.

– Ah, mas você é mesmo perfeita para falar de lealdade! – falei.

– Este não é o momento, Cate. – A saia cor de safira farfalha quando ela se posiciona no meio do saguão, um passarinho azul rodeado por corvos. – Todas nós seríamos executadas caso os Irmãos descobrissem o que somos. Os segredos da Irmandade não são compartilhados de maneira leviana. Especialmente com gente de fora.

– Grace é minha *irmã* – protesta Lucy.

– Mas não é bruxa. – Maura abana a mão para Grace num gesto de desprezo. – A Irmandade vem primeiro, Lucy.

Lucy meneia a cabeça e as tranças balançam.

– Não antes do sangue do meu sangue. Não mesmo.

Solto uma risada sufocada.

– Ah, Maura não pensa assim.

Rilla franze o nariz sardento.

– Não sei o que Maura tem a ver com isso. Ela não levantou um dedo para ajudar essas meninas.

– Cate fez tudo. Elena e Cate, e aquele namorado maravilhoso dela. – Violet van Buren me fita e sinto o estômago revirar. – Agora sei por que você não quis abrir mão de Finn. Meu Deus, o jeito como ele *olha* para você!

– Vi... – Tess começa a dizer, com os dedos agitados feito mariposas aprisionadas.

– Eu arrancaria meus dentes para ter alguém olhando para mim daquele jeito. – Vi leva as mãos ao peito e suspira. – Ele é tão romântico. Você vai se casar com ele, não vai? Quando isso tudo terminar?

Era o que eu queria. Mais do que tudo.

Mantive Finn em segredo durante semanas. Quanto mais gente soubesse que ele era um espião dentro da Fraternidade, mais perigo ele correria. Mas todas as garotas o tinham visto na noite anterior em Harwood. Agora vão ficar me perguntando a respeito dele e... não sei se vou ser capaz de suportar.

– Acho que não – respondo com a voz embargada.

– Por que não? – Os olhos de ameixa de Vi parecem confusos.

– Pergunte a Maura. – Aponto com a cabeça para ela. – Conte a elas o que você fez.

Maura não me olha nos olhos.

– Não faça parecer que isso tem a ver com a gente. Existem coisas mais importantes a serem discutidas. – Ela me dá as costas, e seu ar condescendente me deixa com vontade de puxar seus cachos ruivos. Gostaria que pudéssemos resolver isso com a mesma facilidade com que solucionávamos nossas brigas de criança.

– Então eu vou contar. – Vou para o meio do saguão, no centro das atenções, um lugar do qual nunca gostei. Cuspo as palavras, confusa e passional: – Finn entrou para a Fraternidade por mim. Ele detestava cada detalhe de tudo o que eles representam. Ele sabia que eu era bruxa, e me amava mesmo assim... Não, não *mesmo assim*. Ele tinha orgulho de mim. Arriscou a vida para espionar a Fraternidade e ajudar a libertar todas vocês. Se tivesse sido pego, seria executado. – Sinto como se fizesse um louvor, e talvez estivesse mesmo fazendo. – Mas Irmã Inez queria que Maura provasse sua crueldade. Ela não aprovava o fato de um Irmão conhecer nossos segredos. E, quanto a Maura, ela sempre me invejou por eu ter alguém como Finn. Ela invadiu a mente dele e me apagou. Esse é o tipo de *irmã* que ela é. Maura pode trair qualquer uma de nós num piscar de olhos.

Maura fica me olhando, sem palavras, as bochechas ardendo. As outras garotas se afastam, como se encostar nela pudesse transmitir uma doença contagiosa.

– Vá embora, Maura. Vá para o seu quarto – diz Tess finalmente, a voz grave. – Cate não deveria ser obrigada a olhar para você agora. Sinceramente, eu também não quero olhar para a sua cara.

Maura se volta para ela.

– Quem é você para me dizer o que fazer?

O oráculo. A bruxa da profecia. Quero que Tess jogue isso na cara dela, mas sei que não vai fazer isso. Ela não tem sede de poder como Maura nem é vingativa como eu.

Tess franze os lábios.

– Eu sou a irmã que ainda fala com você.

Maura fica de cara no chão.

– Você nem ouviu a minha versão!

Tess paira entre mim e Maura, seus olhos cinzentos parecendo adagas.

– Não sei o que você poderia dizer para me convencer de que suas motivações foram válidas.

– Ótimo. Fique do lado dela, como sempre. Eu não preciso de nenhuma de vocês! Vão ver só. – Maura abre caminho pelo aglomerado de garotas boquiabertas e corre para o andar de cima, as botas estalando nos degraus de madeira.

E eu fico ali, me sentindo... como?

Insatisfeita com minha vingança mesquinha.

Rilla é a primeira a se recompor. Ela pega minha mão. Seus olhos cor de mel estão cheios de compaixão.

– Vamos subir, Cate. Você deve estar...

Eu me desvencilho dela.

– Não. – A intenção dela é boa, sempre é, mas essa gentileza me dá vontade de gritar.

Olho ao redor, para as garotas reunidas no saguão. Não posso desmoronar, pois elas precisam de mim. Não sou a única a quem Maura feriu nessa noite. Agora mesmo, os subordinados do Conselho Titular devem estar encontrando seus membros, abobalhados e confusos, incapazes de se lembrar do próprio nome. Amanhã, Nova Londres vai estar em polvorosa contra as bruxas, e a coisa vai piorar quando a cidade ficar sabendo do motim em Harwood.

A Fraternidade *vai* revidar. Precisamos nos preparar para isso.

As garotas de Harwood passaram fome, foram drogadas e brutalizadas. Elas precisam de um lugar para se recuperar, e o convento não é mais um porto seguro. Não com Irmã Cora morta e Inez no controle. Ela fará qualquer coisa para derrubar os Irmãos e se colocar no poder, sem se importar com quem possa ser esmagado no processo.

Mas eu me importo.

Rejeitei uma irmã hoje, mas agora tenho muitas outras.

Quero fazer com que a Nova Inglaterra seja segura para todas elas.

Minha magia brota e sai pelas pontas dos dedos. As velas na mesa do saguão se acendem, seguidas pelos candelabros antiquados ao longo do corredor.

Estou cansada de esconder o que sou. Deve haver uma forma melhor de viver. Não o jeito de Inez. Nem o do Irmão Covington.

Se é guerra que os Irmãos e Maura querem, então é guerra que eles terão. Vou lutar contra ambos.

– Bem-vindas à Irmandade. – Empino o queixo e fito os olhos de cada garota ali. – Como vocês já devem ter percebido, sou Cate Cahill, e esta é a minha irmã Tess. Vamos providenciar algo para vocês comerem e depois levá-las a seus quartos. Este é o seu lar agora. Vou fazer o possível para garantir que fiquem protegidas.

Acomodamos as seis garotas de Harwood na frente da lareira na sala de visitas e servimos um lanche: o pão de ontem com manteiga e geleia de morango, acompanhado de chocolate quente. Depois de me assegurar de que Rilla e Vi vão cuidar bem delas, subo até a suíte de Irmã Cora, no terceiro andar.

Irmã Gretchen abre a porta quando eu bato. Seus olhos cor de avelã estão bem vermelhos.

– Cate. Você está sabendo?

Eu faço que sim e passo a mão pelo meu cabelo louro despenteado.

– Vou sentir falta dela, mas fico contente por ela estar em paz agora.

Gretchen engole um soluço.

– Eu sabia que ia acontecer, mas não sei bem o que fazer sem ela.

Gretchen e Cora eram melhores amigas desde o tempo que estudavam na escola do convento.

– Eu entendo. – Aperto a mão dela. – Eu gostaria de me despedir, se não for incômodo.

– Claro. – Gretchen me deixa entrar e atravessamos a salinha de Cora, envolta em sombras, até o quarto dela. O corpo, com um vestido preto simples, está na cama com dossel. O cabelo branco lhe cai sobre os ombros; as mãos finas parecem galhos de árvores no inverno sem seus vários anéis. – Vou deixá-las a sós.

– Obrigada.

Eu me aproximo do corpo. Geralmente, não sei em que acredito em termos de religião, mas desconfio de que a alma de Cora esteja em outro lugar agora. Por instinto, olho para o teto como se esperasse ver o espírito dela flutuando ali.

Nunca encontrei muito conforto na ideia de minha mãe estar olhando por mim. No enterro dela, esse foi o consolo preferido dos Irmãos. Só faltou sugerirem que eu deveria pedir orientação ao seu espírito. Isso seria um sacrilégio, pois uma moça deve recorrer ao pai, ao marido ou aos próprios Irmãos em busca de sabedoria. Mesmo assim, eles afirmaram que ela continuaria cuidando de mim, achando que isso me traria conforto. Mas a instrução da minha mãe para que eu mantivesse minhas irmãs em segurança pesava sobre mim; eu não me alegrava com a ideia de que o espírito dela ficaria olhando por cima do meu ombro, julgando se eu estava fazendo um bom trabalho ou não.

Irmã Cora tinha me confiado uma tarefa ainda maior: proteger toda a Irmandade. Tess pode ser o oráculo, mas é jovem demais para ser uma líder, e nenhuma de nós confia em Inez para fazer isso por ela.

– Não vou permitir que Inez estrague tudo o que a senhora construiu – prometo. A voz sai baixinha, engolida pelo tapete e pelas cortinas verdes pesadas fechadas para a noite de neve.

Percebo que até que gosto da ideia de Cora estar olhando por mim. O pedido dela foi enorme, mas ela cometeu erros, como no caso de Zara. Certamente perdoaria os meus.

A ideia me dá coragem.

– Obrigada por ter acreditado em mim – concluo.

Deixo-a com as velas queimando na penteadeira para expulsar a escuridão. Na salinha, Gretchen está largada na poltrona verde florida de Cora.

– A senhora vai ficar aqui? – pergunto. Gretchen assente. – Quer revezar comigo?

Ela sacode a cabeça e seus cachinhos cinzentos balançam.

– Precisa descansar. Como foi em Harwood? Eu devia ter perguntado logo de cara.

– Foi tudo bem, na medida do possível. – Aperto os lábios. – Zara morreu. Levou um tiro.

– Ah, Cate. – Os lábios de Gretchen tremem, mas ela se controla. – Sinto muito por esta notícia. Zara foi uma boa mulher. Ela ajudaria muito a você. – Gretchen apruma os ombros e me encara. – Se precisar de algo, estou do seu lado. Aquilo que Inez fez essa noite com o Conselho Titular... não foi correto. Certamente não teria sido a vontade de Cora.

– Tem uma coisa. – Respiro fundo. – Eu gostaria de dar a notícia ao Irmão Brennan. Providencie um encontro o mais rápido possível.

Brennan era o espião de Cora no Conselho Titular. A mente dele teria sido apagada esta noite, junto com a dos outros, mas Finn colocou ervas no chá dele para que passasse mal e não fosse à reunião.

Espero que Brennan seja eleito o novo líder da Fraternidade. De acordo com todos os relatos, ele é do tipo progressista. Se eu puder fazer com que compreenda que nem todas nós apoiamos Inez, talvez ele conduza os Irmãos a um caminho menos vingativo. Sei que é demais pedir o perdão dele. Os homens do Conselho Titular eram colegas de Brennan. Talvez alguns fossem seus amigos. E a menos que possamos encontrar algum modo de diminuir a influência de Inez, ela ficará a cargo da Irmandade até que Tess atinja a maioria, daqui a quatro anos.

– Há uma loja de artigos de papelaria, a O’Neill’s, no bairro comercial. Deixamos recados para Brennan com o proprietário – explica Gretchen. – Você já sabe o código que ele e Cora usavam. Posso transcrever uma carta, se você quiser, mas arrisco dizer que Tess também pode fazer isso.

Tess é fantástica com criptografia, assim como com quase tudo.

Gretchen solta o colar de rubi que tem no pescoço. A corrente de ouro faz um montinho em sua mão e me lembra de que o colar de Zara – o pendente com a foto da Mãe dentro – ainda está no bolso da minha capa. Enquanto observo, o rubi se transforma em uma chave de latão.

– A chave permite entrar na loja pela porta dos fundos. Poderíamos usar magia, é claro, mas os outros têm suas chaves e é mais provável que confiem em você se ficar com a de Cora. No depósito, há uma escada que leva ao porão. É lá que acontecem as reuniões da Resistência.

Ela me entrega a chave. É pequena, fria e leve, mas a informação que Gretchen me deu veio na hora certa. Eu me jogo na cadeira ao lado dela.

– Reuniões da Resistência? – repito.

Será que ela quer dizer que há gente além das bruxas trabalhando em segredo contra os Irmãos? Zara mencionou algo assim, e apostamos nessa ideia ao mandar as refugiadas de Harwood alguns esconderijos mantidos por essas pessoas. Eu não fazia ideia de que Cora estivesse envolvida nisso.

Gretchen passa a mão pela bochecha rechonchuda.

– Brennan não é o único homem na Nova Inglaterra que discorda dos métodos dos Irmãos. Os líderes da Resistência se encontram uma vez por semana. A próxima reunião está marcada para sexta-feira à noite. Posso ir com você, se quiser. Não vai ser fácil conquistar a confiança deles; Cora levou anos. Eles sabiam que ela era bruxa, mas não sabem que todas nós somos. E, mesmo aqueles que não se incomodam, não acham que uma mulher seja sua igual. Não vou mentir para você, Cate: não será fácil conquistar Alistair Merriweather.

Franzo a testa.

– Quem é ele?

Gretchen ergue as sobrancelhas para mim.

– Pelo Senhor, garota, você não lê jornal? Ele é o editor da *Gazeta*.

Para falar a verdade, eu nunca li a *Gazeta*. O *Sentinela* é a publicação oficial de Nova Londres, o porta-voz dos Irmãos. É proibido ter um exemplar de qualquer outro jornal, apesar de eu sempre ver cópias meio escondidas da *Gazeta* quando entregamos comida e para os pobres.

– Encontre um exemplar e se inteire um pouco antes de conhecer Alistair – sugere Gretchen. – Se conseguir que ele fique do seu lado, será uma enorme vantagem para nós. Um quinto de Nova Londres lê o jornal dele, como ele próprio irá lhe dizer com muita satisfação.

Ergo a cabeça, e uma fagulha de esperança me percorre.

– Isso significa que há muita gente insatisfeita com os Irmãos.

– E essas são somente as pessoas que têm coragem de comprar o jornal. Quantas pegam emprestado com o vizinho ou nem sabem ler, para começo de conversa? – Um sorriso torto aparece nos cantos da boca de Gretchen. – Os pobres estão frustrados com as novas restrições. Pense nas centenas de pessoas que participaram da manifestação no mês passado na praça Richmond.

– Metade foi jogada em um navio-prisão por causa disso – observo, lembrando-me das irmãs de Mei. – Não acha que isso foi um balde de água fria em cima de qualquer ideia de rebelião?

Gretchen balança a cabeça.

– Desconfio que só tenha servido para atizar as brasas. A manifestação foi bem pacífica. Esse tipo de ofensa não devia ser do tipo que faz alguém ser mandado para a prisão durante anos, não é mesmo? Como acha que aquelas almas desafortunadas estão se virando agora? Mal sobrevivem, eu lhe digo, com a ajuda da família que lhes resta ou com a nossa caridade. As pessoas estão irritadas, principalmente os trabalhadores pobres. Estão em busca de líderes.

– Como Tess – eu sugiro. Ela é o oráculo que veio para conquistar o coração das pessoas mais uma vez a favor das bruxas.

– E você – diz Gretchen. – Você e Merriweather trabalhando juntos formariam uma equipe formidável.

Dou uma olhada por cima do ombro para a porta meio aberta que dá no quarto de Cora; fico um pouco insegura. Se Cora demorou anos para conquistar os líderes da Resistência, como eu vou fazer isso tão rápido? Não tenho nem metade da inteligência dela.

– Cora tinha fé em você, Cate – afirma Gretchen. – Não a decepcione.

Uso minha magia para transformar a chave de latão em rubi mais uma vez e a penduro no pescoço. Seu peso me conforta. É como um talismã.

– Não vou decepcioná-la.

CAPÍTULO

2

– ATENÇÃO, MENINAS! – A VOZ DE INEZ penetra nos meus ouvidos na hora do café da manhã no dia seguinte. – Tenho alguns avisos para dar.

Tenho feito de tudo para evitá-la, e também não quero ver a expressão de triunfo que ela com toda a certeza exhibe. O plano de Inez está dando certo. Destruíu o Conselho Titular. Irmã Cora está morta. Maura comprovou sua lealdade sem qualquer sombra de dúvida, e Inez provavelmente acha que isso me arrasou.

Deixei que ela pensasse assim. O triunfo dela não vai durar. Ela só vai comandar a Irmandade e a Nova Inglaterra por cima do meu cadáver.

Estou entre Rilla e Mei em uma das cinco mesas compridas que ocupam o refeitório, empurrando ovos e presunto de um lado para outro no prato. Tess se sentou à mesa atrás de nós com as meninas mais novas, mas desconfio de que ela está de olho em mim, assegurando-se de que eu esteja comendo.

Inez está em pé com seu vestido de bombazina preto de sempre, sem qualquer enfeite além do broche de marfim na gola. Como tem um nariz que parece um bico, ela não se parece com um dos corvos de Brenna, e sim com um falcão predador.

Ao avistá-la, meu cansaço desaparece. Maura apagou a memória de Finn, mas foi a pedido *dela*. Minha irmã está sempre tão desesperada para que alguém a escolha, a ame mais, que Inez se aproveitou disso. Não absolvo Maura da responsabilidade, mas Inez fora a mandachuva.

– Às que se juntaram a nós ontem à noite, as garotas de Harwood, dou as boas-vindas – diz Inez, sem sequer um sorriso. – Sinto muito pelo mal que sofreram nas mãos dos Irmãos. Garanto a vocês que terão sua chance de vingança.

Dou uma olhada na mesa, onde as mãos de Parvati tremem com o garfo pairando por cima dos ovos. Caroline, prima de Maud, parece estar enjoada. As outras meninas novas – Grace Wheeler, Livvy Price e a sobrinha de Irmã Edith, Angela – parecem todas abaladas e adoentadas. Em Harwood, o chá era batizado com láudano. Agora estão sofrendo com a abstinência. Mei e eu lhes demos ervas, mas isso só evita a pior parte do enjoo. Estas meninas não precisam de vingança, e sim de alguém que cuide delas, além de tempo e espaço para se curar.

– Tenho certeza de que, a esta altura, todas já estão sabendo que Irmã Cora faleceu ontem à noite. – Inez faz uma pausa, e as meninas ao meu redor baixam o rosto. – Não vou fingir que Cora e eu éramos amigas. Nós não concordávamos quanto ao futuro da Irmandade, e eu a considerava cautelosa demais. – De soslaio, vejo Gretchen estremecer. Inez ergue a mão, e o anel de prata da Irmandade cintila com a luz do início da manhã. – Ainda assim, Cora dedicou sua vida à Irmandade, e isso merece o nosso respeito. O enterro dela será amanhã de manhã na catedral de Richmond. Espero que vocês estejam presentes. De acordo com o plano de sucessão, como a bruxa de mais idade capaz de executar magia mental, eu sou a nova diretora. – Os olhos escuros de Inez encontram os meus. – A Irmandade encontra-se dividida há anos, mas espero que vocês logo percebam que eu tenho os melhores interesses no coração. Todas nós temos os mesmos objetivos e inimigos agora, não é mesmo?

Meu garfo cai da mão e bate no prato de porcelana com um tilintar surdo, e engasgo com a minha indignação. Eu sei quem são os *meus* inimigos.

Inez solta uma risadinha seca que mais parece um graveto velho se quebrando.

– Cora colocou muita energia na profecia de que uma das irmãs Cahill iria nos conduzir ao próximo século. Ela acreditava que Cate era a mais propensa a ser o oráculo. No entanto, me veio à atenção...

Mordo o lábio. Será que Inez vai lançar seu apoio a Maura? Não existem evidências de que Maura possa ter mais chances do que eu quanto a ser o oráculo.

– Veio à minha atenção – repete Inez, satisfeita com a maneira como todas nós nos apegamos às palavras dela – que não foi Cate a abençoada por Perséfone com as visões do futuro. Foi a pequena Tess. Não é verdade, Tess?

Todas as meninas se viram para olhar Tess. Menos eu. Encaro Maura, que olha para o colo e remexe com os dedos na toalha de mesa rendada. Nunca imaginei que ela pudesse contar para Inez.

Mesmo agora, ainda lhe dou muito crédito.

Tess ergue o queixo pontudo.

– É sim, senhora.

– Mas que maravilha! – Inez praticamente ronrona. – Nunca houve um oráculo que também fosse bruxa, muito menos uma bruxa capaz de executar magia mental. Você é *realmente* capaz disso?

– Sou, sim, senhora. – Tess fica corada com tanta atenção. Quase espero que ela se contorça e afunde na cadeira, mas Tess não faz isso; ela se senta bem ereta e eu me sinto inchar de orgulho.

– Bom, não foi muito agradável de sua parte ter guardado segredo sobre isso. – Inez meneia a cabeça e estala a língua, como se estivesse dando bronca em uma criança por ter roubado um doce. – Mas eu compreendo o fato de você hesitar em roubar as atenções da sua irmã...

– Não foi por isso – interrompe Tess. – Foi para minha própria segurança.

Que agora ficou comprometida. Tess é o oráculo da profecia, que vai conquistar as graças do povo e dar início a uma nova era de ouro da magia... ou, se cair nas mãos dos Irmãos, um segundo Terror. Os Irmãos vêm assassinando meninas apenas por *desconfiar* de que elas tinham visões. E, agora, além de nós três – ela própria, Mei e eu –, o convento inteiro sabe sobre as profecias: cinquenta e poucas alunas, uma dúzia de professoras e mais uma dúzia de governantas. Qual é o jogo de Inez?

Inez cruza as mãos por cima do peito em um gesto dramático.

– Seu segredo está seguro conosco. Somos suas irmãs. Temos que protegê-la com a vida!

Será que iriam mesmo? Será razoável achar que sim? O que Tess significa para as pessoas nesta sala? Claro que é alguém querida, mas sacrificar a própria vida não é pouca coisa.

– De todo modo, fico felicíssima de ter uma *aluna* tão poderosa – diz Inez, e a compreensão toma conta de mim com a ênfase que ela dá à palavra. – Tess tem um dom, sim, mas ainda é uma criança. Uma menina de 12 anos não pode liderar a Irmandade, especialmente neste período complicado. Ela vai precisar de orientação, e fico contente em fornecê-la: ficarei na direção enquanto ela não puder assumir o posto, serei uma espécie de regente, até que ela alcance a maioridade e possamos comprovar se há alguma verdade na profecia.

Tess passa a mão pelos cachos louros. Consigo enxergar sua frustração na maneira como retesa o maxilar, na tensão em seus ombros. Ela com certeza é inteligente demais para desafiar Inez em público, mas sem dúvida odeia ser tratada com condescendência.

– Obrigada – balbucia ela. – Aprecio o seu apoio.

– Não há de quê. – Inez caminha por entre as mesas. – Tenho mais um aviso. Com a fuga de Harwood e o ataque ao Conselho Titular, a Fraternidade vai ficar enfurecida. É importante que, se formos apreendidas, sejamos capazes de nos libertar, por meio de trabalho de animação ou de ilusão. Senhorita Auclair, se estivesse no meio de outras pessoas e os Irmãos a chamassem de bruxa, o que faria?

Alice sorri. Em um piscar de olhos, ela se transforma em uma garota com cachos negros e pele morena, usando um vestido xadrez vermelho .

– Ou, melhor ainda... – murmura ela, que, um instante depois, vira um menino chinês corpulento com cabelo preto desgrenhado e camisa jeans.

– Muito bem, senhorita Auclair! – Inez bate palmas. Alice sempre foi sua pupila preferida. Rilla é ainda melhor em ilusões, mas não é tão obediente. – Não sabemos quando os Irmãos vão retaliar, meninas, mas eu tenho certeza de que vão. Será cada vez mais difícil evitar chamar a atenção deles. Vou dobrar a quantidade de aulas de ilusão e de animação. Arte, música, botânica e outros cursos optativos estarão suspensos até segunda ordem.

Rilla ergue a mão.

– A senhora vai continuar a dar aulas de ilusão, além de ser a diretora?

– Vou dar as aulas avançadas da manhã. A senhorita Auclair vai ensinar a introdução, à tarde. – Inez pousa a mão ossuda no ombro de Alice, que volta a se transformar em sua própria versão loura bonitinha e fica toda orgulhosa.

Dou uma olhada na mesa atrás de mim. Rebekah Reed parece ter engolido um limão, e Lucy está se contorcendo. Alice maltrata todo mundo, e as mais novas já estão recebendo seu trote.

– Por que Alice? – Mei quer saber. – Por que não Rilla?

– Rilla daria uma professora maravilhosa! Ela é a melhor da turma! – completa Pearl.

– Isso é questão de opinião, não é mesmo? – Inez se irrita. – Não tenho obrigação de explicar às alunas minhas decisões relativas ao corpo docente. No entanto, a senhorita Auclair completará 17 anos em março e já anunciou sua intenção de se tornar integrante plena da Irmandade. O aniversário da senhorita Stephenson é apenas em setembro, e ela não disse nada a respeito. De que adianta preparar uma professora se ela vai fugir para se casar?

Rilla cora por trás das sardas. Ela é romântica, sim, mas não tem namorado, assim como nenhuma das meninas do convento. Não há como conhecer rapazes quando você se disfarça de noviça.

– Agora, se não houver mais nada... – Inez olha feio para Mei e Pearl – ... já estamos atrasadas na nossa agenda do dia. Senhorita Kapoor, senhorita Price, eu gostaria de conversar com as duas na minha sala depois das aulas da manhã, se estiverem dispostas.

O salão explode em cochichos quando ela dá meia-volta e sai com os saltos batendo pelo corredor.

Rilla estende a mão para pegar a geleia.

– O que ela quer com Parvati e Livvy?

Entrego a ela o pote melado.

– Elas conseguem executar magia mental. – A maioria das garotas resgatadas de Harwood não é bruxa, por isso estão sendo levadas para um dos três esconderijos no interior. Grace, Caroline e Angela só estão aqui porque têm relação com alunas ou professoras; já Parvati e Livvy, porque eu achei a ficha delas no Arquivo Nacional e me dei conta de como são poderosas. A magia mental é extremamente rara; apenas Alice, Elena, Inez, minhas irmãs e eu somos capazes de executá-la.

Eu queria falar com Tess para ver se ela está bem, porém ela está cercada. Suas amigas têm muitas perguntas. Consigo olhar nos olhos dela de leve e ela assente com a cabeça em um gesto minúsculo para mim. É capaz de dar conta disso. Vou na direção de Parvati e Livvy e pergunto a elas:

– Vocês poderiam me acompanhar um instante?

Talvez eu consiga sabotar Inez de outra maneira.

Parvati se afasta da mão que coloco em seu ombro.

– Vamos levar bronca? – pergunta ela.

– Não, de jeito nenhum. – Dou um sorriso reconfortante para ela. – Só quero conversar.

Ontem à noite arrecadamos vários vestidos para as garotas novas. Livvy, uma morena baixinha e gorducha, usa um xadrez rosa e vermelho de Alice. Fiquei bastante surpresa quando ela ofereceu uma peça: não é conhecida por ser caridosa; mas Livvy ficou bem nele. Emprestei a Parvati um vestido azul-marinho, mas ele fica pendurado em seu corpo esquelético como se fosse um sudário. Mei é boa com costura, talvez possa ajustá-lo.

Guio as meninas até o andar de cima, ao quarto que divido com Rilla, e faço um gesto para que se sentem na minha cama. Parvati se ajeita na pontinha do colchão, já Livvy chuta para longe as sapatilhas vermelhas emprestadas e se encolhe.

– Por que a diretora quer falar conosco? – pergunta Parvati, e a mão treme quando ela ajeita uma mecha do cabelo preto atrás da orelha.

– Por causa da sua magia mental. – Pego o banco da penteadeira e me sento na frente delas. – Ela vai querer testar vocês.

– Testar a gente? Como? – Livvy franze a testa.

Meus ombros se retesam.

– Ela deve solicitar que vocês obriguem outras garotas a fazerem alguma coisa. Ela me pediu que fizesse minhas amigas irem da sala de estar até a sala dela.

– Você atendeu? – Há sombras azuis sob os olhos de Parvati.

Balanço a cabeça.

– Não me senti à vontade para fazer isso sem a permissão delas.

– Mas poderia ter atendido, se quisesse, não? Você executou magia mental nas enfermeiras de Harwood, não foi? – questiona Parvati, e eu assinto. – Você me ensina a fazer isso? Eu nunca consegui executar coação. Acho que é por causa do láudano... com ele, eu não conseguia me concentrar em nada durante muito tempo.

– Ensino, sim, mas espero que você não precise disso. Não acho que a coação deva ser usada de maneira leviana. Mas depois... bom, depois de tudo por que você passou... – Minha voz começa a sumir e eu fico corada. – Se vai ajudá-la a se sentir mais segura...

– É bom saber que, se algum dia eu voltar a ver o Irmão Cabot, eu poderia coagi-lo a enfiar uma bala no próprio cérebro – diz Parvati, tristonha. – Aprecio sua delicadeza, mas Livvy sabe. Todo mundo sabe o que aconteceu comigo e ninguém o impediu.

– Parvati, eu... – Livvy começa a dizer e se inclina para a frente.

– Não a culpo por isso. – Parvati se volta para mim. – Eu tentei revidar. Estrangulei-o com a própria gravata uma vez, mas ele me bateu e se safou enquanto eu via estrelas. Outra vez eu o compeli a se cegar, mas ele saiu do transe logo antes de enfiar um abridor de cartas no olho. Ele me espancou por causa daquilo... mas quase valeu a pena.

– Ah, Parvati. – Livvy tenta dar um abraço nela, mas a garota se encolhe para longe.

– Não quero a sua compaixão. – Ela solta. – Quero vingança, como Irmã Inez prometeu.

– Não se deve confiar na Irmã Inez – eu digo baixinho. – Entendo que você deve...

– Não – interrompe Parvati. Suas costas estão bem eretas, as pernas, cruzadas com delicadeza, mas a raiva vibra pelo corpo dela, e é justificada. – Você não tem como entender. A menos que tenha passado por isso.

Percorro os dedos pelas riscas de giz azuis da minha saia, tentando redirecionar a conversa.

– Inez está conduzindo a Irmandade a uma guerra que não podemos vencer. Somos poderosas, sim, mas estamos em menor número. A profecia diz que Tess é capaz de fazer as pessoas ficarem do nosso lado, mas, até lá, precisamos trabalhar com os Irmãos mais moderados para manter a paz. Se Inez continuar a fazer coisas terríveis e descuidadas, nunca chegaremos a um acordo.

– Que bom! – Parvati praticamente cospe, com os olhos castanhos apertados. – Eu não quero acordo. Como você pode esperar que nós colaboremos com os Irmãos depois do que eles fizeram conosco?

– Nem todos são maus – eu digo, pensando em Finn. Sempre Finn. Ele disse que havia moderados dentro da Fraternidade, homens como ele que se tornaram membros para proteger a esposa, a filha ou a namorada. – E se nós não queremos tratamento desumano, não podemos tratar os outros assim. Mesmo que o Irmão Covington e os outros estivessem mal direcionados, eles não mereciam...

– *Mal direcionados?* – Parvati se levanta de um pulo. – É assim que você os classifica? Não acha que eles mereciam o que aconteceu com eles? Você acha que *eu* mereci o que aconteceu comigo?

– Não! Não, claro que não. – Eu me levanto, atarantada. – Eu me expressei mal. Eles foram, são, cruéis. Mas nós nunca vamos conquistar a confiança das pessoas com o método de Inez. Só o Senhor sabe o que mais ela está tramando. Ela é muito ardilosa; eu não confiaria nela nem para...

– *Ela é ardilosa?* – Parvati coloca as mãos na cintura fina. – Você nos chamou aqui para falar mal dela. Suponho que esteja irritada por causa do que ela e Maura fizeram com o seu amado. – Não posso negar que fiquei mesmo... mas não é só isso. Os lábios de Parvati se curvam de desgosto. – Não acredito que permitiu que um *Irmão* a cortejasse!

– Ele não era... Você não entende – afirmo. – Finn não é...

– É você que não entende. – Parvati atravessa o quarto pisando firme e escancara a porta. – Você foi protegida toda a sua vida. Coloque-se no meu lugar e então me diga o que a Fraternidade merece.

Droga.

Livvy fica olhando para as sapatilhas vermelhas e diz:

– Eu preciso... Desculpe, Cate – balbucia ela e sai correndo atrás de Parvati.

Ai, que inferno!

Eu devia ter pedido a Elena que estivesse presente. Ela saberia conduzir uma conversa tão delicada. Agora Parvati acha que eu sou uma tonta que simpatiza com os Irmãos, e Inez

terá pelo menos mais uma bruxa com magia mental a seu lado.

Faço uma pausa perto da janela, abro as cortinas amarelas de Rilla e fico olhando para a manhã cinzenta desoladora. O que está acontecendo lá fora? Será que os Irmãos já estão reunidos para eleger um novo líder? Muito depende de quem eles vão escolher. Essa pessoa vai liderar com vingança ou misericórdia? Finn previu que é bem possível eles votarem para ressuscitar as fogueiras. Abraço a mim mesma, desejando que ele estivesse aqui para me confortar.

Já sinto falta dele.

No outono, quando eu estava em Nova Londres e ele ainda se encontrava em Chatham, eu tinha esperança de que ele talvez também estivesse pensando em mim.

Agora, ele nem sabe o que é sentir a minha falta.

Tento afastar esses pensamentos. Se eu parar de me mover, se parar de agir, vou desmoronar. Não posso dar esta satisfação a Inez e Maura.

Tenho pouca fé na Fraternidade no momento, mas preciso acreditar que a maior parte dos homens não iria votar para atear fogo em mim se soubesse o que sou capaz de fazer. Uma coisa é trancar uma garota em Harwood pelo resto da vida; outra bem diferente é queimá-la na fogueira.

Não é?

Será que Parvati e Inez têm razão? Será que os Irmãos vão chegar assim tão longe?

A perspectiva de descer as escadas, me sentar atrás de uma carteira e fazer anotações parece impossível. Como posso me concentrar se não sei o que os Irmãos estão fazendo nem como as pessoas reagiram a Harwood e ao ataque ao Conselho Titular? Tenho certeza de que o *Sentinela* está pintando os dois acontecimentos com o mesmo pincel: bruxas perigosas à solta. Mas e a *Gazeta*? Alistair Merriweather seria capaz de enxergar a diferença entre o que Inez fez e a libertação de garotas inocentes?

Alguém bate na porta entreaberta.

– Entre – digo, e Tess espia dentro do quarto, com o rosto todo franzido.

Ela chuta a porta para fechá-la atrás de si e sobe na minha cama.

– Todo mundo fica me encarando – anuncia ela, com o maxilar rígido. – Minha vontade é pisotear Irmã Inez. Maura também.

– Você devia fazer isso primeiro em mim. – Suspiro e prendo o cabelo em um coque. – Maura não tinha o direito de contar para ninguém sem a sua permissão. Mas eu também não.

– Não, você não tinha. – Tess franze o cenho. – Mesmo assim, eu perdoo você. Aconteceu sob condições terrivelmente extenuantes. Eu sei que você não tinha a intenção de me magoar.

– Eu nunca faria isso – juro e prendo grampos no cabelo.

– Mas Maura refletiu sobre a questão. E Inez me fez parecer a maior *criancinha*. – Os olhos de Tess se apertam. – É por isso que eu não estava pronta para contar. Bekah e Lucy já

estão agindo de um jeito diferente perto de mim, cheias de cautela. Como se eu pudesse quebrar a qualquer momento.

– Você não vai quebrar – garanto a ela. – Elas acabaram de receber a notícia. Dê um tempo para que elas se acostumem com a ideia.

Tess resmunga. Ela é mais paciente do que eu, mas isso não quer dizer muita coisa.

– Você não percebe? Eu não vou ser mais apenas Tess! Todo mundo vai me enxergar como o oráculo agora. A bruxa da profecia.

– Não vai ser assim para sempre. – Pelo menos, espero que não. Calço minhas botas pesadas. – Vou sair. Quer me acompanhar? Fugir dos olhares um pouco?

– Nós temos aula – Tess me lembra e pega o livro de história no pé da minha cama.

– Eu não vou. Preciso descobrir se os Irmãos elegeram um líder novo. E tenho de fazer uma coisa importante. Negócio da Irmandade.

Pego um envelope cor de marfim com passarinhos verdes – faz parte de um kit que Tess me deu no Natal passado, apesar de eu não ter ninguém para quem escrever na época – e o abano para ela.

Ela o toma de mim e tira de dentro a folha cor de marfim. Um beija-flor verde e azul está gravado no alto e o recado está em código: uma cifra de César de três letras para a esquerda.

– Você fez isso sozinha?

Faço que sim com a cabeça. Eu não tinha muito mais o que fazer às quinze para as cinco da manhã, enquanto Rilla roncava e eu tentava não pensar em Finn, por isso levei uma vela até a biblioteca e escrevi o bilhete. Precisei tentar três vezes e então copiei no meu papel de carta mais bonito. Um homem como o Irmão Brennan talvez apreciasse tais detalhes. Por não conhecê-lo pessoalmente, não sei.

– Está correto? – pergunto.

Tess dá uma olhada na pequena na carta: *Irmã Cora morreu. Não confio na sucessora dela, que liderou o ataque ao Conselho Titular. Minha esperança é de que o senhor e eu possamos trabalhar juntos pela paz. Tenho a chave de Cora e estou ansiosa para conhecê-lo na reunião de amanhã à noite.*

Não está assinada. Mesmo usando código, não sou boba de deixar meu nome.

– Está boa. – Os olhos cinzentos de Tess encontram os meus. – Você vai entregá-la agora? Já falou com a Irmã Gretchen?

Concordo com a cabeça.

– Devo deixá-la com o dono de uma papelaria. E o Natal está chegando. É uma pena eu não saber o que você quer de presente.

O sorriso de Tess é sua própria recompensa. Ela poderia passar dias em uma papelaria, assim como em uma livraria.

– Vou perder aula por isso – conclui ela, se levantando de um pulo.

– Que bom. Assim você também pode me ajudar a descobrir onde comprar um jornal ilegal.

CAPÍTULO



TESS E EU NOS ESGUEIRAMOS PELA porta da frente sem que ninguém reparasse e percorremos as ruas residenciais tranquilas. Acima de nós, o céu está encoberto de cinza; as rosas do portão do nosso vizinho estão murchas. Depois de alguns quarteirões, os gramados encolhem, as árvores se tornam esparsas e as casas ficam mais próximas. Prédios de tijolinhos estreitos de dois e três andares são o mais comum no bairro comercial, com lojas no térreo e residências em cima. Homens de todas as classes andam apressados pelas calçadas de pedra. Vendedores oferecem tortas de carne e pão quente fresquinho, engraxates lustram os sapatos dos cavalheiros e há jornaleiros.

Vou direto para o mais próximo que grita as manchetes.

– Bruxas atacam o Conselho Titular! Irmão Covington no Hospital de Richmond! Fuga no Hospício de Harwood! – entoa ele. – Leiam as notícias terríveis! Dois centavos!

Remexo no bolso em busca de moedas.

– Este é o *Sentinela*? – pergunto.

Não consigo enxergar o cabeçalho porque ele abana o jornal com muita fúria no ar. Parece um menino bem respeitável, mas Mei jurou que o irmão dela compra a *Gazeta* de jornaleiros comuns.

O menino me lança um sorriso maroto; o cabelo preto lhe cai sobre os olhos.

– Claro que sim, Irmã. O que mais eu estaria vendendo?

Eu me aproximo e baixo a voz. O que ele pode fazer? Vai me prender por perguntar? Não é possível que ele seja mais velho do que Tess.

– Você sabe onde eu posso conseguir... o outro jornal?

– Não sei nada sobre nenhum outro jornal, Irmã. – Ele recua e os olhos escuros disparam para os lados. – Eu trabalho para o Irmão Augustus Richmond, editor do *Sentinela de Nova Londres*. Este é o único jornal legal da cidade.

– Claro que sim. – Sorrio com ar de conspiração. – Mas talvez você saiba onde eu posso arrumar um exemplar da...?

– Não, não sei! Por que está procurando problemas? – O jornaleiro se afasta pisando firme.

– Pelo amor de Deus, Cate. – Tess puxa minha manga e solta um suspiro. – Você está fazendo tudo errado. Ele achou que você estava tentando enquadrá-lo!

Meu rosto fica corado.

– O que devo fazer, então?

– Pense. Quem lê esse jornal? Nem Irmãs nem garotas de classe alta. – Ela enlaça o braço no meu e, enquanto caminhamos pela rua apinhada de gente, a capa dela fica cinza. Um instante depois, a barra de renda cor-de-rosa da saia dela se transforma em lã azul esfiapada. A luva de pele bonita se transforma em um protetor azul gasto.

– Tess! – sibilo, apavorada. Examino o quarteirão à nossa frente. Não avisto nenhum Irmão, mas dois guardas estão parados à porta de um café. Eles poderiam ter visto Tess. *Qualquer um* poderia ter visto. Meu coração dispara. Ela não costuma ser assim tão descuidada; esse é o tipo de coisa que *Maura* faria.

– Eu não sou criança – explode ela.

– Eu sei que não é! – Passo a mão coberta com uma luva preta pelo meu rosto frio. – Você é muito poderosa. E muito importante. Importante demais para arriscar sua segurança assim.

– Por causa do que eu sou? – desafia ela, parando diante de uma floricultura.

– É – admito. Mas essa não foi a primeira coisa em que pensei. – E porque eu amo você e ficaria perdida, completamente perdida, se alguém tentasse tirá-la de mim.

Tess morde o lábio e olha fixo para tulipas importadas na vitrine.

– Às vezes eu fico pensando que seria melhor para todo mundo se eu fosse *mesmo* presa. Seguro o braço dela.

– O quê? Por que está dizendo uma coisa dessas?

Tess não responde. Só inclina a cabeça em direção à esquina do outro lado da rua. Há outro jornaleiro apoiado na vitrine de uma quitanda, conversando todo animado com três trabalhadores de paletó, suspensório e jeans.

– Acho que aquele ali vai poder ajudar você – sugere ela.

Ele está com uma sacola cheia de jornais pendurada no ombro: na sacola, está escrito *Sentinela* em letras brancas grossas.

– Por que você acha isso?

– Ele está vendendo muito bem. Olhe. – Outro homem sai da quitanda com um saquinho de tabaco. Ele acende o cachimbo e se apoia na parede com os outros. Quando entrega alguns centavos ao jornaleiro, o menino lhe dá um jornal – mais grosso do que o que me ofereceram antes. – Deve ter algum exemplar da *Gazeta* ali no meio.

Fico olhando boquiaberta para ela, e Tess meneia a cabeça.

– Você precisa observar antes de entrar de supetão nas coisas. Vamos lá, eu compro o jornal para você. Pode me dar três centavos?

Eu assinto.

– Está vendo? Eu estaria perdida sem você.

– Encontro você na papelaria. – Tess promete e atravessa a rua correndo.

Eu a sigo um pouco mais comedida, mais com jeito de Irmã. Ajoelho ao meio-fio e finjo amarrar os cadarços da bota enquanto Tess se dirige ao grupo de homens. Ela os cumprimenta com palavras baixas demais para eu escutar, troca seus centavos por um jornal e agradece ao jornaleiro com um sorriso. O vendedor – um moleque com cachos louros desgrenhados que tem no máximo 14 anos – fica olhando fixo para ela. Os homens ao redor dizem só o Senhor sabe o quê e ele fica corado.

Tess enfia o jornal embaixo do braço e sai caminhando na direção da papelaria O'Neill's. Vou atrás dela. Quando chego à loja, ela já se transformou de volta em uma Irmã recatada.

– Teresa Elizabeth Cahill – eu a repreendo em voz baixa. – Nossa, mas eu devia...

Ela acaricia um pacote de papel azul-claro com margaridas roxas no alto.

– O que você vai fazer? Me arrastar para fora pela orelha?

Solto o ar e me viro para o outro lado, porque ela está certa e, pior ainda, sabe que está. Observo o espaço, tentada a comprar algo para dar uma lição a ela. Não preciso exatamente de mais papel de carta, é Tess que cuida de escrever para o Pai, mas quem sabe um belo acessório? Dou uma olhada na vitrine de canetas-tinteiro finas.

Finn *adoraria* uma destas. O lugar tem o cheiro dele: poeira, papel e tinta. Só falta o aroma pungente do chá que ele toma, de bergamota. Dou uma volta devagar, admirando os potinhos de tinta de todas as cores – marrom, preto, azul, verde, roxo, vermelho – ajeitados em fileiras organizadas nas prateleiras. Passo a mão por uma pilha de papel grosso cor de marfim e tento ignorar a pontada na garganta.

Será que tudo vai me fazer pensar nele para sempre?

– Certo – digo a Tess, que ainda está examinando a prateleira com papéis de carta. – É deste que você mais gosta?

Tess dá um sorriso maroto.

– É, sim. E quem sabe um pote novo de tinta? Gostei do violeta.

– Talvez você ganhe de aniversário. *Se* você se comportar!

Pego o monte de papel de carta dela, já amarrado com um laço cor-de-rosa, e o levo até o balcão.

Um senhor de idade com cabelo branco desgrenhado e olhos bondosos me cumprimenta.

– A padronagem é muito bonita. Para a mocinha ali?

– Sim. Somos alunas da Irmandade – explico e presto atenção à reação dele.

Ele não demonstra nada. Coloca o monte de papel em um saco.

– Posso ajudar com mais alguma coisa?

Eu me inclino por cima do balcão.

– O senhor é O'Neill, o proprietário?

– Sou, sim. Tenho esta loja desde 1856. – Ele sorri para mim. – É a primeira vez que nos visita?

– É, sim, mas espero que não seja a última. – Dou uma olhada por cima do ombro. Há duas matronas abastadas examinando uma vitrine de cartões de visita, mas parecem concentradas nas fofocas. – Sei que o senhor e Irmã Cora eram amigos. Gostaria de lhe informar que ela faleceu ontem à noite.

O'Neill abaixa a cabeça branca.

– Sinto muito. Cora era uma dama e tanto.

– Eu a admirava muito. Aliás, eu... eu gostaria de assumir uma parte do trabalho que ela vinha executando. – Tiro o colar de baixo da capa e mostro a chave de latão. – Gostaria de deixar um recado para o Irmão Brennan.

O'Neill se inclina um pouco sobre o balcão e baixa a voz.

– Ah. Então não está sabendo dos problemas em que ele se meteu?

Balanço a cabeça com o coração apertado.

– Que problemas?

– Está bem aí no seu jornal. – Ele bate com o dedo no papel. – O Conselho Titular foi atacado ontem à noite e Brennan não estava no local. Disse que tinha passado mal. Mas também houve um motim no Hospício de Harwood; todas as pacientes fugiram. As enfermeiras não se lembram de nada... tiveram a memória apagada... mas um lenço de homem com a letra *B* inscrita nele foi encontrado junto ao corpo de uma bruxa.

– A letra *B*? – fico paralisada. É o lenço de Finn: *B* de *Belastra*; ele o deu a Zara quando ela começou a tossir sangue.

Meu primeiro pensamento cruel: *Graças a Deus estão culpando Brennan em vez dele.*

– Isso mesmo. – Há reprovação no arco das sobrancelhas grisalhas dele. – O restante do conselho ficou inútil. Não foram exatamente assassinados, mas foi como se tivessem sido. O'Shea assumiu o controle até que seja efetuada uma votação adequada, e ele não perdeu tempo em acusar Brennan de estar de conchavo com as bruxas.

– Então, Brennan foi preso? – Tento ordenar meus pensamentos. Preciso fazer as jogadas certas. Gretchen disse que O'Neill nos apoiava, mas...

– Não, senhorita. Ele desapareceu. Ninguém sabe onde pode estar.

O'Neill passa a mão pela barba por fazer e baixa os olhos. O gesto entrega a mentira nas palavras dele.

– Entendo. – Olho por cima do ombro. As matronas dão risadinhas com as cabeças juntas, e Tess passa a examinar as canetas-tinteiro. Enfio a mão no bolso e retiro o bilhete. – Eu gostaria de deixar isso para ele. Para o caso de ele... aparecer.

– Aqui? – As sobrancelhas de O'Neill voltam a se erguer. – Não sei por que ele apareceria. O ataque de ontem à noite contra o Conselho Titular fez com que nós... fez com que *ele* parecesse um tolo por defender menos rigidez em relação às bruxas. Se a Fraternidade conseguir comprovar que ele tinha conhecimento prévio sobre o acontecido, será considerado um traidor. E traição é uma ofensa digna de morte. Qualquer solidariedade que tivéssemos em relação a elas...

– O que aconteceu com o conselho foi... uma infelicidade – interrompo. Ele tem todo o direito de nos julgar pelo que Inez e Maura fizeram. – Eu era aluna de Cora, senhor O’Neill. A protegida dela, melhor dizendo, e...

– O que aconteceu não parece ser do feitio de Cora. – O’Neill meneia a cabeça.

– Não foi. E também não é do meu. Mas é fundamental que este recado chegue às mãos de Irmão Brennan. Para que ele saiba quem é de confiança... e quem não é.

Os olhos do velho se arregalam e ele enfia a carta no bolso quando as matronas se aproximam do balcão.

– Bom, se está colocando desta forma, Irmã...?

– Cate. – Pego o saco para Tess.

Ele assente.

– Vamos nos ver amanhã à noite então, Irmã Cate.

Começa a chover quando caminhamos de volta para o convento. Estou quieta, perdida em preocupações, e Tess fica mal-humorada de repente. Nenhuma de nós trouxe guarda-chuva, e, apesar de apressarmos o passo, nossas capas de lã ficam totalmente ensopadas.

Eu tinha esperança de que, ao salvar Brennan do ataque de Inez, o colocaria em posição de substituir Irmão Covington. Achei que o estivéssemos ajudando, e não preparando o terreno para que fosse acusado de traição.

Estremeço dentro da lã molhada e áspera do meu capuz ao me lembrar do dia em que Irmão O’Shea prendeu a coitada da Sra. Anderson. Uma viúva com duas crianças para sustentar, ela permitira que um cliente da padaria onde trabalhava a acompanhasse até em casa. Foi tirada dos filhos e sentenciada a um navio-prisão, e O’Shea ficou feliz da vida. Ele é do tipo que sente prazer com seu poder sobre os outros. É fanfarrão e valentão.

Olho de soslaio para Tess. Seus passos se arrastam, como se ela temesse voltar para o convento. Minha irritação transborda. Ela estaria mais segura – e mais feliz – em casa, em Chatham, onde poderia fazer bolos, ler e fingir ser uma menina normal? Tess parece estar bem aqui. Um pouco atordoada com a correria do dia a dia na cidade, o tempo apertado e a tagarelice de todas aquelas meninas... mas emocionada com todas as oportunidades de aprendizado que o convento oferece.

O fato é que, por mais que eu deseje isso para ela, Tess *não é* uma garota normal. Ela não pode simplesmente ir para casa e fingir, do mesmo jeito que eu também não posso. Temos responsabilidades das quais não podemos fugir, e eu preciso ajudá-la a suportá-las da melhor forma que eu puder.

Subimos correndo os degraus de mármore do convento e penduramos as capas nos ganchos ao lado da porta. Elas pingam no tapete verde.

– Vamos conversar no meu quarto, em frente à lareira – sugiro com os dentes tiritando.

Tess ergue as saias cor-de-rosa molhadas.

– Posso me trocar primeiro?

Digo que sim, e nós nos separamos no terceiro andar. Tess segue pelo corredor até o cômodo que divide com Violet van Buren, enquanto eu vou para o quarto alegre que compartilho com Rilla. Desabotoo o vestido e deixo que caia aos meus pés. Penduro-o por cima do aquecedor, que assobia. Estou em pé com meu corpete e minha anágua, tirando um vestido estampado com papoulas verdes do armário, quando Tess entra apressada no meu quarto, sem bater.

– Cate! Cate, venha rápido! – exclama ela.

– O que foi? – pergunto ao colocar o vestido por cima da cabeça.

O rosto dela está pálido, os olhos brilham marejados e ela ainda está com o vestido cor-de-rosa molhado.

– É Ciclope – diz ela com a voz embargada.

Ciclope é o urso de pelúcia de um olho que ela adora desde pequena.

– Ele sumiu?

– Não, ele... – Ela engole em seco. – Venha ver.

Eu me apresso em amarrar a faixa de veludo verde na cintura e saio correndo atrás dela.

– Tess? Cate? Qual é o problema? – Lucy Wheeler e Rebekah Reed caminham na direção da escada com os braços cheios de livros.

– Nada. – Tess mente. Ela fica me esperando à porta do quarto até que eu me junte a ela.

– Olhe, Cate, alguém...

A voz dela se interrompe. Fico olhando fixo para o lado dela do quarto: as cortinas de bolinhas que a Sra. O'Hare costurou para ela, o daguerreótipo da Mãe e do Pai no peitoril da janela, a colcha azul na cama. Ciclope está encostado no travesseiro.

– Alguém o quê? – pergunto.

Tess atravessa o quarto e fica olhando para o alto da janela.

– Ele estava *enforcado!*

– Enforcado? – repito, confusa.

– Ciclope estava pendurado no varão da cortina. Com uma corda. No pescoço. – Ela estremece, corre até o ursinho e o pega no colo com cuidado.

Franzo a testa.

– Quem sabe não foi uma ilusão? Alguém pregando uma peça em você?

Tess joga Ciclope na cama.

– Tinha um bilhete preso à mão dele que dizia: *Você é a próxima*. Parece uma peça pregada por um colega de escola para você?

– Não. – Parece uma ameaça.

– Quem faria isso? – sussurra Tess se encolhendo em uma bolinha cor-de-rosa molhada.

Eu me sento ao lado dela e passo a mão em suas costas.

– Não sei. Mas vamos descobrir. Vou garantir que você fique em segurança, Tess. Prometo.

CAPÍTULO

4

À CATEDRAL DE RICHMOND É O ORGULHO e a alegria dos Irmãos. Foi feita para o louvor ao Senhor, sim, mas também para toda a pompa e circunstância das cerimônias de Estado. Irmão Richmond e seus primeiros seguidores vieram de Salisbury, na Inglaterra, e dizem que o projeto arquitetônico da nossa catedral foi baseado na de lá. Do lado de fora, o edifício de pedra tem nichos com estátuas dos apóstolos e dos primeiros Pais da igreja. Acima de nós, o torreão se ergue a 100 metros de altura; é oficialmente a construção mais alta da Nova Inglaterra. Abaixo de nós, os ex-integrantes do Conselho Titular repousam na cripta de mármore.

A catedral é disposta no formato de um crucifixo. Arcos pontudos sustentam o teto alto abobadado, e os vitrais que se enfileiram nas paredes estão cheios de lindas ilustrações com os milagres do Senhor. Além do santuário, na parede norte, Ele ascende ao céu. À sua frente, os bancos de mogno estão cheios de enlutados.

Irmão O'Shea, inflado com nova importância, conduz a cerimônia. Supostamente é uma honra quando se é louvado pelo chefe da Fraternidade, mas O'Shea não conhecia Irmã Cora. As palavras dele, tênues e falsas, me fizeram ranger os dentes.

– Irmã Cora foi uma boa mulher e lamentamos seu falecimento. Mas precisamos nos lembrar de que ela foi uma anomalia. É perigoso incentivar as meninas a se educarem, pois elas podem se distrair e ter a mente poluída por pensamentos com que não devem se preocupar. O estudo das Escrituras deve ser reservado aos homens, cuja mente é mais capaz de discernir a verdadeira palavra do Senhor.

Os olhos azuis dele são penetrantes quando olha para a plateia. Baixo o rosto para esconder meu ultraje.

– A maioria das meninas não é capaz de lidar com a – o nariz dele se franze, seu rosto soturno explicita seu desgosto – *independência*, que inclusive era concedida a Cora quando ela era integrante da Irmandade. As mulheres precisam da orientação dos maridos para discernir o certo do errado. Devo admitir que tenho minhas dúvidas quanto à Irmandade ainda ter lugar na Nova Inglaterra.

Os rostos ao meu redor estão cuidadosamente impassíveis, apesar de eu saber que Rilla e Mei devem estar sentindo a mesma fúria e o mesmo medo que eu. O'Shea tem poder tanto

para fechar o convento e colocar todas nós na rua quanto para nos forçar a casar sem amor, e quer que saibamos disso.

– Qualquer desvio do caminho dá margem para desobediências. Educação leva a rebelião. O perigo que corremos com mulheres sem escrúpulos, bruxas que acreditam não apenas serem nossas iguais, mas nossas superiores, nunca foi maior. – Ao meu lado, Rilla morde o lábio. – Irmão Covington e os outros membros do conselho em coma no Hospital Richmond servem de testemunho a isso. O mesmo vale para Sean Brennan, que agora está foragido, temeroso das consequências de ter libertado as bruxas presas em Harwood. Só o Senhor sabe a vingança que essas mulheres loucas vão engendrar!

Dou uma olhada no caixão de mogno que abriga o corpo de Irmã Cora. Não posso decepcioná-la. Preciso fazer com que Brennan retome as graças da Fraternidade: deixar claro que ele fugiu para proteger a própria vida, não por culpa.

Nunca chegaremos a lugar nenhum com um tirano como O’Shea no comando.

Depois do culto, caminhamos pelo lusco-fusco da tarde até o convento, para a recepção do funeral. Pães e bolos deliciosos e pequenos sanduíches de chá da tarde enchem as mesas do refeitório. Como Irmã Sophia, a melhor cozinheira da Irmandade, ainda está afastada, Tess e outras meninas passaram a manhã em um frenesi enfarinhado na frente do forno. Tess ajeta bolos nas travessas e lava a louça agora. Ela parece mais feliz hoje, sem medo, mas não posso me esquecer de que alguém na Irmandade deseja prejudicá-la.

O aparador está coberto por pilhas da melhor louça branca e dourada do convento, e as Irmãs Johanna e Edith trazem panelas fumegantes de chá e chocolate quente. As portas de correr entre a sala de jantar e a de estar estão escancaradas. Inez e Gretchen adotaram o papel de enlutadas de plantão: recebem os convidados, lembram as boas ações de Cora.

Os olhos de Gretchen estão vermelhos e inchados; os de Inez não.

Nossos uniformes de Irmã – vestidos de bombazina preta que se estendem da garganta aos pulsos e aos tornozelos, botas pretas de saltinho e luvas de cetim preto – são adequados ao luto. Nenhuma de nós deseja chamar atenção. Mantemos a voz baixa em tom respeitoso, com o olhar recatado.

Ninguém vai encontrar textos proibidos dentro das paredes cinzentas do convento hoje. Os romances góticos das prateleiras foram transformados em livros de Escritura. As revistas de moda de Dubai e da Cidade do México estão escondidas. Na sala de aula de cura, o esqueleto e os esquemas da musculatura humana ficaram escondidos.

Vejo Maura em pé com Alice ao lado do sofazinho de veludo cor-de-rosa. A severidade do uniforme das Irmãs cai bem em Maura: dá ênfase aos cachos vermelhos como fogo e à sua pele pálida. Quando ergue sua xícara de chá, seus olhos cor de safira encontram os meus. Não há nenhum arrependimento ou culpa neles.

Minha vontade é destruí-la. Quero que a xícara de porcelana estoure na mão dela, que os estilhaços a cortem, maculando de escarlate sua pele alva.

Quero feri-la da mesma forma que ela feriu a Finn e a mim. A dor surda no meu peito evolui para um rugido assim que penso no nome dele; na doçura dele quando fico nervosa; em sua revelação de que meu livro de infância preferido foi escrito por uma mulher. *E uma Catherine, nada menos*. Na promessa dele de que, independentemente do que acontecesse, enfrentaríamos juntos.

Ele não vai cumprir essa promessa. Apenas eu me lembro dela.

Minha magia se ergue, ligada de maneira inseparável à minha raiva. Ela queima dentro de mim. Tento aplacá-la, porém ela efervesce pelos meus músculos, chamusca minha garganta, queima as pontas dos meus dedos. Meus olhos disparam para longe dos da minha irmã, mas já é tarde.

Do outro lado da sala, Maura abafa um grito.

Saio correndo, mas não antes de ver Alice se abaixar para recolher os cacos da xícara de Maura, que segura a própria mão. A porcelana quebrada furou sua luva de cetim.

– Que desajeitada eu sou! – ela se desculpa, com a voz clara tinindo feito um sino, e seu sorriso acanhado parece despertar a preocupação de todos. Ninguém nota que a xícara se quebrou nas mãos dela, e não ao bater no chão. Mas Maura sabe. Pelo menos, desconfia. Sinto o peso dos olhos dela nas minhas costas, seguindo-me pelo corredor.

Estou horrorizada por querer fazer mal à minha irmã. Por ter agido como uma criança descuidada e perdido o controle.

– Cate! – chama uma voz quando alguém pega meu cotovelo e me puxa para dentro da sala de aula de anatomia.

É Elena. Ela fecha a porta com cuidado atrás de nós.

– Pois não? – Minha voz é ácida. Será que ela viu o que fiz?

Bom, ela não é mais minha governanta. Só é um ano e meio mais velha do que eu; não tem direito de me dar bronca.

Os olhos cor de chocolate dela baixam para o assoalho de madeira.

– Eu soube o que Maura fez.

Ah. Reteso o maxilar.

– Não quero conversar sobre isso.

Os dedos morenos de Elena, cobertos de anéis de prata, se torcem na saia.

– Estou preocupada com ela. Por que faria algo tão cruel?

Solto uma risada sem humor.

– Não é óbvio? Ela estava com inveja porque eu tinha Finn, e chateada por ter perdido você. Não é capaz de me perdoar por isso. Deve achar que agora estamos quites.

– O que aconteceu entre mim e Maura... – Elena faz uma pausa, tem dificuldade com as palavras. – O erro foi meu. Não seu. Eu deveria ter sido honesta em relação aos meus sentimentos, independentemente do preço a pagar.

Eu me largo em uma carteira. Como teria sido a minha vida se ela tivesse agido assim? Mando minha mente de volta àquela cena pavorosa no quarto de Elena, na nossa casa.

Aconteceu há apenas dois meses, apesar de parecer que uma vida tenha se passado. Tive muita certeza de que Elena estava usando Maura.

– Permitir que Maura ache que você gosta dela não lhe será vantajoso se algum dia eu ocupar uma posição de poder.

Elena olha para mim durante um longo momento.

Finalmente, ela se volta para Maura. Coloca a mão na manga com babados cor de creme da minha irmã e diz:

– Maura, creio que interpretou mal meus sentimentos.

Os olhos azuis de Maura se enchem de lágrimas.

– Não diga isso – implora ela, pegando a outra mão de Elena. – Não escute o que Cate diz. Por favor. Eu... Eu amo você!

– Fico lisonjeada com sua consideração – continua Elena, se afastando dela –, mas eu não a retribuo.

Maura estende a mão e então a deixa cair. A mesma mão que aninhou o rosto de Elena com tanta gentileza.

– Mas você me beijou!

Elena balança a cabeça.

– Você me pegou de surpresa. Foi um erro.

Maura olha além de Elena, para mim.

– Você tinha razão – diz ela cheia de raiva, correndo para fora do quarto. – Está feliz agora?

Eu gostaria de poder voltar no tempo e dizer a mim mesma para fazer outra escolha, porque estou o mais longe imaginável de feliz.

– Bom, você não foi honesta com Maura – digo a Elena. – E agora eu é que estou sendo castigada por isso.

– Deve haver mais coisa por trás disso. – Ela salta para cima da mesa à minha frente, apoia as botas na cadeira e os cotovelos nos joelhos enegrecidos.

– Será? – pergunto. – Pensei que as irmãs simplesmente fossem assim, sempre brigando, sempre invejosas. Eu também já tive inveja dela. De como é inteligente. Bonita. Vivaz. As pessoas sempre se encantaram por ela, sempre... Bom, você deve saber melhor do que ninguém, suponho.

– Devo mesmo – Elena concorda. – Ela pode ser impulsiva, mas não é má. Não de verdade. Isso é influência de Inez. Precisamos...

– Não. – Passo o dedo pelo tampo de madeira castigado da carteira. – Se quiser salvá-la das garras de Inez, terá que fazer isso sozinha. Maura não é inocente. Ela sabia o que estava fazendo. Ela me avisou, à sua maneira, que não podíamos mais trabalhar com os Irmãos. Até disse a Finn que fosse embora, pois ele não era bem-vindo agora que Cora não estava mais aqui.

– Mas ele não abandonaria você. – Há algo de invejoso nos olhos de Elena.

Solto um suspiro.

– E Tess é o oráculo, de todo modo, por isso não adiantou nada. Maura nunca será a líder da Irmandade.

– E você está contente com isso, não está?

Eu me sobressalto com o som da voz de Maura. Meus músculos se retesam; meu maxilar trava. Vou para a frente da sala, virada para a lousa, de costas para ela.

– Você escondeu isso de mim. Há quanto tempo já sabia? – Maura pergunta.

Demoro um momento para me dar conta de que ela está falando de Tess.

Ela se aproxima com passos firmes, as botas batendo no assoalho, como as de Inez. Sinto o cheiro doce e cítrico dela, da fragrância que ela passa nos pulsos e no pescoço.

Ouçõ Elena pular da mesa.

– Maura, agora não.

– Como vocês duas se tornaram amigas, com estas conversinhas... – ironiza Maura. – Quem diria?

Com inveja de novo. Cerro os punhos. Ela é muito *mesquinha*.

– Cate, parece que estou com um corte na mão. Como foi você que o colocou lá, acho que precisa me curar.

Eu me viro. Dou cinco passos para atravessar a sala de aula e pego a mão desnuda de minha irmã. Há um pequeno corte vermelho na palma; o sangramento já parou. No segundo em que toco a pele dela, sinto o ferimento além de enxergá-lo. É uma coisinha minúscula.

Maura está me observando com os lábios cor-de-rosa apertados. Ela sempre disse que a cura é a forma de magia mais inútil. Naturalmente. Porque é nisso que eu sou boa.

Aperto a mão dela, sem pensar, e o sangue escorre.

– Ai! – ela grita e tenta se desvencilhar, mas a seguro com força. Em vez de fechar o corte, uso minha magia para abri-lo. O corte se estende. Fica mais arregaçado. Acaba se transformando em um talho grande que derrama o líquido escarlate na minha própria pele.

– Cate! – Elena me agarra apertando a pele macia acima do cotovelo e me puxando para longe.

Minha irmã olha chocada para mim com os olhos azuis arregalados.

Eu a feri. Usei magia, a minha magia de *cura*, para feri-la. De propósito.

Eu me viro e caminho na direção da porta.

– Fique longe de mim! – esbravejo. Minha respiração está rápida e minhas bochechas estão coradas. – Não quero *olhar* na sua cara!

Quando chego ao corredor, escuto um estrondo. Do outro lado, na sala, o burburinho de vozes continua.

À esquerda fica a sala de aula de Inez. Abro a porta com cuidado.

Alice se encontra no chão, ao lado de uma banquetta caída. A saia preta está suspensa acima do joelho e ela massageia o tornozelo. Botas comuns não servem para ela, que usa

sapatos de salto com fivelas decorativas. São novos, a julgar pela aparência e pelo brilho do couro.

– O que você quer? – Ela se levanta com o rosto contorcido.

Graciosa, como sempre.

– Ouvi quando você caiu, queria ver se está tudo bem.

– Estou ótima! – explode ela enquanto manca até a carteira mais próxima.

– O que você estava fazendo? – Olho para cima e fito a abertura de ventilação perto do teto. Ela se conecta à sala de visitas vizinha. – Está espionando! – eu declaro, em voz baixa, bem contente por ter flagrado Alice. – Estava espionando quem? O que está acontecendo ali?

As bochechas de porcelana dela ficam coradas.

– Irmã Inez e Irmã Johanna estão reunidas com Irmão O’Shea. Falando sobre os planos dele para a Irmandade. Irmã Inez... disse...

– O quê? O que ela disse? – exijo saber ao mesmo tempo que ajeito a banqueta.

Atrás de mim, uma fresta da porta se abre. Elena e Maura ficam espiando.

– O que aconteceu aqui? – pergunta Elena. Ela segura um rolo de bandagens grossas. A mão de Maura está enfaixada.

– Eu tropecei – diz Alice, enfezada, enfiando uma mecha loura de volta no coque.

– O que você estava fazendo? – pergunta Maura.

Os olhos azuis de Alice disparam entre mim e Maura.

– Nada – mente ela. – Vim aqui pegar um livro, não estava prestando atenção e tropecei naquela banqueta. Torci o tornozelo bem feio.

Mordo o lábio. Alice é a maior fofqueira do convento. Por que não conta logo o que escutou?

– Cate vai curar você? – Maura pergunta, cínica.

Quando Irmã Sophia me disse que havia um lado obscuro na cura, eu nunca imaginei que seria capaz de usá-lo para fazer a dor de alguém piorar.

Nunca achei que existiria algo em mim, algo pequeno, obscuro e vergonhoso, que ficaria *contente* em ferir minha própria irmã.

– Com licença – digo, engasgada.

E então, covarde, fujo.

Mais tarde naquela mesma noite, Elena e eu caminhamos pelo bairro comercial, sempre percorrendo os becos sombrios e cheios de lixo atrás das lojas. O ar tem cheiro de legumes podres e nos deparamos com mais de uma pessoa revirando as latas de lixo em busca de uma refeição. À frente, uma porta aberta deixa escapar luz, música e homens. Três marinheiros cambaleiam pelo beco, desequilibrados e dando risada. Elena aperta meu cotovelo e nos esgueiramos para um batente de porta escuro até que eles passem.

Duas portas adiante, um homem com um sorriso desdentado assobia para nós.

– Oi, linda – diz ele, sorrindo, indiscriminado em seu interesse.

Elena olha para ele de um jeito que o faz sair apressado na direção oposta.

Atravessamos a rua e chegamos a um quarteirão mais calmo. A parte de trás da papelaria O'Neill's é discreta; não há janelas, apenas uma porta de madeira e uma placa pequena para orientar as entregas. A luz da lamparina passa pela fresta da porta. Dou uma olhada por cima do ombro para garantir que estamos sozinhas e tiro o colar de rubi, transformando-o na chave que Gretchen me deu, e logo a enfio na fechadura. Entramos no depósito. Caixas de papel de carta e de cartões de visita se juntam a anúncios de casamento, enterro e nascimento em pilhas arrumadas em prateleiras que vão do chão ao teto. A sala é pequena, mas absolutamente organizada.

Há três portas: uma para o beco, uma para a loja e uma terceira que deve levar ao porão e à reunião da Resistência.

Penduro novamente o colar no pescoço, meus nervos zumbem feito abelhas, e abro a terceira porta. Começo a descer os degraus e apoio a mão enluvada no corrimão de madeira. Elena vem atrás de mim. Pisco enquanto meus olhos se ajustam à luz.

No porão, sete homens estão acomodados ao redor de uma mesa comprida coberta de jornais, canecas de cerveja e algumas velas. O medo tece teias de aranhas pela minha espinha. E se isso for algum tipo de armadilha? E se eles quiseram nos atrair até aqui para revelar nossa bruxaria e então nos entregar? E se, e se, e se... meu cérebro entoa os medos.

– Irmã Cate. – O Sr. O'Neill se levanta. – Seja bem-vinda.

Será? Os outros seis homens olham fixo para nós e não se levantam; os rostos exibem expressão solene e desconfiada. Eles não nos querem aqui, isso fica claro, mas porque somos bruxas ou porque somos mulheres?

– Obrigada. – Aperto a mão dele, de forma bem profissional. – Senhor O'Neill, esta é Irmã Elena. Elena, este é o senhor O'Neill, o proprietário. E, por favor, pode me chamar de Cate. Ainda não sou membro pleno da Irmandade.

Elena sorri para ele.

– Obrigada por permitir que nós nos juntemos aos senhores.

– Não sabia que tínhamos escolha. – O homem na ponta da mesa se aproxima com o nariz de aristocrata empinado. – Cora deu a chave a *ela*? Mas é uma criança! Mal saiu das saias curtas!

Eu me empertigo. Não uso saia curta desde os 13 anos, e também não sou uma criança. Não desde que a Mãe morreu e eu assumi a responsabilidade de cuidar das minhas irmãs.

O'Neill esconde um sorriso atrás da mão enrugada e manchada.

– Irmã Elena, Cate, este é Alistair Merriweather, editor e redator-chefe da *Gazeta*.

Este é Alistair Merriweather? Olho boquiaberta para ele. Pela descrição de Gretchen, eu esperava um velho caquético, mas ele não pode ter mais de 25 anos e tem mais cara de poeta do que de revolucionário. É alto e anguloso, com maxilar quadrado e cabelos pretos que caem por cima da testa pálida. Veste-se afeminadamente com lenço roxo de seda amarrado

no pescoço e colete de brocado com paletó preto por cima de uma camisa branca como a neve, mas pode ser que ele adote esse estilo por estar foragido como Brennan.

– Hugh, isto é uma loucura. Você está vendo isso? – Merriweather joga as mãos para cima. Seus dedos estão manchados de tinta preta de impressão e de caneta azul, e isso me faz pensar em Finn. – Uma coisa era permitir que Cora participasse de nossas reuniões. Ela nos trazia informações valiosas. Talvez tenhamos discordado algumas vezes. – Então O’Neill dá uma gargalhada de desdém –, mas ela era inteligente o bastante... para uma mulher. O que esta criança vai poder nos oferecer?

Inteligente o bastante... para uma *mulher*? E ele se diz progressista? Trinco os dentes.

– Eu consigo escutar, sabe? Já em relação ao que eu tenho a oferecer... – Toco na chave pendurada no meu pescoço e a transformo em um rubi. – Magia.

– Mais bruxas na Irmandade? Que... interessante. – Merriweather olha de soslaio para mim e então, obviamente, achando que me falta algo, vira-se para Elena. – Onde está Gretchen? Achei que ela seria a substituta.

– Irmã Gretchen não está bem. – Elena não espera ser convidada para se sentar à mesa. Ela atravessa a sala balançando o quadril magro, a saia preta farfalhando, e ocupa uma cadeira vazia. – Ela passou a semana toda velando Cora.

– Fiquei mal com a notícia do falecimento dela. – Merriweather baixa a cabeça, e os cinco homens em volta fazem o mesmo. – Mas, preciso confessar, não vejo necessidade de ter *nenhuma* de vocês aqui.

– Nenhuma de nós? – pergunto de forma áspera. – Bruxas ou mulheres?

– Tanto faz. Ambas. – Suas sobrancelhas são delicadas e pontudas por cima dos olhos cinzentos penetrantes. – Não sou a favor de dar direito de voto às mulheres. Já enfrentamos uma batalha para dar a homens de todas as raças, todas as classes e todas as religiões uma voz no novo governo. Insistir em conceder o voto às mulheres... ou permitir a prática de magia... vai tornar nossa batalha praticamente impossível.

– Bom, essa é uma visão bem derrotista. – Apoio a mão na cintura. – Ouvi dizer que o senhor era progressista. Não acredita em direitos iguais para todos?

– Para todos os *homens*. – Merriweather anda de um lado para outro, seus passos abafados contra o chão de terra batida. – Os homens comuns são os melhores pensadores da nossa era. Os filósofos e os escritores, aqueles que se erguem para lutar contra...

– Porque raramente são presos! – interrompo, fervendo de raiva. – As mulheres só avançam o dedão do pé além dos limites e são acusadas de bruxaria e jogadas em Harwood. Na maioria dos casos, as mulheres lá não são capazes de executar magia nenhuma. São castigadas por quererem mais do que as jaulas de esposa, mãe e filha em que os Irmãos iriam nos colocar.

Há uma pausa, e então um homem mais velho com bastas costeletas solta uma risada, inclinando-se para trás na cadeira e bebendo de sua caneca.

– Soa familiar, não é mesmo, Alistair?

– Igualzinha a Prue. – O’Neill sorri e ocupa a cadeira vazia na frente de Elena. – Recebeu notícias dela?

– Ainda não. – O maxilar de Merriweather se retesa.

Quem é Prue? Uma garota de quem ele gosta? Não imagino que uma mulher seja capaz de suportá-lo.

– Precisamos trabalhar juntos, senhor Merriweather – afirmo e avanço na direção da mesa. – Bruxas e todos aqueles que se opõem à Fraternidade. Se quisermos ter alguma esperança de efetuar mudanças...

– Depois do que vocês fizeram com o Conselho Titular? – Merriweather meneia a cabeça. – É impossível trabalharmos junto com as bruxas agora. Leu meu editorial sobre o ataque? – Ele diz isso se mostrando tão convencido que, apesar de eu ter lido, apesar de eu ter feito questão de ler, sinto-me tentada a negar.

– Li, e concordo. O ataque foi de visão estreita e errado do ponto de vista moral. – Solto um suspiro. Merriweather pode ser convencido, mas eu preciso da ajuda dele. A *Gazeta* alcança um grande número de homens que eu não tenho como alcançar, e a opinião positiva dele pode ser útil. – Fui contrária a ele.

Os olhos dele se estreitam.

– Espere... Sabe quem foi o responsável por aquilo?

Cruzo os braços por cima do peito, lutando contra a vontade de correr para o canto cheio de teias de aranha.

– Sei, sim.

Ele se aproxima e pega no meu cotovelo com emoção, incauto em relação ao que é apropriado.

– Diga quem é. Vamos revelar no jornal. Que outra maneira temos de mostrar que não aprovamos tais táticas?

Sou alta para uma mulher, mas ele deve ter mais de 1,80 metro de altura, os ombros largos. Preciso lembrar a mim mesma que ele não está tentando me segurar, e que eu poderia usar magia para jogá-lo do outro lado da sala em um segundo.

– Não. – Olho feio para os dedos dele no meu braço.

– Não acha que a pessoa merece ser castigada? – Ele me solta. – Se esse for o caso, não sei como poderíamos...

– O objetivo dessa pessoa é governar a Nova Inglaterra da mesma forma que os Irmãos governam: por meio de medo e intimidação. O melhor castigo é garantir que isso não aconteça. Apoio a ideia de um governo compartilhado. Não é isso que os senhores querem também? – pergunto.

Merriweather aperta os lábios.

– É raro que alguém com poder de verdade queira compartilhá-lo. Em nome de quem exatamente está falando?

Elena dá risada. O som chama a atenção dos homens presentes.

– Poderíamos acessar pelo menos a metade das bruxas da Nova Inglaterra. Elas seguiriam Cate. E saiba que isso não é porque ela poderia tê-las forçado ou amedrontado, mas porque a respeitam. Ela sacrificou muita coisa para nos ajudar.

Não por vontade própria. Eu jamais abriria mão de Finn se tivesse escolha. Mas Elena tem razão. De algum modo, além de ser a garota que arquitetou a fuga de Harwood, eu me transformei em uma espécie de heroína romântica trágica. Nos últimos dois dias, as garotas no convento têm se desdobrado para me oferecer solidariedade. Pior ainda, querem saber sobre o meu romance com Finn, detalhes ao mesmo tempo muito dolorosos e muito pessoais para que eu os compartilhe.

– Metade das bruxas da Nova Inglaterra? É impressionante. Quase tanto quanto um quinto das pessoas que compram o meu jornal. – Merriweather se apruma, ajusta o lenço e fica imóvel. – Você não é o oráculo?

– Como sabe a respeito? – Fico imaginando como ele teria recebido a notícia de que o oráculo é *de fato* uma criança.

– Temos fontes dentro da Fraternidade – explica Merriweather. – Não fuja do assunto. Ele se volta para Elena e ela meneia a cabeça; seus cachos negros se agitam.

– Acha que seríamos tão tolas a ponto de enviar o oráculo a uma reunião destas?

– Ela está aqui, em Nova Londres? Seus poderes já se manifestaram?

– Senhor Merriweather. – Solto um suspiro. – Se eu soubesse, seria tão leviana com a segurança dela a ponto de revelar para *o senhor*?

Ele enfia as mãos nos bolsos do paletó.

– Diga apenas uma coisa. O oráculo apoiou o ataque a Covington?

– Não. Não estou protegendo as pessoas que fizeram aquilo – afirmo e olho ao redor da mesa. É difícil decifrar a expressão dos homens à luz bruxuleante das velas. Eles realmente concordariam com Merriweather, sobre não termos lugar aqui e não haver esperança para ninguém em nosso próprio país? – Mas denunciá-las neste momento colocaria todos nós em perigo e traria à tona segredos que ainda devem permanecer ocultos. – Como o fato de que a Irmandade é inteiramente formada por bruxas.

– Que tipo de segredos? – Merriweather exige saber.

Empino o queixo para ele.

– Se eu lhe dissesse, deixariam de ser segredos, não é mesmo?

– Pare de aborrecer a moça, Alistair. Há outras histórias para contar. – O homem das costeletas pousa os quatro pés da cadeira no chão com um estrondo. – Aquele O’Shea é um filho da mãe maldoso. Entreviste qualquer família que tenha entrado em contato com ele e vão lhe dizer.

– Precisamos nos concentrar em limpar o nome de Brennan – O’Neill completa. – Essa deve ser a nossa prioridade agora. Não concordo com o ataque ao Conselho Titular, mas, se pudéssemos colocar Brennan no comando, seria bom para todos.

– Entreviste as enfermeiras em Harwood. Nenhuma delas vai se lembrar de ter visto Brennan. Elas não se lembram de nada. Aquele lenço é apenas... como falam mesmo?

– Uma prova circunstancial – completa um homem magricela de cabelo grisalho. – Alguém pode ter plantado o lenço, talvez o próprio O’Shea. Ele seria capaz disso.

– A mulher de Brennan jura que ele estava muito doente e não saiu de casa naquela noite. A mulher e as filhas o defenderam. Mas isso não basta para O’Shea e seus camaradas. – O’Neill bate na mesa com o punho, irritado.

– Falou com ele diretamente? Entregou a ele meu recado? – pergunto.

– Falei e entreguei, mas ele não virá esta noite. É perigoso demais vir à cidade neste momento. Se ele for pego... Bom, não duvido nada de que O’Shea pudesse mandar que fosse fuzilado por resistir à prisão ou algo do tipo. Ele é um canalha ardiloso. – O’Neill faz um sinal com a cabeça para Elena e eu. – Perdoem o linguajar.

– Ele está fora de Nova Londres, então? Está próximo? Pode providenciar um encontro? – pergunto.

– Cavalheiros. – Merriweather não ergue a voz, mas todos os olhos se voltam para ele. – Vamos dar continuidade à investigação e limpar o nome de Brennan. Esta é a mais alta prioridade da *Gazeta*. Não temam: vamos descobrir a verdade a respeito do lenço.

Meus olhos baixam, minhas bochechas ficam coradas. Ele não pode descobrir a verdade. Aí será Finn que estará encrocado, e nem vai saber por que ou como se defender. Será acusado de traição e...

Merriweather passa a mão no cabelo desgrenhado.

– Antes de compartilharmos qualquer outra informação confidencial, acho que devemos votar se vamos permitir que Cate e sua acompanhante permaneçam no grupo.

– Votar? – pergunto. – Achei que tínhamos herdado o assento de Cora.

– A chave talvez, mas não o direito de usá-la. – Merriweather dá de ombros em um gesto elegante e insuportável. – Vamos informá-las da nossa decisão.

Ele retorna à mesa e ocupa seu assento na cabeceira, então fica óbvio que fomos dispensadas.

Elena se levanta.

– Como?

Alistair dá um sorriso torto e estende a mão para pegar a cerveja.

– Não se preocupe. Nós as encontramos.

Tenho vontade de discutir, mas isso só vai fazer com que eu pareça infantil. Em vez disso, aceno de forma seca e vou atrás de Elena escada acima, até o depósito.

Ficamos em silêncio até sairmos para o ar congelante do meio da noite.

– É só a arrogância dele que atrapalha. – Com um ar de desdém, Elena franze o nariz arrebitado. – Seríamos muito úteis. Ele precisa enxergar isso.

– Será? Ele não parece ter as mulheres em alta conta. Somos metade da população. A metade a que nenhum político recorre há um século – completo. – Se o novo governo

concedesse o direito de voto às mulheres...

– Os maridos permitiriam que elas o exercessem? – Elena interrompe.

Ao nosso redor, os becos dos fundos estão desertos. Eu me aperto dentro da capa, imaginando onde se meteram os homens que reviravam as latas de lixo. Imaginando se acharam um lugar quente para dormir.

– Não acho que todos os maridos teriam a mente assim tão limitada.

Finn não teria.

– Nós poderíamos compelir Merriweather – Elena sugere. – Se ele entrar na dança, todos entram.

– Não quero recorrer a isso. Não se quisermos que eles sejam nossos aliados – argumento.

Não digo o que está no meu coração: eu não quero compelir os líderes da Resistência, mas se a investigação de Merriweather o levar a Finn... se for a única maneira de manter Finn a salvo... eu faria isso em um piscar de olhos.

CAPÍTULO

5

NO SÁBADO À NOITE ACONTECE O BAZAR de Natal dos Irmãos, uma tradição anual em Nova Londres. Vendedores instalam barraquinhas ao redor do lago dos patos nos jardins da praça Richmond, e o público precisa comprar ingresso para entrar pelos portões. A renda vai para a Irmandade, a fim de que possamos entregar refeições extras e presentes de Natal para os pobres.

Estou enrolada na minha cama, escutando o farfalhar das anáguas das garotas que disparam pelo corredor para pegar broches ou brincos emprestados. Elas têm que vestir o uniforme preto, mas, mesmo assim, é uma noitada fora do convento. Elas conversam em tom animado e ruidoso, ajudam umas às outras a arrumar o cabelo, apesar de ele ficar escondido pelo capuz e ser despenteado pelo vento cortante de dezembro.

Tess está sentada à minha penteadeira, arrumando os cachos louro-claros em um coque. E me pergunta:

– Tem certeza de que não quer vir?

Houve uma certa dúvida se alguma de nós devia participar neste ano, já que estamos de luto aparente. Não seria falta de respeito com a Irmã Cora, cujo corpo fora enterrado havia apenas uma semana? Mas tínhamos uma barraquinha, vendendo gorros, luvas e cachecóis que tricotamos pessoalmente, de modo que Inez resolveu que deveríamos seguir a programação.

– Tenho, sim. – Não estou com humor para um bazar. – Tem certeza de que não quer ficar em casa? O lugar vai ficar vazio. Podemos fazer chocolate quente e... – Tento encontrar algo que Tess gostaria de fazer. – Jogar xadrez?

– Você é péssima em xadrez. – Tess franze o nariz. – Eu não vou ficar trancada aqui para sempre, Cate.

– Não é *para sempre*. – Eu dobro os joelhos junto ao queixo. – Só até as coisas se acalmarem um pouco.

– Isso pode demorar anos. – Ela fica de pé e amarra mais uma vez a faixa de cetim preto na cintura. – Eu vou.

– Tudo bem. Mas nada de magia. Por motivo nenhum – digo, com o descuido da semana anterior ainda na cabeça. – Vai haver centenas de Irmãos lá.

A reunião do Conselho Nacional deveria ter terminado ontem, mas convocaram uma extensão emergencial por causa do ataque ao Conselho Titular. Senti um alívio curioso quando recebi a notícia. Finn está trabalhando como assistente do Irmão Denisof, mas agora que Denisof está em coma no Hospital Richmond, o que ele vai fazer? Voltar a Chatham para dar aulas na escola dos Irmãos? Ele pode ficar mais seguro lá, mas a ideia de estar tão longe faz meu peito doer.

– Eu sei. Só quero sair uma noite. Quero comprar lembrancinhas para o Pai e a senhora O’Hare, e passear com Lucy e Bekah como uma menina normal! Como se o mundo não estivesse desabando em cima da minha cabeça o tempo todo! É pedir muito?

– Claro que não. Sinto muito. – Pesarosa, aperto as têmporas com as pontas dos dedos, onde uma dor de cabeça está começando a despontar.

Alguém bate à porta enlouquecidamente e Brenna enfia a cabeça dentro do quarto, o cabelo castanho caindo feito uma cortina até a cintura.

– Preciso falar com a pequenina.

– Está tudo bem? – pergunto.

Brenna usa um vestido de Rory, apesar de ela não ter as curvas para preenchê-lo adequadamente. O veludo vermelho vibrante fica estranho nela, que parece uma criança brincando de se fantasiar.

Fico imaginando como Rory e Sachi estão. Devem estar acomodadas na casa de segurança agora: uma casa de fazenda nos bosques de Connecticut. Será que vão voltar para o convento depois de acomodarem as outras garotas ou vão preferir ficar lá?

Nunca pensei que eu sentiria saudade de Rory Elliott. Ela tem um jeito de me fazer rir quando eu mais preciso.

– Eu tive uma visão. Você pediu que eu contasse quando tivesse uma visão. – Os olhos de Brenna, que tudo enxergam, dominam seu rosto estreito, emaciado depois de dois meses passando fome.

– Sim. – Tess me lança um olhar e então o desvia. – Vamos conversar sobre isso no seu quarto?

Cruzo os braços por cima dos babados verdes do meu corpete, magoada com o segredo dela.

– Podem conversar na minha frente.

– Uma coisa terrível vai acontecer – diz Brenna enquanto remexe nervosamente na saia vermelha. – Ele vai anunciar hoje à noite.

– O quê? Quem? – Eu me ergo de um salto.

Brenna franze o rosto e fecha os olhos bem apertados.

– Tem um homem com cara de cavalo em cima de um palco, na frente de muita gente. Está escuro do lado de fora. Ele diz algo e todos engolem em seco, e você... você está lá, pequenina, e parece triste. E você... – ela faz um rodopio e aponta para mim, quase me acerta no rosto – está irritada.

Ando irritada o tempo todo ultimamente, isso não é surpresa. Mas parece que vou ao bazar, no fim das contas.

– O que o homem diz?

– Não consigo escutar. Ele está embaixo d'água, como um peixe. Como se falasse com alguém no mar. – Brenna imita uma braçada de nado de peito. – Às vezes íamos ao litoral, Mãe, Pai, Jake e eu. Antes.

Antes de o pai dela a entregar aos Irmãos. Antes de Alice destruir o cérebro dela.

– O homem estava embaixo d'água, e ele tem cara de cavalo? – Tess pergunta, obviamente perplexa.

– Não é uma cara de cavalo de verdade, boba! – Brenna dá risadinhas. – Tem o rosto grande e comprido. E cabeça careca brilhante.

Respiro fundo, tentando abafar minha frustração. Este é o problema com um oráculo quebrado: ele é capaz de nos dizer que O'Shea vai anunciar algo terrível hoje à noite, mas não o quê.

– Você viu algo assim? – pergunto a Tess. Ela faz que sim com a cabeça. – Não teve nenhuma visão desde Zara?

Tess vira de costas, mas vejo que ficou corada pelo espelho da penteadeira.

– Não tenho que contar tudo para você.

– Eu sei. – Prometi a mim mesma que não a forçaria, mas é muito difícil. – Acho que você não devia ir hoje à noite, Tess. Não se...

Vejo pelo espelho que Tess revira os olhos.

– Não vou mais discutir com você. Eu vou e não se fala mais nisso. E você também vai, de acordo com Brenna, então é melhor começar a se arrumar – diz ela, irritada. – Venha, Brenna. Deixe que eu leve você de volta ao seu quarto.

Ela sai pisando duro e Brenna vai dançando atrás dela. A garota continua assustada com todas as outras pessoas: fica encolhida como um gato escaldado se alguém toca nela ou a olha fixamente – e todos olham fixamente para Brenna. Ela topou com Alice de novo ontem no corredor e berrou feito uma *banshee*. Mas, na maior parte do tempo, ela fica dentro do quarto. Tess leva as refeições e a visita entre as aulas para lhe fazer companhia. Não sei sobre o que conversam. Visões, talvez, tentando entender como as coisas vão se desdobrar.

Acabei de colocar meu vestido preto quando Rilla entra no quarto. Ela já está pronta para o bazar, com os cachos curtos arrumados com cuidado ao redor do rosto sardento.

– Decidiu ir? – ela pergunta. – Está bonita.

Olho feio para ela.

– Não estou. – Pareço um abutre alto, magricela e louro com o uniforme das Irmãs. Como sempre.

– Aceite o elogio e ande logo – diz ela e arrisca um abraço. Ela cheira a chocolate quente e doces que a mãe dela sempre manda da fazenda em Vermont. – Está tudo bem? Parece... mais preocupada do que o normal.

– Tudo bem.

Não está nada bem. O que O’Shea está aprontando agora? Centenas de Irmãos estarão no bazar. Qualquer uma de nós pode dar um passo em falso e ser presa. As coisas parecem estar por um fio. E, além disso...

– Está preocupada que Finn esteja lá? – Rilla vai direto ao ponto.

Minha respiração para na garganta e eu me sinto muito covarde. Eu sou assim tão óbvia que todo mundo vê a verdade estampada no meu rosto?

– Não sei – eu sussurro e enterro a cabeça nas mãos. – Sinto saudade dele. Muita... Quero vê-lo, mas... ele não vai saber quem eu sou. Não de verdade. Isso é horrível, Rilla.

Rilla coloca as mãos na cintura robusta e franze um pouco o rosto.

– Eu poderia dar uns tapas naquela sua irmã.

– Eu também. – Abro um sorriso fraco para ela, coloco um par de brincos e os transformo em rubis, para combinarem com meu colar novo. – Mas agora já passou, certo? Não há nada que eu possa fazer.

– Tem certeza? – Rilla pega um de seus romances góticos. – Sabe, em *O duque e o destino*, o duque sai pra caçar e sofre um acidente: cai do cavalo, bate a cabeça e perde a memória. É amnésia, não magia. Mas ele e a duquesa se apaixonam outra vez.

– É impossível – respondo, sucinta.

– É mesmo? – Rilla me conduz até a penteadeira, faz com que eu me sente e começa a fazer uma trança no meu cabelo. – Se Finn se apaixonou por você uma vez, por que não poderia se apaixonar de novo? Você o conhece. Sabe do que ele gosta. Poderia orquestrar as coisas a seu favor.

A esperança faz um estrondo no meu coração, mas eu a abafo.

– Parece desonesto. Começar com segredos entre nós. – Como os meus pais. A Mãe apagou a memória do Pai, fazendo com que ele não soubesse que ela era bruxa e que ele tinha três filhas bruxas. Isso o manteve a salvo dos Irmãos, mas duvido que o casamento deles tenha voltado a ser o mesmo.

Rilla prende as tranças no alto da minha cabeça.

– Você pode contar a verdade, então. Como vocês se apaixonaram e o que Maura fez.

– Assim, sem mais nem menos? – Estalo os dedos. – E se ele a entregasse? – Balanço a cabeça. Por mais furiosa que eu esteja, não posso ser responsável por Maura ir parar... onde? Sem Harwood, para onde mandariam uma bruxa culpada de magia mental? Ela seria executada. Aliso minha saia preta. – E poderia ser perigoso para ele. E se ela nos visse juntos? O que impede que ela ou Inez o ataquem mais uma vez, como... como fizeram com Covington e os outros? Não posso arriscar.

Os ombros de Rilla desabam.

– Suponho que você tenha razão. Só detesto ver você tão infeliz, Cate.

Olho para meus punhos fechados.

– Eu também.

Centenas de pessoas circulam pelos jardins da praça Richmond, bem agasalhadas em suas melhores roupas de inverno: damas com capuzes de pele e homens com o colarinho virado para cima para se proteger do frio. Lamparinas balançam nos bordos vermelhos majestosos, enviando luz para a multidão. Crianças correm para cima e para baixo pelos corredores improvisados, brincando de pega-pega enquanto as mães examinam as mercadorias. A intenção do bazar é beneficiar os pobres, mas não vejo muitos por aqui. Agora que os Irmãos tornaram ilegal o trabalho das mulheres, mais famílias lutam para pagar as contas. Mal têm dinheiro para comida, sapatos e carvão, muito menos para lembrancinhas de Natal.

O ar cheira a sidra quente. As pessoas carregam castanhas assadas em cones de jornal e, na outra ponta do bazar, um homem se apresenta com seu realejo e um macaco em um palco improvisado. Mais cedo, um par de palhaços deliciou o público com seus tombos e malabarismos. De acordo com o programa, em seguida vem uma apresentação natalina de fantoches.

Estou na barraquinha das Irmãs com Rilla, Mei, Vi e duas meninas mais novas. Nós nos oferecemos como voluntárias para o turno intermediário, enquanto as outras passeiam pelo bazar e assistem às apresentações.

– Yang iria adorar aquilo. – Mei olha a barraquinha ao lado na nossa, onde um homem e o filho vendem brinquedos de corda. – Ele sempre gostou de desmontar e montar coisas.

– Por que não compra um de Natal para ele? – sugiro.

Mei dá risada.

– Com que dinheiro? Estou sem nada.

Claro que está. Fico corada, sentindo-me insensível. Diferentemente de Mei e de outras garotas do convento, nunca precisei me preocupar com dinheiro. Remexo no bolso em busca de moedas e as coloco na mão dela.

– Pronto.

Ela meneia a cabeça.

– Não, não posso aceitar.

– Não para você, mas, para um presente de Natal para o seu irmão, pode – afirmo. – Também precisa levar algo para suas irmãs menores.

Mei olha meio sem jeito melancolicamente para as moedas na minha mão.

– Não sei.

– O Natal vai ser difícil, sem Li e Hua, não é mesmo? Leve presentes para os outros, para alegrar um pouco. – As duas irmãs do meio dela foram sentenciadas a um navio-prisão por terem participado da manifestação na praça Richmond no mês passado, mas Mei ainda tem mais duas irmãs pequenas e um irmão em casa. – Tenho dinheiro para comprar presentes para Tess e meu pai. – E algo para Rilla e para a própria Mei. – Fico contente em ajudar, de verdade.

– É só um empréstimo. Vou devolver – Mei promete aceitando as moedas. – Obrigada, Cate.

Sorrio quando ela se inclina por cima do balcão para olhar melhor a mercadoria do vizinho.

– Compre agora! Antes que aqueles de que você gostou sejam vendidos.

Ela dá uma olhada na nossa barraquinha, para Vi e Rilla vendendo gorros e as meninas mais novas encolhidas no fundo, cochichando.

– Já volto.

– Não se apresse. – Observo quando ela sai da barraquinha e desvia dos outros compradores.

Meu coração vai à boca quando dois Irmãos de capa preta aparecem no nosso corredor. O da esquerda tem mais ou menos a altura de Finn, alto e magro. Meu pulso martela nos ouvidos e eu engulo em seco.

Quando ele caminha na nossa direção, percebo que o jeito de andar está diferente do de Finn: decidido demais. Finn *trota*, absorvendo rapidamente tudo a seu redor com os olhos e a esperteza. Ainda assim, espero que o homem se aproxime para confirmar que não está usando óculos antes de desviar o olhar.

Tonta. É a quinta vez que faço isso nas duas horas que estou aqui.

Há centenas de Irmãos presentes. Mesmo que Finn *esteja* circulando pelo bazar, podemos muito bem não nos esbarrar.

Até parece que ele tem algum motivo para me procurar.

Ajeito os cachecóis do meu lado da barraquinha. Alguns são mais bem feitos do que outros. Mei, cujo pai é alfaiate, tem mãos firmes e bom olho para cores. Pearl e Addie costumam tricotar à noite enquanto conversam, e seus pontos são tão meticulosos quanto elas. Já vendemos cinco dos cachecóis de Pearl, todos lindos, de lã cinza. E Grace, a irmã de Lucy, costura sem parar desde que chegou de Harwood. Os movimentos repetitivos parecem lhe dar conforto. Já Livvy toca piano noite e dia. A sobrinha da Irmã Edith pinta. Caroline conversa com qualquer coisa, até samambaias. E Parvati...

O que Parvati *faz*? Ela tem tido aulas com Inez, disso eu sei, e faz suas refeições com Maura e Alice.

Eu sou culpada disso.

A mão calejada de um homem pega um cachecol azul pequeno e me desperta dos meus pensamentos.

– Gostaria de levar este, por favor.

Ergo os olhos e deparo com o rosto do homem de costeletas bastas da reunião da Resistência. Ele sorri por trás dos bigodes ruivos.

– Olá, Cate.

– Olá. – Olho por cima do ombro. Vi e Rilla estão ocupadas com outros clientes; as meninas mais novas não estão prestando atenção.

– A resposta é sim, senhorita – ele informa. – Foi unânime. Alistair late mais do que morde.

– Fico contente em saber, senhor...? – Minha voz vai sumindo.

– Moore. – Ele observa enquanto dobro o cachecol para ele. – Tenho um menino em casa, 9 anos. Espero que o mundo seja um lugar melhor quando ele estiver crescido.

– Eu também. – Pego as moedas que ele me dá. – Obrigada, senhor Moore. Tenha uma boa noite.

– Nós a vemos na quinta-feira, então, senhorita.

Assinto e sorrio enquanto o observo se afastar.

Mei volta com um dragão na mão. Tem uma expressão preocupada.

– Ouviu dizer algo sobre um surto de febre? Perto do rio?

– Não, mas não vou àquela parte da cidade desde... – Eu me contorço. Desde que ajudei Tess em sua missão malsucedida de libertar os prisioneiros da praça Richmond, entre eles as irmãs de Mei.

– Já houve várias mortes. Todas no bairro do rio. – Mei afasta a franja dos olhos negros. – No enterro de Cora, uma das enfermeiras do Hospital Richmond comentou que elas estão trabalhando demais. Não pensei muito no assunto na hora, mas...

– Será que devemos nos oferecer como voluntárias? – Como Irmã Sophia está afastada, acomodando as meninas de Harwood em outra casa de segurança, não temos visitado o hospital.

Mei assente.

– Quem sabe podemos ir até lá antes que a situação saia do controle.

– Claro. Quer procurar os presentes para as suas irmãs? Não estamos com muito movimento aqui. Depois podemos assistir à apresentação de fantoches juntas.

– Claro – Mei concorda e me entrega o brinquedo. – Pode cuidar disso para mim?

O dragão é muito divertido. Giro o pino que faz a cauda dele se agitar de um lado para outro e sua boca se abrir em um urro silencioso e feroz.

– Irmã Cate? – As palavras são desconhecidas, mas a voz não.

Largo o dragão na pilha de cachecóis quando me viro.

As orelhas de Finn estão coradas, como ficam quando está acanhado. Seu cenho está franzido, o espaço entre as sobrancelhas fazem aquele V de cabeça para baixo que meus dedos coçam para alisar. Seu cabelo cor de cobre está desganhado como sempre, como se tivesse passado a mão nele muitas vezes desde a última vez que viu um pente.

Mas, atrás de seus óculos com aro de arame, seus olhos parecem diferentes. Não contêm amor nem desejo. Finn não me olha mais como se eu fosse *dele*.

Meu coração se parte mais uma vez.

– Irmão Belastra – cumprimento, engasgada. As palavras parecem estranhas, formais demais na minha língua. – Como vai?

Ele me lança um sorriso que revela o espaço minúsculo entre os dentes da frente, mas é apenas educado. O sorriso que ele daria a uma desconhecida, a uma cliente da livraria.

– Muito bem, e a senhorita?

– Estou bem. – Mas não estou. Cruzo os braços com força e bem apertados por cima do peito. – Está aproveitando o bazar?

– Estou. Procuo um presente para a minha irmã. – Ele examina as mercadorias. – Você fez algum destes?

Dou uma risada curta e em *staccato*, antes de perceber que ele não vai saber que sua pergunta é ridícula.

– Não. Sou péssima com costura. Prefiro passar meu tempo no jardim, com as mãos na terra... ou, agora que é inverno, na estufa.

É inútil testá-lo desse modo. Ele não vai saber. Não vai se lembrar do modo como entrou escondido e me encontrou lá e me beijou até não poder mais. Mas...

– Eu me lembro – ele diz, e a esperança brota em mim, brilhante e adorável feito uma tulipa de abril.

– Lembra? – Minha voz está aguda demais, desesperada demais.

– Seu pai me disse. Nós estávamos... não lembro muito bem. – Finn franze o cenho, o V de sua testa fica mais fundo. – Ele disse que você não era do tipo estudiosa, que preferia jardinagem a livros. Engraçado ter ido parar na Irmandade.

Engraçado? Uma dor perfura meu corpo, mais aguda do que o vento de dezembro.

– Eu poderia dizer a mesma coisa de você.

Finn olha por cima do ombro. Não há Irmãos por perto. Ele me lança mais um sorriso vazio, mas agora seus olhos se mostram curiosos.

– Eu sempre gostei de livros.

Qual é o objetivo disso? O que estou tentando provar? Sei que estou agindo como tola e, no entanto...

– Mas nunca foi do tipo dos Irmãos. – Minha voz está tão baixa que ele precisa se debruçar por cima da barraquinha para escutar.

Ele olha para o chão e passa o peso do corpo de uma perna para outra.

– Confesso que, ultimamente, não sei bem dizer que tipo de homem eu sou. – O tom dele é carregado de desgosto. O que deve estar sentindo ao se ver como membro da Fraternidade sem saber o motivo?

– Como assim? – pergunto, e então fico corada.

Na cabeça dele, nós mal nos conhecemos; fui uma cliente ocasional na livraria da mãe dele, nada mais. Não há por que trocar confidências. Mas não suporto a ideia de que ele está confuso e sozinho e... Maura que se dane por ter feito isto com ele.

– Não é nada. – Finn apruma o corpo e passa as mãos pelo cabelo. – Sinto muito por ter incomodado. – A voz dele ficou engomada e os ombros rígidos ao se lembrar do que é apropriado.

Estendo o braço, e as pontas dos meus dedos roçam a capa de lã dele.

– Não foi um incômodo. Se eu puder ajudar...

– É muito gentil da sua parte. Muito... cortês. – Ele mal olha para mim quando coloca o capuz e se afasta. – Obrigado, senhorita Cahill.

Cortês? Observo enquanto ele volta a se misturar à multidão e meus olhos se embaçam com lágrimas. Então eu ajoelho e me escondo atrás do balcão, fingindo remexer nas caixas aos meus pés.

– Está tudo bem? – Rilla está ao meu lado e me abraça.

Desta vez não consigo mentir.

– Não – digo com a voz embargada e enfio o rosto marcado por lágrimas no ombro dela.

– Claro que não. Foi uma pergunta idiota. Quer ir para casa? – ela pergunta.

– Eu disse a Mei que assistiria à apresentação de fantoches com ela. – E Brenna disse que algo horrível iria acontecer. Preciso esperar para ver o que é.

Rilla sorri.

– Mei vai entender.

– Não, eu quero ficar. Vai ficar tudo bem. – Eu me esforço para me levantar. Por todo o nosso redor, as pessoas batem palmas enquanto tento engolir a dor na minha garganta. – Parece que o homem do realejo terminou. Vamos para o palco.

Eu não me responsabilizarei pelos meus atos quando Maura chegar para seu turno na barraquinha.

Estamos a meio caminho do palco quando Irmão O’Shea começa a falar. Reconheço a voz alta e afetada no mesmo instante.

O mesmo deve acontecer com outras pessoas, porque muitas param o que estão fazendo e se dirigem ao palco. Mães chamam filhos, pais reúnem a família. Ao longo do corredor principal, vendedores saem das barracas e ficam de olho nos clientes que têm mercadorias nas mãos. Seja lá qual tenha sido a coisa pavorosa que Brenna previu, ia acontecer agora.

Onde está Tess? Esquadrinho a multidão em busca da silhueta pequena dela, mas há centenas de pessoas de capas pretas. Caminho mais rápido, praticamente arrastando Rilla atrás de mim. No fim do corredor, Irmão O’Shea, com o rosto de cavalo esticado em um sorriso falsificado, está em cima do palco improvisado.

– Senhoras e senhores, Irmãos e Irmãs, eu gostaria de interromper nossa diversão apenas por alguns momentos. Como sabem, na semana passada houve um motim no Hospício de Harwood para as Criminalmente Insanas. Centenas de bruxas fugiram. Receberam ajuda de um dos nossos... Sean Brennan, que fugiu da cidade em vez de encarar a Justiça por sua traição. – Ele anda com arrogância de um lado para outro no palco, como um homem que tem duas vezes seu tamanho, e fico com a impressão de que seu discurso é tão ensaiado quanto o sorriso. Ele não tem o carisma de Irmão Covington, que, apesar da política abominável, era um orador caloroso e carismático. – Estas mulheres são uma ameaça à Nova Inglaterra. Desloquei nossa Guarda Nacional para persegui-las, e tenho a satisfação de informar que, ao longo da última semana, recapturamos mais de vinte bruxas escondidas em celeiros vazios e casas abandonadas no interior.

Meu coração se aperta, apesar de eu saber que isso podia acontecer. Algumas pacientes de Harwood fugiram assim que as portas se abriram. Estavam livres para acompanhar as Irmãs a uma das três casas de segurança ou tentar se virar sozinhas. Mais da metade escolheu a segunda opção.

– Se algum de vocês tem ideia do paradeiro de outras garotas amaldiçoadas, é sua obrigação relatá-las imediatamente. – Os olhos azuis pálidos de O’Shea examinam a multidão. – Elas podem parecer fracas ou confusas, até fingir que foram espancadas ou que passaram fome, mas isso é só dissimulação. Todas são mentirosas e enganadoras. É preciso endurecer o coração contra elas.

O’Shea é inteligente, admito. Eu tinha esperanças de que, quando eu conquistasse a confiança de Merriweather, pudesse lhe contar a verdade a respeito do que aconteceu em Harwood, e ele publicaria um artigo na *Gazeta* sobre as condições terríveis do lugar. Agora as pessoas vão duvidar.

O’Shea chama uma mulher alta para subir ao palco.

– Não tenha medo, senhora Baldwin. Seus concidadãos merecem ouvir a verdade.

O capuz dela está abaixado para que seus concidadãos possam ver seu rosto honesto. Ela é uma mulher gorda com cabelo cor de aço preso em um coque e o rosto redondo com uma marca de nascença em forma de morango na bochecha direita.

Esta é a enfermeira que matou minha madrinha, Zara Roth.

Na verdade atirou nela, corrijo a mim mesma. Tecnicamente, *eu* a matei.

– O que pode nos dizer a respeito das condições do Hospício de Harwood, senhora Baldwin? – O’Shea pergunta.

– As moças eram bem cuidadas, senhor. Todas faziam duas boas refeições por dia e tomavam o chá da tarde – ela diz, e como eu fico contente por Parvati, Livvy e as outras não serem testemunha das mentiras dela! Mei abre caminho até o meu lado, com o maxilar tenso, os olhos negros piscando forte. – Tínhamos enfermeiras preparadas para cuidar delas quando ficavam doentes. As pacientes saíam para respirar ar fresco todos os dias, em caminhadas pelo pátio. E tentávamos cuidar também da alma delas, além do corpo. Um Irmão fazia uma visita semanal e dava um sermão na capela. As moças que estavam bem recebiam tarefas simples, como ajudar no jardim ou na cozinha. Ficar desocupada abre espaço para a bruxaria, como sabem. Mas as que não estavam bem... nossa, não tinham de fazer trabalho algum além de melhorar.

– Obrigado, senhora Baldwin. – O’Shea olha para a multidão e lança aquele seu sorriso de réptil de lábios finos. Ao meu redor, as pessoas se apegam a cada palavra. Ouvir uma história em primeira mão de Harwood... Nossa, é muito mais divertido do que ouvir o homem do realejo! – Então, não viu evidências de maus-tratos?

– Não, senhor – ela mente e junta as mãos como se fosse rezar. – Nunca, nos doze anos que passei lá.

– Parece que as condições delas eram bem melhores do que as de muitos de nós que trabalham para sobreviver! Duas refeições completas por dia, mais chá e alojamento de graça! – O’Shea dá risada, mas é um som áspero e rude. – Agora, diga, senhora Baldwin: o que aconteceu na noite do motim?

A enfermeira estremece.

– Costumo trabalhar de dia, sabe, por isso, nem era para estar lá, mas o marido da senhora Snyder mandou avisar que ela não poderia ir trabalhar porque o bebê tinha ficado doente. Eu estava trabalhando, e me lembro de ter ido até a sala da matrona para buscar algo. Essa é a última coisa de que me recordo antes de ter acordado com todas as outras enfermeiras, e nós estávamos trancadas na ala onde as garotas desobedientes ficavam. Não sabíamos como tínhamos parado ali, mas ficamos morrendo de medo de que as garotas fossem tocar fogo no lugar conosco lá dentro. Nós nos ajoelhamos e rezamos. E, graças ao Senhor, o vigia da manhã chegou e nos encontrou.

– Graças ao Senhor! – Irmão O’Shea repete, e a multidão ao nosso redor também oferece sua gratidão. – Está me dizendo, senhora Baldwin, que não se lembra de nada do motim? Alguém entrou na sua mente e apagou tudo?

– Sim, senhor. – O lábio da enfermeira treme, seu queixo duplo balança. – E não me importo de dizer que isso me deixa arrepiada.

– Devo imaginar que sim. Saber que uma bruxa andou futricando na sua mente... daria arrepios ao mais corajoso entre nós! – O’Shea dá tapinhas solidários no ombro dela. – Obrigado pelo seu relato, senhora Baldwin.

Ela assente, faz uma mesura e sai apressada do palco. Eu solto um suspiro de alívio. Foi terrível, mas não tanto quanto Brenna tinha alarmado.

– O vigia da noite e mais seis enfermeiras sofreram a mesma violência mental. Então, percebem por que não podemos permitir que estas moças malvadas fiquem em liberdade? Entre elas há bruxas de natureza das mais malignas e enganadoras. Devem ser perseguidas e castigadas! – O’Shea bate com o punho fechado na palma da outra mão. – Felizmente, na semana passada recebemos uma informação que nos levou diretamente a um ninho de vespas. Ontem, nossos guardas localizaram uma casa de fazenda em Connecticut onde nada menos que 35 bruxas estavam escondidas.

Mei aperta minha mão.

– Usaram magia para resistir à prisão. Mas foram vencidas e estão a caminho de Nova Londres sob vigilância pesada. – A multidão, liderada por um grupo de Irmãos à frente, bate palmas. O sorriso de O’Shea é pavoroso. – Senhoras e senhores, faz muitos anos desde que pararam de matar bruxas. Não é uma sentença que assinamos de maneira leviana. Mas hoje, depois de muito rezar, o Conselho Nacional votou a favor de restaurar a medida. A maldade das sessenta mulheres que recapturamos não tem limites; não podemos permitir que elas infestem nossa sociedade, que aterrorizem nossa nação, que ameacem nossa segurança,

durante nem mais um dia. Alguns dos nossos soldados estão do outro lado da rua, começando a erguer a forca. Amanhã, ao meio-dia, os enforcamentos vão começar.

CAPÍTULO



ALGUNS HOMENS GRITAM EPÍTETOS contra as bruxas... mas ninguém comemora. A situação chegou ao ponto de eu ficar aliviada só por ninguém ter comemorado a perspectiva de assistir ao enforcamento de sessenta garotas inocentes. O'Shea sai saltitante do palco e a apresentação de fantoches começa, mas todos parecem sem ânimo. Um silêncio grave se instalou.

Isto... Bom, isto é terrível. Brenna estava certa.

Claro que estava.

Tess abre caminho pela multidão que vai se dispersando, com Lucy e Bekah atrás.

– Sachi e Rory... – Tess começa a dizer.

– Eu sei. – Elas também devem ter sido as primeiras a revidar, então só o Senhor sabe as condições em que se encontram. Não acho que os guardas tenham sido comedidos quanto ao uso da força.

Precisamos impedir que isso aconteça, mas como? A questão martela feito uma toada de tambor que acompanha meus passos enquanto meus pés esmagam a passagem coberta de cascalho. Nem sei aonde estou indo. A noite avança e está ficando tarde, e a hora, o ar frio ou a declaração de O'Shea, ou os três, fazem inúmeras pessoas deixarem o bazar, correndo para o conforto do lar.

Os portões estão lotados de gente indo embora, por isso, caminhamos um pouco pelos corredores. Rilla finge estar interessada em algumas mercadorias, fazendo Bekah e Lucy prestarem atenção a fivelas de cabelo incrustadas e bichos de pelúcia fofos. Compro um suco de maçã e dou para Tess.

– Não quero – ela afirma e empurra o copo para longe. Algumas gotas derramam na minha capa.

– Você está pálida, beba – eu ordeno, e ela suspira e obedece. Até os vendedores estão começando a fechar as barracas. Algumas risadas ecoam da apresentação de fantoches, mas a maioria das crianças foi embora. Ninguém mais parece se divertir.

Esperamos enquanto Lucy compra um bolinho quente com uvas-passas salpicado de açúcar. Mei agarra com toda a força o dragão de brinquedo de Yang.

– Encontrou algo para suas irmãs? – pergunto, e ela assente ao mesmo tempo que tira um pacote de fitas de cabelo coloridas do bolso. Elas têm estampas coloridas: morangos, bolinhas

vermelhas e brancas e passarinhos amarelos; vão contrastar com as tranças escuras das irmãs dela. – São bonitas – comento. – Aposto que elas vão adorar.

O rosto de Mei se contorce embaixo da franja escura.

– Cate, o que nós...?

– Aqui, não. – Não consigo deixar de sentir que os olhos dos Irmãos e de espiões estão em todo lugar. Quem contara a eles a respeito da casa de fazenda em Connecticut? Algum vizinho reparara em algo suspeito? Só as quinze garotas que participaram da missão de Harwood sabiam sobre as casas de segurança, e a maior parte não teve acesso aos mapas, com certeza não em detalhes para contar aos Irmãos. Tess. Eu. Irmã Mélisande, que ia conduzir a carroça antes de Rory e Sachi tomarem o lugar dela. Quem mais?

Não pode ter sido uma de nós. As garotas nas outras casas de segurança vão ficar bem. Têm que ficar.

Retornamos à barraquinha das Irmãs. Avisto os cachos ruivos de Maura no fundo. Elena está vendendo luvas na frente.

– *Você apareceu* – Elena se vira para mim no segundo em que um cliente vai embora; o sorriso se esvai de seu rosto. – Inez e algumas outras já foram.

– Encontro você em casa? – eu pergunto, e ela assente.

Quando foi que eu comecei a pensar no convento como minha casa, como um lugar seguro de recolhimento?

E, com Inez no comando, quanto tempo isso pode durar?

Dezenas de garotas se reuniram no refeitório. Estão jogadas nas cadeiras, com o queixo apoiado nas mãos. Algumas bebericam xícaras de chá, mas quase ninguém se deu ao trabalho de tirar a capa ou as botas. Elas só estão... esperando. Em silêncio. Com um ar de desespero fúnebre. O único som é o das agulhas de tricô de Grace.

Quando entramos, rostos se alegram.

– Cate! – Addie ajusta os óculos com o indicador. – O que vamos fazer?

Achei que Inez estaria aqui tramando e denunciando os Irmãos, mas nenhuma professora está presente. Talvez ela e as outras estejam reunidas na sala nova dela; ela se mudou para as instalações de Cora logo depois do enterro.

– Nós não as salvamos para que fossem executadas! – Os olhos grandes e redondos de Vi estão transparecendo fúria. – Precisamos impedir que isso aconteça!

– Como? – Alice brinca com uma mecha de cabelo dourado que escapou do coque. – Os Irmãos vão deixar todas presas no prédio do Conselho Nacional, com dezenas de guardas de vigia durante toda a noite.

Repassei as nossas opções durante a caminhada silenciosa até em casa, e pensei no mesmo que Alice.

– Vamos ter que esperar e libertá-las amanhã, então.

– Na frente de todo mundo? – Vi se encolhe contra o espaldar alto de sua cadeira de madeira. – Mas centenas de pessoas vão estar presentes!

Ela também está certa. Centenas de pessoas vão comparecer: um grande contingente de Irmãos e seus guardas, mais os curiosos, os absurdamente devotos e aqueles que desejam ser vistos e considerados como absurdamente devotos. Sem falar em qualquer pessoa que tivesse uma conhecida querida em Harwood, com esperança de vê-la – ou de *não* vê-la – entre as vítimas.

– Milhares, talvez – eu concordo e tiro a capa. – Mas uma multidão desse tamanho... é melhor para nos escondermos no meio dela, não é?

Alice alisa a saia preta de veludo.

– Qual é o seu plano?

Botas de salto fazem barulho no assoalho de madeira atrás de mim. O som conhecido da aproximação de Inez me deixa enjoada.

– Seja o que for, senhorita Cahill, tire-o da cabeça neste mesmo minuto. O Conselho de Guerra votou por não intervir.

Como é possível? Elas não podem querer dizer que vão ficar só olhando sem fazer *nada*.

Mas vejo o brilho satisfeito nos olhos castanhos de Inez e sei que é exatamente isso que ela quer dizer. Antes de Cora morrer, o Conselho de Guerra era equilibrado: Cora, Gretchen e Sophia contra Inez e suas lacaias Evelyn e Johanna. Agora, com Cora morta e Sophia fora, Gretchen seria o único voto dissidente. Dou uma olhada nela quando entra na sala arrastando os pés e reparo nas inúmeras pequenas veias vermelhas em seus olhos cansados. Ela envelheceu dez anos nas duas últimas semanas.

– Quer dizer que vai apenas ficar parada, observando enquanto elas são enforcadas? – O corpo roliço de Rilla praticamente brilha de indignação.

Inez assente e diz:

– Sentem-se, meninas.

Ocupo a cadeira mais próxima, com Mei e Rilla ao lado. Inez caminha até a cabeceira da mesa. As outras professoras se sentam, mas ela fica em pé atrás da cadeira, feito um general perante suas tropas. Seu cabelo castanho, um pouco grisalho nas têmporas, está preso com severidade em um coque na altura da nuca. Vestida de preto como sempre, com o rosto tenso, as bochechas ocas e as sobrancelhas grossas, ela não é uma mulher bonita, de jeito nenhum, mas, mesmo assim, domina o salão.

– Foi terrível o que os Irmãos decidiram fazer – diz ela. – Qualquer pessoa suspeita de bruxaria será morta sem julgamento. Sem que tenha permissão de proferir uma única palavra em defesa própria. Em breve, qualquer pessoa que defender uma bruxa será assassinada por ser considerada simpatizante. O que presenciamos agora é o início do segundo Terror.

O salão fica em silêncio, tirando o estalo do fogo na lareira. Estremeço com o som ao me lembrar das palavras do Irmão Ishida na noite anterior à minha partida de Chatham: *Se dependesse de mim, eu ressuscitaria as fogueiras.*

Bom, ele está prestes a realizar seu desejo. As filhas dele estarão entre as primeiras vítimas. Elas serão enforcadas, não queimadas, mas por que debater métodos? Ele com certeza vai ficar feliz de ver as duas mortas, homem devoto que é.

Olho para Inez. Minhas emoções estão agitadas, fazendo o sangue pulsar nas minhas veias. Meu estômago se revira, meu rosto fica corado e meu cérebro se esforça para pensar em maneiras de impedir isso. Não vou ver Rory e Sachi enforcadas. Mas Inez parece... calma. Está com as mãos apoiadas no espaldar da cadeira de madeira sem tremer.

– Estão fazendo isto por causa *da senhora* – digo. Algumas garotas mais novas engolem em seco com a minha ousadia. – Por causa do que a senhora fez com o Conselho Titular.

– Essa é uma acusação grave, senhorita Cahill. – Inez aperta os lábios finos. – Acha que eu queria isso? Ver sessenta garotas inocentes sofrer? Não. Elas ainda estariam a salvo, na cama, se você e suas amigas não as tivessem libertado.

– A salvo na cama? – Parvati se levanta de um pulo. – Não. Nunca estivemos *a salvo* lá.

– Isso não muda os fatos... *eu* não sou responsável por isso. Se deseja culpar alguém pela violência repentina dos Irmãos, senhorita Cahill, sugiro que olhe no espelho. – Inez funga. – Sinto muito pelo que os Irmãos estão planejando fazer, mas não é nossa obrigação detê-los. A maior parte daquelas garotas não é bruxa. Elas não são nossa responsabilidade.

Irmã Edith, a professora de artes, dá um passo adiante.

– Se elas não são bruxas, só piora. Estão sendo assassinadas por crimes que nós cometemos!

– É uma infelicidade! – Inez reconhece e percorre com os olhos o grupo de meninas encolhidas. – Mas, como chefe da Irmandade, minha obrigação é proteger vocês durante este período difícil. Se dependesse de mim, eu não teria acolhido aquelas que não são capazes de executar magia.

Grace larga o tricô e se volta para a irmã, em pânico.

– Mas eu não tenho outro lugar para ir!

– Não tenho intenção de colocá-la na rua agora que está aqui, senhorita Wheeler. – Inez acena com a mão, e seu anel de prata solta um brilho alaranjado com a luz da lareira. – Mas haverá milhares de pessoas reunidas amanhã: Irmãos, guardas e pessoas ansiosas pelo espetáculo da execução em massa. Se tentarmos detê-los, corremos o risco de chamarmos atenção para nós mesmas. Seria tremendamente difícil, senão impossível, manter encantos e ao mesmo tempo executar tanta magia. Se formos pegas, além de arriscar que indivíduos sejam presos ou executados, também nos arriscaremos a expor a Irmandade e todas as garotas daqui.

Indivíduos devem ser sacrificados pelo bem do todo. Ela não diz isso, mas fica lá, pairando no ar, junto com os cheiros de chá e de madeira queimada. Ela não se importa nem um pouco com nenhuma de nós, só com o poder que nossa coletividade representa.

E Inez não está errada a respeito dos riscos; será preciso usar magia muito complicada; é um perigo terrível. Mas nem *tentar*? Eu não posso viver com esse peso.

– E como isso nos faz melhores do que os Irmãos? – exijo saber. – Se somos capazes de impedir e não fazemos nada?

– Não temos certeza se *podemos* impedir, não é mesmo? – Inez reflete. – Mas o assunto não está aberto a debate.

– Acho que deveria estar. – Tess se levanta. – Eu não mereço ter voto?

Murmúrios se espalham pelo salão feito um incêndio florestal.

– Ela é o oráculo. – As palavras de Rilla não são exatamente necessárias, mas parecem fortificar Tess. Ela se apruma mais, com os ombros para trás, tira os cachos louros claros do rosto em forma de coração.

Inez leva um dedo magro aos lábios.

– Você previu a votação dos Irmãos? Previu a captura das prisioneiras? Qualquer coisa sobre amanhã?

O salão todo parece prender a respiração. O rosto de Tess fica bem vermelho.

– Não.

Inez dá de ombros.

– Então, não vejo motivo para o oráculo ter relevância. Não damos poder de voto a Brenna Elliott, damos?

– Essa é uma equivalência falsa. Eu não estou na mesma posição de Brenna. – Tess estreita os olhos cinzentos. – A profecia diz que *eu* vou ser responsável pelo ressurgimento da magia.

– Ou por causar um segundo Terror. – O sorriso de Inez murcha. – Eu não me esqueci disso. Você é meio como uma faca de dois gumes, não é? Também não me esqueci de que você tem 12 anos e ainda dorme com um ursinho de pelúcia. Ainda precisa crescer muito, minha cara.

Tess fica ainda mais vermelha com a condescendência de Inez e seus ombros desabam.

Eu me levanto.

– Tess tem idade suficiente para distinguir certo e errado, e isso é algo que parece difícil para a senhora.

– Eu a proíbo de interferir, Cate. – Inez coloca as mãos na cintura ossuda. – A praça Richmond vai estar abarrotada amanhã. Duvido que você possa salvá-las, e, se tentar, vai colocar todas nós em perigo. Não vou permitir.

– Não vai *permitir*? – Solto uma risada. – O que vai fazer? Me trancar no armário? Vai me imobilizar?

Há uma longa pausa. Inez remexe no broche de marfim na garganta, os olhos castanhos fixos nos meus.

– Não posso deter você, é verdade – diz ela. – Mas, se for pega, não vou arriscar outras vidas para salvar a sua. Minha primeira preocupação, agora e sempre, é a preservação da Irmandade.

Quando finalizamos um plano para remediar a situação, só faltam algumas horas para o sol se erguer.

Quero que o mínimo de garotas possível se envolva. Como Inez disse, a operação é perigosa, e ficou ainda mais pelo fato de que algumas das nossas bruxas mais poderosas se recusam a ajudar. No fim, decidimos que apenas seis vão fazer alguma coisa: Elena, Mélisande, Rilla, Mei, Tess e eu.

Eu me viro para Elena depois que todas as outras saem do quarto.

– Você acha que vai dar certo?

Até Elena, geralmente tão elegante e inabalável, está meio desarrumada às três da manhã. Ela está estirada em seu sofazinho amarelo com a cabeça apoiada no braço, os olhos castanhos sonolentos.

– Espero que sim, ou todas vamos morrer – ela diz segurando um bocejo.

Passo as mãos no meu cabelo embaraçado. Desfiz as tranças há horas.

– Que maravilha.

– É magia, não ciência – diz ela. – Muito depende da rapidez com que Sachi e Rory conseguirem tomar decisões e da condição das garotas. Se tiverem apanhado, se estiverem com as pernas quebradas, qualquer coisa assim...

– Elas nunca vão conseguir escapar. – Eu me apoio na cama com dossel.

– Espero que não seja o caso. – Agora ela boceja e estica os braços por cima da cabeça, feito um gato. Eu também bocejo e, quando abro os olhos, vejo que ela me examina com atenção felina. – Já falou com Maura?

Eu viro para o outro lado.

– Você viu o que aconteceu quando estávamos juntas na mesma sala.

– Vi quando ela provocou e você perdeu a paciência. Não a culpo, Cate. Ela sabe ser má. Mas você não pode evitá-la para sempre.

– Não posso? Isso é o que veremos. – Estou irritada. – Não podemos fazer mais nada hoje à noite. Durma um pouco.

Saio do quarto dela e vou em direção ao meu. Dobro o corredor e fico surpresa de ver Alice encolhida na frente da minha porta com a cabeça apoiada no papel de parede verde florido.

– Finalmente! – Ela se ergue de um salto. – Faz uma eternidade que estou esperando.

– O que você quer, Alice? Preciso ir para a cama. Se está aqui para discutir comigo sobre amanhã...

– Pode parecer espantoso, mas não. Preciso lhe contar uma coisa. – Ela vai até a escada e faz um sinal para eu acompanhá-la. Está usando um penhoar de cetim cor de marfim que roça o alto de seus pés descalços, o cabelo está enrolado em bobes.

– É algum tipo de armadilha? Você vai me enfiar dentro de um armário? – exijo saber.

Ela revira os olhos.

– Não seja ridícula.

A altivez dela me irrita, mas estou curiosa, por isso vou atrás dela até a sala de visitas formal. As lamparinas de gás de ambos os lados da lareira estão acesas, há fogo queimando atrás da tela e há um cobertor amontoado em uma ponta do sofazinho cor de oliva desconfortável.

– Espere, você está dormindo aqui?

Ela fica corada.

– Maura e eu brigamos.

Alice fecha a porta e então atravessa a sala e fica na ponta dos pés para puxar a cordinha que fecha a grade de cobre. Quando termina suas precauções, vai até a janela.

– Por que tanto segredo? – Ainda estou com meu vestido áspero de bombazina e exausta o suficiente para o cobertor no sofazinho parecer convidativo.

– Isto é importante – diz ela, irritada. As cortinas cor de vinho estão fechadas, mas Alice puxa uma de lado e espia a rua. – Depois do enterro, Irmã Inez conversou em particular com Irmão O’Shea. Eu estava escutando pela grade. Foi assim que caí daquela banqueta. Estava tentando escutar melhor.

– Eu me lembro. – Alice é uma abelhuda inveterada. Todas sabemos disso.

Alice aperta os nós dos dedos contra os lábios. Parece desconcertada de verdade.

– Cate, o que eu escutei... A razão por que caí... Achei que tinha entendido mal. Eu *rezei* para ter entendido mal. Não podia imaginar...

A desconfiança toma conta de mim.

– Alice, o que você escutou?

Ela se vira de frente para mim.

– Inez contou a Irmão O’Shea onde encontrar aquelas garotas.

Claro que sim.

– Você já sabia? – Alice pergunta, e eu faço que sim com a cabeça. – Não está surpresa. – Balanço a cabeça mais uma vez, meu cabelo louro cai por cima dos ombros. – Acho que ela estava negociando para manter a Irmandade em operação, para provar sua lealdade. Mas, mesmo assim, não serve... não serve de desculpa. Ela sabia o que poderia acontecer.

Será que Inez sabia que todas seriam executadas? Ela devia ter intuído que era uma forte possibilidade. Mas acho que ela espera de verdade que, se os Irmãos forem terríveis o suficiente, as pessoas vão se erguer contra eles e as bruxas vão parecer uma alternativa promissora. O que é a morte de algumas dezenas de garotas em comparação com esse tipo de poder?

Quase fiquei com pena de Alice. Ela sempre foi a queridinha de Inez. Antes de minhas irmãs e eu chegarmos, ela era a única pupila do convento capaz de executar magia mental. Inez deve ter se decepcionado ao ver a queda de sua heroína.

– Inez quis dizer exatamente o que disse – eu explico e me apoio na lareira de mármore. – Ela só se preocupa com a Irmandade. Especificamente, quer derrubar os Irmãos e ficar no comando. Ela não se importa com quem morrer no processo. No que isso é diferente do que

você fizeram com o Conselho Titular? São onze homens mortos... ou como se estivessem mortos. Você não viu nada de errado naquilo.

– Mas estas são *garotas*. – Alice se afunda na poltrona marrom perto do fogo. A saia de cetim dela se aglomera contra o tapete de cor sem graça. – O Conselho Titular transformou nossa vida em um inferno. Estas garotas... Elas foram descuidadas, talvez, ou apenas não tiveram sorte. Não merecem...

– Você nunca se preocupou com as garotas de Harwood.

– Eu não queria que elas morressem! – ela solta um berro estridente e então tapa a boca com a mão. – Se todas forem mortas amanhã, a culpa vai ser minha, não vai? Por não ter contado antes?

Tudo continua girando em torno dela.

Mas nem Alice merece achar que é responsável por isto.

– Não sei se teria sido possível avisá-las a tempo. A culpa não é sua, Alice. É dos Irmãos, por votar e permitir os enforcamentos. É de Inez, por contar a O’Shea onde ficava a casa de segurança.

Mas quem contou para Inez? Será que ela compeliu alguma das minhas garotas, ou será que temos uma traidora entre nós? Não fui eu. Não foi Tess. E, por mais estranho que seja admitir depois do nosso início conturbado, eu confio em Elena.

A menos que Elena tenha confidenciado a Maura... e Maura tenha contado a Inez.

– Por que está sendo gentil? Eu sei que você não gosta de mim.

Dou de ombros.

– A verdade é que seu jeito para ilusionismo poderia ser útil para nós amanhã. Você está mesmo arrependida? Prove. Ajude a impedir isto.

As mãos de Alice estão apertadas no colo.

– Tudo bem.

– Que bom. Rilla e eu vamos colocar você a par do plano antes do serviço religioso. Pode caminhar conosco, e vamos nos sentar juntas na igreja. Não quero que você saia do meu campo de visão até tudo terminar, entendeu? E vai trabalhar com ela sem discutir?

Alice assente.

– Boa noite, Cate.

Dou meia-volta em direção à porta, sem conseguir conter a curiosidade.

– Você contou a Maura o que escutou? Foi por isso que ela a expulsou?

Alice se levanta e apaga as lamparinas. A única luz vem das brasas cor de laranja da lareira.

– Ela não acreditou em mim. E me acusou de inventar tudo por ciúme de Inez dar tanta atenção a ela.

Vou para o andar de cima no escuro, Tateando o caminho. Minha irmã está perdida demais, não tenho a menor esperança de comovê-la. Mesmo que eu quisesse.

CAPÍTULO

7

COMO É QUE A GENTE SE VESTE PARA um enforcamento?

Estou de botas pretas e com meu vestido preto de Irmã e ajeito os últimos grampos no meu coque quando Brenna desliza para dentro do meu quarto com passos silenciosos de gato. Parece que ela nunca anda como uma pessoa normal; está sempre dançando, rodopiando ou se esgueirando. Eu me sobressalto quando vejo o reflexo dela no espelho em cima da penteadeira.

– Olá, Cate – diz ela.

– Olá, Brenna. – Pouse minha escova prateada na penteadeira. – Está tudo bem?

– Você vai salvar Rory depois que sair da igreja. Vai ter fogo e muita gente gritando. – Brenna se esgueira mais para perto, até parar bem atrás de mim. O hálito dela é doce e seus dedos estão manchados da geleia de framboesa que ela deve ter passado em alguma torrada. – As armas fazem *pop-pop-pop*.

Ah, espero que seja menos terrível do que ela faz parecer. Por favor, Senhor, permita que tudo corra bem.

– *Por todo o redor do palco da força, explosões perseguem as pessoas. E atrás delas, em velocidade redobrada, as fuinhas fazem pop!* – Brenna cantarola. Eu me viro para olhar para ela, e ela sorri. – Os Irmãos são fuinhas. As armas fazem *pop*. Não podemos permitir que façam *pop* em Rory.

– Hm... não. – Engulo em seco. – Eu vou à igreja e depois à praça Richmond, e vou trazer Rory de volta para casa. Não se preocupe.

A menos, é claro, que ela saiba que há algo com que devo me preocupar.

Meu coração bate forte. Rory não; por favor, Rory não. Ela já passou por tanta dificuldade, com a mãe bêbada e o pai estúpido.

– Também estou vestida para a igreja. – Brenna rodopia. Ela visitou o armário da prima mais uma vez. Hoje, está com um vestido dourado com peônias vermelhas por toda a saia e uma franja vermelha na bainha. Para dizer a verdade, parece mais uma cortina. – Eu quero ajudar.

– Ah, Brenna, não. – Não posso ter de me preocupar com um oráculo maluco além de tudo. – Alguém pode ver você. Não é seguro sair daqui.

Brenna coloca uma mecha de cabelo castanho na boca e mastiga, olhando fixo para mim com seus olhos azuis assombrosos.

– Eu sabia que você diria isso.

Como temos dois oráculos e nenhum deles pode ajudar? Mordo a língua antes de dizer algo ácido. Afinal de contas, elas só têm visões de forma involuntária.

– Quer mais alguma coisa?

Brenna arrasta os pés descalços no assoalho.

– A pequenina sabe mais do que está dizendo.

Fico paralisada.

– Como assim?

– Shhh. – Ela faz o gesto de trancar os lábios e jogar a chave fora. – Eu prometi.

– Tess viu algo e pediu que você não me contasse?

Brenna assente.

– Ela fica magoada por esconder um segredo de você. Não quero que ela sofra. Ela ainda é muito pequena.

– Eu sei. – No andar de baixo, o relógio de pêndulo começa a bater a meia hora e eu me levanto. – Preciso ir agora. Para a igreja e depois salvar Rory. Vou trazê-la para casa. – Rezo para não estar mentindo.

– Vai, sim. – A mão de Brenna dispara com a velocidade de um raio e pega a minha. As unhas afiadas dela se fincam no meu pulso. – Obrigada, Cate.

Eu me desvencilho.

– De nada, Brenna.

Ficar sentada durante toda a cerimônia é uma tortura. O próprio O’Shea ocupa o púlpito. Ele discorre longamente a respeito do inferno e da agonia que aguardam as almas condenadas das bruxas. Finalmente somos todos liberados, cegos feito filhotes de rato, piscando ao sol frio da manhã. Metade da multidão sai da catedral e vai direto para a rua estreita com calçamento de pedra que leva à praça Richmond.

Ando de braços dados com Tess, nossas botas vão esmagando a grama congelada como se estivessemos a caminho de um piquenique, não de um enforcamento, mas tomo o cuidado de observar os esquadrões de guardas uniformizados de preto e dourado. Há nove guardas em cada esquina da frente da praça, e aposto que um terceiro esquadrão está posicionado no portão de trás.

Os Irmãos estão esperando confusão, e querem que saibamos disso. Os guardas estão armados com revólveres e baionetas. Meus dedos se apertam na manga de Tess e, atrás de nós, ouço Rilla prender a respiração afobada. Alice está tagarelando a respeito do dinheiro levantado pelo bazar como se estivesse preocupada com os pobres. Ela é boa em enganar. Examino a multidão até encontrar Mei, vestida com uma capa cinza velha e puída, com uma

saia cor de tangerina aparecendo por baixo. Ela e Mélisande faltaram ao culto para explorar os becos e traçar planos para levar as garotas de volta ao convento.

Um dos benefícios de uma cidade movimentada como Nova Londres é que ninguém sabe quem foi à igreja ou não.

Damos a volta pela frente dos tapumes. A forca é construída de carvalho cortado de modo grosseiro. Duas traves retas suportam uma via grossa, e, na viga, seis laços estão pendurados. O piso, uma plataforma erguida a quatro metros do chão, é um alçapão que vai ceder quando a alavanca for acionada, e, por baixo, há uma trincheira para abrigar os corpos.

Rezo para que nenhum corpo caia ali.

Os dedos sem luvas de Tess tremem no meu braço. Estamos a três metros do lugar onde nossas amigas estão para ser enforcadas.

Continuamos caminhando e nos juntamos à multidão mais ao fundo. Conto os Irmãos com suas capas pretas: vinte, trinta, quarenta, mais. Estamos em minoria deslavada.

Um dos Irmãos se vira, e seus olhos castanhos encontram os meus. Finn.

Meus passos falham quando ele caminha na nossa direção.

– Bom dia, Irmão Belastra.

Será minha imaginação ou ele parece perturbado com a saudação?

– Senhorita Cahill, podemos conversar por um momento?

Assinto.

– Tess, vá na frente e encontre um lugar para assistirmos. Eu já vou.

Finn e eu nos afastamos alguns passos da multidão que se desloca. O capuz dele cobre a cabeça, mas os cachos cor de cobre escapam para fora.

– Não sei muito bem como lhe dizer isto, portanto serei direto. Duas moças que serão executadas hoje são de Chatham. Sachi Ishida e Rory Elliott.

Finjo surpresa e levo a mão à boca.

– Eu sabia que Sachi tinha sido presa no mês passado, mas Rory também?

– Ela e Sachi sempre foram unha e carne. – O olhar dele recai sobre a grama de inverno.

– Achei que ia querer saber. Para se preparar.

Ah, eu não podia estar mais preparada. Dou uma olhada sem jeito para a forca e depois para o prédio do Conselho Nacional ao lado da catedral de onde, a qualquer segundo agora, as prisioneiras serão trazidas sob a escolta de guarda pesada.

– Obrigada. Tudo isso é horrível.

A cabeça de Finn se ergue de supetão.

– Eu votei contra. A volta disso. – Sua boca de cereja se curva de desgosto. – Eu só... queria que a senhorita soubesse disso. Não sou o tipo de homem que considera o assassinato uma solução.

Eu sorrio.

– Eu sei.

– Sabe? – Ele dá um passo para mais perto. Mais perto do que é apropriado, levando em conta que estamos às vistas de metade de Nova Londres. Por trás dos óculos, os olhos castanhos dele fitam os meus. – Como me conhece assim tão bem, Cate Cahill?

Ah, só isso... A voz dele dizendo o meu nome faz os dedos dos meus pés se encolherem dentro das botas, e meu rosto corar.

– Eu... eu preciso ir andando – balbucio. O que estou fazendo, fingindo que sou amiga dele? – Preciso me juntar às Irmãs.

– Espere. – Os dedos calejados dele são ásperos contra a pele fina do meu pulso. Meu coração bate forte com o toque dele. – Você sabe de algo, não sabe?

Eu devia me afastar.

– Eu sei de várias coisas. Não sei o que quer dizer.

– Você mente muito mal. – A voz dele é baixa, íntima. Ele diz palavras que só eu posso escutar. – Aconteceu algo comigo, e não sei o que é... mas você estava comigo quando retomei a consciência. Na noite em que as garotas fugiram de Harwood.

Dou uma olhada no aglomerado de Irmãos perto da forca. Irmão Ishida se virou, está de olho em nós. Desvencilho o braço, e Finn enfia as mãos nos bolsos.

– Não sei nada sobre isso.

– Sean Brennan está foragido porque foi acusado de traição. Posso não me lembrar de muita coisa, mas sei que ele é um bom homem. Tenho certeza de que ele não teria votado por isso. – Finn parece furioso. – Alguém o enquadrrou, e me usaram para fazer isso. Encontraram um lenço em Harwood, no corpo de uma bruxa morta. Um lenço bordado com um *B*. E não é de Brennan. Eu sei disso porque o reconheci. É *meu*.

– Shhh! Você é louco? – pergunto. – Quer ser preso e enforcado também?

– Não parece chocada. – Ele olha bem para mim. – Eu estive em Harwood? Você também?

Ele juntou as informações mais rápido do que eu pensava, mas me faço de tonta.

– Não se lembraria se tivesse estado lá?

As sobrancelhas dele se curvam para baixo.

– Não – diz ele, baixinho. – É estranho, mas acho que não.

Ele sabe. Eu me esforço para manter o pânico afastado do meu rosto.

– Não podemos conversar sobre isso aqui.

– Então, onde? Quando? – pergunta ele. – Devo fazer-lhe uma visita hoje à tarde?

– Não! Não pode ir ao convento. – Dou uma olhada para trás em busca de Tess e Rilla. Alice está parada a alguns passos das outras, discutindo com Maura... mas Maura me observa com Finn. – Não posso ser vista com você, eu... É perigoso. *Por favor*, Finn.

Ele não recua, mas seu rosto se suaviza quando eu uso o primeiro nome dele.

– Preciso de respostas.

– Eu compreendo, mas... não pode se arriscar a ir ao convento. Não é seguro. – Penso rápido. – A papelaria O'Neill's. Fica na rua Cinco. Podemos nos encontrar no beco dos

fundos hoje à noite, às dez. Agora... vá embora.

Finn assente.

– Muito bem. A gente se vê, então.

Eu me apresso para me juntar às outras. Maura sumiu no meio da multidão, que agora enche a praça. O público está aglomerado ao longo de três lados da cerca alta de ferro batido. A menos que as pessoas entrem em pânico suficiente para escalá-la e se arriscar a um ferimento pelas pontas de lança no alto, as únicas saídas são na parte da frente e pelo pequeno portão do fundo. Se tudo correr como planejado, vai ser uma loucura.

– O que Maura queria? – pergunto.

– Me acusar de vira-casaca.

Alice parece desanimada, está toda corada, seus olhos azuis piscam nervosos.

– O que *ele* queria?

– Me avisar que nós conhecemos duas das garotas que serão executadas, que são de Chatham. Achou que eu poderia ficar *perturbada* com isso – explico.

– Que gentil. – Rilla observa Finn voltar para a multidão de Irmãos. Há centenas deles bem na frente, prontos para assistir ao resultado da votação sendo executado. Imagino se a presença deles aqui é obrigatória. Certamente alguns deles não estão ansiosos para presenciar este espetáculo; assim como Finn, alguns votaram contra isso, não?

– Pareceu um pouco mais pessoal – diz Alice.

– Não foi – respondo irritada. – E não acho que você esteja em posição de questionar a *minha* lealdade.

Sou poupada da resposta de Alice pelo furor repentino. Guardas estão arrebanhando as sessenta prisioneiras pelos degraus do prédio do Conselho Nacional e atravessando a rua até a praça. Apesar do frio, as garotas não usam capas. Estão com as mesmas saias marrons ásperas e as blusas brancas finas usadas como uniforme em Harwood.

Desgraça. Eu esperava que elas tivessem conseguido se trocar antes de serem capturadas. Seria mais fácil se perder na multidão assim. Observo o rosto delas quando se aproximam, estreitando os olhos para encontrar Sachi e Rory. Elas marcham lado a lado, com as mãos amarradas nas costas. Rory, alta e voluptuosa, se avulta por cima da irmã menorzinha.

Ao nosso redor, a multidão se agita, esticando o pescoço para enxergar melhor. O que estão pensando? Será que estão surpresos pela pouca idade da maior parte das prisioneiras, por estarem tão magras e desnutridas? Ou será que acreditam nas mentiras dos Irmãos, que os rostos mais inocentes escondem os pecados mais insidiosos?

Os guardas abrem caminho. Será que conseguiremos nos desvencilhar deles? Será que isto tem como dar certo? Olho fixo para as meninas. Não apresentam hematomas – pelo menos não onde consigo enxergar – e parecem bem calmas. Eu imaginava que algumas estariam se debatendo, chorando ou balbuciando orações.

Alice belisca meu braço.

– Elas estão drogadas – sussurra ela, e sinto seu hálito na minha orelha.

Ai, não. Eu nem tinha pensando nesta hipótese... mas é claro que sim. Os Irmãos devem ter forçado as garotas a tomar láudano, como faziam em Harwood. É por isso que as prisioneiras parecem tão sonolentas, estreitando os olhos por causa do brilho do sol.

Não podemos contar com a magia delas. Está tudo na nossa mão.

Os guardas conduzem seis garotas à plataforma e dirigem o restante para uma área fechada com corda do lado esquerdo da forca. Sachi e Rory estão no primeiro grupo. Os integrantes mais fervorosos do público entoam epítetos:

– Bruxas desgraçadas! – um homem corpulento e barbado grita.

– Diabas! – outro homem exclama e faz o sinal da cruz.

– Voltem para o inferno! – uma velha berra.

O esforço causa um ataque de tosse que a deixa com o rosto vermelho, apertando a capa esfarrapada ao redor do corpo. Pressiono os lábios ao me lembrar do aviso de Mei em relação à febre no bairro do rio. Acho que não fomos as únicas pessoas que ouviram os boatos; quem está ao redor da velha se afasta e cobre a boca com o cachecol.

– Ratazanas do rio desgraçadas. Deviam ser enforcadas junto com as bruxas – o homem de barba balbucia para o amigo, olhando feio para a velha doente.

Algumas pessoas trouxeram comida podre para jogar nas garotas. Sachi se contorce quando um tomate mole bate contra a saia marrom e respinga no rosto dela. Fico imaginando se os Irmãos distribuíram isso. Os pobres entre o público não têm comida para desperdiçar, nem com algo tão divertido assim.

Os olhos escuros de Sachi examinam a multidão e me pergunto se ela está à minha procura. Será que ela acredita que vou impedir isto? Não pude impedir a prisão dela, mas seu olhar recai sobre uma figura próxima à frente. O pai dela. Como será que Irmão Ishida se sente ao ver as duas filhas na forca? Terá endurecido tanto o coração, a ponto de ser capaz de ficar ali apático, ou sua consciência pesa um pouco?

Senhor, como eu desprezo esse homem.

Tess pega minha mão. Deixo minha raiva se erguer, a magia agita meus músculos e flexiona meus dedos contra a palma da mão dela.

Os executores dão um passo adiante para colocar o laço ao redor do pescoço das garotas.

– Agora – Alice diz sem abrir a boca.

A forca entra em combustão. O fogo salta pela viga e engole a estrutura até as traves de suporte. Fumaça cinzenta sobe ao redor do palco, espalhando fagulhas.

Não é real: é apenas uma ilusão. Mas é bem convincente. Juntas, Alice e Rilla são extraordinárias.

As pessoas começam a fugir, berrando e empurrando na direção das saídas. O’Shea e seus camaradas são levados para longe da forca por um esquadrão de guardas, derrubando as pessoas comuns pelo caminho enquanto avançam. À procura de Finn, examino a multidão de Irmãos restantes, mas é impossível distingui-lo no mar de capas pretas.

– Rápido, rápido! Logo vai ser como um estouro de boiada e nós seremos pisoteados! – uma mulher de meia-idade choraminga e puxa o braço do marido. Estão correndo na direção do portão dos fundos, o mais próximo, mas vai demorar um século para todo mundo passar por ali. Só tem largura suficiente para duas pessoas saírem ao mesmo tempo.

– Alguém chame os bombeiros, rápido, antes que toda a praça seja destruída! – o homem barbado perto de nós grita.

No palco, Rory sorri.

Um guarda de cabelo escuro pega a baioneta.

– Bruxaria! – urra ele.

Tess aperta minha mão e minha magia flui para ela e se junta a seu próprio poder. Ela lança seu feitiço em silêncio e imobiliza os guardas. O homem da baioneta avançou; a lâmina de aparência horrorosa para quase nas costas de Rory. Chegou muito perto de atingi-la. Um soldado louro continua segurando o laço, paralisado no meio do movimento de colocar a cabeça de uma garota magricela de cabelo preto dentro dele. Ela desvia.

As cordas que prendem as prisioneiras flutuam no ar feito cobras, enrolando-se ao redor do peito dos guardas. Se nosso feitiço falhar, eles não vão conseguir disparar os rifles até se libertarem. Isso é obra de Elena.

Rory e Sachi pegam a garota de cabelo escuro e gritam alguma coisa. Todas as seis garotas que estão no palco correm na direção dos degraus.

As chamas se movem com rapidez, espalhando-se pelas pernas da plataforma, lambendo a grama morta e marrom. Agora sinto o cheiro da fumaça; sinto o gosto amargo no fundo da garganta. Ouço os estalos e saio do transe. Parece que a força pode desabar a qualquer momento e esmagar quem estiver por perto.

Os guardas no chão berram. Estão com os rifles em punho, mas não conseguem dar nenhum bom tiro, pois estão parecendo estátuas. Um esquadrão se move para interceptar as garotas, mas, quando Tess lança seu encanto, o primeiro soldado para de maneira abrupta, congelado no meio do movimento. O homem que vem atrás bate nele e todos caem no chão feito uma fileira de dominós e ficam lá estirados, sem se mover, com os olhos fixos nas chamas que avançam em sua direção.

Espero que estejam assustados. Espero que estejam bem *apavorados*, melhor dizendo, achando que serão queimados até torrar.

As garotas correm escada abaixo. Sachi pisa com delicadeza sobre os guardas deitados no chão; Rory enfia o calcanhar bem no estômago de um. Elas estão de mãos dadas, com a menina de cabelo escuro no meio. Dou uma olhada nas dezenas de outras garotas de Harwood encolhidas embaixo do palco, olhando estupefatas para o fogo. A guarda virou um quarto do que era. Metade dos soldados está tentando controlar a multidão em disparada; outra parte corre atrás das bruxas em fuga.

Enquanto observo, as cordas que prendem as mãos das garotas deslizam para o chão e então passam para os guardas restantes. Alguns dos soldados lutam contra as cordas, mas

Tess os imobiliza quando tentam pegar os rifles. Outras saem correndo e nós as deixamos enquanto seguem. São empurradas para o chão e pisoteadas pela multidão. Quando o cérebro encharcado de láudano das garotas finalmente apreende a oportunidade de liberdade, elas começam a correr.

A praça Richmond virou um caos. Por todo o nosso redor, pessoas em pânico empurram, esbarram e tropeçam umas nas outras, berrando de medo e raiva. Tess e eu somos jogadas de um lado para outro, mas nossas mãos estão unidas com firmeza, os dedos entrelaçados. Alice e Rilla estão bem atrás, e nós quatro formamos uma unidade imóvel contra a loucura.

Um homem puxa a minha manga.

– Vamos, Irmãs! Precisamos sair daqui!

– Que diabos estão fazendo, paradas aí feito ovelhas? Todos seremos queimados vivos! – seu amigo menos cavalheiresco afirma.

Arrisco dar uma olhada antes de voltar a atenção à força.

– Não vê que estamos rezando? Vão! – ordeno irritada. Se eles distraírem Rilla e Alice, o feitiço vai se desfazer, e isso não pode acontecer ainda.

A maior parte dos Irmãos corre para as saídas, mas alguns ainda tentam deter as garotas de Harwood.

– Tess – sibilo por entre os dentes, mas Rilla e Alice são mais rápidas do que eu. Um paredão de chamas salta pela grama e rodeia o bando de Irmãos em uma prisão de fogo. Tess e eu examinamos a multidão em busca de mais guardas, mas é impossível detectá-los na confusão.

Ouçõ tiros e me contorço.

Todos ao nosso redor fugiram, deixando o meio da praça vazio. Atrás de nós, Alice e Rilla estão ajoelhadas na grama, segurando com força a mão uma da outra enquanto olham fixo para a força com os lábios se movendo, como se estivessem rezando. É uma imagem convincente de duas irmãs devotas.

– Precisamos chegar mais perto – Tess diz e nós corremos, sempre de mãos dadas, em direção à frente da praça. Alguém está tocando o sino de incêndio no alto do prédio do Conselho Nacional. Chegam duas carroças de bombeiro puxadas por cavalos, homens saltam da traseira. As máquinas bloqueiam a rua na frente da catedral, fazendo o caos aumentar. Na pressa de abandonar a praça, as pessoas estão se empurrando, correndo o risco de se queimarem com o vapor dos motores ou de ser pisoteadas pelos cascos dos cavalos.

À frente, uma garota de Harwood luta contra um homem que tem o dobro de seu tamanho. A blusa dela rasga no ombro e ela tenta se desvencilhar. Lanço um feitiço em silêncio e o jogo para trás; a garota sai correndo com passos desajeitados.

Tess cai de joelhos e se arrasta para baixo de uma das carroças de bombeiro. Vou atrás dela, achando que a falta de decoro de uma Irmã pode ser perdoada em uma emergência. Crianças choram ao se separar da família. Comerciantes das ruas ao redor correm para o

andar de cima para molhar o telhado e impedir que fagulhas, que flutuam com o vento, incendiem seus estabelecimentos. Montes de pessoas se deslocam pela rua da Igreja.

Sinto uma satisfação sombria por ter causado todo esse caos.

Na medida em que corremos, vejo um corpo – uma das prisioneiras de Harwood – estirado meio na rua, meio na calçada de pedra. Ela levou um tiro na cabeça, o sangue forma uma poça na rua a seu redor e empapa seu cabelo louro comprido. Ela tem olhos azuis vidrados e parece estranhamente conhecida. Mordo o lábio e então... ai, meu Senhor... é a mulher que eu curei na enfermaria de Harwood, aquela que perdeu o bebê.

Ela não vai para casa ver os filhos, no fim das contas.

Tess puxa minha mão e me leva para uma rua lateral menos apinhada. As mulheres abrem as janelas e colocam o corpo para fora, esquecendo o pudor, enquanto perguntam às vizinhas o que está acontecendo. Homens se reúnem na rua para compartilhar notícias, então marcham na direção da praça para ver pessoalmente o que está acontecendo. Que bom. Quanto mais gente houver ao redor das cercas, mais difícil vai ser para os guardas restantes controlarem a multidão.

Por quanto mais tempo Rilla e Alice vão conseguir manter o feitiço?

Sinto uma dor ao lado do corpo e estou exausta de lançar tantos feitiços em rápida sucessão, mas não desacelero o passo. Precisamos encontrar as prisioneiras e levá-las em segurança antes que nossa magia enfraqueça. Quantas será que Mei, Mélisande e Elena conseguiram reunir?

Avisto quatro guardas entrando no beco que fica atrás da rua Quatro e puxo Tess para trás deles, sentindo que vem confusão pela frente. Quando dobramos a esquina, Tess para de maneira tão abrupta que dou um encontrão nela.

À frente, uma carroça de leite abandonada bloqueia a rua. Sachi, Rory e a garota de cabelo escuro correm desajeitadas na direção da carroça.

– Parem! – grita um dos guardas, mas as garotas continuam a correr.

Lanço um feitiço em silêncio, tentando imobilizar os guardas, mas não funciona.

– *Intransito* – balbucio em voz alta, mas nada acontece.

Minha magia solta uma fagulha fraca.

Três guardas disparam os rifles. *Pop-pop-pop*, bem como Brenna disse, o Senhor nos ajude. Sachi berra. A garota magricela de cabelo escuro tropeça e bate na lateral da carroça segurando o braço. Garrafas de vidro sacodem e os cavalos se deslocam para o lado em seus arreios.

Estou quase chorando de frustração e pânico, e, à minha frente, Tess vacila, tonta, com as mãos apoiadas nos joelhos. Não pode estar tendo uma visão *agora*, pode?

– Tess! – eu grito e a agarro pelos ombros, tentando extrair a magia dela, mas não consigo.

Seus olhos cinzentos fitam através de mim e não sinto a magia. Vamos chegar tarde demais. Ouço botas batendo forte no chão do outro lado da carroça: deve ser mais um

guarda chegando e eu estou muito fraca; vamos todas morrer. A garota de cabelo escuro se enfia embaixo da carroça e estende a mão para puxar Sachi. Um guarda volta a atirar e dessa vez eu grito, com toda a força:

– *Intransito!*

Dois dos guardas ficam paralisados. Rory se vira para trás com o som da minha voz e hesita bem quando um soldado avança com sua baioneta e...

– *Rory!* – É Brenna, abaixada entre a parede de tijolos da loja e a parte de trás da carroça. Ela se joga entre Rory e o guarda com os braços abertos.

Brenna se coloca diante da baioneta. A arma penetra nela, atravessa seu corpo, o som...

– *Intransito!* – Tess grita, e os dois últimos soldados ficam imobilizados um segundo tarde demais.

– Brenna! – Rory berra. Tess e eu corremos na direção delas, desviando das estátuas de guarda.

Brenna está espetada na carroça. O vermelho floresce na barriga dela, imitando as peônias salpicadas em sua saia. De onde ela veio? Como foi que nos encontrou?

Rory se agarra ao meu braço.

– Cate, faça alguma coisa! Conserte isso!

Engulo em seco.

– Não posso. – Os olhos azuis de Brenna estão vazios, olhando fixo além de nós para... quê? Em que ela pensava em seus últimos momentos? Tudo acontece rápido demais.

Obrigada, Cate. Será que ela sabia? De que outra maneira poderia estar aqui, no momento exato?

Rory arranca o rifle das mãos paralisadas do soldado mais próximo e se vira para o guarda que matou Brenna. Ele não pode se mover, mas seu olhar mostra que ele está ciente, apavorado, suplicante.

– Não. – Eu me coloco entre ela e o guarda.

– Ele matou Brenna! Ele ia me matar! – Rory ergue o rifle até o ombro e afasta o cabelo escuro do rosto.

Sachi segura o braço de Rory.

– Precisamos sair daqui antes que mais guardas cheguem.

– Saia da frente, Cate! – Rory ordena e brande a baioneta. Lágrimas escorrem em silêncio por seu rosto. – Eu vou furá-lo, do mesmo jeito que ele fez com ela.

– Não. Você não é uma assassina. Você é melhor do que isso – eu afirmo e planto os pés no chão.

– Não é isso que Brenna iria querer – Tess diz baixinho.

Ela lança um feitiço rápido nas garotas e transforma os uniformes de Harwood na roupa preta das Irmãs.

– Ela está certa – concordo. – Hoje de manhã... ela falou sobre salvar você, Rory.

– Ela *sabia*? – Rory soltuça mais forte e passa a segurar o rifle com menos firmeza, permitindo que Sachi o tire dela e o jogue de lado.

– Precisamos ir. – Tess pega minha mão e faz um gesto para os guardas. – Vou apagar a memória deles.

Ela puxa a magia de mim, e desta vez parece que está tirando água de pedra. Meus músculos estão doloridos; meus dedos, rígidos. Minha magia bruxuleia e se esvai até eu ficar esgotada.

Sachi abraça Rory pelos ombros e a conduz pelo espaço entre a parede e a carroça. Dou uma última olhada em Brenna. Detesto abandoná-la assim, mas que escolha nós temos? Não podemos sair desfilando com o corpo dela pelas ruas. Cambaleio atrás das minhas amigas.

– Está tudo bem? – a garota de cabelo escuro pergunta.

Atrás dos óculos, ela tem enormes olhos cinzentos. Com uma das mãos, segura o ombro com força; tem sangue nos dedos.

– Eu é que devia perguntar. Você levou um tiro – observo.

Ela dá de ombros.

– Acho que só pegou de raspão. Está ardendo um pouco, mas o láudano ajuda.

– Pronto. – Tiro a capa e a coloco em volta dos ombros dela. – Não quero que ninguém veja isso.

– Acho melhor não. – Ela estende a outra mão para que eu a aperte. – Ouvi falar muito de você, Cate. É um prazer finalmente conhecê-la. Eu sou Prudencia Merriweather.

CAPÍTULO



NÃO É SUFICIENTE. NUNCA É SUFICIENTE.

Salvamos dez garotas. Mei estava esperando com três quando voltamos para o convento. Mélisande se esgueirou pelo portão do jardim com mais quatro, pouco depois de chegarmos. São dez, contando Sachi, Rory e Prue Merriweather.

Mas Brenna está morta e Elena, desaparecida.

Horas se passaram. O sol está se pondo agora, contornando de dourado os telhados triangulares do outro lado da rua. Sachi, Rory e Prue estão sentadas no sofazinho cor de azeitona na sala de visitas. Curei o ombro de Prue assim que minha magia voltou. Uma das garotas de Mélisande tinha um corte feio de baioneta no antebraço, e outra tinha sido pisoteada pela multidão e torcido o tornozelo. Todas vão ficar bem, mas agora eu olho pela janela, com a testa encostada no vidro frio e o estômago revirado. Onde está Elena?

Rilla e Alice chegaram em casa uma hora depois de nós, e isso já foi bem enervante. Um grupo de Irmãos as tinha convidado para ir à catedral de Richmond rezar, e elas não acharam prudente recusar. Ambas pareciam acabadas quando entraram aos tropeços pela porta, com os olhos vidrados de exaustão. Alice quase desmaiou no hall de entrada. Rilla informou que elas tinham visto três cadáveres no caminho para casa.

Mandei as duas para a cama. Tentei enviar Tess também, porque pude ver pelo rosto franzido e pela maneira como ela esfregava as têmporas que devia estar com outra dor de cabeça. Ela se recusou a ir – Inez faz com que ela morra de medo de parecer fraca –, mas está dormindo enrolada na poltrona de seda perto da lareira. Seus cílios louros se agitam com rapidez, como se estivesse sonhando. Com o quê, me pergunto? O que ela enxergou naquela visão?

Brenna disse que Tess pediu a ela que não contasse um segredo para mim. Um segredo que, Brenna temia, iria destruí-la. Teria a ver com a antiga profecia, aquela sobre Maura, Tess e eu?

Ouçó passos no corredor e meu coração dá um salto. Quem sabe Elena não entrou pelo portão do jardim? Abro a porta de supetão e assusto Tess, que acorda.

É Maura. Ela adentra a sala em um vestido verde-esmeralda ornamentado que eu achara bonito algumas semanas atrás. Agora parece ter a cor forte demais. Devíamos estar todas de preto, de luto por Cora e Brenna.

O vestido faz os olhos de Maura ficarem verdes como grama, e, por um momento, quando ela olha para mim e para Tess, ainda corada de sono, ela parece... aliviada. A tensão se derrete de seus ombros rígidos e a boca virada para baixo relaxa. Será que está contente por estarmos em casa a salvo?

Mas isso não dura muito tempo.

– Dez garotas – ela diz e mexe nos cachos castanhos. – Vocês salvaram dez de sessenta. Valeu a pena?

– Valeu. – Dou uma olhada nas garotas no sofá. Todas trocaram o uniforme feio de Harwood. Sachi pegou emprestado um vestido de brocado cor de pêssego um pouco infantil de Tess, Rory usa um de veludo vermelho dela e Prue pegou emprestado um modelo de cor cinza-claro meu.

– Acabo de fazer uma visita ao mercado da esquina da rua da Igreja com a rua Três. Queria saber se houve alguma consequência ao resgate ousado de vocês. – Os punhos de Maura se fecham ao lado do corpo. – Três das prisioneiras levaram tiros e foram mortas. Dois observadores também. Um era sapateiro, pai de quatro, disseram, e a outra era a esposa do embaixador francês.

Eu me irrito.

– Não sou responsável pelo que os guardas fizeram. Achei que eles não atirariam no meio da multidão.

– Uma menina foi pisoteada. Ficou com as duas pernas quebradas. Posso supor que isso também não tenha sido sua culpa?

Perco a paciência.

– Não fui eu que pisei. Aonde quer chegar, Maura? Como *you* teria lidado com isso? Sei que está louca para me dizer, então fale logo.

– Eu deixaria que todas fossem enforcadas. – O tom de voz dela é absolutamente impassível.

– Pelo Senhor... – Rory balbucia.

– Que bom que você não está no comando. – A voz de Sachi é tão intimidadora que fico surpresa de Maura não congelar.

Eu sabia que Maura apoiava Inez, mas ouvi-la falar assim, com tanta frieza! A raiva esquenta as minhas bochechas.

– Como você pode dizer uma coisa dessas? Sachi e Rory são minhas amigas.

– E isso fez você se tornar uma idiota – Maura diz. – Quanta magia você executou na rua hoje? Você, que sempre foi tão cautelosa, sempre dizendo para Tess e eu nunca arriscarmos nossa segurança! Aquela vez em que Tess consertou o meu vestido na igreja, você quase teve um ataque. Está lembrada, Tess? Mas, agora que quer fazer papel de heroína, ficou descuidada. Vocês lançaram feitiços a torto e a direito para disfarçar as garotas e criar aquele fogo. E pior, estavam vestidas de Irmãs o tempo todo! Quantas pessoas podem ter visto?

Tess se senta ereta e cruza os tornozelos.

– Teríamos precisado de magia demais para lançar um encanto sobre nós mesmas, e isso teria dividido a nossa concentração. Ter a aparência de Irmãs era o melhor jeito de não levantar suspeitas. Ninguém nos deteve nem tentou nos interrogar. E nós tomamos cuidado.

– Tomaram mesmo? E se alguém estava olhando pela janela e viu vocês? Só é necessário ter uma testemunha. Os Irmãos podem vir bater à nossa porta a qualquer minuto. – Maura planta as mãos na cintura e enfia os dedos na faixa cor-de-rosa. – Vocês colocaram todas nós em risco para salvar dez garotas. E a maior parte delas nem é bruxa! De que isso adiantou?

– Como? – Prue engole em seco, obviamente desacostumada de ver seu valor pessoal ser desprezado com tanta leviandade.

Maura se vira para Prue toda simpática, com um sorriso de olhos arregalados.

– Estou esquecendo meus modos. Quem é você? É bruxa? – pergunta ela, e Prue meneia a cabeça. Maura suspira. – Claro que não. Então, por que você a trouxe para cá, Cate? Está confusa a respeito do intuito da Irmandade? Não somos um orfanato. Não alimentamos e vestimos garotas desconhecidas por bondade.

– Ah, ninguém desconfiaria de você. – Dou uma olhada pela janela. Nada de Elena.

– Não devo me aproveitar da sua caridade durante muito tempo. Tenho família na cidade – Prue diz, rígida, e rezo para que ela não mencione Alistair. Será prima dele? Irmã? Certamente não é esposa, não vi aliança na mão dele. Seja lá qual for a conexão, não quero que Maura ponha as garras em Prue.

– Pelo menos vocês todas voltaram inteiras – Maura resmunga.

Há um longo silêncio. Rory funga. As outras olham para baixo.

Maura ergue o queixo e pergunta:

– Quem?

Mordo o lábio.

– Brenna.

As sobrancelhas de Maura se erguem.

– Você levou um oráculo louco para a batalha?

– Nós não a levamos. Ela escapuliu. Não foi culpa de Cate – Tess afirma.

– Claro que não. Nunca é. – O nariz de Maura se franze de desgosto. – Você escuta o que diz? Parece um fantoche.

– Como se você se incomodasse com Brenna – eu me irrita. – Você queria matá-la semanas atrás!

Tess se levanta de um pulo.

– E olhe só para quem você é para estar falando de fantoche, Maura. Faz semanas que não tem uma única ideia na cabeça que não tenha sido colocada por Inez!

Arrisco olhar mais uma vez para a rua pela janela. Está vazia, a não ser pelas sombras. Onde está Elena?

Maura repara.

– Está entediada com a nossa conversa, Cate? O que está fazendo? Quem quer ver?

Eu hesito. Apesar de tudo o que ela fez, não quero deixar Maura preocupada sem necessidade. Como se ela se importasse de me deixar preocupada, partir meu coração e pisoteá-lo até fazê-lo em pedacinhos.

Sachi fala primeiro.

– Elena ainda não voltou.

O sorriso de Maura se esvai.

– Como assim? – grita ela, a voz estridente. – Onde ela está?

– Se eu soubesse, não estaria aqui parada à janela, não é mesmo? – ironizo.

Maura junta as mãos.

– Por que não está na rua procurando por ela?

Independentemente do que quer que acreditemos, ela se importa. Em algum lugar embaixo do exterior amargo, desta conversa sem misericórdia, minha irmã ainda tem coração.

– Elena é a garota mais perspicaz que eu conheço. Aposto que ela e algumas garotas de Harwood encontraram um lugar para se esconder. Tenho certeza de que estará em casa logo.

– Tem certeza? Se tivesse, não estaria esperando à janela desse jeito! – Maura joga as duas mãos para o alto e eu estremeço, achando que ela vai me lançar para outro lado da sala. Será que chegamos ao ponto de eu sempre me preparar para um ataque dela? – Ela pode estar estirada na rua, morta, você sabe que sim!

– Rilla viu três corpos. Ela teria dito se um deles fosse de Elena – Rory observa, tentando ajudar.

– E você *me* acusa de ser descuidada com as pessoas – Maura se irrita. – Se ela morreu por sua causa, eu...

– Você o quê? – Minha voz é grave. – O que mais pode fazer contra mim?

Os olhos dela se transformam em fendas verdes no rosto bonito.

– Vi quando você conversou com ele hoje à tarde. Bem no meio da praça, ousada até não poder mais.

O medo percorre minha espinha. Repito feito um papagaio as palavras que eu disse a Alice.

– Não foi nada. Ele quis me avisar que Sachi e Rory estavam na lista de garotas que seriam executadas. Achou que eu pudesse ficar perturbada.

– Não acredito que você iria permitir que nós fôssemos enforcadas – Rory reclama e puxa os punhos de renda do vestido.

Maura não se deixa distrair.

– Tentei avisar antes, Cate. Falei que não podíamos trabalhar com os Irmãos. Eles são nossos inimigos.

– Ah, não finja que fez isso para proteger a Irmandade. Finn estava do *nosso* lado.

– Do *seu* lado, talvez. Não é mais a mesma coisa. – Há um quê de tristeza na voz de Maura, mas não dou a mínima. – Aquilo que eu fiz... a culpa é sua. Você não escutou.

Continua sem escutar! Você passa a correr mais perigo só de *olhar* para ele. – Maura meneia a cabeça como se eu fosse idiota demais para compreender o que ela diz.

E é o que ela vai fazer mais uma vez. Ela vai ferir Finn, vez após outra, até não sobrar nada do homem que eu amo, até não sobrar nada além de uma casca incapaz de pensar sozinha.

– Não. Ouse. – A magia estala em mim, sua eletricidade estática faísca nas pontas dos meus dedos e me acende feito fogos de artifício.

– Senão o quê? – Maura coloca a palma da mão bem na frente da minha cara em um gesto brusco. Há uma linha torta branca ali, uma cicatriz de onde eu a feri. Ela poderia ter pedido para alguém curá-la, se quisesse; teria sido bem fácil. Talvez ela goste do lembrete. – Cate contou o que ela fez? Perdeu o controle bem no meio da recepção do enterro de Cora. Quebrou uma xícara de chá na minha mão. Qualquer um poderia ter notado, havia uns dez Irmãos presentes. Depois eu fui até ela e pedi que curasse o corte, mas, em vez disso, só abriu mais a ferida.

Tess olha chocada para mim. Eu não tinha contado a ela.

– Você fez isso mesmo?

– Fiz, e fiquei mal. – Mas não o suficiente para pedir desculpas. – Não vai voltar a acontecer.

Rory joga o cabelo escuro para o lado.

– Se ela anda agindo assim o tempo todo, não culpo você.

– Uma líder não pode perder o controle desse jeito. Foi uma lição que aprendi do jeito mais difícil. – Maura repreende. – Você é fraca, Cate. Sua solidariedade mal orientada por aquelas que não são bruxas, seus sentimentos por Finn... Tudo isso a enfraquece.

– Não. – Penso em Finn e, desta vez, não fico triste. Fico *agradecida*. – Amar a pessoa certa, saber que ela corresponde... isso deixa a gente mais forte. Você tem vontade de ser melhor para elas, quer ser a mulher que a pessoa enxerga quando olha para você: bonita, corajosa e inteligente. Você quer se equiparar àquela visão, mesmo que... – respiro fundo. – Mesmo que a pessoa não a enxergue mais assim. Amar Finn *nunca* me enfraqueceu, e perdê-lo... também não vou permitir que isso me destrua. Sou mais forte do que você pensa.

Rory se inclina para a frente e expõe seus seios fartos pelo decote do vestido vermelho.

– Que diabos aconteceu nas duas últimas semanas?

– Rory! Shhh – Sachi sibila e dá um tapa no braço da irmã.

Maura alisa a saia cor de esmeralda.

– Fiz aquilo por você. Pela Irmandade.

– Mentirosa. Fez aquilo porque estava com inveja. – Quero ferir o orgulho dela, falar na frente das outras, então não me importo nem um pouco. – Se algum dia tivesse se apaixonado, você nunca teria feito isso comigo.

Os olhos de Maura brilham de raiva.

– Eu estava apaixonada e você estragou tudo. Agora talvez tenha causado a morte dela!

– E como você se sente com isso? – pergunto, e Maura bufa. Vou até ela pisando duro, passando por Tess na poltrona de seda marrom, e Maura recua. – É isso que está ameaçando fazer com Finn, não é? Não quero machucar você, Maura. Mas se algum dia voltar a executar magia nele, é o que *vou* fazer. Eu juro. Vou usar cada grama de poder que tenho para garantir que você nunca mais chegue perto dele.

– Cate! – Tess agarra meu braço, mas eu me desvencilho e olho altiva para Maura.

– Você preferiria um homem a sua própria irmã? Passaria por cima da promessa para a Mãe de que ia cuidar de nós? Isso costumava ser a coisa mais importante do mundo para você – rebate Maura.

Eu cerro o maxilar.

– Você deixou bem claro que não precisa mais de mim.

Maura segura as lágrimas.

– Não preciso. Há séculos que não preciso – ela fala e sai correndo.

– Maura, espere! – Tess chama. Ela leva uma mão à têmpora, como se a dor de cabeça tivesse piorado, então tenta alcançar a nossa irmã. Ouço os passos delas batendo na escada.

Por que Maura sempre consegue fazer com que eu me sinta a vilã?

Sachi está ao meu lado e me abraça.

– Maura apagou a memória de Finn?

Eu faço que sim.

– Na noite da fuga de Harwood. Ele não se lembra de mim, apenas como uma cliente da livraria. Uma vizinha.

Sachi me leva até a poltrona, e eu me sento. Ela se ajoelha ao meu lado, o cabelo preto sedoso roça meu cotovelo.

– Você precisa contar a verdade a ele.

– Não posso. Você ouviu o que ela disse. Se nos vir juntos, vai voltar a atacá-lo. Inez também atacaria, com um estalar de dedos. – Os olhos escuros de Sachi estão cheios de solidariedade. Mal consigo suportar. – Quem sabe o que outro ataque faria com ele? Já está tão confuso... Ele me abordou antes e desconfia que eu esteja envolvida, porque sou péssima mentirosa, e devo me encontrar com ele hoje à noite... Tive que aceitar o convite, para que ele me deixasse em paz... Mas não sei o que dizer a ele!

Sachi pousa a mão dela sobre a minha.

– Apenas diga a verdade. Ele merece saber.

– O que eu devo dizer? – Esfrego os olhos cansados com ambos os punhos. – Que estávamos apaixonados, por mais louco que isso possa parecer, mas minha irmã apagou a memória dele? Acha que isso vai fazê-lo se apaixonar por mim na hora?

Enterro o rosto nas mãos. Quando volto a erguer a cabeça, as três garotas estão olhando para mim.

– Sinto muito, Prue, por submeter você a tudo isso. Tem irmãs?

– Um irmão. – Prue ajeita os óculos no nariz com o indicador. O gesto me lembra Finn.

– Alistair Merriweather é seu irmão? – pergunto.

Prue assente enquanto brinca com a trança preta comprida e eu percebo a semelhança, principalmente nos olhos. Ela é tão bonita quanto o irmão, só que a beleza está escondida atrás dos óculos e do vestido que não cai muito bem nela.

Tento colocar minha tristeza de lado.

– Posso levá-la, se quiser vê-lo.

Prue franze a testa, e os óculos escorregam pelo nariz mais uma vez.

– Você sabe onde ele se encontra? Está escondido há anos.

Eu me levanto.

– Sei onde ele vai estar na quinta-feira à noite. Eu me juntei ao movimento da Resistência, e haverá uma reunião.

Rory solta uma gargalhada. Eu estava com muita saudade deste som.

– O que mais você fez nas duas últimas semanas, Cate? Parece que andou bem ocupada.

Conversar com Sachi, Rory e Prue restaura meu humor. No começo, fico preocupada por ser tão sincera na frente de Prue, uma total desconhecida, mas é óbvio que as três travaram amizade. Eu as coloco a par do que anda acontecendo no convento, da tensão entre a facção de Inez e a nossa. Sem Tess na sala, conto que ela é o oráculo e imploro para que não a tratem de modo diferente.

– Mas Tess não é... igual a Brenna? – Rory gira o dedo ao redor da orelha; não quer falar mal dos mortos.

– Não. Tess é totalmente sã. Mas fica preocupada com isso, então nada de piadas, por favor. – Lanço um olhar bem sério para Rory.

– Brenna pegou este vestido emprestado, não pegou? – Os olhos castanhos de Rory se enchem de lágrimas. – Está com o perfume dela. Ela sempre adorou violetas.

Assinto.

– Pegou, sim. Tess saiu e comprou água perfumada para ela. As duas ficaram bem próximas: era Tess quem lhe levava as refeições e lia para ela. Acho que está mais abalada por causa de Brenna do que deixa transparecer. Preciso ver como ela está e garantir que Maura não arrancou a cabeça dela.

– Vamos ficar aqui esperando Elena – Sachi promete e remexe no fogo.

– Obrigada. – Dou um sorriso agradecido para ela.

– Cate, você salvou a nossa vida! Nós é que devíamos agradecer a *you* – Rory diz.

– Pense no que eu disse – Sachi pede enquanto acende as lamparinas a gás. – Deve contar a verdade a Finn. Você merece ser feliz.

Eu assinto, apesar de não saber o que merecimento tem a ver com isso. Afinal de contas, Brenna, por exemplo, não mereceu seu destino.

Mesmo assim, fico pensando enquanto subo as escadas até o quarto de Tess. Por que reluto tanto em contar a Finn? Será por causa do perigo que ele correria por causa de Maura

e Inez? Ou será porque, agora que ele não me ama mais, tenho medo de que ele desista de mim?

Pior: e se ele se sentir *obrigado* a tentar voltar a me amar? Rilla sugeriu que eu poderia fazer isso acontecer. Mas eu não *fiz* com que ele me amasse da primeira vez. Nunca empreguei nenhum dos truques encantadores e recatados que garotas supostamente devem usar para arranjar marido. Simplesmente fui eu mesma.

E se não for suficiente da segunda vez?

Bato na porta de Tess e Vi, e minha irmã me dá permissão para entrar. Ela está deitada na cama, encolhida de lado. Um pedaço de Ciclope sai de debaixo da colcha, como se ela tivesse acabado de jogá-lo ali, acanhada por ser pega com um conforto tão infantil. Não devia se sentir assim. Eu adoraria ter algo que me trouxesse conforto quando eu me sentisse triste ou com medo.

– Como foi com Maura? – pergunto.

Ela dá tapinhas no espaço a seu lado.

– Nada bem. Ela acha que você preferiu Finn a ela.

– Seria assim tão terrível se eu tivesse escolhido? – Eu me sento e tiro as botas para que possa cruzar as pernas em cima da cama. – Não tinha que ser assim. Ela é que está me fazendo escolher.

– Você conhece Maura. Sempre está tentando testar as pessoas, provar que é mais amada. – Tess mexe na renda preta dos punhos. – Acho que nós duas falhamos nesse ponto.

– Não. – Eu me inclino para a frente, mais uma vez irritada. – Não é culpa nossa se ela tem um... um vazio dentro de si que sempre tenta preencher.

– A culpa não é nossa, mas também não estamos ajudando. Ela está muito magoada, Cate. Acha que todo mundo acaba escolhendo você: a Mãe, Elena, Cora, eu. Inez é a única que sempre prefere Maura. – Tess respira fundo, segura o ar e então o solta devagar. – Sei que você não vai gostar disto, mas acho que precisa conversar com ela. Dizer que não foi sua intenção, que não está desistindo dela.

Balanço a cabeça.

– Mas foi minha intenção, desisti *mesmo* dela.

Tess massageia a têmpora e continua falando como se eu não tivesse dito nada.

– Sei que ela age como se não quisesse que você cuide dela, mas Maura precisa de você.

Dou uma bufada que não é apropriada a uma dama.

– Duvido muito. Aprecio o fato de você tentar que façamos as pazes, de verdade, mas precisa parar de se preocupar. Você está com dor de cabeça, não está? Precisa se deitar um pouco. Venho lhe avisar quando Elena voltar. A menos que... – Olho para o rosto franzido de Tess. – Você teve uma visão hoje à tarde, não teve? Bem quando entramos naquele beco. Viu algo a respeito de Elena?

– Não... Quer dizer, sim, tive uma visão, mas não tem nada a ver com Elena.

Ela tem olheiras e os ombros dela estão caídos, o maxilar tenso. É claro que o dia teve acontecimentos suficientes para explicar tudo isso, mas o humor de Tess anda imprevisível ultimamente. Será por ter apenas 12 anos e, ainda por cima, ser o oráculo? Ou... penso no aviso de Brenna: será que Tess está carregando um fardo?

– Você sabia que Brenna ia morrer? – sussurro. – Como aconteceu com Zara?

– Não! – Tess meneia a cabeça. – Nunca imaginei... Eu acho que *ela* sabia. Brenna disse algo de manhã quando eu levei o café da manhã. Não dei importância na hora, mas agora... acho que ela estava se despedindo.

– Eu também. Ela disse... – Puxo os joelhos até o peito. – Ela disse que você está escondendo um segredo de mim. É sobre a profecia? Você me viu prejudicar Maura?

– Não. – Tess põe a mão no meu joelho. – Não é isso.

– O que é, então? Brenna... Ela estava preocupada que isso fosse destruir você.

– Às vezes parece que isso vai acontecer. – Tess dá uma risadinha triste. Isso é adulto demais para uma menina de 12 anos. Amargo demais. – Ainda não estou pronta para contar. Pode me dar mais um tempo?

Tenho vontade de pressioná-la, exigir que me conte tudo agora.

Teria algo a ver com Finn? Comigo? Mas Tess é inteligente. Preciso confiar que ela vai me contar quando estiver preparada. No momento certo.

– Tudo bem – concordo, hesitante. – Mas você vai *mesmo* me contar?

A expressão nos olhos de Tess é terrível.

– Não sei como poderei evitar.

CAPÍTULO



ESTOU COM UM PRATO EQUILIBRADO nos joelhos, comendo purê de batata-doce com uma colher quando a porta principal se abre de repente. Com o coração disparado, eu me levanto com tanta rapidez que meu guardanapo e meu jantar saem voando para o chão. Coloco o prato na mesinha de canto e saio correndo da sala de visita para o hall de entrada, e Mei vem logo atrás de mim. O restante do convento está jantando, mas nós ficamos aqui, preocupadas e prestando atenção à chegada de...

Elena. Ela está escorada na porta pesada como se isso fosse a única coisa que a impedisse de desabar. Há seis, não, sete garotas com ela, todas com capas pretas. Uma delas cai no chão com um gemido. Outra cambaleia até a escada e se senta no degrau mais baixo com a ajuda de duas amigas. As outras parecem perdidas, os olhos assustados fitando o hall tomado pelo lusco-fusco.

– Graças ao Senhor – eu murmuro, dividida entre sacudir Elena e abraçá-la. – Está tudo bem? O que aconteceu? Andei tão preocupada! Faz *horas*!

Elena lança um sorriso cansado para mim.

– Você pode cuidar de Jennie e Dora? Elas estão feridas, e a minha magia... – Ela abana a mão. – Sarah Mae também está com um galo feio na cabeça; levou uma coronhada de um brutamontes.

– Vou dar uma olhada. – Mei se ajoelha ao lado da garota no chão. – Você acha que consegue chegar à sala de aula de cura? Fica ali no corredor. Posso ajudá-la, e vou pedir que alguém traga chocolate quente e algo que tenha sobrado do jantar.

As garotas olham para Elena, que assente.

– Vão com Mei. Eu chego lá em um minuto.

Elas se apressam atrás de Mei. Agora que vejo o rosto delas, reconheço duas: Jennie Sauter, de um sítio nos arredores de Chatham, e Sarah Mae, que conheci na ala das garotas que não cooperavam. Aquela que enterrava passarinhos mortos em seus passeios da tarde.

Com estas, elas somam dezessete. Dezessete prisioneiras salvas entre sessenta. É uma proporção considerável. Sinto uma enorme onda de alívio por elas estarem aqui e a salvo.

– O que aconteceu? – pergunto mais uma vez.

Elena esfrega o rosto em um gesto cansado.

– Assim que saí da praça, peguei duas garotas e as escondi no depósito de uma loja na rua Dois. Fiquei parada à porta e fui recolhendo outras que passavam. Um guarda perseguia Dora, e é um milagre que ele não tenha lhe dado um tiro antes de eu compeli-lo. Entre isso e a magia na praça, passei horas sem poder lançar encantos. A perna de Dora está quebrada, Jennie levou um tiro e Sarah Mae diz que está bem, mas acho que sofreu uma concussão. Achei que era melhor esperar até escurecer e até que eu estivesse recuperada o suficiente para disfarçá-las. Mas ainda há muitos guardas pelas ruas. Um deles viu Dora mancando e estava prestes a nos interrogar. Se Sarah Mae não tivesse pensado rápido... – Elena estremece. – Foi por pouco. Por muito pouco mesmo.

– Fico contente por você estar bem – digo, um pouco surpresa com a intensidade do meu alívio. – Sarah Mae é bruxa?

Elena passa a mão pelos cachos negros que se soltaram do coque feito com tanto cuidado. Eles caem por cima dos ombros dela em cachinhos perfeitos e me dou conta de que nunca a vira com o cabelo solto.

– Não. Ela jogou uma pedra que quebrou a lâmpada de um poste na rua e fez o guarda sair correndo para o outro lado. Acho que nenhuma dessas garotas é bruxa.

– Então por que arriscou sua vida por elas? – Maura chega pisando duro, o rosto e as pálpebras inchados de chorar.

– Maura... – Elena começa a dizer.

– Não! Não quero nem saber o que você tem a dizer, quais são seus motivos. Não basta. Você não pode sair por aí e se colocar em perigo desse jeito. Não vou permitir! – Maura bate o pé, calçado com uma sapatilha cor-de-rosa bonita que combina com a faixa na cintura.

Fico esperando que Elena argumente com ela, que afirme que Maura não pode lhe dizer o que pode ou não pode fazer. Em vez disso, um sorrisinho minúsculo brinca em seus lábios.

– Esta é a sua maneira de dizer que estava preocupada comigo?

– Claro que eu estava preocupada com você! – Maura planta as mãos na cintura. – Antes eu achava que você era inteligente, sabe? Mas não passa de uma... tola! Pelo Senhor, onde estava com a *cabeça*? – Ela se volta para mim com olhos gélidos, e eu me preparo para o discurso que deve estar por vir. – Não estava pensando, obviamente. Só segui as ordens de Cate.

Elena dá risada.

– Maura. Pode me xingar de tudo que quiser, mas não pode culpar Cate por isso.

– Claro que pode – eu balbucio. – Ela sempre arruma um jeito.

– Você devia saber melhor do que ninguém que não sou boa em seguir ordens. – Elena fita o rosto da minha irmã com seus olhos cor de chocolate. – Tudo que fiz hoje foi porque minha própria consciência me disse que era o certo.

– Então você é uma imbecil completa – Maura diz. – Nós somos bruxas porque conseguimos nos defender! Permitir-se ficar tão exausta a ponto de nem poder compeli...

– Estou bem – Elena interrompe em tom suave. Coloca a mão na manga bufante cor de esmeralda de Maura. – Estou segura.

As bochechas de Maura ficam rosadas.

– Ah, que bom. – O olhar dela recai no assoalho de madeira. – Você é uma das melhores bruxas que temos. Apenas algumas são capazes de executar magia mental, e vamos precisar de toda...

Elena recua como se tivesse sido queimada.

– É por isso que você estava preocupada? Se eu tivesse sido assassinada, seu exército teria uma bruxa com magia mental a menos? – Ela meneia a cabeça, os cachos balançam, e finalmente olha para mim. – Vou ver como as garotas estão. Estavam terrivelmente apavoradas no trajeto até aqui.

Ela dobra o corredor após quatro passos longos e irritados. Maura fica confusa.

– O que... o que foi que eu fiz?

– Se não sabe, então a imbecil é *você*. – Faço uma pausa antes de ir atrás de Elena. – Ela merece alguém melhor do que você, Maura.

– Parece uma cena dos meus livros. Sair escondida para um encontro romântico à meia-noite! – Rilla pula no assento de couro da carruagem.

– São só dez da noite, e não vai ser exatamente romântico. – Eu mexo no botão da minha luva de cetim preto. – Ainda nem sei o que vou dizer a ele.

– Você deve contar a verdade. – Rilla espia pelas cortinas. – Nunca vi tantos guardas de patrulha. Também nunca saí assim tão tarde. Parece perigoso.

– Para mim, parece estupidez – murmuro quando a carruagem vira no beco estreito atrás das lojas da rua Cinco. É tarde, a maior parte das pessoas já devia estar na cama, inclusive Rilla e eu. Se Maura soubesse o que estou fazendo, iria arrumar sete formas diferentes de me chamar de tola, e poderia estar certa.

Acesso os feixes de magia que me percorrem, fazendo meus ossos e músculos formigarem, mas só sinto um mínimo vestígio de poder. Jennie Sauter perdeu muito sangue, e nem Mei nem Addie foram capazes de curá-la. Ficaram preocupadas que o braço dela precisasse ser amputado. No fim, eu fui capaz de curá-la, mas, depois daquele dia exaustivo, isso acabou com toda a magia que eu ainda tinha. Elena me proibiu terminantemente de sair nesta noite. Mas, se eu não comparecesse ao meu encontro com Finn, ele iria até o convento; tenho certeza. E prefiro arriscar a minha própria segurança à dele.

A carruagem para. Salto para a calçada e ajudo Rilla a descer para o beco cheio de sombras. O cocheiro, Robert, está sentado à boleia.

– Pode voltar para nos pegar daqui a uma hora? – pergunto.

– Meia hora. Hoje é uma noite ruim para estar na rua – afirma ele com o rosto franzido e um jeito paternal. Não espera que eu concorde antes de estalar a língua para o cavalo e se afastar.

Estou com a mão no colar de rubi quando escuto passos pesados dobrando a esquina.

– Alto lá! – uma voz masculina exclama. Sinto um calafrio.

O guarda é um homem alto e de ombros largos com cabelo louro e bigode. Cruza a distância entre nós com rapidez.

– Irmãs? O que estão fazendo aqui a esta hora?

– Nós... – eu começo, então fico em silêncio, sem ideia do que dizer. Eu devia ter preparado uma mentira. Rilla só fica parada ao meu lado abrindo e fechando a boca feito um peixinho dourado.

O guarda pendura o rifle no ombro e nos observa mais de perto. Ele tem um cheiro forte de tabaco de cachimbo.

– A menos que vocês não sejam Irmãs de verdade. Eu não seria o primeiro homem enganado por uma bruxa hoje. Digam o que estão fazendo aqui ou vou levá-las até o prédio do Conselho Nacional para serem interrogadas.

Que desculpa razoável boas moças religiosas teriam para estar sozinhas em um beco às dez da noite? Em um arroubo de inspiração, eu me lembro da mulher tossindo na praça pela manhã.

– Estamos visitando os doentes. Uma família que pegou a febre. – Faço um sinal vago com a mão para uma casa que ainda está com a luz acesa.

– Viemos rezar para eles. Com eles. Um dos meninos está muito mal – Rilla completa, remexendo as mãos em uma demonstração de nervosismo convincente. – Pobre Johnny. Acham que ele não passa desta noite.

– A febre está se espalhando? Pensei que só as ratazanas do rio tinham sido afetadas. – O guarda olha na direção da casa, alarmado, então faz uma careta. – Esperem um minuto. Isso não parece muito certo. Por que não entram pela frente em vez de se esgueirar pelos becos? Onde está sua carruagem?

– Ah, bom, nós... – Desgraça. Acesso minha magia, procurando enlouquecida por um plano de fuga possível.

Outra pessoa dobra a esquina. O luar fraco brilha sobre um par de óculos. Finn. Recito uma reza silenciosa quando os olhos dele encontram os meus e ele percebe a presença do guarda e sua arma.

– O que é isso? – Ele se aproxima. Caminha naturalmente, como se não estivesse preocupado. Mas está com as costas eretas, o queixo erguido, e eu conheço aquela expressão. – Não vai deter estas boas irmãs, vai? Elas vieram se encontrar comigo.

– Encontrar o senhor? – O guarda mantém a arma apontada para nós. – Então por que acabara de falar tanta besteira sobre um menino doente?

Finn lança seu sorriso com os dentes separados.

– É uma questão de segurança.

– Segurança, é? – O guarda ergue as sobrancelhas grossas. – Olhe, que negócio é esse? Se está aqui para se divertir com uma delas, é só dizer.

O sorriso de Finn fica tenso.

– Estas garotas vão me dar uma informação a respeito de uma bruxa suspeita. Estão se arriscando demais. Devo relatá-lo por insultá-las.

Ah, ele é magnífico.

Faço o que posso para parecer ultrajada com a ideia de me divertir um pouco com Finn, apesar de não haver nada que eu queira mais do que me jogar nos braços dele.

O guarda relaxa as mãos que seguravam o rifle.

– Peço desculpas, senhor.

– Não é para mim que deve pedir desculpas. – O tom de voz de Finn é grave. Perigoso. Elettrizante.

O guarda assente.

– Não tive intenção de faltar com o respeito, Irmãs.

– Tudo bem – Rilla diz, cheia de graça. – Foi um dia difícil.

– Pode ir agora – Finn ordena. – Eu as acompanho em segurança.

O guarda se afasta. Assim que perco ele de vista, me apresso até a porta dos fundos da papelaria O'Neill's, com o rubi já se transformando em chave na minha mão.

– Rápido, antes que chegue mais alguém – digo com urgência e os faço entrar no depósito escuro.

Quando fecho e tranco a porta atrás de nós, Rilla já acendeu uma vela. As mãos dela tremem, fazendo sombras dançarem ao redor.

– Essa foi por pouco.

– Tome cuidado, ou este lugar vai pegar fogo muito rápido – Finn avisa, de olho nas estantes de papéis.

– Finn, esta é Rilla Stephenson, minha colega de quarto. Rilla, este é Finn Belastra. – Volto a pendurar o colar no pescoço. Meus nervos ainda estão agitados, menos pelo encontro com o guarda do que pela proximidade de Finn. Ele provavelmente vai fazer perguntas a que eu não poderei responder, que me recusarei a responder. E se ele me odiar por isso?

– É um prazer conhecê-la, senhorita Stephenson – Finn diz. Ele se vira para mim. – Há algum lugar reservado onde possamos conversar, Cate?

Meu coração dá um saltinho.

– Que tal você ficar aqui, Rilla, e nós descemos ao porão?

– Não se apressem. – Rilla enfia a mão no bolso e pega um de seus romances. – Eu trouxe um livro.

Finn dá uma risadinha deliciada. Os dois pertencem à mesma tribo, nunca saem sem um livro. Eu me dirijo à escada e ele me segue com outra vela. Ele a pousa na mesa, tira a capa e a coloca nas costas de uma cadeira de madeira.

– Obrigada por nos salvar. A coisa poderia ter ficado feia. – Não sei bem o que fazer com as mãos. Mexo no brinco de pérola da Mãe e tento não pensar no anel de noivado que Finn

me deu meses atrás. Devolvi a ele quando anunciei minha intenção de me juntar à Irmandade. Onde estará agora?

Ele apoia as mãos nas costas da cadeira. A camisa branca amassada dele está arregaçada até os cotovelos, mostrando os antebraços rígidos de músculos e cobertos de sardas.

Tenho uma vontade absurda de passar os dedos pelas formas que eles traçam sobre a pele bronzeada.

– Você é bruxa? – ele pergunta.

Eu o respeito ainda mais por ser direto.

Devia mentir. Para o próprio bem dele. Eu devia, mas não minto.

– Sou – digo baixinho. – Mas não fui eu quem apagou sua memória. Juro.

Ele se inclina para a frente e estreita os olhos.

– Então, como sabe que minha memória foi apagada?

Fico sem fôlego. Porque eu estava presente quando aconteceu. Sei quem é a responsável. Nunca vou perdoá-la por isso e, no entanto, ainda tenho desejo de protegê-la. Ou proteger Finn. Ou proteger a mim mesma. Meu raciocínio fica enevoadado.

– Porque eu conheço você – termino por dizer.

– Conhece? – A voz dele é suave. – Eu não me lembro de quase nada a seu respeito. É meio curioso. Como se pedacinhos de mim tivessem sido arrancados. Faço coisas, penso coisas, *sinto* coisas, e não sei por quê. E, depois, há o tempo perdido. Horas aqui e ali, noites inteiras, simplesmente... desaparecidas. – Ele estala os dedos manchados de tinta. – Eu lembro que trabalhava no escritório de Denisof naquela tarde, ajudando com a correspondência, e depois tudo fica branco, e a próxima recordação que tenho é de estar nos degraus do convento com você. Onde eu estava antes disso? É um mistério para mim. Não consigo entender.

A frustração é clara na voz dele. Seus lábios se contorcem e sua testa se franze, e sinto uma vontade muito grande de consertar isso, de *consertá-lo*.

– Você estava comigo. No Hospício de Harwood.

Um sorriso começa a se formar no rosto dele.

– Eu ajudei a libertar as pacientes?

Assinto, com um sorriso brincando nos meus lábios.

– Você foi fundamental.

Ele vira a cabeça e esbraveja feito um marinheiro.

– Eu sabia! Foi por isso que entrei para a Fraternidade, não foi? Como espião?

O alívio dele parte o meu coração. Tamborilo os dedos na madeira áspera da cadeira mais próxima de mim. Tento impedir que eu me aproxime, jogue meus braços ao redor dele e implore perdão.

Implore para que ele se lembre de mim.

– Sim. Isso, e para garantir a segurança da sua mãe.

– Obrigado. – A voz dele é tão fervorosa quanto uma oração; seu sorriso é enorme e exuberante. – Isso estava me deixando louco. As cartas da minha mãe... Ela não diz claramente, mas dá a entender que existe outro motivo para eu estar em Nova Londres. Nunca fui o que se pode chamar de devoto, e a Mãe... Bom, você sabe como ela é. Ela me criou para questionar as coisas, não para seguir uma doutrina. Eu não conseguia entender o que diabos estava fazendo na Fraternidade. Desculpe minha linguagem.

– Tudo bem. Você... você não precisa medir palavras comigo. – As palavras se torcem na minha língua, e devo soar como uma tonta apaixonada. A luz bruxuleante da vela lança sombras no rosto dele, iluminando a barba por fazer em seu maxilar. Faz com que eu me lembre de outras ocasiões em que nos encontramos em lugares secretos: no jardim do convento, na estufa, no Arquivo Nacional. Da sensação áspera do queixo dele contra os meus dedos. Contra a minha boca.

– Então, nós trabalhamos juntos? Eu na Fraternidade e você na Irmandade? – pergunta ele. Eu assinto, fraco de tanto anseio. – Faz sentido. Mas se eu estava *ajudando* as bruxas, por quê... Ouviu isso?

Houve um barulho surdo no andar de cima, seguido por um berro abafado.

– Rilla! – eu exclamo e me apresso até a escada.

– Deixe que eu vou na frente. – Finn tira a pistola da bota.

Vou logo atrás dele. Subimos os degraus em silêncio e ele abre a porta de supetão, revelando Alistair Merriweather parado atrás de Rilla, o braço em volta do pescoço dela, a mão tapando sua boca.

– Senhor Merriweather! – engulo em seco. – Solte-a agora mesmo.

– Mas que diabos? – Merriweather olha estupefato para nós.

Finn baixa a pistola.

– Você conhece este homem?

Rilla não espera respostas. Ela morde Merriweather e, quando ele a solta, se vira e dá uma joelhada nos testículos dele. Ele geme e se apoia em um armário cheio de latas de tinta. Rilla pega a vassoura encostada no canto e mira o cabo na cabeça dele, como um taco de beisebol. A pose dela é bem incompatível com seu vestido amarelo e salpicado de girassóis.

– Rilla, está tudo bem. Eu o conheço – digo, apesar de ficar tentada a permitir que isto se desenrole. Merriweather é uns bons dois palmos mais alto do que Rilla, mas eu aposto nela.

– Não está tudo bem. Ele quase me estrangulou! – Rilla estreita os olhos cor de avelã para ele.

– O que exatamente está fazendo aqui, senhorita Cahill? – Merriweather usa uma casaca comprida, cor de oliva, com um lenço preto no pescoço.

– Eu poderia perguntar a mesma coisa – retruco com o queixo empinado.

– Às vezes eu durmo aqui. Com a permissão de Hugh. – Merriweather franze o cenho. – Aquela chave não era um convite para ir e vir à vontade. Este não é um espaço para compromissos secretos. Trabalhamos anos para...

Rilla o acerta na cabeça com o cabo da vassoura. Merriweather solta um grito.

Mas, pela expressão de Finn, acho que o castigo dele foi leve.

– Fico ressentido com sua insinuação, senhor – Finn resmunga.

– Peço desculpas. – Os olhos cinzentos de Merriweather estão fixos em Rilla, cautelosos.

– Certamente têm noção do que isto parece. Quem sabe deva nos apresentar?

– Esta é a minha companheira de quarto, Rilla Stephenson, e o meu... amigo, Irmão Finn Belastra. – Detesto a maneira como a minha voz me trai. – Rilla, Finn, este é...

Merriweather agarra o meu braço e me puxa na direção dele.

– Ele é integrante da Fraternidade? Pelo Senhor, menina, onde está com a cabeça?

Eu me desvencilho.

– Ele é leal às nossas causas.

– Eu ajudei Cate com a fuga de Harwood – Finn completa, e eu olho ansiosa para Merriweather.

E se ele juntar dois e dois e perceber que o lenço era de Finn?

– Participou daquilo? – Merriweather olha fixo para mim, não para Finn. – Espere...

Você foi responsável pelo que aconteceu na praça hoje?

Eu fico corada, sentindo o peso do olhar de Finn em mim.

– Não fiz nada sozinha.

– Que bom – Finn diz. – A ideia de aquelas garotas serem enforcadas...

– Eu sei. – Nossos olhos se encontram e, por um momento, parece... gostoso. Então eu me viro mais uma vez para Merriweather. – Sua irmã... Prue está em segurança. Ela está com amigas. Vou trazê-la à próxima reunião da Resistência, se você quiser, para que possa vê-la. Se não se importar de usar o local para assuntos pessoais. – Não consigo resistir à cutucada.

Merriweather assente e enfia as mãos nos bolsos.

– Tenho uma enorme dívida para com você, senhorita Cahill. Prudencia significa tudo para mim.

– Merriweather... – Rilla se abaixa e pega o livro dela, que deve ter derrubado durante o embate.

– Você é o editor da *Gazeta*, não é?

– Você lê a *Gazeta*? – Merriweather olha descrente para ela.

Rilla dá de ombros.

– Normalmente não, mas Cate anda deixando um exemplar no nosso quarto ultimamente.

– E o que acha? – Merriweather se apruma feito um pavão.

Rilla aperta os lábios.

– A delação de O'Shea que publicou nesta semana estava boa... Ela o descreveu como o monstro que ele é, mas seu jornal ainda pende muito para o lado do que isso significa para os *homens*.

– Bom, são os homens que compram o jornal – Merriweather balbucia.

Rilla ergue a mão e ajeita a pena amarela nos cachos curtos.

– Talvez mais mulheres comprassem se escrevesse sobre as preocupações delas. Precisa conversar com algumas das garotas que nós libertamos de Harwood. Não poderia usar o nome verdadeiro, é claro, mas poderia revelar as condições lá. E devia entrevistar algumas de nós também. Bruxas de verdade! Isso atrairia alguns leitores.

– Não tenho problema nenhum em encontrar leitores. – Merriweather parece um pouco estupefato, e arrisco dizer que ele estava esperando elogios, não críticas, desta menina magrinha e sardenta. Então ele baixa a voz e faz um gesto para Rilla. – Espere. Ela é bruxa, também? Só há bruxas na Irmandade?

– Ela não gosta muito que falem dela como se não estivesse presente – Rilla diz bem alto, mas seus olhos estão ansiosos. – Não vai publicar isso no seu jornal, vai?

– Não. Não quero que vocês todas sejam mortas. – Merriweather se apoia no armário com os braços cruzados, em uma pose condescendente. – É uma mulher impetuosa, senhorita Stephenson.

– Tenho quatro irmãos homens. Assim a gente aprende a dar uns socos e erguer a voz se quiser ser ouvida – Rilla explica e veste a capa por cima do vestido de cor forte. – Cate, precisamos ir andando. A carruagem vai estar à nossa espera.

– Claro que sim. – Eu tinha me esquecido completamente de Robert. – Quinta-feira, então, senhor Merriweather?

– O que tem na quinta-feira? – Finn quer saber, e Merriweather parece ainda mais afrontado.

– Os líderes da Resistência se encontram aqui. – Puxo o capuz por cima do cabelo. – Eles conversam sobre... Bom, não sei muito bem. Sobre limpar o nome de Brennan? Sobre derrubar a Fraternidade em nome de uma democracia verdadeira? Sobre dar o direito de voto às mulheres?

– O último item não faz parte da nossa pauta – Merriweather diz e Rilla solta uma gargalhada de desdém.

– Bom, se um espião dentro da Fraternidade puder ser útil, tenho interesse de me juntar a vocês – Finn diz.

– Na verdade não está aberto a... – Merriweather começa a dizer. Dá para ver que ele é contra a ideia de Finn.

– Você me deve uma. Por Prue – eu interrompo. – Permita que Finn participe das reuniões e pense nas ideias de Rilla para a *Gazeta*. Por favor.

– Tudo bem. – Merriweather abre as mãos. – Se puder esperar um minuto, eu lhe dou as informações. *Belastra*, é isso? – Há um brilho de suspeita em seus olhos.

Rilla coloca a cabeça para fora da porta.

– A carruagem está esperando, Cate.

Argh. Não fico nada contente por ter que deixar Finn sozinho com Merriweather. E se ele interrogá-lo a respeito de Harwood? Ele ficou distraído por causa de Prue antes, mas,

quando pensar melhor, vai se dar conta de que o lenço pertencia a Finn e que sua memória foi apagada; então, em que ponto estaremos?

– Nós nos vemos na quinta-feira? – Finn pergunta. Eu assinto e ele me lança um sorriso de dentes separados. – Que bom. Tenho mais perguntas para você.

Rilla e eu nos esgueiramos de volta para a carruagem, depois para o convento pelo portão dos fundos, e então subimos a escada até o nosso quarto, com Rilla resmungando o tempo todo sobre “aquele cabeça de ovo condescendente que é o Merriweather”. Estamos vestindo nossas camisolas quando um berro rompe o silêncio.

Fico paralisada. Já fui acordada por esse berro antes, quando a Mãe morreu e Tess começou a ter pesadelos regulares.

Saio pela porta e disparo pelo corredor, alheia às vestes impróprias. Irrompo no quarto que Tess e Vi dividem, sem bater. Tess está sentada ereta na cama, e ainda está inteira, o rosto corado de sono, a trança loura com fios se soltando.

Mas Tess está soluçando, o corpo todo sacode com a força dos espasmos.

– O que aconteceu? – pergunto, porém ela enterrou o rosto no pelo de Ciclope e está chorando demais para responder. Eu me viro para Vi, sentada na cama, piscando.

– Não sei. Eu estava dormindo pesado quando ela berrou e quase me matou de susto. – Vi joga as cobertas para o lado e se levanta. Seu cabelo preto cai em duas tranças sobre os ombros. – Tess, querida, qual é o problema? Teve um pesadelo?

Tess aponta com o dedo trêmulo para a extremidade da cama.

– Estava todo em volta de mim.

– O quê? – eu pergunto.

– Fogo. – Tess enxuga as lágrimas com as costas das mãos. – Eu ouvi algo... uma porta se fechou em algum lugar, e eu acordei, e minha cama estava pegando fogo!

Meu estômago dá um nó ao me lembrar da ameaça que ela recebeu na semana passada. Não aconteceu nada desde então. Mas agora...

– Foi só um pesadelo – Vi diz em tom reconfortante e acende uma vela. – Não é para menos, depois de tudo o que aconteceu hoje.

– Não! – A voz de Tess é estridente. – Alguém está pregando uma peça em mim. Foi real. Ou... não real, mas uma ilusão. Eu senti o calor. Senti o cheiro da fumaça.

– Quem faria isso? – Rilla pergunta. Ela e meia dúzia de outras garotas se apertam à porta. Ela voltou a colocar o vestido amarelo, mas não se deu ao trabalho de abotoar atrás.

– Você é o oráculo – Vi completa e alisa o penhoar amassado com cheiro de lavanda. – Quem ia querer ferir você? Você é importante demais para todas nós.

Eu me viro de Tess para as garotas à porta: Rebekah, Lucy e Grace, cujo quarto fica à esquerda, e Parvati e Livvy, à direita.

– Alguma de vocês estava acordada? Viram alguém saindo do quarto de Tess?

– Pelo visto você e Rilla não estavam aqui – Parvati diz.

Fico corada e olho para minha anágua cor de marfim e meu corpete azul. Eu tinha acabado de tirar o vestido e a cobertura do corpete quando Tess berrou.

– É muito improvável que uma de nós seja responsável por isso.

– Não me diga que está levando a sério. Foi um pesadelo de criança! – Parvati afirma.

Tess cruza os braços por cima do peito.

– Eu não sou criança.

Parvati direciona o olhar para Ciclope.

– Seu ursinho de pelúcia não concorda.

– Eu sei o que vi – Tess diz, vermelha. – Foi uma ilusão. Alguém a causou de propósito, para me assustar. Alguém está tentando... entrar na minha mente.

– Bom, parece que está funcionando. O outro oráculo não ficou louco?

Eu me viro para Parvati, furiosa, quando Tess começa a chorar.

– Já é a segunda vez que alguém a ameaça, e não vou permitir que você nem ninguém faça pouco caso disso.

Parvati dá de ombros.

– Duvido seriamente que alguém aqui esteja atrás dela. Foi um dia e tanto. Disseram que ela teve uma visão mais cedo. Talvez esteja sofrendo com toda essa pressão.

Tess chora mais ainda e enterra o rosto nos joelhos. Quase não consigo segurar meu ímpeto de expulsar Parvati dali. Ela sofreu, lembro a mim mesma.

– Todo mundo para fora – Vi anuncia ao sentir que estou pendendo para a violência. – Tess precisa descansar, e eu também. – Ela marcha até a cama, pega um coelho de pelúcia branco esfarrapado e enfia à sua frente. – E, aliás, não há nada de errado com ursinhos de pelúcia. Eu tenho 15 anos, e este é o meu Coelhinho.

Rilla e as outras riem e se retiram. Vi fica vermelha, mas não arreda pé, valente, e sinto uma onda de orgulho. Quando cheguei ao convento, há dois meses, ela era uma das comparsas de Alice, sempre fazendo as vontades dela, envergonhada do pai cocheiro. Mal falava uma palavra em defesa própria. Amadureceu muito desde então.

Parvati hesita à porta.

– Você quer que esta criança conduza a Irmandade? Que tenha voto no Conselho de Guerra? É sério, Cate?

– É – respondo e fecho a porta na cara dela.

– Não estou ficando louca – Tess funga e ergue o rosto coberto de lágrimas. – Alguém está tentando me assustar, me desacreditar ou as duas coisas. Desculpa por ter acordado todo mundo. Eu devia ter percebido logo que era uma ilusão, mas parecia tão real, e estava bem em cima da minha cama, e...

– Não precisa pedir desculpa. – Vi se senta na beirada da cama de Tess e acaricia as costas dela enquanto eu ando irritada de um lado para outro. – Qualquer pessoa teria berrado. Parece apavorante.

– Talvez tenha sido Parvati – sugiro. – Você ouviu o que ela disse.

– Não sei. – Vi joga uma trança para trás do ombro. – Ela ainda não está muito boa em ilusões. Não tenho certeza se ela teria conseguido fazer algo assim tão complicado.

– Quem, então? – Será que Maura se rebaixaria para atormentar Tess desta maneira? Não quero nem pensar nisso, mas não posso eliminar a possibilidade. – Tess, quer dormir no meu quarto?

Tess se apruma.

– Eu não sou um bebê, Cate. Vou ficar bem.

– Vou cuidar dela – Vi promete. Ela se levanta e abre as cortinas, deixando a luz do luar entrar. – Talvez você precise dormir até mais tarde amanhã, Tess. Posso trazer café da manhã para você. Tenho certeza de que ninguém vai se incomodar se você perder aula só desta vez.

– Não. Por favor, não fique me mimando – Tess implora. – É exatamente isso que a pessoa quer... seja lá quem esteja fazendo isto.

Eu me sento na cama ao lado dela.

– Mas você precisa se cuidar. Sei que as suas visões dão dor de cabeça, e agora isso...

Tess dispensa a minha ladainha.

– Está tudo bem. Volte para a cama.

Eu mordo o lábio.

– Tudo bem. Boa noite, então.

Dou uma olhada em Tess e fecho a porta atrás de mim. Ela puxou a colcha azul até o queixo e se virou para a parede, mas dá para ver, pelo jeito como os ombros dela tremem, que ela está chorando de novo, e tentando esconder.

O que mais ela está escondendo de mim?

CAPÍTULO

10

NO DIA SEGUINTE, MEI, ADDIE, PEARL e eu caminhamos até o Hospital Richmond depois das aulas. Carregamos malas de médico cheias de ataduras, Bíblias e ervas medicinais. Há guardas em todas as esquinas. Faltam poucos dias para o Natal e as lojas deviam estar lotadas, mas um silêncio toma conta da cidade. A força ainda está erguida na praça; operários lavam as manchas de sangue do calçamento na rua da Igreja. Boa parte da população está apavorada o suficiente para ficar em casa, mas estariam com medo das bruxas que fugiram ou dos soldados dos Irmãos, zelosos em demasia?

Quando entramos pela porta do hospital, o fedor febril quase me derruba. Respiro pela boca e remexo na bolsa em busca de um lenço. Ao meu lado, Addie tem ânsia de vômito.

A recepção parece uma casa de loucos. Os doentes se escoram nas paredes, os rostos vermelhos e brilhando de suor. Os que estão fracos demais para ficar em pé se deitaram nas lajotas frias do chão. Uma enfermeira anda de um lado para outro, tentando orientar dezenas de pessoas ao mesmo tempo, e outras puxam as mangas dela. Três menininhos disparam pelo corredor enquanto bebês ficam estranhamente largados e silenciosos no colo das mães.

– Meu Senhor – Mei sussurra. – Ouvi dizer que as coisas estavam ficando ruins, mas isto...

– Isto é pavoroso.

Examino a multidão. A julgar pelas roupas – vestidos simples e encardidos para as mulheres e jeans e camisa de operário para os homens –, parece que a maior parte dos pacientes veio dos bairros pobres próximos ao rio. Faz sentido, de um modo terrível. Essas pessoas não têm dinheiro para médicos particulares e vivem umas em cima das outras, com famílias inteiras apertadas em apartamentos de dois cômodos. A febre está mais propensa a se espalhar lá. E quem já se esforça para alimentar a família não pode tirar férias e descansar para se recuperar; é provável que continuem trabalhando até não aguentar mais e, assim, infectem os outros ao redor.

Merriweather estaria sabendo disso? Fiz questão de ler os jornais ultimamente e não vi nada a respeito de uma possível epidemia, nem no *Sentinela* nem na *Gazeta*. As pessoas precisam se conscientizar. Com a chegada do Natal, todos dividirão espaço em lojas e igrejas. Pode ser que uma crise ecloda rápido demais. Eu me arrepio ao me lembrar da epidemia de

influenza em 1887. Eu só tinha 7 anos, mas me lembro de como os caixões ficavam empilhados no pátio da igreja e de como os Irmãos cancelaram os cultos durante uma semana, pedindo a todos que rezassem em casa pelo fim da doença. A irmã da Sra. O'Hare morreu. O irmão menor de Rose e Matthew Collier também, além de dezenas de outros vizinhos. E isso só na nossa cidadezinha. Como terá sido em Nova Londres?

Uma enfermeira vestida de cinza com um avental branco comprido caminha rapidamente pelo corredor. Quando nos vê, abre caminho na multidão.

– Ah, Irmãs, graças ao Senhor vocês finalmente chegaram! Ficamos sem leitos ontem, e agora temos gente morrendo à nossa porta. Metade dos pacientes só vem para cá quando já é tarde demais. Damos valeriana para acalmar e salicílico para tentar baixar a febre, mas não há muito mais que possamos fazer. Estamos nas últimas. Tive que mandar três enfermeiras para casa porque estavam doentes.

– Sinto muito por não termos vindo antes. Não fazíamos ideia de que a situação estava assim tão séria – eu explico.

Ela estala a língua e sobe as escadas com passos tão rápidos que eu quase preciso correr para acompanhar.

– Inez viu com os próprios olhos, não viu? Passei a semana toda dizendo a ela que precisamos de ajuda – ela reclama. – Senhor, eu nem me apresentei. Sou a senhora Jarrell.

– Eu sou Cate. – Faço uma pausa no patamar para recuperar o fôlego, apresento as outras, e então pergunto: – Irmã Inez esteve aqui?

– Todos os dias. – A enfermeira passa a mão no cabelo castanho cortado na altura do queixo. – Ela é tremendamente dedicada. Desejariam falar com ela antes de começar?

– Não, nós... – Addie começa a dizer, mas dou uma cotovelada nela.

– Sim, por favor. – Pensando bem, Inez tem estado ausente do convento na maior parte das tardes. Ela dá aula de ilusões avançadas, depois desaparece. Mas por quê? Ela não é do tipo que cuida de doentes. A menos que receba algo em troca.

Seguimos a enfermeira pela ala dos homens com doenças contagiosas. Está lotada, com um paciente em cada um dos trinta leitos. Enfermeiras se apressam de um lado para outro, distribuindo os tônicos da tarde e a vitamina. O ar é permeado pelo som de tosse persistente com catarro. Ao passarmos, um auxiliar entrega dois sacos abarrotados de lençóis recém-lavados.

A Sra. Jarrell nos conduz por um corredor com alguns quartos privativos.

– Ela passa horas lendo para ele, todos os dias. Duvido que ele entenda uma única palavra, mas é gentil da parte dela. Ninguém aqui recebe muitas visitas. É triste, de verdade.

Ela para na frente de uma porta fechada, eu espio pela janelinha e vejo um quarto mal iluminado com várias camas. Quatro janelas se alinham na parede do fundo, mas todas as cortinas brancas estão fechadas. Nove dos homens estão dormindo. O décimo parece fascinado com as próprias mãos, abrindo e fechando os punhos feito um bebê. Inez está

sentada em uma cadeira de madeira com o livro das Escrituras aberto no colo, murmurando orações na décima primeira cama.

O homem é ninguém menos que William Covington, ex-líder da Fraternidade.

Pressiono a orelha contra o vidro, na tentativa de escutar. O volume da voz dela aumenta e diminui, mas não consigo distinguir as palavras. Olho de novo e reparo como fita o rosto de Covington, não a Bíblia, mesmo enquanto sua boca continua a se mover.

Os pelinhos da minha nuca se arrepiam. Algo está errado. Muito errado.

Coloco a mão na maçaneta, mas Mei segura o meu braço.

– Não devemos atrapalhar. Ela parece muito absorta na oração.

A Sra. Jarrell retorna pelo caminho de onde viemos.

– Temos trabalho de sobra para vocês. A roupa da lavanderia acaba de chegar, por isso precisamos trocar os lençóis. Se vocês ajudarem as enfermeiras juniores com isso, vou ficar livre para conversar com a matrona e ver se encontro lugar para colocar os novos pacientes.

Addie e Pearl vão atrás dela feito cachorrinhos, enquanto Mei e eu ficamos para trás.

– Precisamos descobrir o que Inez está fazendo – eu sibilo. – Por que ela iria visitar Covington e os outros membros do conselho?

– Talvez seja o modo dela de se arrepender pelo que fez? – Até Mei parece duvidosa.

Voltamos para o andar de baixo e entramos na ala feminina. A Sra. Jarrell faz uma pausa na primeira seção de doenças contagiosas para falar com a enfermeira-chefe.

– Por favor – eu digo. – Não pode me dizer que Inez está rezando pela saúde e recuperação deles, não quando foi ela que os deixou assim.

– Bom, confrontá-la não melhoraria em nada. Se ela tem algum plano nefasto, não vai confessar de cara. – Mei observa um Irmão corpulento que conduz uma senhora de idade na direção das enfermeiras. Ela é baixa e recurvada e usa uma capa refinada cor de malva com pele de coelho branca nos punhos.

– Vou descobrir o que é. Inez já prejudicou gente suficiente.

Mei assente sem prestar atenção, está com a cabeça em outro lugar. A senhora de idade tosse com tanta força que mechas de cabelo cinza-ferro caem ao redor do rosto dela. O Irmão dá um tapinha no ombro da enfermeira e interrompe a conversa dela com a Sra. Jarrell, que se afasta. Ele baixa a voz ribombante, mas ainda é possível escutar alguns fragmentos:

– Minha mãe... febre terrível... providencie para que ela tenha...

A enfermeira-chefe assente e sai apressada com a senhora a reboque.

Mei faz uma careta.

– O que acha disso? Os ricos recebem pronto atendimento e quarto privativo, sem dúvida, enquanto os pobres têm que esperar na fila para morrer.

O Irmão vê que estamos olhando para ele e nos cumprimenta com um toque no chapéu.

– Boa tarde, Irmãs! – diz ele e atravessa o recinto para se juntar a nós. – Estão aqui para ajudar as enfermeiras?

Mei baixa o rosto, enquanto eu faço que sim.

– É nosso privilégio ajudar os menos afortunados – repito feito um papagaio.

Ele franze o nariz batatudo e enfia a mão no bolso em busca de um lenço. Encontra e o pressiona contra o rosto.

– Não sei como aguentam este fedor – reclama. – Eu nunca colocaria os pés neste lugar, mas minha mãe pegou essa coisa maldita.

Mei o espia pelos cílios retos escuros.

– Estou surpresa por não ter mandado chamar um médico particular. Obviamente é um homem de posses.

– Sou mesmo. – Ele sorri com orgulho. – Mas os médicos particulares não têm o que mamãe precisa, não é mesmo? Ela deve se consultar com o Irmão Kenneally imediatamente.

– Ele dá uma piscadela para nós. – Não é possível que pessoas como nós peguem uma coisa dessas só porque algumas ratazanas do rio não sabem qual é o seu lugar! Acho que devemos estabelecer quarentena até essa doença passar. Deixar todos confinados nas proximidades do rio, que é o lugar deles.

O homem não é especialmente discreto. Dou uma olhada na ala lotada, onde mulheres de todas as idades são acometidas pela tosse e estão vermelhas de febre. Elas estão doentes, mas não são surdas. Uma mulher magricela com cabelo que parece palha de milho olha feio na nossa direção, e se isso pudesse matar, estaríamos todos mortos.

– Que ideia maravilhosa – Mei diz por entre os dentes cerrados.

– É o que penso. – O Irmão sorri quando a mãe dele reaparece, arrastando os pés pelo corredor. Ele leva a mão ao chapéu mais uma vez. – Bom, preciso ir. Cuidem-se, Irmãs!

Ele se afasta saltitante e eu fico olhando fixo para Mei, horrorizada.

– Eu não... Mas que homem terrível.

Mei pega um saco de roupa de cama limpa.

– Eu já nem me surpreendo mais.

Horas mais tarde, ao crepúsculo, cambaleamos até em casa pelas ruas. Com fome, Mei cheira o ar quando passamos por uma padaria que acaba de assar pães. Perdemos a hora do chá e a do jantar.

– Ainda está pensando em Inez? – indaga ela. – Como consegue pensar em outra coisa que não seja comida ou cama neste momento? Estou faminta.

Meu estômago está roncando e estou louca para ir para a cama também, mas não paro de pensar no que vimos naquele quarto de hospital. Enquanto Mei e eu trocávamos os lençóis, distribuíamos as refeições e ajeitávamos os pacientes para passar a noite, Inez mal saiu da minha cabeça.

Eu consegui acalmar os pacientes mais agitados, diminuir a febre e fazer a respiração melhorar, mas não pude curá-los inteiramente. A febre é traiçoeira; escapou da minha magia, transformando-se por mais que eu tentasse. Espero que meu esforço seja suficiente

para colocá-los no caminho da cura... mas não tão milagrosa que alguma enfermeira mais astuta perceba que a nossa visita coincidiu com uma melhora notável. Executar magia no hospital é mais arriscado do que em Harwood, onde as enfermeiras não se incomodavam nem um pouco com as pacientes.

É desperdício demais. Se tivéssemos liberdade para praticar nossa magia abertamente, poderíamos ajudar um número muito maior de pessoas. E isso não dependeria de quanto elas poderiam pagar ou não.

– Não aguento mais esperar o clima esquentar. – Pearl treme dentro da capa, batendo os dentes tortos. – Sabe o que eu queria neste momento? Uma quiche de queijo com tomate.

Mei solta um gemido e Addie aperta o nariz arrebitado contra a janela feito um moleque de rua, embaçando o vidro frio com a respiração.

– Aquilo é torta de carne? Parece deliciosa. Era isso que eu queria.

– Vamos comprar algumas, então. – Remexo na bolsa em busca de moedas. – É por minha conta. Quatro tortas de carne?

– Abençoada seja – Mei diz com entusiasmo.

Dou um sorriso quando elas entram na padaria aconchegante. Todas as lojas do bairro comercial estão abertas até mais tarde por causa das compras para as festas. As vitrines estão decoradas com pinhas e o cheiro apimentado se mistura com o de molho de carne, cebola e pão fresco.

O Pai nos contou como, quando era pequeno, ele e o Avô cortavam pinheiros, levavam para dentro de casa e enfeitavam com ornamentos feitos à mão e cordões compostos por pipocas. Colocavam um anjo com asas de pena no alto e os presentes embaixo. Mas, quando ele tinha 10 anos, as árvores de Natal foram proibidas. Pagãs demais, os Irmãos disseram, assim como as músicas natalinas que os vizinhos costumavam cantar, indo de casa em casa com sidra. O dia do Natal é para venerar o nascimento do Senhor: para cerimônias na igreja de manhã seguidos por jejum e contemplação silenciosa; mas pelo menos os Irmãos não impediram que as pessoas festejassem e trocassem presentes na véspera de Natal.

Vai ser um feriado estranho neste ano, longe de casa, mal falando com Maura.

É tarde quando chegamos ao convento. Esfregamos a pele até ficar vermelha, e Mei se oferece para ferver nossos vestidos. Quando entro na sala de estar em busca de Tess, Vi me diz que ela já se recolheu e que não quer ser incomodada, nem por mim. Minha vontade é ir ver como ela está mesmo assim, mas Tess precisa descansar. Eu também, aliás... E no entanto...

Minha outra irmã está reunida com Parvati, Genie e algumas outras ao redor do sofazinho cor-de-rosa. Parece que Alice caiu em desgraça permanente. Maura trocou de quarto mais uma vez – agora com Livvy – para ficar com Parvati. Mas Alice parece bem contente agora que ela e Vi fizeram as pazes. Estão sentadas juntinhas em uma poltrona azul, folheando uma revista de moda da Cidade do México. Livvy toca uma sonata adorável ao

piano. Sachi está sentada em um divã perto da lareira enquanto Rory está deitada de barriga para baixo no tapete buclê vermelho e Prue lê um livro ali perto. Pearl está tricotando mais um cachecol cinza – para os convalescentes do hospital, ela é muito gentil –, enquanto Mei derrota Addie em uma partida de xadrez.

Sinto uma onda de contentamento. Apesar de Finn... apesar das tramoias de Inez... apesar das crueldades dos Irmãos e da incerteza em relação ao nosso futuro... não sou infeliz aqui. Nunca sonhei que teria amigas como estas. Há três meses eu não achava que pudesse confiar em ninguém no mundo além das minhas irmãs.

Como eu estava errada, em ambas as questões...

Quero pousar meus braços e minhas pernas em uma poltrona e observar Mei enquanto ela manobra sua rainha pelo tabuleiro, ou me jogar no chão ao lado de Rory e dar risada para esquecer as preocupações. Em vez disso, atravesso a sala e vou até Maura.

– Posso falar com você um instante?

– Pode falar o que quiser na frente das minhas amigas – diz ela enquanto alisa a saia cor de safira.

– Não posso, na verdade. – Tento manter meu tom de voz agradável. – Só vai demorar um instante.

– Ah, tudo bem. – Maura finge relutância, apesar de eu perceber a curiosidade em seu rosto. Ela se levanta, entrelaça os dedos nas costas e estica os ombros. – Com licença, meninas. Fui convocada.

As meninas dão risadinhas feito os papagaios coloridos da loja de animais de estimação na rua Quatro, e resisto à vontade de revirar os olhos. Conduzo Maura pelo corredor, até a sala de aula de cura, com cuidado para deixar uma fresta da porta aberta. Assim há menos chance de que qualquer uma de nós duas se comporte mal.

Maura se aboleta em cima da mesa de Irmã Sophia.

– O que é, Cate? Não me agrada nada você me arrastar para longe das minhas amigas.

Eu me apoio no armário de madeira que abriga Bones, o esqueleto que usamos para as aulas de anatomia.

– Algo muito estranho aconteceu com Tess ontem à noite.

– Eu soube – diz Maura. – Não foi ela que contou, claro. Foi Parvati. O Senhor me livre se alguma de vocês me disser algo.

– O que você soube exatamente?

Maura ajusta um dos pentes dourados no cabelo.

– Que Tess teve um pesadelo e ficou histérica. E que você não ajudou em nada ao acusar todo mundo de estar contra ela.

– Não foi um pesadelo. – Estremeço. – Alguém lançou a ilusão de que a cama dela estava pegando fogo. É a segunda vez que alguém tenta assustá-la assim. Na primeira, foi em plena luz do dia. Tínhamos acabado de voltar das compras, ela entrou no quarto e encontrou Ciclope pendurado na cortina com um bilhete dizendo *Você é a próxima*.

Maura franze a testa.

– Por que não veio falar comigo antes? Ela também é minha irmã, sabia?

– Estou falando com você agora. Quem poderia fazer algo assim? – Eu me seguro para não observar que, se Maura não tivesse aberto a boca para Inez, ninguém iria saber que Tess é o oráculo e não haveria razão para irem atrás dela.

– Não faço a menor ideia. – Os olhos azuis de Maura se estreitam, pensativos.

– Tess acha que alguém está tentando desacreditá-la. Fazer com que ela pareça criança e boba demais para ser líder.

– Ele é criança demais – Maura diz. – Se ainda estivéssemos em Chatham, ela ainda nem participaria de chás ou jantares. Quando chegar a hora de a Fraternidade cair... e esta hora está chegando, anote o que estou dizendo... não poderemos colocar uma menina de 12 anos a cargo da Nova Inglaterra.

– Eu não sou contrária à ideia de uma regente até que Tess atinja a maioridade, mas...

– Mas acha que devia ser você, não Inez. – Maura bate na lateral da mesa com as sapatilhas douradas. *Tump. Tump. Tump.*

– Na verdade, acho que deve ser Elena. – A ideia está na minha cabeça há dias, e as palavras saem antes de eu pensar se é prudente compartilhá-las.

Maura fica paralisada.

– O quê?

– Eu não sou a candidata ideal. Sei disso. Mas Elena é brilhante. Estratégica. Manipuladora quando necessário, mas também capaz de ser bondosa. Depois de Inez, ela é nossa melhor bruxa. A magia dela pode não ser tão forte quanto a nossa, mas Elena tem mais experiência.

– Você quer que *Elena* seja a líder até que Tess esteja pronta – Maura diz bem devagar.

– Quero. – Pego uma carteira da primeira fileira e viro para poder me sentar no tampo, de frente para minha irmã. – Não quero isso para mim. Esse nunca foi o meu objetivo. Só quero que seja alguém que se importa com as pessoas... com todas as pessoas, não apenas os homens, não apenas as bruxas, não apenas os ricos. Alguém que acredite em igualdade.

Maura olha fixamente para mim, como se não me conhecesse.

– Nossa, Cate, mas você anda lendo teoria política?

Dou risada. Não estou pronta para fazer as pazes, longe disso, mas quem sabe podemos estabelecer uma trégua temporária?

– Só a *Gazeta*.

– Acho que Elena seria uma boa líder. – Maura fica corada. – Mas e Inez? Ela tem sido boa comigo. Não posso traí-la.

Eu trinco os dentes quando a mágoa me atravessa. Ela não pode trair Inez, que conhece há dois meses? Não teve nenhum problema em *me* trair.

– O que ela fez por você além de tecer elogios e permitir que praticasse magia mental? – questiono, pensando nos homens que estão em coma no Hospital Richmond. – Fez com que

– Você fosse responsável por assassinato?

– Nós não matamos ninguém! – Maura explode e salta da mesa.

– É como se tivessem matado. – Balanço a cabeça. – Você por acaso sabe o que ela está tramando agora?

– Se está se referindo à acusação ridícula de Alice... – diz ela, bufando.

– Não estou – interrompo. – Por que ela tem passado as tardes no Hospital Richmond com o Irmão Covington?

– Não sei do que você está falando. – Maura planta as mãos na cintura, mas os olhos agitados a denunciam.

– Eu a vi lá hoje com meus próprios olhos, por isso não adianta negar. As enfermeiras disseram que ela tem ido lá todos os dias. – Ergo as sobrancelhas quando uma ideia me ocorre. – Será que a magia mental que aplicou em Covington não foi bem-sucedida? Será que há uma possibilidade de ele acordar e contar o que aconteceu?

– E isso ia deixar você feliz, saber que eu falhei? – Maura aperta as saias azul safira. – Sinto muito decepcioná-la, mas não é isso.

– Bom, seja lá o que for, Inez está escondendo algo. Talvez ela é que esteja ameaçando Tess.

– Não. Ela não faria isso. – Maura ergue o queixo. – Ela prometeu.

– Essa é a mulher que você quer ver governando a Nova Inglaterra? Alguém para quem precisou implorar para não machucar sua irmã menor? – eu me irrita. – Nunca devia ter contado a ela que Tess é o oráculo.

Maura vai até a janela com os ombros rígidos. Fica em silêncio durante um longo momento, olhando triste para o jardim de inverno.

– Não é Inez.

– Perdoe-me se não acredito na sua palavra.

Maura se vira para mim.

– Ela se comprometeu comigo, Cate. Jurou sobre a cova do marido que nunca machucaria Tess.

– Ela... o quê? – consigo dizer. – Inez foi *casada*?

Minha irmã assente.

– Nos territórios espanhóis. Um dos guardas dos Irmãos pegou os dois se esgueirando pela fronteira em Maryland. Inez viu o guarda dar um tiro na cabeça do marido dela. Então ela compeliu o guarda a atirar em si mesmo. – Maura estremece. – Aquele broche que ela sempre usa... tem o cabelo do marido dentro.

Interessante. Então não é só poder que Inez busca há tantos anos. É vingança também.

– Quem mais poderia querer desacreditar Tess? – pergunto, voltando a me concentrar na questão. – Só pode ser alguém que apoia Inez. Alguém como... – Minha voz some. Não quero desconfiar de Maura. Ela pareceu surpresa de verdade com o fato de o acontecimento de ontem à noite não ter sido o primeiro. Mas Alice mudou de lado há pouco tempo, Parvati

não tem poder suficiente e, sinceramente, não acho que outra garota poderia ter a iniciativa de começar uma campanha destas.

– Está pensando que fui eu, não é? – Maura morde o lábio. – Você me tem mesmo em tão baixa conta? Acha que eu machucaria *Tess*?

– Você *me* feriu. – As palavras saem antes que eu possa segurar.

– Isso... – Maura faz uma pausa, mas nós duas sabemos o que ela ia dizer. *Isso foi diferente.*

Por quê? O que há de tão disfuncional na nossa relação para ela pensar uma coisa dessas? O que eu fiz para ela?

Eu me dirijo para a porta.

– Está tarde, Maura. Pode voltar para as suas amigas.

Na manhã seguinte, Tess está me esperando no corredor entre minhas aulas de ilusões e de matemática avançada.

– Cate! – ela exclama e me puxa do meio das garotas apressadas para dentro da biblioteca. – Tenho uma notícia maravilhosa! Adivinhe só? O Pai vai vir para o Natal!

– Para cá? Para Nova Londres? – pergunto, parecendo uma idiota.

– Não, para a Indochina. É claro que é para cá! – Ela abana uma carta no meu rosto. – Escrevi para ele na semana passada e pedi que viesse e ele...

– Você acha que é boa ideia? – interrompo.

– Cate. – Ela franze a testa para mim e segura junto ao corpo uma enorme pilha de livros.

– Combinamos de contar a verdade a ele no Natal. Como vamos fazer isso se não nos encontrarmos com ele? Você prometeu.

– Eu sei. – Tess acha que já está mais do que na hora de contar ao Pai que nós somos bruxas, e acho que concordo que ele deveria saber a verdade. Mas, neste momento, as coisas parecem incertas. Maura e eu mal estamos nos falando. Como podemos fingir ser uma família feliz para o Pai? Será que Tess tem a intenção de contar *tudo* para ele?

– Ele vai ficar no apartamento dele, em cima da Companhia Mercantil Cahill. – Ela balança sobre a ponta dos pés, um sorriso se espalha por seu rosto, e não tenho coragem de argumentar. Há semanas ela não parece assim tão feliz. – Ele disse que deve chegar tarde na sexta, e nós iremos até o apartamento para a ceia de Natal. Vai trazer presentes e uma grande surpresa!

– Parece maravilhoso. – Mas não consigo deixar de me preocupar. E se o Pai não reagir da maneira que ela espera? – Falando em presentes, vou fazer compras antes de ir para o hospital hoje à tarde. Quer me acompanhar?

– Não, obrigada. – Tess pousa os livros em uma prateleira próxima e ajeita a faixa cor de fúcsia na cintura. – Vi e eu vamos amanhã.

– Ah. – Engulo a decepção. – Eu não preciso ir hoje. Talvez possamos jogar uma partida de xadrez. Ou posso ajudar você a assar bolinhos para o chá. Qualquer coisa que você quiser.

– Já prometi que vou estudar latim com Lucy. – Tess pega a pilha de livros e se dirige à porta.

– Ah. Bom, quem sabe eu não posso...

– Por que você simplesmente não me amarra ao seu tornozelo? – ela se irrita.

Fico olhando fixo para ela, estupefata.

– Tess, não foi minha intenção...

– Desculpe. – Tess fica corada, tão rosada quanto um dos cravos da Mãe. – Não quis ser indelicada. Mas, para que as pessoas me levem a sério, não posso ficar agarrada na sua saia o tempo todo, Cate. Você entende, certo?

– Claro... claro que sim. – Meus dedos se cravam na capa de couro do meu livro de matemática. – Vou convidar Rilla para ir comigo, então.

– Perfeito. – Tess me lança um sorriso sincero, mas minha garganta dói enquanto a observo se afastar. É natural que ela queira afirmar sua independência, não é? Ela *vai* fazer 13 anos no ano que vem.

Mas, de algum modo, parece que estou perdendo minhas duas irmãs.

CAPÍTULO



QUINTA-FEIRA À NOITE BEM TARDE, PRUE, Rilla e eu nos dirigimos para a papelaria O'Neill's. Prue está ansiosa para se reencontrar com o irmão, e Rilla insistiu em nos acompanhar porque ela “se recusa a permitir que aquele tal de Merriweather, vaidoso e convencido” se safes das ideias dela para a *Gazeta*. Enquanto nos apressamos pelas ruas da cidade congelada, bem agasalhadas com nossas capas e luvas de pele, elas conversam sobre suas ideias de entrevistar ex-prisioneiras de Harwood. Sorrio, confiante na capacidade delas de importunar Merriweather até que ele publique alguns artigos favoráveis às bruxas, mas meu estômago fica embrulhado com a iminência do encontro com Finn.

Uma ou outra charrete passa fazendo barulho, carregando rapazes para casa depois da farra ou do que quer que eles tenham feito tarde da noite. Dois guardas nos detêm quando chegamos ao bairro comercial, mas dizemos que estamos a caminho do Hospital Richmond para rezar pelas vítimas da febre e eles nos deixam passar. Ninguém parece estar contente de estar na rua hoje à noite. O vento sopra com fúria pelas camadas de minha roupa de inverno, deixa minhas coxas dormentes e faz minhas tranças se desfazerem aos poucos. Pelo menos não está nevando. Não neva desde a noite da fuga de Harwood. Já faz mesmo duas semanas?

Os últimos dois dias voaram. Passei as manhãs em aula – ilusões, matemática avançada e animações – e as tardes trabalhando como enfermeira no Hospital Richmond. Inez tem sido rígida em ilusões, fazendo questão de chamar minha atenção quando meus encantos não se firmam, mas, fora isso, as coisas estão tranquilas. Tranquilas demais, talvez. Hoje de manhã eu a peguei sorrindo de um jeito que fez o medo se espalhar dentro de mim. À noite, Sachi, Rory e eu tentamos determinar o que fazer com as garotas novas. Elas não podem ficar no convento para sempre, mas a maioria não tem outro lugar para ir.

Tess e Maura têm se mantido distantes. Isso me dói mais do que eu gostaria de admitir.

Os Irmãos começaram a pregar a respeito da epidemia provocada pelas bruxas. O *Sentinela* publicou um artigo hoje afirmando que as bruxas lançaram uma praga sobre a multidão. Ontem, voltando do hospital para casa, entrei em uma floricultura para comprar algumas tulipas amarelas que Rilla adora e escutei duas mulheres bem-vestidas cochichando a respeito de como as bruxas lançaram feitiços para deixar as pessoas doentes. Elas usavam lenços coloridos e finos sobre o rosto porque a febre começou a se espalhar no bairro

comercial, mas é uma precaução insignificante. Desconfio de que elas considerem a doença como algo que só pode acontecer com certo tipo de pessoa: as mais pobres e com menos sorte.

O beco atrás da rua Cinco está em silêncio. O vento faz nuvens cobrirem a Lua, mergulhando a noite em sombras. Confiro para ter certeza de que não há ninguém por perto antes de usar minha chave para destrancar a porta dos fundos. No depósito, tiro a capa. Deixo de lado o preto das Irmãs e coloco um vestido cinza com faixa azul que eu sei que fica bem em mim. Faço uma pausa para ajeitar o cabelo, desejando ter um espelho.

– Estou feia? – pergunto, corada. Se Merriweather me visse agora, acharia que eu era mesmo uma garota desmiolada.

Rilla estende a mão para ajeitar uma mecha solta.

– Não. Você está ótima.

Vou na frente para indicar o caminho do porão. Meus olhos examinam os homens reunidos à mesa: Merriweather, O'Neill, o Sr. Moore com suas costeletas ruivas, um homem robusto com físico de estivador mas vestido como um almofadinha e dois outros que vi da última vez. Nada de Finn. Meu coração se aperta.

Merriweather atravessa a sala em três passos gigantes.

– Prudencia! – grita ele com a voz rouca de emoção e a envolve em um abraço apertado. Enquanto ele e Prue desfrutam de seu reencontro cheio de ternura, eu apresento Rilla aos outros.

– Que bom voltar a ver você, minha menina – O'Neill diz depois que Prue se desvencilha do Irmão.

– Seja bem-vinda de volta, Prue. Quanto tempo a deixaram naquele lugar? – o homem robusto pergunta.

Merriweather se vira para ele:

– Meu bom Senhor, John, tenha um pouco de tato.

– Foram três anos – Prue responde, sorrindo. – Eu não me incomodo de falar sobre o assunto. Aliás, *quero* falar. Acho que as pessoas devem saber o que nós sofremos.

– Está vendo? – Os olhos cor de avelã de Rilla faíscam com a luz da batalha.

Merriweather suspira e se volta para mim:

– Por que você trouxe esta aqui? A outra garota era adorável. Tranquila.

– Se disser que as mulheres devem ser vistas e não ouvidas, eu mesma arranco o seu cérebro – Prue ameaça. – Acho a ideia de Rilla brilhante. Todo mundo que acompanha o seu jornal sabe onde eu estava, Alistair, e todos sabem que eu não estava lá por ser bruxa; foi porque eu me recusei a contar aos Irmãos como encontrar você. Algumas das outras garotas não vão querer que você use o nome real delas, mas pode usar o meu.

– De forma alguma! – Merriweather ribomba. – Não vou colocar você em perigo.

Prue revira os olhos em direção aos céus.

– Você pode arriscar a sua segurança, mas eu não? Que ridículo.

Os homens ao redor da mesa observam a discussão dos irmãos virando a cabeça de um lado para outro, como se estivessem assistindo a um jogo de tênis.

– As damas têm razão. – As solas dos sapatos de Finn batem nos degraus. Ele usa um colete cor de chocolate com camisa branca amarfanhada, e, quando os olhos dele encontram os meus, um sorriso se espalha por seu rosto e fico cega para o resto do mundo. – Você não esteve no bazar, Merriweather, mas O’Shea fez uma enfermeira contar histórias sobre como as moças eram tratadas em Harwood. O público precisa conhecer a verdade.

– E como eu vou conseguir entrar em contato com todas estas garotas para entrevistá-las?
– Merriweather quer saber.

– É aí que eu entro. – Rilla também está usando um de seus vestidos preferidos nesta noite. É de brocado amarelo com enormes mangas bufantes e um laço de tafetá cor de laranja no peito. – Posso entrevistá-las para você.

– O quê? – O queixo bem talhado de Merriweather cai. – *Isso é ridículo.*

– Não é. Já está mais do que na hora de você ter uma repórter na sua equipe. Eu usaria um pseudônimo, é claro – Rilla prossegue. – Todas as revistas de Paris e de Dubai têm repórteres do sexo feminino. Por que não aqui?

Merriweather passa a mão pelo cabelo escuro desgrenhado.

– Todas as revistas de moda, você quer dizer. Meu jornal é sério, senhorita Stephenson, e não vou transformá-lo em motivo de chacota.

Prue olha para o irmão com um ar rebelde.

– Acho que a ideia é boa.

– Claro que sim. – Merriweather cruza os braços por cima do peito largo. – Como vou saber se ela sabe escrever?

– Quando eu entregar minha primeira entrevista, oras. – Rilla esfrega as mãos como se a questão estivesse decidida, e eu praticamente enxergo o cérebro de Merriweather explodir. Coitado.

– Não quero lhe dizer como administrar seu jornal... – começo a dizer com cuidado.

– Então, não diga. Imploro para que se poupe de falar o que quer que tenha em mente. Já alcancei minha cota de lidar com mulheres nesta noite – Merriweather resmunga, olhando feio para Prue e Rilla. Ele puxa uma cadeira da mesa de madeira comprida e larga o corpo nela.

– Acredito que isso não iria condizer com a minha consciência. – Ocupo uma cadeira vazia entre ele e Finn. Rilla e Prue se sentam do outro lado da mesa. – Passei os últimos quatro dias cuidando de vítimas da febre no Hospital Richmond. Está ciente de que corremos o risco de enfrentar uma epidemia real?

– Uma epidemia? – Merriweather meneia a cabeça. – Ouvi dizer que piorou, mas...

Balanço a cabeça, terrivelmente ciente de que o joelho de Finn está a apenas alguns centímetros do meu.

– A doença se espalhou como fogo por todo o bairro do rio. Logo deve atingir o bairro comercial na sequência, e além disso faltam três dias para o Natal. Todos estão na rua fazendo compras.

John franze a testa e remexe no lenço roxo ao redor do pescoço.

– Achei que os relatos do *Sentinela* fossem apenas para meter medo.

O Sr. Moore cofia as costeletas.

– Meu primo mora nos limites da cidade. Mandou avisar ontem que os filhos estão doentes e talvez não possam comparecer à ceia.

– Está vendo? As pessoas precisam tomar precauções, e não estão tomando, porque o *Sentinela* coloca toda a culpa nas bruxas. O hospital está uma loucura; recusam pacientes por falta de leitos. Converse com qualquer enfermeira! – Dou uma olhada nos homens ao redor da mesa: todos cavalheiros ou comerciantes, de acordo com as vestimentas. – Quando foi a última vez que algum dos senhores foi até o rio? Com todo esse papo de igualdade e voto para todos os homens, por acaso algum de vocês interage com os pobres?

Há um momento de silêncio, e trinco os dentes.

– Não temos muitos clientes da área do rio. Bom papel e tinta para escrever são bens de luxo – O'Neill reconhece e baixa os olhos para as mãos enrugadas.

– Se está tão ruim assim, por que os Irmãos não estão organizando quarentenas? Ou pelo menos marcando as casas com doentes? – Merriweather pergunta.

– Pode causar pânico. É a última coisa que O'Shea deseja. – Os olhos castanhos de Finn encontram os meus e depois percorrem a mesa. – Ele não vai a lugar nenhum sem meia dúzia de guardas. Está com medo de ser assassinado ou atacado... seja pelas bruxas, seja por alguém de dentro do conselho. A Fraternidade está profundamente dividida neste momento.

Os outros homens parecem adequadamente impressionados com a informação.

– Como assim? – John pergunta.

– A última medida não foi muito bem-vista. Pegaram dez das sessenta bruxas que escaparam no domingo, mas ainda não marcaram outra execução. Alguns dizem que é porque O'Shea tem medo de que as bruxas façam mais uma demonstração de poder. – As mãos sardentas de Finn estão pousadas na coxa direita dele, a pouca distância das minhas, e preciso me controlar para não esticar o braço e entrelaçar nossos dedos. Parece antinatural estarmos assim tão próximos sem nos tocar. – Outros dizem que é por causa da opinião pública contrária. Alguns querem eleger O'Shea de modo permanente. Outros querem chamar Brennan de volta e lhe dar uma oportunidade de se explicar.

Merriweather se apruma.

– Quantos ficariam do lado de Brennan agora?

– É difícil dizer. – Finn se inclina para a frente e o joelho dele bate no meu. – Antes do incidente em Harwood, acho que poderíamos ter conseguido maioria de votos. Agora... não sei. Eu me sinto muito culpado em relação a tudo isso.

Prendo a respiração, estupefata.

– Por quê?

Tenho certeza de que ele não está conduzindo a conversa para onde deveria.

– Porque *eu* estava presente, não Brennan. Porque foi o meu lenço que encontraram... Ai! – Finn exclama quando eu dou um chute na canela dele. – Eu já contei a Merriweather, Cate, e tenho certeza de que ele falou aos outros.

– Está louco? – Eu me viro de frente para Merriweather. – Não pode entregá-lo! Mesmo que ele tenha confessado, vão achar que está mentindo para limpar o nome de Brennan. Iriam enforcar os dois.

– Nós sabemos – Merriweather diz. – Não temos intenção de entregá-lo. Mas, pensando bem, Belastra, talvez eu devesse entrevistar *você* a respeito do que aconteceu em Harwood. Em anonimato, é claro.

Lanço um olhar sem jeito para Finn.

– Ele nos ajudou a enganar a segurança e entrar. Estávamos disfarçadas de Irmãos, mas ele era um representante real.

– Compreendo. – Há um brilho de curiosidade nos olhos de Merriweather. – E depois, o que aconteceu?

– Acionamos o alarme de incêndio para atrair todas as enfermeiras a um só lugar, então as fechamos na ala das moças que não cooperaram. A porta tranca por fora. Mas uma das mulheres, a que falou no bazar, atirou em uma paciente e fugiu. Finn me ajudou a dominá-la, e então...

– Aprecio sua candura – Merriweather interrompe –, mas poderia deixá-lo falar por conta própria?

Meu coração se aperta. Ele sabe. Finn deve ter dito algo na outra noite, algo que traiu sua falta de memória. Agora Merriweather provavelmente vai fazer perguntas, não vai deixar passar em branco e...

Lanço um olhar apavorado para Rilla, do outro lado da mesa.

– Por que está tão interessado quanto ao que o senhor Belastra fez naquela noite? – Rilla joga os cachos castanhos. – Fomos nós que agimos, sabe. Bruxas. Mulheres. Por que não nos dá crédito?

– Eu lhes dou crédito de sobra. Já agradei a Cate em profusão por ter salvado minha irmã – Merriweather argumenta. – Não acha que Belastra também merece elogios por ter arriscado o pescoço?

O cenho de Finn está franzido quando ele se levanta.

– Cate, posso conversar com você por um momento? Em particular?

Moore dá risada atrás das costeletas.

– Briga de namorados?

Sinto o calor do rubor se espalhando da garganta às bochechas. Devo estar parecendo um morango. Finn não diz nada e cora também, e o silêncio é horrível. Eu me levanto quando

ele caminha na direção da escada. Sair da reunião para ir atrás dele só me faz parecer mais tola aos olhos de Merriweather, mas...

– Pode ir. Prue e eu damos conta disso – Rilla garante e faz um gesto dando a entender que será fácil lidar com a situação.

Eu vou.

Finn está em pé no depósito, ao lado de uma lamparina que o coloca em um círculo de luz. O aposento tem cheiro de papel e tinta e agora me sinto bem, porque Finn também está aqui, com o cheiro de bergamota de seu chá. Ele se apoia em um armário cheio de livros-caixa, e eu me coloco ao lado dele.

Ele passa a mão pelo cabelo.

– Isso é meio estranho de perguntar, mas não vejo outro jeito. O que nós somos, Cate?

– Eu... Como? – pergunto feito uma idiota.

– O que nós somos um para o outro? – Mesmo à luz fraca, vejo as orelhas dele ficarem vermelhas. – Aquele homem estava certo? Nós... nós somos namorados?

– Nós estávamos apaixonados. Fomos noivos por um curto período, antes de eu entrar para a Irmandade. – Desvio o olhar. Como posso explicar o que aconteceu entre nós em poucas frases? A confiança e o respeito construídos em pequenos momentos... momentos de que ele já não se lembra mais. – Depois disso, nossa relação teve que ficar em segredo.

Finn está tão perto de mim que sinto o calor que irradia dele na sala fria, mas não consigo decifrar sua expressão. O que ele deve estar pensando?

– Por quê? – pergunta.

– Você e minhas irmãs correriam perigo se eu não viesse para Nova Londres de bom grado. Por causa da profecia. – Eu me sinto muito desajeitada. Mordo o lábio, terrivelmente ciente de que os olhos de Finn se deslocam para a minha boca. O ar entre nós parece eletrificado mais uma vez, como os momentos que antecedem uma tempestade de raios.

– A profecia? – ele balbucia. – Pelo bom Senhor. Você é o oráculo?

– Não. É Tess – digo sem pensar.

Finn lança um olhar caloroso sobre meu rosto.

– Você deve confiar muito em mim para me contar tudo isso.

– Confio. – Mais do que em qualquer outra pessoa no mundo.

Ele assente, quase como se tivesse escutado as palavras que não proferi.

– Por que não me procurou e me contou tudo imediatamente? Assim que percebeu que eu não era eu mesmo?

– Eu devia ter feito isso. É só que... não fui capaz de suportar. – Meu olhar recai no assoalho de madeira, e ele estende o braço e ergue o meu queixo para que eu seja obrigada a olhar para ele. – Você não se lembra de estar apaixonado por mim, Finn. Como eu poderia chegar e dizer isso?

Uma lágrima escorre pela minha bochecha. Finn a limpa com o polegar.

– Deve ser muito difícil para você.

– Não tanto quanto tem sido para você. – Luto contra, mas outra lágrima escapa. – Sinto muito. Sinto tanto.

– Shhh. – Finn me puxa para seus braços. Enterro o rosto contra o algodão macio do ombro dele. Talvez ele só esteja fazendo isso porque se sente obrigado, porque se sente culpado por não se lembrar de mim, mas, por um instante, eu me permito fingir que não é por esses motivos. Estou abraçada a ele, nossos corpos se tocam dos joelhos aos ombros, e não há nenhum outro lugar no mundo em que eu preferiria estar. Ele ajeita uma mecha de cabelo louro atrás da minha orelha. – Vai ficar tudo bem. Vamos descobrir juntos o que fazer – sussurra ele, e sua respiração no meu pescoço envia um calafrio nada desagradável pelo meu corpo.

Viro a cabeça.

– Senti saudades. – Meus lábios quase tocam o pescoço dele.

Ele solta um ruído de prazer, suas mãos se movem nas minhas costas, fazendo o calor atravessar a seda cinza. Não consigo me segurar. Dou um beijo na pele quente e macia logo acima do colarinho dele. Ele tem gosto de sal, sabonete e Finn. As mãos dele agarram o tecido do meu vestido, e eu deixo a cabeça pender. Não sei quem dá o primeiro passo, mas então estamos nos beijando, estamos nos beijando, e...

Eu me entrego. Esqueço que devo ir devagar, esqueço que isto é, para ele, o nosso primeiro beijo, não penso em precaução nem em reputação. Minha mão remexe embaixo do colete dele e eu pressiono a base das costas dele com a palma da mão para ancorá-lo contra mim. Os lábios dele se movem suaves, quentes e lentos contra os meus. Quando arqueio o pescoço, a boca dele passa por ali, até eu deslizar os dedos nos pelos eriçados da nuca dele e puxar seu rosto de volta ao meu. Mordo de leve o lábio inferior dele e a sua língua entra na minha boca. As mãos dele passam suavemente pela minha cintura e...

É a mesma sensação de antes. Parece que estamos na sala secreta, no gazebo, na estufa. Posso fingir que estamos de volta a Chatham, no jardim de rosas de outono, rodeados por cercas vivas e o perfume doce das rosas da minha mãe.

Posso fingir que ele ainda me ama.

Finn para. Pousa a testa contra a minha, respirando rápido.

– Cate, precisamos conversar sobre... – ele começa, então seus olhos pousam em algo atrás de mim.

– O que foi? – pergunto. As mãos dele relaxam na minha cintura, mas ele não me solta completamente.

O assoalho de madeira está coberto de pétalas de rosas. Estão em todo o lugar: pairando nas prateleiras, cobrindo as caixas de canetas e os livros-caixa. Passo a mão pelo cabelo, encontro uma presa na minha trança e a coloco na palma da mão. É de um vermelho-carmim profundo, igual ao das rosas no jardim da Mãe, e macia como veludo. O perfume é inebriante.

Eu fiz isso. Como aconteceu com as penas.

Mas, desta vez, Finn sabe o que eu sou.

– Perco a cabeça perto de você. Sempre perdi – confesso.

– Desconfio de que o sentimento seja mútuo. – Finn traça a linha do meu pescoço, e recomeço a tremer. Ele enfia os dedos na faixa azul do meu vestido e volta a me puxar na direção dele. A boca dele baixa até a minha.

Estamos totalmente entregues um ao outro quando a porta dos fundos se abre e um homem vestido de preto, com os Irmãos, irrompe no depósito. Nós nos separamos imediatamente, mas os olhos frios como mármore do homem recaem sobre nós. Sobre meu vestido amarrotado e meus lábios inchados. Sobre o colete para fora da calça de Finn e meu cabelo despenteado.

– Então é para cá que você anda fugindo, Belastra? – Os lábios de Irmão Ishida se torcem em um sorrisinho de desdém. – E você, senhorita Cahill? O que dizer dos seus votos? Não deve passar a vida casta, a serviço do Senhor?

O maxilar de Finn destrava.

– O senhor me seguiu?

– Segui, sim, e daí? Anda agindo de modo muito estranho. Achei que estivesse de conluio com aqueles que estão trabalhando para trazer Sean Brennan de volta ao batente. – Ishida olha feio para mim, chega mais perto, e bato contra o armário. – Faz uma hora que estou esperando do lado de fora na carruagem e estou quase congelando. E você só estava aqui com esta vagabunda!

– Agradeço se mantiver uma linguagem civilizada – Finn grunhe.

– Está tão claro quanto o nariz no meu rosto o que você anda aprontando. Também já fui jovem, sabe? – Ishida dá um sorriso devasso. – Mas uma integrante da Irmandade... Isso não pode ser deixado debaixo do tapete, Belastra. Ela precisa servir de exemplo.

– Com o diabo que precisa. – Finn se coloca a minha frente.

Acesso minha magia e a encontro ali, pronta.

– Tudo bem – eu digo e vou até a porta dos fundos, aberta, passando por ele. Eu me concentro no rosto enrugado de Ishida e estreito meu foco, afiado como um bisturi. *Volte para o seu hotel. Não conseguiu encontrar o Irmão Belastra esta noite. Não faz ideia de onde ele foi. Aliás, é uma grande tolice desconfiar dele. Ele é um membro leal da Fraternidade.*

Irmão Ishida assente e sai pela porta. Uma carruagem com o selo dourado da Fraternidade espera por ele na esquina. Fecho a porta atrás dele e suspiro.

– O que você acabou de fazer? – O tom de voz de Finn é grave. Estendo o braço para pegar a mão dele, mas ele recua. – O que você fez, Cate?

Mordo o lábio.

– Eu o compeli a esquecer.

Finn esbraveja sem abrir a boca, e a expressão no rosto dele...

– Finn. – Dou um passo na direção dele, sentindo o terreno. – Não é a mesma coisa que aconteceu com você. Eu só apaguei a última hora... Ele lá esperando na carruagem e depois

nos vendo juntos. Só isso. Mais nada.

Mas dúvidas permeiam minha cabeça feito abelhas. É a segunda vez que executo magia mental em Ishida, e Tess também o compeliu. Quantas vezes a mente de uma pessoa pode suportar esse tipo de confusão antes de sucumbir?

– Ele é um homem cruel. Ficaria feliz de ver as filhas enforcadas – insisto, lutando contra minha culpa. – Ele ia me prender!

– Eu não permitiria que isso acontecesse. – Finn olha para mim como se eu tivesse voltado a ser uma desconhecida. – Esta não foi a primeira vez que você usou magia mental, foi?

– N-não – eu gaguejo. Meu pai. O próprio Finn. Os vigias noturnos e as enfermeiras em Harwood. Ishida, agora duas vezes. – Mas só para me proteger. *Nunca* vou usar isso contra você. Juro.

– E se nós brigarmos? Como posso confiar em você? – Os olhos de Finn fitam os meus, cheios de raiva e dúvida. – Você sabe quem apagou minha memória, não sabe? Tem que saber. Você sabe tudo o que aconteceu comigo naquele dia, até o momento nos degraus do convento.

Faço que sim.

– O que mais está escondendo? – Finn pega a capa do armário e joga em cima das costas. Lágrimas brotam nos meus olhos, mas ele não me reconforta desta vez. – Não sei como o antigo Finn teria lidado com isso, mas o novo não gosta muito de segredos, Cate.

Com isso, ele sai para o frio.

Eu me jogo no chão e enterro o rosto nos joelhos, e é assim que Rilla me encontra, um pouco mais tarde: chorando, rodeada por pétalas de rosas.

CAPÍTULO

12

EMPURRO NABOS DE UM LADO PARA outro no meu prato e penso em Finn quando alguém toca a campainha. Garotas erguem os olhos do jantar, consternadas. É raro recebermos visita no convento, e agora é especialmente perigoso, já que estamos abrigando 22 fugitivas. Inez sai pisando duro para ver quem é enquanto Irmã Gretchen manda as garotas de Harwood subirem pela escada dos fundos. Eu me viro e troco olhares desconfortáveis com Tess. Grace está tremendo quando se levanta da mesa, e Lucy vai atrás dela, deixando seu frango assado intocado.

Inez volta um minuto depois, com o rosto azedo sem sorrir.

– Senhorita Zhang, é o seu pai.

Mei se levanta e tira a franja da frente dos olhos. Ela olha para o outro lado da mesa, para mim e para Rilla.

– Há algo errado. Baba é muito ocupado, ele não viria até aqui a menos que... – Ela morde o lábio, e fico imaginando se o irmão dela foi preso desta vez. Talvez tenha sido pego comprando o jornal de Merriweather.

– Não antecipe problemas. Vá ver o que é – Rilla aconselha. – Talvez seja uma boa notícia. Uma carta das suas irmãs?

Mei assente, apruma os ombros e sai apressada. Com o cabelo preto preso em uma trança comprida que lhe cai nas costas e o vestido cor de tangerina, ela lembra as flores do meu jardim em casa. Sou tomada pela saudade. Sinto falta do jardim. Sinto falta de enfiar as mãos na terra. Não tenho tido tempo de cuidar das orquídeas na estufa ultimamente – não entre as aulas, o trabalho de enfermeira e as reuniões da Resistência.

Eu me largo na cadeira, lembrando como Finn saiu irritado da papelaria ontem à noite. Sachi e Rilla tinham razão; eu devia ter contado a verdade antes. Ele tem todo o direito de estar irritado comigo por guardar segredos. Mas, ao mesmo tempo, antes de sua memória ter sido apagada, ele nunca tinha feito com que eu sentisse vergonha de ser bruxa. A partir do momento em que ele descobriu o que eu era, ficou deslumbrado e orgulhoso. Antes, ele sabia que eu era capaz de executar magia mental e nunca se preocupara que eu fosse usar contra ele. Confiava em mim.

Como posso reconquistar a confiança dele?

Será que é possível para ele confiar em uma bruxa depois do que Maura fez?

Ouço uma risada baixa e borbulhante e dou uma olhada do outro lado do refeitório. O coque ruivo da minha irmã está ao lado dos cabelos castanhos sem graça de Genie, e as duas estão cochichando. Enquanto observo, ela joga a cabeça para trás e dá risada como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo, e a fúria irrompe em mim. Como ela ousa estar tão feliz se eu estou tão infeliz? A magia se agita dentro de mim e as pontas dos meus dedos ficam brancas segurando o copo d'água. Sinto vontade de jogar o conteúdo na cara dela.

– Cate! – Mei volta correndo para o refeitório e para na borda da nossa mesa. – É Yang. Ele pegou a febre. Está mal. Baba achou... Ele não quer que eu me exponha, mas achou que eu talvez quisesse ir até lá e... – Ela para de falar, seus olhos escuros brilham com as lágrimas. – Ele acha que Yang pode morrer, Cate.

Eu me levanto e empurro a cadeira para trás.

– Vou com você.

– Para fazer o quê, senhorita Cahill? – Inez serpenteia na nossa direção com a saia preta farfalhando.

Planto as mãos na cintura.

– Para curá-lo, se eu puder.

– Não pode andar por aí usando magia para curar pessoas que estão no leito de morte. – Inez se irrita. – Pareceria um pouco suspeito, não acha?

O queixo de Mei não é tão pontudo quanto o meu, mas ela sabe parecer bem combativa quando quer.

– Não me importo com o que vai parecer! Ele é meu irmão.

Inez aperta os lábios finos.

– Senhorita Zhang, há quanto tempo sabe que é bruxa?

– Desde os 12 anos. – Mei coloca a mão no bolso e começa a contar as contas da *japamala* de marfim que sempre carrega.

– E, em cinco anos, preferiu nunca informar à sua família – Inez observa. – Não confiou a informação a eles. Por quê?

Mei solta um suspiro que faz sua franja flutuar.

– Talvez Baba desaprove. Ele é um homem muito tradicional em alguns aspectos. Mas não me importo se ele me deserdar. Não se conseguirmos curar Yang. – Ela começa a caminhar na direção da porta. Não tenho tempo para discutir. Ele está esperando.

Inez a segura pelo cotovelo e a faz parar, e Mei tropeça no tapete azul.

– Até onde calcula que a desaprovação dele iria? Confia sua segurança à sua família? Não apenas a sua... a de todas as suas amigas?

Mei se desvencilha.

– Confio. Baba jamais faria algo para me prejudicar.

– Seja sensata – Inez implora e deixa as mãos caírem ao lado do corpo. – Se você curar uma pessoa, onde isto vai parar? E se a sua mãe ficar doente? Sua tia? Os amigos deles? A notícia da recuperação milagrosa do seu irmão vai se espalhar, Mei, e é perigoso se qualquer

peessoa desconfiar do que você é capaz. Sei que você me considera um monstro, mas estou tentando protegê-la, de verdade. As tensões estão tão grandes nesse momento...

– E de quem é a culpa? – eu interrompo.

– Não vou permitir que meu irmão morra. – Mei ajeita o tapete. – Cate, você pode me acompanhar ou ficar aqui, a decisão é sua. Mas eu vou.

– Claro que eu vou com você. – Passo em disparada por Inez, porém ela agarra o meu braço.

– Cure-o se preferir, mas depois apague a memória deles – ela sibila com o hálito quente na minha orelha.

Eu me desvencilho sem responder. Rilla empurra a cadeira para trás e sai atrás de nós.

– E aonde acha que vai, senhorita Stephenson? – Inez vocifera. – Não tem absolutamente nenhuma aptidão para a cura!

Rilla abre um sorriso descarado e alisa o vestido de veludo cor de chocolate.

– Toda essa conversa sobre irmãos me fez lembrar de que eu esqueci um dos meus. Comprei presentes de Natal para todo mundo, menos para Jamie, e ele nunca vai me perdoar. Sou mesmo uma desmiolada!

Inez repara que Rilla deixou comida no prato.

– E vai remediar isso agora? No meio do seu jantar?

Rilla aponta para o relógio em cima da lareira.

– As lojas fecham logo, e o meu trem para Vermont sai bem cedo amanhã de manhã. Tenho que fazer isso agora, ou não pode imaginar a briga que haverá na noite de Natal.

Inez dá um passo para o lado. Mei sai na frente para pegar suas coisas, enquanto Rilla e eu fazemos uma pausa no fim do corredor.

– Você comprou aquele livro sobre botânica para Jamie – eu a lembro.

– Eu sei. – Rilla estende a mão. – Me dê o seu colar. Vou ver se Merriweather está na papelaria. Ele tem que ver em primeira mão o que são as bruxas e a febre.

Uma charrete de aluguel está esperando na frente do convento. Mei diz ao pai que sou enfermeira e ela quer que eu dê uma olhada em Yang. Ele me examina por cima dos óculos de meia-lua e fico imaginando o que será que ele vê. Uma moça alta, magra e loura com cabelo saindo do coque simples, com mechas emoldurando seu rosto pontudo e teimoso e olhos azuis tristes? Não acho que eu pareça altamente impressionante. Mas ele dá de ombros e diz que mal não pode fazer, e seguimos o restante do caminho em silêncio.

A charrete para nos limites do bairro comercial. O Sr. Zhang salta e nos ajuda a descer. Aqui, as construções se apertam sobre calçadas estreitas de tijolos rachados. Este quarteirão contém um armazém na esquina, um chapeleiro, um sapateiro e, no meio, uma loja fechada com uma placa vermelha simples em que se lê COSTURAS ZHANG. No andar de cima, velas queimam nas duas janelas da frente.

Mei abre a porta do apartamento e sobe a escada pisando duro. Faz uma pausa para pendurar o casaco e tirar as botas, juntando-as aos sapatos enfileirados embaixo da mesa do

hall de entrada. Faça o mesmo.

– Mama? – ela chama e entra por uma sala de visitas aconchegante. O lugar é apinhado de móveis que não combinam entre si: dois sofás estofados e um sofazinho desgastado em cores fortes e contrastantes, vários puffes, uma cadeira de madeira com abacaxis entalhados nos braços e várias mesinhas com xícaras de chá vazias. Uma pilha de vestidos está ao lado de uma cesta de costura embaixo de um abajur sem cúpula. Uma boneca e diversos animais de madeira entalhados estão espalhados pelos tapetes buclê.

– Mei? – Uma mulher baixinha e gorducha irrompe de outro aposento. Ela usa um xale laranja-escuro de caxemira por cima de um vestido marrom. – Quem é esta?

– Mama, esta é minha amiga Cate. – Sorrio quando Mei pega as mãos da mãe. – Como ele está?

Os olhos da Sra. Zhang se enchem de lágrimas.

– Nada bem. Não devia ter vindo. A febre é muito contagiosa. Mande as pequenas para a casa da sua tia Yanmei até...

– Até ele melhorar – o Sr. Zhang interrompe e se aproxima por trás de nós com seus pés calçados com meias. – Aceitaria uma xícara de chá, senhorita Cahill? Jia, a senhorita Cahill é enfermeira.

A Sra. Zhang se solta de Mei e enxuga os olhos com um lençinho com renda nas pontas.

– É mesmo? Acha que pode ajudar Yang?

– Eu... espero que sim. – Cruzo as mãos nas costas, em um gesto de nervosismo. E se eu não puder curar Yang e ele morrer de todo o modo, e ficarem furiosos comigo por fazer promessas que não pude cumprir?

– Mama, Baba... Preciso contar algo a vocês primeiro. – Mei tira a mão enrolada nas contas do rosário do bolso. – Algo que eu devia ter contado há muito tempo. Eu sou... bruxa.

Os pais se entreolham e eu não consigo interpretar a expressão deles. Espero que eu não precise compeli-los a esquecer isso.

– Digam algo, por favor – Mei implora.

– Nós sabemos – a mãe finalmente diz. Ela ergue a mão e enfia uma mecha solta de cabelo preto rajado de cinza de volta no coque. – Sabemos disso há anos, Mei.

Mei se afunda no sofá violeta.

– Eu... *Como?*

O Sr. Zhang pousa a mão no ombro de Mei.

– Muitas coisas estranhas aconteceram por aqui antes de você ir para aquela escola.

– Sinto muito ter sido necessária uma situação como esta para você finalmente nos contar. – A voz suave da Sra. Zhang é cheia de reprovação. – Certamente você sabia que nós não íamos jogar você na rua, não sabia?

– Ficamos muito preocupados quando você foi para aquela escola. Orgulhosos da sua bolsa, claro, mas não sabíamos o que poderia acontecer se você executasse magia sem querer

na frente de todas aquelas senhoras devotas. – O Sr. Zhang dá uma espiada em mim. – Aceita Mei como ela é?

Mei dá risada.

– Cate também é bruxa. São todas bruxas.

O rosto do pai dela se franze aparentando confusão.

– Sua tia Yanmei frequentou a escola do convento quando menina. Antes de se casar.

– Quem vocês acham que me disse que todas eram bruxas? Ela me pegou fazendo o cabelo de Yang ficar cor-de-rosa enquanto ele dormia e sugeriu que eu aprendesse a controlar minha magia antes que eu me metesse em confusão! – Mei explica.

– Yanmei é bruxa? – Sr. Zhang tira os óculos e os limpa com a parte da frente do colete cinza.

Um ataque de tosse vem do quarto ao lado, e a Sra. Zhang lança um olhar preocupado naquela direção.

– Não há verdade no que os Irmãos estão dizendo, há? Que as bruxas lançaram a praga sobre o povo? – Ela torce o lençinho nas mãos.

– Não! Nunca faríamos algo assim. – Mei se levanta. – Mas cura é um tipo de magia, e Cate e eu somos boas nisso. Cate é a melhor de todo o convento. Se alguém pode curar Yang, é ela.

Mordo o lábio.

– Mas talvez eu não seja capaz de curá-lo inteiramente. A febre... é bem resistente à magia.

– Faça qualquer coisa que puder – o Sr. Zhang diz e se contrai com o som de mais tosse. – Vamos ficar muito agradecidos.

A Sra. Zhang nos leva até o quarto pequeno. Faz um gesto para o filho, que está deitado em uma cama de madeira com todas as cobertas jogadas para o lado. Há uma fresta na janela para deixar o ar fresco entrar, e meus dentes logo começam a bater, mas Yang está vermelho, com a testa coberta de gotas de suor, a camisola branca empapada.

A mãe leva um copo d'água aos lábios dele e ele bebe com gosto, então começa a tossir mais uma vez. Ele tem dificuldade para respirar, e fica chiando. A Sra. Zhang tira o cabelo preto molhado de suor da testa dele.

– Tenho lhe dado banhos gelados, mas ele continua queimando.

– Deixe-me tentar. – Vou para o lado da cama com mais confiança do que deveria. – Olá, Yang. Está lembrado de mim? Sou Cate, amiga de Mei. – Yang ergue seus olhos vidrados e febris para mim. – Tudo bem. Não tente falar. Deixe-me tomar seu pulso. – Pego a mão suada dele e coloco os dedos em seu pulso. Seu coração está batendo rápido demais. No segundo em que o toco, sinto a febre. Queima em seus pulmões, cobrindo as vias respiratórias com infecção. Eu uso minha força, porém a febre reage.

Mas sou teimosa. Eu me acomodo na beirada da cama de Yang e me preparo para a luta. A vida dele não tem sido nada fácil: largou os estudos para trabalhar, colocou suas próprias

ambições de lado para ajudar a família a pagar as contas. E Mei já perdeu duas irmãs no navio-prisão. Não vou permitir que ela perca o irmão também.

A magia se derrama de mim para Yang. As vias respiratórias se limpam primeiro, depois o pulmão, então o chiado de sua respiração se suaviza. Mas a pele dele continua quente demais. Forço mais e meus próprios músculos começam a amolecer.

– Está *quase*... Mei, pode me ajudar? – Eu arfo, e a campainha toca no andar de baixo.

Mei pega a minha mão e mais magia entra para me revigorar. Arfo e a febre recua bruscamente. Ativo os últimos fiapos de magia que correm em mim, entrelaçados ao meu corpo da cabeça aos pés, e é como usar uma fita esfiapada para amarrar algo com força. A qualquer momento, eu vou rasgar. Meus dedos se esforçam para se manter firmes no pulso de Yang, e um pretume começa a dançar nos cantos dos meus olhos enquanto *forço* a magia para fora do meu corpo e para dentro do dele. O coração de Yang passa a bater mais devagar, firme e forte, e eu caio de lado, na direção da parede.

– Ah! Cate! – Mei me segura logo antes de eu bater com tudo na cabeceira. Ela me puxa para longe do irmão e me faz sentar em uma cadeira de madeira com espaldar alto ao lado da cama. Fico com a cabeça entre os joelhos até que pare de girar.

– Qual é o problema dela? – uma voz quer saber.

Eu conheço esta voz. De longe, ouço Mei apresentar os pais a Finn, Merriweather e Rilla, então Finn repete sua pergunta com impaciência.

– Há um preço a pagar pela magia de cura – Mei explica.

– A febre cedeu – a Sra. Zhang diz do lado da cama do filho, e dá para ouvir o sorriso dela.

– Então, ela o curou, mas agora ficou doente? – Finn parece nervoso.

– É assim que funciona. Ela vai ficar bem daqui a alguns minutos. Tome, Cate, Baba preparou um pouco de chá-verde para você. – Mei pousa a mão no meu ombro e me faz ficar ereta.

A náusea toma conta de mim. Eu me levanto de um pulo, procurando desesperadamente uma bacia, tapando a boca com a mão. Rilla a empurra na minha direção, eu me viro para o outro lado e vomito bem na frente de todo mundo. Pelo bom Senhor. Fico com tanta vergonha que poderia chorar se tivesse forças.

– Deem um minuto de privacidade à pobre garota! Este é um quarto de enfermo, não um circo! – a Sra. Zhang ordena e faz todos saírem. Mei me entrega um lenço e eu limpo a boca.

– Não saio até ter certeza de que ela está bem – Finn insiste.

Eu me viro e sorrio, mas sai igual a uma careta.

– Vou ficar bem.

– Tem certeza? Você parece bastante... abalada. – Por trás dos óculos, os olhos castanhos dele estão cheios de preocupação. Ele pode não me amar... mas se preocupa, pelo menos um pouco.

Merriweather avança porta adentro, com o cabelo escuro despenteado pelo vento, a casaca cor de oliva abotoada nas casas erradas.

– Você conseguiu curar o menino completamente? Pode me dizer qual é a sensação que isso causa? – Ele passa a mão no queixo. – Mas, se você é capaz de curar... as pessoas podem considerar isto como prova.

– Prova de quê? – Rilla quer saber e olha feio para ele.

Merriweather dá de ombros.

– Da alegação de O’Shea de que as bruxas criaram a febre, com algum tipo de magia negra.

– Isso é ridículo. – Mei passa por mim pisando firme e coloca o indicador em riste no peito largo de Merriweather. – Estamos ajudando as pessoas, não ferindo. É mais do que os Irmãos estão fazendo. Eles só querem ajudar quem pode pagar as taxas do hospital.

– É verdade. – A Sra. Zhang se afasta do filho por um momento. – Baba foi ao hospital antes. A enfermeira disse que todos os leitos estavam ocupados, mas então um Irmão chegou com uma menininha e ela foi levada imediatamente para o andar de cima, para uma consulta com o Irmão Kenneally.

– Está vendo? É isso que você deveria publicar no seu jornal! – Mei afirma.

Merriweather arqueia uma sobrancelha.

– Que os Irmãos e as famílias deles recebem tratamento preferencial? Infelizmente, acho que isso não é novidade.

– Por quê? – pergunto com a voz rouca. – Por que Kenneally?

– Ele é o diretor do Hospital Richmond. Tudo depende de quem você conhece, não é mesmo? – A voz de barítono de Merriweather está cheia de desgosto, mas eu balanço a cabeça, fazendo força para ordenar meus pensamentos.

– Não. Ela quer saber por que eles vão até o hospital para falar com ele se ainda não há cura para a febre. – Finn responde, e eu assinto, aliviada por mais alguém ter chegado ao cerne da questão. – O que Kenneally pode fazer que o médico particular deles não pode?

– Ah. – Merriweather junta os dedos compridos e elegantes. – Essa é uma boa pergunta, Belastra. Pode valer a pena dar uma investigada.

Rilla dá um tapa no braço dele.

– Foi *Cate* quem fez esta observação!

Eu me encosto na parede, e Finn sorri com seus dentes separados. Há admiração em seus olhos – se é por causa da minha bruxaria ou da minha inteligência, não sei, mas faz com que eu sinta um frio na barriga de um jeito totalmente diferente.

CAPÍTULO

13

TESS CONVOCOU UMA REUNIÃO DE FAMÍLIA.

Sinceramente, eu gostaria de me recusar a ir, mas *é* véspera de Natal.

– Acho que devemos ir mais cedo para a ceia – Tess diz, em pé, um pouco sem jeito, no meio de seu quarto. É a primeira vez em semanas que ela e Maura estão juntas em um ambiente privativo. – Para conversar com o Pai.

– Boa sorte com isso. – Ainda parada à porta, Maura revira os olhos azuis. – Ele não sabe conversar conosco. Nunca soube.

Ela tem alguma razão. Há um mês eu teria dito a mesma coisa, com o mesmo tom de escárnio.

– O importante é o que *nós* temos a dizer a *ele*. – Tess engole em seco e alisa a saia verde. – Vamos contar a verdade. Eu gostaria que você nos acompanhasse. Acho que nós três deveríamos estar presentes.

Maura se enrijece.

– Que verdade? Não pode estar falando de...

– Estou, sim – Tess interrompe, obrigando Maura a entrar. Ela me olha com cautela e então se senta na cama de Vi, amassando o edredom de pena de ganso. Tess fecha a porta atrás de si. – Você precisa saber de uma coisa. Uma coisa que a Mãe não nos disse. Quando eles se casaram, o Pai sabia sobre a bruxaria da Mãe. Ela apagou a memória dele. Zara nos disse.

Maura olha feio para nós. Acho que não é a reação que Tess esperava.

– Então... se ele a apoiava, por que ela precisou apagar a memória dele?

Tess se senta ao meu lado em sua cama.

– Depois que Zara foi presa, a Mãe ficou com medo de ser a próxima. Ela achou que o Pai pudesse fazer algo impensado para se deixar prender junto com ela.

– O Pai? – Maura dá uma gargalhada de desdém. – Ele não é exatamente do tipo impetuoso. O que ela achou que ele faria? Daria um tiro no Irmão Ishida?

Eu me lembro dos olhos castanhos bondosos de Marianne Belastra no dia em que ela descobriu que Finn e eu estávamos apaixonados. *Ele pode não ter dito as palavras, mas eu conheço o meu filho. Eu vi o jeito como ele olha para você. Como se pudesse matar alguém por você.*

– Ele poderia fazer isso – eu retruco. – Parece que nós na verdade não *conhecemos* o Pai.

– Conhecemos, sim – Maura afirma. – A maneira como ele agiu nos últimos três anos diz tudo que precisamos saber a respeito do caráter dele. Ele só se preocupa com seus livros e seus negócios.

– E com a Mãe. – Eu me inclino para a frente com os olhos perfurantes. – Eles eram muito apaixonados. Nunca fez sentido ela guardar um segredo tão enorme dele. Quando se ama alguém daquele jeito, de todo o coração... – Do jeito que eu amo *Finn*, *do jeito que ele me amava antes*... – Como pode não querer que a outra pessoa conheça você?

Os olhos de Maura recaem no tapete roxo grosso.

– Mesmo assim. Se ele tivesse ficado em casa com os olhos abertos dois minutos seguidos, ele saberia o que nós somos. A senhora O'Hare sabia. Até a criada desconfiava! Se o Pai não nos conhece, é porque não quer conhecer.

Tess meneia a cabeça.

– Acho que está errada. A Mãe não lhe deu chance de estar presente, e eu... eu sei que ela fez isso porque nos amava e não queria que fôssemos criadas pela Irmandade e talvez separadas. Mas acho que ele merece saber a verdade. Quero contar a ele.

– Você é louca – Maura se irrita. Tess se encolhe, apesar de Maura não querer dizer isso... não de verdade, não assim.

Junto as mãos no colo.

– Concordo com Tess.

– Bom, isso não é surpresa nenhuma. – Maura mexe nos cachos ruivos e desdenha. – Meu voto não vale nada mesmo.

Lanço um sorriso frio para ela.

– Parece que você está em minoria.

Tess amassa o brocado verde do vestido no punho.

– É importante para mim, Maura. Gostaria que você me apoiasse.

Os lábios de Maura são um traço fino vermelho em seu rosto irritado.

– Você sempre foi desmiolada em relação ao Pai. Abriria mão de todos os segredos da Irmandade para que ele a amasse.

– Ele nos ama, sim. Talvez só não saiba como demonstrar – Tess diz. – Mas...

Coloco a mão sobre a de Tess, menor e com covinhas.

– Não discuta com ela. Ela só se importa com a Irmandade, como sempre.

– E você não se importa o suficiente – Maura argumenta.

– Até parece que não me importo – eu retruco. – Quem liderou o motim de Harwood? Quem salvou aquelas garotas da força?

A boca de Maura se contorce.

– Quem fez Zara e Brenna serem mortas com seus ótimos planos?

Eu me levanto de um salto, os dedos coçando para dar um tapa nela, quando Tess me segura pelo pulso e me impede de disparar até o outro lado do quarto.

– É isso que ela quer – Tess sibila, e eu paro bruscamente, respirando fundo. – Isso foi desnecessário, Maura – diz Tess. – Faz com que eu tenha *você* em menor conta, não Cate, por dizer uma coisa dessas.

Maura dá de ombros.

– Isso não é novidade.

Tess bate o pé, que está com uma sapatilha verde bonita.

– Eu queria que as coisas voltassem a ser como eram! Quando nós todas nos dávamos bem.

– Bom, não há como – Maura diz, e eu, pelo menos desta vez, concordo com ela. Nunca voltaremos a ser as meninas que éramos no verão passado. Ela se assegurou disso. – E contar ao Pai não vai fazer com que você consiga ter a família feliz que deseja. Ele vai partir o seu coração, Tess, e uma de nós vai ter de remendá-lo.

– Não vai ser você – Tess diz bem baixinho, e há algo de poderoso e ameaçador na voz dela. – Não importa qual vai ser a reação do Pai, você *não* vai me impedir de fazer isto. Já perdeu uma irmã. Quer perder duas?

Maura se encolhe.

– Não – sussurra ela. Então, se levanta. – Bom, espero que vocês todas tenham uma feliz véspera de Natal. Nós nos vemos amanhã.

Os ombros de Tess se arqueiam.

– Não está falando sério. Vá ao jantar, pelo menos.

– Não, obrigada. Deixou bem claro o que pensa de mim, e, de todo modo, com certeza vai ser um desastre. – Maura planta as mãos na cintura.

– É Natal, Maura. Nós somos uma família. Precisamos ficar juntos. – Tess lança um olhar desesperado para mim. – Cate, diga a ela.

Eu devia dizer. Por Tess. Mas só dou de ombros.

– Não quero que ela esteja presente.

– E eu não quero estar presente. Vou passar o Natal aqui, com Inez e as outras que não têm para onde ir. – A voz de Maura está embargada, mas só um pouco, e seus olhos azuis estão duros como vidro quando ela se vira e sai.

– Não. – A voz de Tess fica firme. – Estou cansada de ver você se fazendo de mártir. Pode passar o Natal com a sua família ou não, a decisão é sua. Se não passar, não foi porque nós a descartamos. É porque você é teimosa e egoísta, e esta foi a sua escolha.

– Tudo bem – Maura diz, irritada. – Então é a minha escolha. A Irmandade é a minha família. O correto é eu passar o Natal aqui.

O bairro refinado onde fica o convento está tranquilo quando Tess e eu saímos para encontrar o Pai. De vez em quando, uma carruagem fechada passa sacolejando, com a respiração dos cavalos se condensando no ar. Observamos enquanto uma família desembarca em frente a uma mansão de tijolinhos com velas acesas em todas as janelas. O pai coloca as

crianças no chão e elas começam a correr em volta umas das outras na calçada; o menino grita sobre a visita à avó, a menina se agarra a uma boneca de porcelana. As mãos do pai estão pousadas na cintura da mulher e ele sorri para ela. Ela está com os braços cheios de presentes de Natal enfeitados com laços bonitos de fita vermelha.

Se as coisas fossem diferentes, o que eu daria de presente de Natal para Finn? Algum livro raro? Uma caneta-tinteiro refinada? Eu o imagino abrindo um pacote pequeno e então um sorriso de dentes separados iluminando seu rosto. Eu o imagino me puxando em seus braços para um longo beijo.

Eu quero *esse* Natal. Quero tanto que me dói.

Tess pega a minha mão e aperta.

– O próximo Natal vai ser melhor – sussurra ela.

Difícilmente seria pior.

Passamos para o bairro comercial, agitado com compradores de última hora. Faço uma pausa na frente da papelaria O'Neill's.

– Será que nós... Quer dizer, você se importa se... Eu gostaria de entrar um minuto.

Tess não pergunta nada, abençoada seja.

– Claro – responde ela, apesar de visivelmente ansiosa para chegar ao apartamento do Pai. Lá dentro, ela se ocupa com um mostruário de cartões de visita enquanto eu traço um círculo incerto.

– Posso ajudar, senhorita? – O'Neill pergunta, então eu baixo o capuz e ele me reconhece. – Ah, senhorita Cahill! Que bela surpresa.

– Estou procurando uma caneta-tinteiro – explico. – Para dar de presente. Meio de última hora, eu sei.

Ele me conduz até um mostruário envidraçado.

– Para um cavalheiro ou uma dama, se me permite perguntar? – Ele aponta para dúzias de canetas refinadas lá dentro. Algumas são douradas ou prateadas e com gravações finas; outras são feitas de madeira lisa; as mais em conta são feitas de borracha dura. As mais bonitas estão em estojos que parecem minicaixões de cetim.

– Um cavalheiro. Meu pai – minto e sinto as bochechas se incendiarem.

Estou agindo com estupidez e sentimentalismo. Finn não confia em mim, muito menos me ama. Ele não vai esperar um presente... não vai *querer*... E lhe dar um seria das coisas mais inapropriadas.

– Que tal esta? É o nosso modelo que faz mais sucesso. – O'Neill abre o vidro do mostruário e pega uma caneta dourada. Ela vem em um estojo de marfim e parece totalmente errada para Finn; é refinada demais para ele usar todos os dias em suas traduções e cartas para a mãe.

Eu a pego, sentindo o peso na mão, e balanço a cabeça. Uma caneta reluzente de mogno no fundo me chama a atenção. Toco no vidro em direção a ela.

– Que tal aquela?

– Ah, muito bem. – O’Neill a pega e eu tiro uma luva para segurar a caneta e experimentar, passando o dedo de leve na pena dourada. – É uma das minhas preferidas.

Posso imaginar Finn usando esta. É bonita, mas ainda assim robusta o suficiente para combinar com ele.

Como posso fingir que ele não está nos meus pensamentos, no meu coração, em todos os momentos? Não posso deixar o Natal passar sem lhe dar um presente.

– Vou levar – decido e enfio a mão no bolso para pegar minhas moedas.

O’Neill assente e diz o preço.

– Uma ótima escolha – ele diz e a leva para o fundo da loja.

Vou atrás dele, ainda com um sorriso estúpido nos lábios.

O apartamento do Pai fica a apenas alguns quarteirões da papelaria O’Neill’s, bem em cima dos escritórios da Companhia Mercantil Cahill. Tess respira fundo quando ergue o batente de bronze.

Ouçõ passos de botas nos degraus e então o próprio Pai abre a porta com um sorriso estampado no rosto.

– Meninas! – ele exclama, então franze a testa. – Onde está Maura?

– Ela não pôde vir – Tess diz baixinho.

– Ela não está doente, está? – Suponho que ele esteja na cidade há tempo suficiente para saber da febre. Ou será que a doença já se espalhou até Chatham?

– Não. Depois explicamos. – Tess se joga nos braços dele. – Estou tão feliz de ver você, Pai!

– E eu, você – retruca ele. A aparência dele é a mesma de sempre, na verdade: cabelo louro que ficou prateado, paletó vermelho, verde e preto xadrez que já está bem fora de moda sobre um colete vermelho e calça escura, mas seus olhos estão mais alegres do que o normal. Será que sentiu saudade de nós?

– Cate – diz ele. Tenho intenção de dar um abraço superficial, mas os braços dele se apertam em volta de mim, fazendo com que meu nariz fique enterrado no pescoço dele; ele tem cheiro de poeira e de fumaça de cachimbo, e isso me lembra tanto a nossa casa que uma dor me sobe à garganta.

– Feliz Natal, Pai – digo e me desvencilho.

Ele fecha a porta e nos conduz escada acima, até seu apartamento no terceiro andar. Está quente, aconchegante e...

– Que cheiro delicioso! Vamos jantar aqui? Achei que iríamos sair – Tess diz, e sinto o cheiro delicioso de ganso assado temperado com sálvia e cebola. – Você tem empregada?

– Tenho, mas dei folga para ela. – O Pai sorri quando nos conduz para a sala de visitas. É pequena se comparada aos cômodos de casa ou do convento, mas é bonita, com dois sofás estofados dourados, duas poltronas de couro e um tapete oriental vermelho. Uma janela panorâmica dá vista para a cidade, as cortinas estão presas com laços dourados e há velas

bruxuleando nas janelas. É aqui que ele fica quando vem à cidade a negócios. – Tenho uma surpresa para vocês, meninas. Alguns convidados vão se juntar a nós hoje à noite para...

As portas de correr para a sala de jantar se abrem.

– Feliz Natal! – Clara Belastra grita. Ela está arrumando a mesa, colocando pratos de porcelana azul da Avó que o Pai deve ter trazido de casa. Clara continua alta e magra, mas ganhou mais músculos nas pernas e nos braços nos dois meses que fiquei sem vê-la.

– Clara! – Tess exclama com um sorriso contente se estendendo em seu rosto. Elas têm a mesma idade, e ficaram muito amigas antes de eu sair de Chatham.

Convidados, o Pai disse. Meus olhos contam os sete lugares na mesa – há uma cadeira extra na ponta – e se fixam na porta, com o coração batendo de forma selvagem. Se *Clara* está aqui, então...

Marianne Belastra sai da cozinha enxugando as mãos no avental florido e abre um sorriso que não lhe alcança os olhos.

– Feliz Natal, Tess. Cate.

– Finn vai se juntar a nós mais tarde, para o jantar – o Pai diz, e aperto a alça da sacola de compras que está com a caneta-tinteiro dentro.

– Que delícia – Tess diz, sem fôlego. Ela olha para Marianne mais uma vez. – Chegou à cidade ontem, com o Pai? Já falou com Finn?

– Jantamos no hotel dele ontem à noite. Foi uma refeição bem interessante. – As palavras de Marianne são secas e seus olhos castanhos, tão parecidos com os de Finn, se estreitam atrás dos óculos com aro de metal. *Ela sabe*. Meu coração fica apertado. – Cate, será que pode me ajudar na cozinha? Quero muito colocar a conversa em dia com você.

– Eu... hum... – eu gaguejo. Marianne devia ser minha sogra. Ela é uma mulher inteligente e bondosa que criou um filho maravilhoso, e tenho muito respeito por ela, mas, ah... como eu gostaria de poder fugir desta conversa.

Tess chega para me salvar.

– Primeiro, precisamos conversar sobre algumas coisas com o Pai, se não se incomoda – diz ela, que pega minha mão e a aperta.

– Ora, mas vocês não podem deixar a senhora Belastra fazer todo o trabalho! – o Pai reclama.

– Claro que não. Acha que eu deixaria qualquer outra pessoa cozinhar tudo? – Tess brinca. – Nós vamos ajudar. Mas isso... é importante, Pai. Não pode esperar.

O cenho dele se franze.

– Está relacionado ao motivo por que Maura não vai se juntar a nós?

– Mais ou menos – concede Tess.

Marianne assente, mas fica claro que ela só me garantiu um adiamento. Ela se volta para Clara.

– Vamos dar um pouco de privacidade a eles. Por que não me ajudam na cozinha até Cate estar pronta?

Até Cate estar pronta. Acho que nunca vou estar pronta para explicar a Marianne o que minha irmã fez, mas não terei como evitar.

Eu me viro para Tess, que parece pronta para encarar um esquadrão de fuzilamento. Este é um dia de confissões, parece. Eu me sento ao lado dela em um dos sofás dourados. Do outro lado da sala, o fogo na lareira estala. Com as portas da sala de jantar fechadas, sinto o aroma das pinhas que enfeitam o batente das janelas.

– Está tudo bem com Maura? Vocês disseram que não era a febre. – Os lábios do Pai se torcem. – Eu sei que sua irmã pode ser um pouco impetuosa, mas ela não fugiu com nenhum marinheiro, fugiu?

Tess força um sorriso.

– Não, nada disso. – Ela brinca com os babados verdes do vestido. – Agora que estamos aqui, não sei bem por onde começar.

O Pai se inclina para a frente em sua poltrona.

– Talvez simplesmente seja melhor apenas colocar para fora. É possível que vocês não saibam, mas eu posso ser um bom ouvinte. Sua mãe sempre dizia isso. – A dor passa por seu rosto. – Sei que não tenho sido o melhor pai para vocês, meninas. Ver as três indo embora no mês passado... a casa ficou muito vazia. Serviu para me lembrar de que eu não quero passar o resto da vida andando naquele lugar de um lado para outro sozinho. Sei que é natural os filhos crescerem e saírem de casa, mas... eu esperava ter ainda mais tempo com você, Maura e Tess.

Ah. É a coisa mais carinhosa que eu o ouço dizer em anos. *Ele sentiu a nossa falta.* Olho para Tess e vejo que o lábio inferior dela está tremendo.

O Pai agora está com o coração dela nas mãos. Se ele a rejeitar, principalmente depois disso, dessa quase promessa de um tipo diferente de relacionamento, ela vai ficar destruída.

Gostaria que houvesse algo que eu pudesse fazer para controlar a situação, para *obrigá-lo* a reagir da maneira que ela quer, mas sei que o aviso de Tess para Maura vale o dobro para mim. Nada de magia.

Ela respira fundo.

– Há algo que o senhor precisa saber... quer dizer, que nós *queremos* que saiba. – O rosto em forma de coração de Tess fica pálido. – Nós somos bruxas. Cate, Maura e eu. Nós três.

O Pai fica tão imóvel quanto uma estátua.

– É impossível.

– É verdade – garanto a ele.

– Mas... eu sei que as bruxas certamente ainda *existem*, mas se vocês todas tivessem executado magia pela casa, eu teria notado. – Ele se agita. – Eu teria, sim. Não teria?

– Não é sua culpa, Papa. – Tess se remexe no sofá. – Nós escondemos de você.

– Não sei se isso melhora ou piora a situação. – Ele pega o cachimbo que está na mesinha de chá e o vira nas mãos. – Há quanto tempo isto vem acontecendo?

Tess olha para mim.

– Minha magia se manifestou quando tinha 11 anos – eu explico. Meu instinto é ficar com a cabeça baixa, mas, em vez disso, ergo os olhos até os dele... que também são de um azul pálido, como os meus. Não tenho vergonha de ser bruxa, não mais, e não vou agir como se tivesse. – A Mãe me ajudou a aprender a controlar e manter isso em segredo. Quando chegou a vez delas, eu ajudei Maura e Tess.

– Sua mãe sabia? – O Pai caminha até o aparador ao lado da janela panorâmica. Ele serve um copo de licor cor de âmbar, então faz uma pausa a meio caminho dos lábios. – Magia é hereditária, não é? Ninguém na *minha* família... Anna nunca se deu bem com a mãe, foi criada pela avó, mas nunca disse...

– A Mãe era bruxa. Assim como a avó dela. – Tess engole em seco. – É por isso que ela não se dava bem com a mãe. Pulou uma geração.

– Isso é impossível. – O Pai pousa o copo no aparador e fica olhando para Tess como se tivessem crescido chifres na cabeça dela.

– Não é. Observe. – Minha magia já está se manifestando. – Faço o copo dele flutuar pela sala e o pouso com cuidado na mesa, sem derramar nenhuma gota. – Está vendo?

– Pelo bom Senhor. – Os olhos do Pai ficam do tamanho de pires. – Cate, você é uma... uma...

– Uma bruxa – eu ajudo e ergo o queixo. – Tess está dizendo a verdade.

Ele apoia todo o peso do corpo no aparador, respirando rápido, e por um minuto fico preocupada que ele vá sofrer um ataque de apoplexia. Mas ele não leva a mão ao peito, apenas se volta para nós, verdadeiramente confuso.

– Não vejo por que Anna esconderia isto de mim.

– Ela não escondeu – Tess diz. – Não sempre.

– Nós fomos casados durante catorze anos, Teresa. Acho que eu iria me lembrar se minha própria mulher tivesse sido bruxa – o Pai se irrita. Ele chega até o meio da sala quando se dá conta e olha para nós, perplexo. – *Ou será que não?*

Tess se levanta de um salto, tenta pegar o braço dele, mas ele recua. A expressão em seu rosto faz meu estômago doer. Está muito parecida com a de Finn quando olhou para mim há duas noites. É como se o Pai não nos conhecesse mais, como se as gatinhas charmosas dele tivessem crescido e se transformado em tigres assustadores bem diante dos olhos dele.

– Alguma de vocês apagou a minha memória? Como os Irmãos ficam sempre pregando? – O rosto dele está vermelho, seus olhos escuros e irritados.

– Não! – Tess exclama. Só que... eu *já* apaguei a memória dele. Maura também. Ele tem todo o direito de olhar para mim desse jeito. – Não fomos nós, Papa. Eu sei que deve ser muito difícil escutar isso, mas...

– Ela não faria isso – o Pai interrompe Tess, com a voz muito cheia de certeza, e eu invejo essa... essa certeza absoluta dele. Ele volta a se afundar em sua poltrona. – Sejam quais forem minhas falhas, eu amava sua mãe. Se Anna fosse bruxa, e se eu soubesse, nunca teria dado as costas para ela. Ela não teria necessidade de esconder isso de mim. Eu... Meu bom Senhor,

não sei o que mais vocês pensam de mim, mas precisam saber disso. Eu jamais a teria entregado aos Irmãos!

Tess vai até ele e se ajoelha no tapete vermelho macio.

– Nós sabemos.

O Pai baixa os olhos para ela.

– Eu teria morrido antes de entregá-la.

Atravesso a sala e me ajoelho do outro lado da poltrona dele.

– Nós sabemos. A Mãe também sabia. Foi por isso que ela apagou sua memória.

Nós não contamos tudo ao Pai; Tess achou melhor não sobrecarregá-lo com a profecia nem com as visões dela. Ainda assim, o Pai lida com as revelações bem melhor do que eu esperava.

– E Maura? Por que ela não está aqui? – O Pai tomba o copo vazio nas mãos, fica observando o cristal refletir a luz das velas. Tess, encolhida na outra poltrona, olha para o chão. – Ah. Maura não queria que vocês me contassem – ele supõe.

– Nós precisamos ser cautelosas o tempo todo – explica Tess.

– Sinto muito por ela não confiar em mim. Vocês podem, meninas. – O Pai pousa o copo. Os olhos embargados azuis dele encontram os meus e então se deslocam para os de Tess. – Eu tenho me omitido, então não disse com muita frequência desde que sua mãe morreu que eu as amo, e que tenho um orgulho enorme de vocês. Foram muito corajosas ao enfrentar tudo isso sozinhas.

Sinto um brilho caloroso que não se deve inteiramente ao fato de eu estar perto da lareira.

– Obrigada, Pai – digo, e o sorriso de Tess ilumina a sala. – Mas não estivemos inteiramente sozinhas nisso. Marianne tem sido uma ótima amiga para nós.

A cabeça do Pai se vira na direção da cozinha.

– Marianne também é bruxa?

A descrença dele é cômica.

– Não. Mas era uma das melhores amigas da Mãe.

– Ela sempre foi bastante progressista. E danada de inteligente também, para uma mulher – o Pai diz. Dou risada do ultraje no rosto de Tess quando me estico no sofá e volto a calçar minhas sapatilhas vermelhas. Sachi insistiu para que eu pegasse emprestado um vestido xadrez vermelho de Rory, mais arrumado, em vez de usar meus azuis e cinza de sempre. Eu cedi porque senti que ela estava com um pouco de saudade de casa; suponho que mesmo que o seu pai seja um tirano e a sua mãe seja inútil, você pode ter saudade deles no Natal. E agora que sei que Finn vai estar aqui, fico contente por ter cuidado um pouco mais da aparência. O vestido traz cor às minhas bochechas e escurece os meus olhos cor de nuvens de tempestade.

– É melhor eu ir ajudar Marianne – digo. Tess começa a se levantar, mas faço um gesto para que ela fique sentada. Esta é a minha confissão, não a dela. – Por que não fica e conversa com o Pai um pouco?

Tess assente com facilidade. Sigo até a cozinha, onde Marianne descasca batatas e Clara está abrindo massa de torta.

– O cheiro aqui está delicioso.

– Obrigada, Cate. – Marianne afasta um cacho de cabelo solto do rosto corado. Com o ganso no forno, a cozinha pequena está muito quente. – Clara, pode terminar de arrumar a mesa, por favor? Eu dou conta da torta.

Clara sai apressada.

– Eu não sou boa com tortas, mas acho que posso cuidar das batatas – ofereço.

Marianne assente.

– Está tudo bem com o seu pai?

Pego a faca de descascar e começo a trabalhar.

– Contamos a verdade a ele. Que somos bruxas.

– Foi tudo bem? Nenhuma... medida extraordinária precisou ser empregada? – O jeito como Marianne usa o rolo é mais veemente do que o necessário.

– Foi tudo muito bem. Mesmo que não tivesse ido, nós não iríamos... – pouso a faca e me viro para ela. – Não vou mentir para você. Tess não iria permitir que eu alterasse a memória dele. Eu teria feito isso em um piscar de olhos se fosse necessário para protegê-la.

– Foi isso que aconteceu com Finn?

– Não! Eu jamais... Não fui eu. Juro.

– Mas você esteve envolvida de algum modo, não esteve? – Marianne se vira para mim com os olhos castanhos faiscando. – Eu disse a você uma vez que não se pode escolher quem se ama. E eu gosto de você, Cate, gosto sim. Mas estamos falando do meu filho, e agora... Bom, arrisco dizer que preferia que ele tivesse feito uma escolha diferente. Isso nunca teria acontecido se ele não tivesse vindo para Nova Londres atrás de você.

Fico alheia às acusações dela retornando ao trabalho. Há um longo silêncio rompido apenas pelo ruído da minha faca. Palavras não ditas e a vontade de chorar formam um nó na minha garganta até eu sentir que não conseguirei mais respirar a menos que deixe algo escapar.

– Foi Maura – sussurro.

Marianne salpicou farinha por cima da massa e a colocou na assadeira, então despejou uma mistura de maçãs, canela e açúcar por cima. Agora está colocando a cobertura de farelo. Só depois que ela coloca a torta no forno é que se vira para mim, e percebo que os movimentos cuidadosos dela disfarçam a fúria de mãe.

– Por quê?

– Não sei se algum dia vou entender isso. Ela alega que foi para nos proteger, porque não podemos confiar em nenhum Irmão. Em nenhum homem. Ela se recusou a vir aqui hoje

porque não queria que contássemos a verdade ao Pai. Mas, sinceramente, acho que ela atacou Finn para me castigar. Nossa relação sempre foi... complicada. Em alguns dias, parece que há centenas de rivalidades mesquinhas entre nós. Mas isto... acho que nunca serei capaz de perdoar isto. – Fito os olhos dela, implorando por compreensão. – Quero acertar as coisas com ele, Marianne.

Ela passa a mão no rosto e deixa uma marca de farinha na bochecha.

– Então precisa contar tudo a ele. – Ela aperta os lábios. – Sabe que ele não vai entregá-la. Meu filho teria todo o direito de querer que ela fosse castigada, mas, por mais irritado que esteja, não iria querer que ela morresse por isso.

– Quero contar a ele, mas continua parecendo traição. É a coisa mais idiota. – Solto uma risada seca. – Ela me traiu sem pensar duas vezes. Fazer com que ele esquecesse do que tivemos foi a pior coisa que ela podia ter feito contra mim. E, no entanto, eu ainda tenho a necessidade mais ridícula de protegê-la. – Sem pensar, passo a ponta do polegar na lâmina afiada da faca. Arde.

– A promessa que fez à sua mãe ainda pesa sobre você, não é mesmo? – Os olhos de Marianne se suavizaram. – Anna também ia querer que você fosse feliz, sabe?

A bondade dela faz brotarem lágrimas nos meus olhos. Estou parecendo uma torneira ultimamente.

– Espero que sim. Eu... eu me preocupo em decepcioná-la o tempo todo. Eu me esforcei tanto, mas Maura... Ela se tornou... Eu nem a reconheço mais. Não posso deixar de ficar me perguntando se foi algo que eu fiz, ou que deixei de fazer. Eu sei que não posso substituir a Mãe, mas...

– Não. – Marianne me abraça e deixa que eu chore em seu ombro. – Você deu o melhor de si, Cate. Como mãe, posso dizer que não pode fazer nada além disso. Anna ficaria orgulhosa.

O tilintar de porcelana e cristal e prata para na sala de jantar, e passos vêm na nossa direção. Marianne e eu nos separamos, e eu enxugo as lágrimas da bochecha.

– Obrigada – eu digo, um pouco acanhada.

– Mama! – Clara chama. – Finn chegou!

CAPÍTULO

14

FINN ENTRA NA COZINHA CARREGANDO vários presentes. Meu coração se alegra ao vê-lo.

– Feliz Natal, Mãe! – ele diz e lhe dá um abraço com um braço. Eu fico recuada, esperando que ele repare em mim. É estranho me sentir tão incerta em relação a ele; faz com que eu perceba como estava acostumada a tomar a iniciativa antes.

– Olá, Cate. – Quando Finn repara em meu rosto manchado de lágrimas, vira-se mais uma vez para Marianne. – Mãe, o que disse a ela?

– Não foi nada – afirmo. – Está tudo bem.

– Impossível não ter sido nada, não se ela fez você chorar. Eu sou um homem adulto. Não preciso que minha mãe lute minhas batalhas – Finn resmunga. O colete e a calça dele são cinza-carvão, a camisa é de um branco-neve engomado. Cai muito bem nele. Finn até penteou o cabelo direitinho.

– Não foi assim. – Eu me volto para Marianne com um sorriso. – Ela foi mais bondosa do que eu mereço.

Marianne estala a língua.

– Cate, você é dez vezes mais dura consigo mesma do que qualquer outra pessoa. Agora, por que não ajuda Finn a levar os presentes para a sala? Mande Tess e Clara virem me ajudar. Você não tem absolutamente nenhuma serventia na cozinha, não é mesmo?

Mando as meninas para a cozinha, então empilho os presentes embaixo da janela da frente enquanto o Pai serve um copo de uísque a Finn. Eles se acomodam nas poltronas de couro e eu me sento na frente deles, no sofá dourado, brincando com a borla de uma almofada e tentando não deixar tão óbvio que estou observando Finn. Minhas orelhas se eriçam quando a conversa deles passa a ser sobre o surto de febre.

– Eu não fazia ideia até ler na *Gazeta* hoje de manhã – o Pai diz. – Ainda não atingiu Chatham, graças ao Senhor. Tem visto muita evidência da doença aqui?

– Ainda não chegou ao Conselho, mas Cate viu uma boa dose no hospital. – Finn dá um gole em seu copo.

– Eu tenho trabalhado como voluntária. Como enfermeira – explico. – O hospital anda abarrotado de pacientes do bairro do rio... e ontem também apareceram alguns do bairro comercial. É preciso ter cuidado, Pai. Se começar a se sentir mal, me chame imediatamente.

– Você, enfermeira? – o Pai dá risada.

As palavras dele me tocam; lembro quando Finn caiu de uma escada, trabalhando no nosso gazebo. Amarrei o tornozelo dele para que a Sra. O’Hare não visse a pistola ilegal presa à canela dele.

Ele não vai se lembrar disso.

– Eu tenho afinidade pela magia da cura. – O Pai lança um sorriso ansioso para Finn, e eu sorrio. – Está tudo bem. Finn sabe. De todo modo, estou contente por Merriweather finalmente ter avisado às pessoas que tomem precauções.

O Pai parece estupefato.

– Você lê a *Gazeta*?

Desta vez, sinto uma pontada de irritação.

– Eu não sou analfabeta – digo, irritada, morrendo de vergonha por ele me fazer parecer tão ignorante na frente de Finn.

– Claro que não. Eu não quis dizer... – O Pai escolhe as palavras com cuidado. – Você é uma menina muito competente. Mais inteligente do que eu jamais sonhei, parece. Mas nunca teve gosto por política. É bom que esteja se interessando... mais mulheres deviam se informar.

Finn lança um sorriso maroto para mim.

– Cate é bem informada, sim, senhor. Foi ela quem me apresentou a Merriweather e ao movimento da Resistência. Leu a reportagem hoje sobre o menino que estava doente, não conseguiu um leito no hospital e foi curado por uma bruxa?

– Li, sim. – O Pai passa a mão no queixo. – Está me dizendo que *you* era aquela bruxa?

Eu assinto, tomada por uma onda de gratidão. Apesar de estar bravo comigo, Finn ainda se prontifica a me defender. E ele é tão progressista no que diz respeito às mulheres... muito mais do que o Pai ou Merriweather. Isso se deve a ter Marianne como mãe, suponho. Outra razão para agradecer a ela.

O Pai está com a testa franzida.

– Merriweather é um homem procurado. Não quero que você se coloque em perigo para...

– Pai – interrompo, em tom gentil desta vez. – Eu sou uma bruxa. Isso faz com que eu seja uma mulher procurada.

– Continua sendo minha filha. Eu não apoio a Fraternidade, mas a primeira coisa que quero, a mais importante, é que você esteja em segurança. – Ele olha para além de mim, para as velas no peitoril da janela. – Mas sinto falta dos velhos tempos. – Ele suspira, e fico imaginando se é o segundo copo de uísque que está fazendo com que ele fique sentimental. – Na época antes de as árvores de Natal serem proibidas... Eu já falei a vocês sobre isso, não falei? Meu pai e eu íamos à floresta e cortávamos uma pessoalmente. Minha irmã passava uma semana fazendo cornucópias de papel para encher de tâmaras recheadas e de amêndoas açucaradas, e a Mãe fazia flocos de neve de renda.

– Meu pai dizia que era uma linda tradição. – Finn parece deprimido. Deve sentir saudade do pai, do mesmo jeito que eu sinto saudade da Mãe, em dias assim.

– Fechem os olhos – digo, tomada por uma inspiração repentina.

– O quê? Para quê? – o Pai pisca para mim, desconfiado.

– Apenas façam o que eu digo. Tenho uma surpresa para vocês. – Eles fecham os olhos, e eu deixo a magia correr em mim. A ilusão é bem fácil. Não sei se vai durar todo o jantar de Natal, mas, depois do ano que tivemos, merecemos um pouco de alegria extra. – Pronto. Podem abrir.

O Pai chega a engolir em seco.

– Tem até cheiro de pinheiro! – ele fica maravilhado, se levanta e examina minha criação de todos os ângulos. É tão alta quanto ele, um pinheiro gordo com fios de pipoca e neve de renda e pequenas cornucópias de papel enfeitando os galhos.

– Ah, droga. Esqueci uma coisa. – Pego o copo do Pai da mesinha de chá e o transformo em um anjo com penas nas asas e um sorriso aberto. Entrego a ele. – Pode fazer as honras?

O Pai o pega e o coloca com cuidado no topo da árvore. Então ele recua e observa, maravilhado.

– É perfeita.

– É, sim – Finn diz, sorrindo.

Também sorrio, porque não é para a árvore que Finn está olhando.

Nosso jantar de Natal é um banquete: ganso assado temperado com sálvia e cebola, purê de batata com molho, calda de cranberry, couve-de-bruxelas, cebolas cozidas e castanhas assadas. Quando chegamos à sobremesa, estou quase estourando... mas não a ponto de negar alguns biscoitos de gengibre. A conversa ao redor da mesa é sobre uma mistura animada de literatura e fofoca sobre os nossos vizinhos; o Pai fica escandalizado quando Tess menciona sem pensar que Sachi e Rory são irmãs. É estranho ver Finn surpreso com as informações mais uma vez.

Depois do jantar, Tess reforça o meu encanto para que possamos abrir os presentes embaixo da árvore de Natal. Saímos para comprar juntas uma bela lupa com cabo de marfim para dar de presente ao Pai. Ele parece contente com ela; as notas de rodapé de alguns dos livros dele são bem pequenas. Dou a Tess o papel de carta, e ela me dá um livro sobre anatomia humana que escandaliza o Pai mais uma vez. Ele nos dá dinheiro para comprar vestidos novos e fica bem sentimental quando entrega a Tess um livro de poesia romântica que pertenceu à Mãe. Marianne recebe perfume de Finn e uma almofada de alfinetes em forma de morango de Clara, que ganha uma caixa de lápis de cor e um conjunto de aquarelas. Finn, é claro, ganha livros.

Enfio a sacola com a caneta-tinteiro embaixo do sofá. Não parece correto dar a ele aqui, na frente de todo mundo. Depois da troca de presentes, Tess e o Pai jogam uma partida de xadrez enquanto Clara mostra a Finn alguns de seus desenhos. Eu folheio meu livro de

anatomia, e Marianne lava a louça. Está escuro lá fora quando eu, infelizmente, sugiro que precisamos ir andando.

– Eu as acompanho até em casa – Finn oferece.

Nós nos agasalhamos com nossas capas e nos despedimos de Clara e Marianne. O Pai nos acompanha até a porta e nos dá abraços antes de nos deixar sair para as ruas frias e silenciosas.

Faço uma pausa nos degraus de tijolinhos da Companhia Mercantil Cahill.

– É muita gentileza sua, mas não pode nos acompanhar até o convento – explico a Finn.

Ele sorri para mim de trás do colarinho virado para cima.

– Desconfiei mesmo que não. Só queria um momento sozinho com você.

Sempre perceptiva, Tess já se afastou pela rua para examinar as vitrines de uma loja de doces.

– Ah – digo, feito uma idiota, com o coração martelando.

– Tomei um drinque com Merriweather ontem à noite, depois que saímos da casa dos Zhang – ele prossegue, e minha decepção por ele estar falando sobre a Resistência em vez de nós se mistura a preocupação. Ele não devia ser visto em público com Merriweather; é perigoso demais. Mordo a língua antes de dar bronca nele. Não tenho mais o direito de fazer isso. – Ele está planejando uma surpresa para os Irmãos na igreja, amanhã.

– Na catedral? – Eu faço uma careta quando Finn assente. A catedral de Richmond comporta mais de mil fiéis, e a congregação está lotada de Irmãos e dos cidadãos da classe alta de Nova Londres. Este é o público menos receptivo que Merriweather poderia escolher.

– Ele está louco? Que tipo de surpresa? Se o pegam...

– Não vão pegar. – Finn dá uma risadinha. – Ele é inteligente demais para isso. É de baixo risco, mas arrisco dizer que deve causar impacto. Sinto porque não vou estar presente para ver... a Mãe não é muito de ir à igreja, como você sabe. Vai ter de me contar como foi.

Alistair é *mesmo* inteligente, mas é convencido demais a respeito da própria independência. E se ele a superestimou desta vez? Vão matá-lo, e nós perderemos um aliado valioso.

– Alistair é um bom homem. Obrigado por nos apresentar. – Finn esfrega as mãos enluvadas para se aquecer. – Você devia ler a reportagem que ele fez sobre Yang. Ele delata a Fraternidade por não fazer com que haja mais atendimento disponível para os pobres e por seu nepotismo. Foi uma denúncia fortíssima, e então ele expôs os Irmãos por fazerem ameaças ridículas em relação às bruxas em vez de se concentrarem na ciência da prevenção. Ele transformou você e Mei em heroínas. – Os olhos dele repousam no meu rosto. – Você foi extraordinária, sabe?

Olho radiante para ele.

– Obrigada. – Ele avança e passa por mim nos degraus, e eu junto minha coragem, enfio a mão na sacola e pego a caneta em seu estojo acetinado. – Espere. Isto é para você. Não está embrulhado... eu não sabia que você estaria aqui... mas...

– Ah, eu... – Finn abre o estojo. Passa o dedo no cilindro de madeira reluzente. – É uma peça esplêndida. Mas eu não comprei nada para você.

– Tudo bem. – Limpo a garganta. – Não achei que iria comprar.

Ele pega o meu braço com a mão enluvada de couro preto e não consigo deixar de pensar na maciez do material acariciando o meu rosto enquanto ele me beijava no jardim do convento.

– Este é um Natal estranho, não é? Deve ser para você também. Aqui em vez de ser em casa, e comigo todo errado, e a sua irmã ausente...

– Você não está todo errado – afirmo e sorrio para ele. – Você ainda é você.

– Eu não me sinto assim. – Finn hesita e coloca a caneta na bolsa. – Por que Maura *não* está aqui? Ela não está doente, está?

– Não. – Eu mordo o lábio ao lembrar as palavras de Marianne. – Sinceramente, ela não seria bem-vinda.

– Mas é Natal! Vocês devem ter tido uma briga terrível para... – Finn passa a mão no cabelo e seus olhos ficam arregalados. – Qual foi o motivo?

Eu o observo com atenção.

– Você.

Ele agarra a grade de ferro batido quando se dá conta do que aconteceu.

– *Maura* tirou as minhas memórias?

– Maura. – Assinto. – Sinto muito por não ter dito antes. Ela é minha irmã, e acho que eu... eu me senti responsável de algum modo. Você não me ama, eu sei que não, mas acho que eu tinha esperanças de que poderia *voltar* a me amar, um dia. Mas o fato é que você corre perigo sempre que está comigo. Merece saber isso e tomar qualquer... qualquer decisão que seja necessária a partir daí. Tenho inimigas dentro da Irmandade, e elas não hesitariam em atacar você outra vez para me magoar.

Do outro lado da cidade, os sinos começam a bater a hora, e Finn faz uma pausa. *Um*. Ele está decidindo se vale a pena. *Dois*. Que *eu* não valho a pena. *Três*. Como ele pode confiar em mim, se sou capaz de executar magia mental? *Quatro*. Se menti para ele, por omissão, e não por minhas palavras? *Cinco*. Se foi minha própria irmã que o atacou? *Seis*. Me beijar foi um erro. *Sete*. Ele vai me dizer isso a qualquer minuto agora.

Respiro fundo e falo antes que ele possa dizer algo.

– Sinto muito não ter contado tudo para você semanas atrás. Realmente, Finn... você precisa achar alguma moça boa e normal e se casar com ela. Foi o que sua mãe disse nesta noite.

Finn hesita, não dá para decifrar seus olhos castanhos por trás dos óculos.

– É isso que você quer?

Solto uma risadinha arrasada.

– Claro que não. Mas é o que eu *deveria* querer. Pela sua segurança.

– Mas eu também não acho que seja isso que eu quero. – Ele pega minha mão... Bem ali nos degrauzinhos, bem onde qualquer pessoa poderia nos ver. – Acho que eu devo querer uma garota que seja bem mais extraordinária. Uma garota que arriscaria a própria vida para ajudar as pessoas e para acertar o que está errado... uma garota com aptidão escandalosa para magia e cura... e para beijos.

Fico vermelha com a maneira como a voz dele baixa, um pouco áspera, em *beijos*.

– Não pode romantizar...

– Shhh. – Finn coloca o dedo enluvado em cima dos meus lábios antes que eu possa recitar minhas falhas. – Há tanta coisa que eu não lembro, Cate. Eu não me sinto como você se sente... não ainda... mas será que pode me dar um tempo para eu me localizar?

– Todo o tempo de que você precisar – concedo. Meu coração parece um balão, subindo aos céus, pronto para explodir de felicidade. – Conto a você tudo o que quiser saber. Chega de segredos.

– Aceito a sua palavra. Mas não agora. O frio está congelante aqui. – Ele passa o dedo pela minha bochecha e dá um sorriso maroto quando eu estremeço, como se soubesse que é por causa do toque dele, e não do frio. – Eu me lembro de algumas coisas, sabe? Como o Natal do ano passado.

– O Natal do ano passado? – repito, confusa. Nós mal nos conhecíamos na época.

– Você foi até a livraria para comprar um livro para Tess. Eu escolhi o *Ramayana* para você. Foi a primeira vez que reparei em você. A primeira vez que pensei em beijar você. – Os olhos de Finn disparam para a minha boca. – Eu sei que o nosso verdadeiro primeiro beijo não foi naquela outra noite, mas preciso dizer... Superou as minhas expectativas. – Ele olha para o outro lado da rua silenciosa antes de se abaixar e roçar os lábios contra os meus, rápido como uma borboleta. – Feliz Natal, Cate.

É o melhor presente de Natal que eu podia ter desejado.

– Feliz Natal, Finn.

De volta ao convento, fico surpresa de encontrar luz e barulho saindo da sala de visitas da frente. As garotas costumam se reunir na sala privativa; é muito mais confortável.

– Cate! Venha se juntar a nós! – Rory grita, animada.

– Ponche de rum? – Prue oferece, escorada sem equilíbrio na porta.

– O que está fazendo aqui? – pergunto enquanto penduro a capa. – Achei que iria ver o seu irmão.

Prue franze a testa e toma um gole do copo.

– Alistair se recusou a permitir que eu passasse o Natal com ele. Disse que era perigoso demais. Ele ainda se culpa por eu ter sido enfiada em Harwood. Criatura condescendente idiota.

Um gatinho branco minúsculo entra em disparada pela sala, escorrega no assoalho de madeira e bate na parede. Balança a cabecinha peluda e fica lá sentado, com ar perplexo. Vi

chega correndo atrás dele.

– Cate, Tess, olhem o que Papa me deu! – Ela recolhe o gatinho e o aninha junto ao peito, radiante.

– São dois. O nome desta aqui é Noelle, e o irmão dela é Nicholas, porque eles são gatos de Natal. Venham ver!

Nós a seguimos até a sala, onde Grace tricota na poltrona perto da lareira, com as agulhas faiscando. Lucy e Bekah estão brincando com o outro gatinho e uma fita cor-de-rosa. Na mesa há uma tigela de metal, cheia pela metade com ponche. Rory me entrega um copo.

– O que vocês estão fazendo aqui? – eu quero saber e me junto a Sachi no sofazinho.

– Eu não aguentava mais ver sua irmã mandando em todo mundo nem por mais um minuto. – Sachi revira os olhos. – Algo a deixou de bom humor.

– Não consigo imaginar o que tenha sido. – E apesar de eu dizer a mim mesma que é Natal e que não quero que Maura fique arrasada, a verdade é que eu esperava que ela fosse se sentir solitária sem nós. Tomo um gole do ponche, que tem gosto de laranja com um toque de algo mais forte.

– Elena e algumas das outras governantas estão bebendo vinho quente e cantando músicas natalinas na biblioteca, por isso decidimos transformar este lugar no nosso quartel-general. – Prue faz um gesto amplo com o braço e derrama ponche no tapete marrom. – Livvy toca muito bem, mas se eu ouvir mais uma canção de Natal desafinada, vou berrar. Não estou me sentindo muito festiva.

– Ela está um pouco alta – Rory fala bem alto. – Está chateada porque o irmão a trata feito um bebê.

– Bom, Alistair é assim mesmo – reconheço. Agora obviamente não é a hora de contar a Prue que o irmão dela está planejando algum tipo de tramoia para amanhã.

– Ah, e Alice mandou uma mensagem. O pai dela caiu doente, por isso ela vai ficar com ele hoje à noite. – Passa o dedo nas flores entalhadas em seu copo. – A febre deve estar se espalhando muito rápido se chegou a um bairro rico como Cardiff.

– O convento estava tão vazio hoje pela manhã... – A maior parte das garotas que tinha dinheiro para isso voltou para casa. Mei está passando o dia do outro lado da cidade com a tia e as irmãs menores. Pearl e Addie tomaram o trem para a fazenda da família de Addie na Pensilvânia, e Rilla partiu hoje de manhã para Vermont. Ela entrevistou Livvy e Caroline sobre o tempo que passaram em Harwood antes de ir embora... e me deu instruções rigorosas para que eu ficasse de olho em Merriweather enquanto ele lesse o artigo.

Observo que Tess acaricia as costas arqueadas do segundo gatinho. Ali perto, Prue se estica no tapete. Onde o irmão dela deve estar? Deve sentir saudade dela. Apesar de ser um homem vaidoso, convencido e condescendente, Merriweather tem um coração bom. Ele ama a irmã; quer protegê-la. Sou capaz de perceber isso.

– Jennie Sauter e uma das outras garotas novas fugiram – Rory diz. Um dos gatinhos sai em disparada para o corredor, e Lucy e Tess vão atrás dele.

– Por quê? – pergunto e dou mais um gole no ponche. – Jennie não parecia infeliz aqui.
– Talvez estivessem com saudade de casa. – Rory dá de ombros. – *O fato* é que estamos no *Natal*. Se você tem algum outro lugar para estar... bom, vai querer estar lá, não vai? – Os olhos castanhos dela estão tristes. Será que está pensando na mãe bêbada ou se lembrando do padrasto morto, que foi, de acordo com todos os relatos, um homem bom? Ela dá uma olhada na bandeja vazia. – Vou pegar mais biscoito de gengibre.

Olho para Sachi e fico imaginando se ela também está com saudade dos pais.

– Como você está lidando com a situação? – ela me pergunta e alisa o vestido, um modelo cor de fúcsia com bolinhas turquesa. – Deve estar com saudade de Finn.

– Na verdade... – Começo a contar a história da nossa reconciliação. Estou na parte em que ele precisa de mais tempo quando Lucy entra correndo esbaforida na sala.

– Cate! Venha rápido. É Tess!

Disparo pelo corredor, as outras se apressam atrás de mim, e encontro Tess encolhida no patamar do primeiro andar em uma pilha de brocado verde e cachos louros.

– O que foi? O que aconteceu?

Ela não está chorando desta vez, mas seu rosto está branco como leite e ela treme como uma folha.

– O... o gatinho – ela diz e aponta para o corpinho mole ao pé da escada.

Vi cai de joelhos e o recolhe nas mãos. Mas o bichinho não se mexe nem lambe seus dedos com a língua de lixa. Não faz nada. Meu coração se aperta.

– Estava morto. Bem nas minhas mãos. Eu o peguei no colo e estava todo... todo ensanguentado e quebrado. – Tess estremece.

Os olhos redondos de Vi estão cheios de lágrimas, porém ela as segura com valentia.

– Está morto, mas... – As mãos dela examinam a pelagem branca sem marcas. Não tem nenhum ferimento aparente. A cabecinha pende em um ângulo estranho.

– Ela o derrubou. – Lucy limpa lágrimas com as costas das mãos e respira fundo. – Tess o pegou e então simplesmente... largou.

– Já estava morto! – Tess se levanta, segurando no corrimão de madeira. – Eu achei... parecia morto. Minhas mãos estavam cobertas de sangue.

Ela ergue as palmas, como que para provar o que disse... mas também não têm manchas.

Eu me volto para Lucy.

– Você viu a ilusão?

Lucy meneia a cabeça e as tranças cor de caramelo balançam.

– Não.

– Nada mesmo? – pressiono. – Tinha mais alguém no corredor?

– Acho que não. – Lucy torce as mãos gorduchas. – Ergui os olhos quando Tess gritou, mas daí ela largou o gato e... era tarde demais. Foi caindo pelos degraus.

– Eu vi! – A voz de Tess está cheia de angústia quando ela desce na nossa direção, trêmula. – Eu juro que vi. Não estou inventando e não estou ficando louca!

– Claro que não! – Bekah parece indignada. – Nunca faria isso.
– Vi, eu... eu sinto muito – Tess diz.
– Eu sei. – Vi está olhando para o gatinho aninhado em suas mãos; ela não olha nos olhos de Tess.

Bekah dá o braço para Tess.

– Venha, vamos voltar para a sala – ela sugere e a puxa para longe.
– Por que não o entrega para mim? – Sachi estende as mãos e Vi passa os dedos na cabeça peluda do gatinho uma última vez antes de entregá-lo. Lágrimas escorrem por suas bochechas. – Tudo bem. Pegue Noelle e leve-a lá para cima. Eu cuido disso.

Ela e Vi vão cada uma para um lado, mas Lucy se demora no degrau mais baixo.

– Tem mais alguma coisa? – pergunto.

Lucy brinca com uma das tranças.

– Não quero ser dedo-duro.

– Se for sobre Tess, eu preciso saber para poder cuidar dela – digo.

– Estou preocupada com ela. – O olhar de Lucy continua voltado para o chão. – Na terça-feira, estávamos indo para o meu quarto para ela me ajudar com o latim, e ela jurou que tinha escutado essa música.

Eu me apoio no corrimão de madeira quando sou tomada pelo temor.

– Que tipo de música?

– Uma marcha fúnebre. Só que eu não escutei nada. Até corri à sala para ver se Livvy estava tocando piano, mas não tinha ninguém lá. E daí, ontem de manhã, Tess pediu que eu ajudasse a fechar a parte de trás do vestido dela. Estava olhando no espelho e começou a gritar. Ela disse... – Lucy engole em seco. – Ela disse que a frente do vestido estava toda coberta de sangue. Ela o arrancou e jogou na lareira. Eu tentei detê-la, mas...

Levo a mão à boca.

– Não havia ninguém presente além de você? Ninguém mais viu?

– Não. Mas todos esses... episódios... têm uma coisa em comum, não têm? – Lucy sussurra, com os olhos castanhos enormes. – É como se ela estivesse preocupada com...

– A morte – eu termino. O medo me dá um calafrio na espinha. É assim que a loucura começa? Foi assim que começou com os oráculos antes de Tess? – Não pode contar para ninguém. Deixe que eu cuido disso. Prometa.

Lucy assente.

– Prometo.

CAPÍTULO

15

BATO DE LEVE À PORTA DE MAURA logo depois do amanhecer.

Ela abre uma fresta.

– O que foi? Parvati ainda está dormindo.

Com o dedo indicador, chamo-a para fora.

– Preciso conversar com você.

Ela sai na ponta dos pés, calçada com meias, e fecha a porta com cuidado atrás de si. Seu cabelo cai em cachos brilhantes até a cintura. Ela já está vestida com um modelo de lã preto com pele de coelho nas mangas largas.

– Achei que você e Tess tinham lavado as mãos em relação a mim.

Não sei o que dizer. Nós somos irmãs e, por mais irritada que eu esteja, isso ainda significa algo. Passei metade da noite acordada, morta de preocupação com Tess. E se os piores medos dela estiverem se realizando, e ela *esteja* começando a descida lenta rumo à loucura? O fato de Brenna ter ficado tão devastada se deveu em parte à magia mental de Alice ter dado errado, mas Brenna não foi o primeiro oráculo a enlouquecer. E Tess... tão brilhante, capaz, curiosa... como suportaria?

Tess viu algo que Brenna temeu que a fosse destruir. Algo que Tess confessou que não poderia esconder de mim para sempre. Será que ela previu a própria loucura?

– É Tess – eu finalmente digo. – Tem *certeza absoluta* de que Inez não a está aterrorizando?

Maura suspira e apoia uma das mãos na cintura.

– Eu já disse, não é ela. O que aconteceu agora? Deve ter sido algo horrível para você vir falar comigo.

– Você pediu que eu a procurasse. – Eu aperto os lábios. – Mas você tem que prometer... antes de eu contar, Maura, quero que jure que não vai contar a Inez. Que não vai contar para *ninguém*. Jure pelo túmulo da Mãe.

– Pelo bom Senhor – Maura diz irritada. Ela sabe que, para eu estar invocando a Mãe, deve ser sério. – O quê... Muito bem, eu juro pelo túmulo da Mãe que, seja lá o que for, eu não vou soltar nenhuma palavra para ninguém. Está bom assim?

– Obrigada. – Eu viro o anel de pérola da Mãe no dedo e evito os olhos de Maura. – Houve outros episódios. Vários deles agora. E eu... bom, estou com medo de que tudo seja

coisa da cabeça dela.

– Que ela esteja ficando louca. – Maura dá um passo mais para perto ao proferir as palavras que eu não consigo dizer em voz alta.

– Eu não sei o que fazer – eu sussurro e me encosto no papel de parede verde florido. – Ela deve estar muito apavorada.

Os ombros de Maura se curvam.

– Eu ficaria aterrorizada.

– Eu também. – Não ser capaz de confiar nos próprios sentidos... não consigo nem imaginar. – Nós precisamos cuidar dela com discrição, sem que ela perceba. Ela precisa de nós.

– De nós? – Maura estreita os olhos para mim. – Você quer que nós trabalhemos juntas? Isso significa que está disposta a deixar o passado para trás?

Eu fixo o maxilar.

– Estou disposta a tentar trabalhar com você. Pelo bem de Tess.

Maura dá risada, sua nova risada ritmada.

– Mas como você é graciosa. Cate, por acaso escuta o que diz? Como é condescendente?

– O que você esperava? *Você me apagou!* – Minhas mãos vibram quando a magia zune dentro de mim, e eu as aperto com força nas costas. – Talvez, se você pedisse desculpa...

Os olhos dela encontram os meus enquanto meneia a cabeça.

– Não.

Olho boquiaberta para ela. *Não?* Eu ofereço um galho de oliveira a ela, e ela joga no chão e pisoteia.

Eu tento. Eu tento e tento e, mesmo quando juro que virei as costas para ela, acabo tentando outra vez.

Ela não vai me dizer que sente muito porque não sente. Maura nunca foi do tipo de contar mentiras para ser educada. Ela nunca teve os meus pudores em relação à magia mental, nunca achou que fosse maligna nem errada. Ela não hesitou em usá-la no Pai nem no casal O'Hare. Nas amigas dela, em Finn, no Conselho Titular: todos foram vítimas da crueldade dela. Maura não hesitaria em...

Outra peça do quebra-cabeça se encaixa.

– O que você fez com Jennie Sauter?

Maura cruza os braços sobre o peito e dá um sorriso maldoso.

– Ela fugiu. Você não soube?

– Fugiu mesmo? Não minta para mim. – Aliso minha saia preta com as mãos trêmulas.

Maura joga a cabeça e faz os cachos dançarem.

– Elas não são bruxas, Cate. Elas estarem aqui coloca todas nós em perigo. Eu corriji o *seu* erro.

Minha raiva ferve, mas ignoro a cutucada.

– Se alguém as reconhecer... se forem presas... serão executadas sem julgamento. Isso lhe ocorreu?

– Nós só apagamos as memórias delas das últimas semanas... desde a noite da fuga de Harwood. Elas não vão saber como fugiram, mas sabem o suficiente para tomar cuidado – Maura explica em um tom que dá a entender que agiu com enorme bondade.

– Quem são “nós”? – pergunto.

– Parvati e eu. Ela precisava treinar. – Maura ergue o queixo, prevendo minha explosão. – Assumo o que fiz. A elas, ao Conselho Titular... e a Finn. Não tenho vergonha de nada disso, então não fique aí me julgando.

– Eu julgo você, sim! – As palavras se rasgam da minha garganta. – Se a Mãe pudesse ver você, teria vergonha. *Eu* tenho vergonha de você.

Maura se encolhe como se eu tivesse lhe dado um tapa na cara.

– Como tem coragem de falar em nome dela! Acha que ela teria orgulho de *você*, dando as costas para mim por causa de um homem? Um homem que nem se *lembra* de você, aliás? Que tipo de grande amor você acha que tinha, se foi tão fácil assim para ele se esquecer de você?

Na fúria do momento, esqueço a magia e simplesmente me lanço em cima dela, derrubando-a contra a parede, do jeito que eu fazia quando éramos pequenas. Não me importo se eu acordar o convento inteiro.

– Qual é o *problema* com vocês duas? – Elena grita, irrompendo pelo corredor. Ela agarra o braço de Maura e a vira de frente para si. As pálpebras sobre os olhos cor de chocolate dela estão batendo; cada linha de seu corpo elegante está tensa. Eu nunca a vi assim. Nem quando menti a respeito da minha magia mental. Nem quando eu a repudiei e a expulsei de casa.

Ela olha feio para Maura.

– Ouvi o que você disse. Já é bem ruim ter feito isso com ela, e ainda por cima quer *provocá-la*?

A defesa dela só me deixa mais irritada. Traz de volta lembranças que eu preferiria esquecer.

– Olhe só quem fala. – Minha garganta parece enferrujada. – Você mesma ameaçou compelir Finn uma vez. Talvez Maura tenha tirado a ideia dali.

Elena mal olha para mim.

– Eu não falei sério, Cate. Eu não faria isso.

Quero agarrá-la e sacudi-la até seus dentes chacoalharem dentro daquela cabeça bonita. Em termos de ameaça, aquela foi muito convincente. Convincente o bastante para que eu subisse ao púlpito e anunciasse que iria me juntar à Irmandade em vez de me casar com Finn.

Senhor, onde eu estaria se ela não tivesse ameaçado Finn? Casada. Feliz. A culpa é tanto dela quanto de Maura. Dela e de Cora e... eu respiro fundo quando minha magia sobe mais

uma vez. Não posso perder o controle, ou não sei onde isso vai dar. Não vai ser algo inócuo, com neve e penas. Se eu perder o controle, vai ter sangue.

Posso imaginá-las voando pelo corredor, estilhaçando a janela de vidro em cima do banco de leitura, caindo no calçamento de pedra três andares abaixo. Os corpos delas caem com um baque, como se fossem sacos de farinha. O cabelo ruivo de Maura e o vestido coral de Elena se destacam contra a almofada de neve que caiu durante a noite; o cabelo preto de Elena e o vestido de Maura são sombras contra o branco. Os corpos estão torcidos em ângulos horríveis, antinaturais.

Por um momento, eu me perco na violência daquilo. Então pisco e empurro a magia de volta para os espaços escondidos entre músculo e osso.

Não é isso que eu quero.

Há apenas algumas semanas em Harwood, Brenna disse que eu iria matar uma das minhas irmãs, e eu acreditei, do fundo do coração, que jamais seria capaz de ferir qualquer uma delas.

Mas agora eu seria.

– Isso precisa parar, Maura – Elena sibila por entre os dentes.– Cora teria exilado você por isso.

– Cora está morta. – A voz de Maura não demonstra preocupação, mas os olhos dela, sim. – Sorte a minha, suponho.

– Não a desrespeite dessa maneira. – Elena é 5 centímetros mais baixa do que Maura e tem porte pequeno, ao passo que minha irmã é voluptuosa, mas, mesmo assim, Elena parece se avultar sobre Maura. – Ela me acolheu quando meus pais morreram. Foi uma boa mulher.

A boca de Maura se contorce.

– Melhor do que eu, quer dizer.

– Melhor do que nós duas juntas. – Elena meneia a cabeça. – Maura, você não pode deixar que Inez faça você...

– Inez acredita em mim. – Maura se recosta na parede verde como se não tivesse nenhuma preocupação no mundo, mas estou vendo a maneira como ela respira ofegante. Ela ficou mais desequilibrada do que gostaria de admitir. – Sei por que você a odeia. Achou que era a próxima da fila depois de Cora. Sempre foi ambiciosa.

– E, por causa disso, cometi erros. Magoei pessoas importantes para mim. – Elena estende o braço e fecha os dedos na manga preta de Maura. – Sinto muito, Maura. Eu não devia ter mentido, não devia ter fingido que aquele beijo não significou nada, porque significou.

Maura vacila. Ela balança para o lado de Elena, diminuindo a distância que já era pequena entre as duas.

– Por que está fazendo isso? – Os olhos dela estão cheios de cautela. Elena é muito adorável, a pele escura dela brilha em contraste com a seda coral do vestido, o cabelo preto em cachos perfeitos. – Por que isso agora? Não fala comigo assim há um tempão.

– Porque você deixou claríssimo que não queria ter nada a ver comigo. – Elena joga as mãos para o alto. – Achei que você precisava de tempo. Mas não posso mais ficar só olhando. Apagar a memória dos membros do conselho, atacar Finn, jogar Jennie na rua... essa não é a garota por quem me apaixonei. Eu gosto demais de você para deixar que continue assim.

Eu me encolho contra a porta mais próxima. Esta é a coisa errada para ela dizer. Maura vai passar direto por “me apaixonei” e só ouvir...

– *Deixar?* Eu não preciso da sua permissão. – Maura desdenha. – Você preferiu Cate a mim, está lembrada? Abriu mão de qualquer direito de ter influência sobre as minhas decisões.

Elena olha por cima do ombro. Minha presença aqui não está facilitando nada para nenhuma das duas.

– Cate não significa metade do que você significa para mim, e se você não estivesse tão consumida por esta rivalidade com sua irmã, iria ver. Pelo amor de Perséfone, Maura! – esbraveja Elena. – Por que você acha que eu estou aqui me humilhando deste jeito? É você que eu quero, a única que eu sempre quis, e você é burra demais para perceber.

Elena curva a mão atrás do pescoço de Maura, puxa o rosto dela em direção ao seu e a beija.

Maura parece estupefata, com os olhos azuis arregalados. Estupefata e... faminta, de algum modo. Os olhos dela se agitam e se fecham; a boca dela começa a se mover com fome contra a de Elena.

A raiva corre por dentro de mim. Uma parte de mim quer berrar e bater os pés. Ela não pode ter isso! Não depois do que tirou de mim. Não é justo.

Mas pode ser que essa seja a única coisa capaz de salvá-la.

E Elena tem sido minha amiga.

Então eu retorno pelo corredor, vou para o meu quarto e fecho a porta.

Meia hora depois, estou de volta ao corredor, batendo com força em outra porta.

Sachi abre. Ela já está vestida com um modelo em pied-de-poule branco e preto debruado de renda preta.

– Rory e Prue ainda estão dormin... Qual é o problema? – pergunta ela quando eu marcho até a janela.

Abro as cortinas rosas com risca de giz e deixo o sol fraco de dezembro entrar no quarto. Prue se senta ereta, piscando e sonada, tateando para achar os óculos.

– Minha irmã é um monstro – explico.

Rory coloca a cabeça para fora da colcha e resmunga.

– Você nos acordou para dizer isso? Nós já sabemos, Cate. Volte para a cama.

– Não posso. Preciso ir à igreja. – Ando de um lado para outro no quarto delas, desviando de sapatilhas, anáguas e livros largados por todo canto. É uma mudança agradável em relação a perambular no meu próprio quarto durante os últimos trinta minutos, fazendo

hora para que não fosse assim tão cedo para acordá-las. – Finn disse que Merriweather está tramando algo e tenho medo de que Alistair seja preso. Mas, Prue, não podemos deixar você sozinha. Alguém precisa ficar com você, em todos os momentos, até recebermos notícias do seu irmão. Ele vai querer que você fique com ele quando descobrir que não está em segurança aqui.

Prue coloca os pés descalços no chão.

– Eu não estou segura aqui?

Sachi pega o meu cotovelo e me faz parar.

– Cate, o que você diz não faz sentido e está me deixando tonta. O que Maura fez agora?

Procurei Maura para pedir que me ajudasse com Tess e, de algum modo, ela confundiu tudo, da maneira como sempre faz, e transformou a questão em algo relacionado a ela. E agora... agora eu tenho que me preocupar com quem ela e Parvati podem resolver atacar na sequência. Tenho medo de que a principal candidata esteja sentada bem na minha frente, na cama de armar.

– Jennie e Elsie não fugiram por vontade própria. – Minha voz está contida. Tenho vergonha de dizer isso. Como minha irmã pode fazer uma coisa destas? – Maura e Parvati apagaram a memória delas e as expulsaram. Elas não confiam em ninguém que não seja bruxa. Não duvido nada que Maura venha atrás de você na sequência, Prue. Nós brigamos feio, e se ela quiser se vingar de mim...

– Ela não hesitaria em atacar uma de suas amigas. – Rory se senta ereta e ajeita a camisola de flanela vermelha. – Sua irmã é mesmo uma vaca, Cate.

Eu desabo no banco na frente da penteadeira.

– Eu sei.

– Tudo bem, então. Vamos para a igreja. – Prue tira a camisola e remexe no armário. Ainda está magra demais por causa do tempo que passou em Harwood; dá para ver as costelas através da musselina branca de sua combinação.

– E se alguém reconhecer você? – reclamo. – Eu teria que encantar você. Minhas ilusões estão melhores do que antes, mas manter uma durante todo o culto religioso seria difícil. – Especialmente levando em conta como eu dormi pouco e como minha concentração já está dispersa: furiosa com Maura, assustada por Tess, incomodada com Merriweather. – É melhor que fique aqui com Sachi e Rory.

– Será? – Sachi começou a me acompanhar andando de um lado para outro. Os pés dela, vestidos com meias de seda pretas, sussurram contra as tábuas do assoalho de madeira. – Parvati não pode ir à igreja. E se ela tentar atacar Prue? Ela pode nos compelir a não fazer nada e nós ficaríamos sem escolha.

Prue colocou o vestido preto por cima da cabeça. Agora ela se vira de costas e faz um gesto para Sachi fechar os colchetes.

– Meu irmão é inteligente, mas não é infalível, e aquela igreja vai estar lotada de Irmãos. Se fosse sua irmã correndo um risco louco destes, você iria querer ir, não?

Ela me pegou. Solto um suspiro.

– Tudo bem. Vou pedir a Tess que ajude com o encanto.

Sachi pega o meu cotovelo mais uma vez. O sorriso dela é paralisante.

– Sei que Maura é sua irmã, Cate, mas, se ela fizer algo para ferir Prue, vai ter que responder a mim.

– Não vou permitir que isso aconteça – prometo.

Só espero que eu não esteja mentindo.

Apesar dos avisos da *Gazeta* em relação à febre, a catedral de Richmond está lotada. No dia de Natal as pessoas se dedicam à comemoração com preces ao nascimento do Senhor... e a se exhibir com suas melhores roupas para os vizinhos. O ar é sufocante e fragrante com o cheiro de perfume – lavanda, verbena e água de rosas. Garotas acenam para as amigas com suas luvas de cetim e as mulheres balançam a cabeça para mostrar os brincos que acabaram de ganhar, enquanto os homens fazem questão de conferir as horas nos relógios de bolso novos.

– Não o vejo – Prue reclama e olha ao redor, ansiosa. Esperamos até o último momento para nos sentar, para que possamos procurar o irmão dela no meio da multidão.

– Talvez ele tenha mudado de ideia – sugiro.

Ela ergue as sobrancelhas.

– Acho improvável.

Começamos a caminhar pelo corredor central, mas uma mulher de idade usando uma capa de pele branca me empurra, eu tropeço e me agarro ao braço de Prue para me equilibrar. Minha concentração vacila. As mãos dela, gorduchas e com covinhas, se esticam em dedos longos com unhas rachadas por causa falta de nutrição adequada.

– Está tudo bem? – pergunta ela.

– Claro que sim. – Me ajeito em um piscar de olhos. Foi uma coisinha, mal deu para notar. Empurro para longe uma pontada de preocupação. Eu contava com a ajuda de Tess, mas minha irmã ficou em casa em vez de vir à igreja; Vi disse que ela passou metade da noite acordada, chorando por causa do gatinho.

Eu me dirijo para os bancos habituais da Irmandade e procuro Elena. Maura está sentada na primeira fila com Inez, mas Elena não está à vista. Não é do feitio dela perder a cerimônia. Manter as aparências é importante, ela diria; as Irmãs supostamente são devotas. Dou um tapinha no ombro de Irmã Celeste, uma das governantas.

– Viu Elena?

– Ela foi para o outro lado da cidade. A tia dela está doente – Celeste explica.

Droga. Eu agradeço, ao mesmo tempo que amaldiçoo a tia de Elena. O culto está para começar; não podemos sair apressadas agora. Faço um sinal para Prue ir para a última fileira, ao lado de Lucy.

Lucy olha feio para a aparente desconhecida.

– Esta é Lydia – explico com um gesto para a loura gorducha e bonita com olhos castanhos e maçãs do rosto bem redondas que não se parece nada com Prue Merriweather. Eu devia ter feito uma ilusão menos complicada. Não me dei conta de que eu seria a única responsável por mantê-la.

Ergo os olhos para o teto, rezando para que seja capaz de lidar com isto.

Irmão O’Shea sobe ao púlpito, o rosto comprido de cavalo não sorri, e ele deseja a todos um feliz Natal. Obedecendo ao comando dele, pegamos as Bíblias do encosto dos bancos. Abro a nossa para acompanhar as rezas usuais, e um folheto cai e pousa no chão. Prue o recolhe e eu espio por cima do ombro dela enquanto lê:

Este repórter obteve registros do Hospital Richmond confirmando que mais de trezentas pessoas morreram de febre só na semana passada. A Gazeta de ontem pediu à Fraternidade que cancelasse os serviços religiosos e outras reuniões públicas até que a ameaça passe. Este repórter soube que o Sentinela tem a intenção de publicar uma réplica para nos acusar de imprensa marrom com a intenção de voltar a população contra a Fraternidade. No entanto, foi o Sentinela que ignorou a ciência da prevenção focou em culpar as bruxas. Este repórter foi testemunha de bruxas curando a febre de um menino pobre, filho de um alfaiate, a quem negaram um leito no hospital. A Fraternidade desprezou o surto porque ele se originou no bairro do rio, cujos moradores não contribuem para os cofres dos Irmãos. A recusa dos Irmãos de estabelecer hospitais temporários e de disponibilizar mais medicamentos e enfermeiras para tratar os pobres da cidade permitiu que a febre se espalhasse para os nossos bairros mais refinados. Se eu publico mentiras, por que tantos dos nossos colegas de congregação estão tossindo?

Desejo a todos um Natal muito feliz e cheio de saúde,

Alistair Merriweather

Editor e redator-chefe, Gazeta de Nova Londres

Fito os olhos de Prue quando seus lábios se torcem.

Ninguém está prestando atenção ao Irmão O’Shea agora. Sussurros serpenteiam pelos bancos junto com os movimentos irrequietos da congregação. O sermão é pontuado por dezenas de tosses profundas e contínuas e, a cada som emitido por elas, cabeças se voltam para localizar o culpado, e todos que estão próximos da pessoa afetada se afastam.

Foi brilhante colocar esses panfletos nas Bíblias. Rilla vai ficar mal por ter perdido isso.

Ainda assim o culto se estende, interminável. O’Shea parece alheio à preocupação de seu rebanho. Ele relata a história do nascimento do Senhor e depois se lança a um sermão a respeito de sofrer dificuldades com alegria. De algum modo, isso se transforma em um julgamento sobre os pobres que passam fome e que não sacrificam suas filhas de bom grado.

Eu me levanto e me sento quando dão as deixas, balbuciando as respostas. Uma hora se passa, depois duas, e depois os sinos no prédio do Conselho vizinho marcam as três. Por todas as falhas do Irmão Ishida, o sermão de Natal em Chatham nunca era tão longo assim. Duas fileiras à nossa frente, a cabeça da idosa Irmã Evelyn pende feito um dente-de-leão felpudo. Roncos e berros de crianças cansadas começam a se misturar às tosses das vítimas da febre. Manter a ilusão de Prue se torna uma prova de resistência; é exaustivo.

Finalmente, Irmão O'Shea inicia o conhecido ritual de encerramento.

– Vamos limpar a mente e abrir o coração ao Senhor – entoa ele.

– Limpamos a mente e abrimos o coração ao Senhor – a congregação ecoa, se levanta e se espreguiça. As pessoas vão acordando os idosos e as crianças pequenas.

– Podem ir em paz para servir o Senhor – O'Shea declara e ergue a mão para se despedir.

– Sentimo-nos agradecidas.

Até os rostos dos Irmãos vestidos com suas capas pretas – todos forçados a passar o Natal em Nova Londres, longe da família, por causa da infundável reunião do Conselho Nacional – demonstram alívio.

As pessoas saem apressadas pelas três portas nos fundos, praticamente se derrubando na pressa de ir embora. O piso de mármore está coberto com centenas de panfletos amassados, mas, a julgar pelo êxodo apressado, arrisco dizer que cumpriram sua função.

Olho radiante para Prue, ainda com o cabelo louro, os olhos castanhos e gorducha.

– Vamos esperar um minuto, até esvaziar um pouco.

As outras Irmãs se juntam à multidão sem olhar para trás, ansiosas para chegar em casa e romper o jejum. Só os integrantes mais fiéis da congregação permanecem nos assentos, com a cabeça baixa em oração. Algumas dezenas de Irmãos conversam perto do púlpito. Espero enquanto os idosos se deslocam pelos corredores com suas bengalas, avançando em passo de lesma.

Assim que saio do banco, sou abordada.

– Você está *aqui* – Alice sibila por entre os dentes. – Fiquei esperando lá fora um tempão.

Por baixo da capa, ainda usa seu vestido refinado da véspera de Natal, um modelo cor de ametista com decote baixo e quadrado que não é adequado a uma Irmã, de forma alguma. Um mechão do cabelo louro dela estão saindo do coque, emoldurando suas bochechas, e há sombras escuras embaixo de seus olhos.

– Qual é o problema? – Deve ser grave para ela estar em público tão desarrumada.

– É o meu pai. – Ela esfrega a bochecha com um gesto cansado. – Ele está doente. Todos os empregados fugiram com medo da febre e não sei o que fazer. Ele é um tanto tirano; não os culpo por irem embora. Mas ele é a única família que me sobrou. Não posso simplesmente abandoná-lo.

Sinto uma pontada de solidariedade.

– Claro que não. Ele está muito mal?

Alice faz uma careta.

– Bom, ele passou a noite toda suando bastante. Não consigo fazê-lo engolir nada além de um pouco de caldo. É a febre, tenho certeza. Quatro casas na nossa rua estão com fitas amarelas pregadas à porta. – Ela baixa a voz. – Vi alguns guardas dos Irmãos passando e arrancando as fitas. Por que eles não querem que as pessoas saibam onde tem doença? Não querem deter o surto?

– Não querem que as pessoas saibam que chegou a Cardiff – explico e me lembro do homem rico que encontramos no hospital. – Ninguém se incomoda se apenas as ratazanas do rio estiverem morrendo. Os ricos vão ficar furiosos com O’Shea por não ter estabelecido quarentena. Agora é tarde demais.

Minha mente se enche de imagens sombrias de uma cidade dizimada pela febre. De lojas fechando, de gente sem trabalho. De pais confinados a seus leitos de enfermo durante semanas enquanto as famílias passam fome.

– No *Sentinela* de hoje, O’Shea negou literalmente que seja algo além de uma praga lançada pelas bruxas. Ele diz que a *Gazeta* só estava tentando causar confusão – Alice sussurra.

– Eu soube. – Entrego a ela o panfleto de Merriweather.

E se as iniciativas de Merriweather não forem suficientes? Caixões vão voltar a se empilhar nos pátios das igrejas. Não posso salvar todos. Mal consegui salvar Yang. Vou ter que ficar parada vendo as pessoas morrerem e...

Eu já tive que ver muita gente morrer.

A Mãe: o rosto e o corpo dela inchados por causa da gravidez, os olhos azuis fixos, pedindo que eu fizesse promessas que não poderia cumprir. Zara: o cheiro de moedas no hálito dela, a pele de cobre quente contra a minha enquanto implorava para que eu a ajudasse a morrer. A mulher de Harwood que perdeu o bebê: o cabelo louro empapado de sangue enquanto a vida se esvaía dela na rua calçada de pedras.

O’Shea percorre o corredor desde o santuário. Ele e sua comitiva fazem uma pausa para cumprimentar os paroquianos ricos, vertendo bênçãos na cabeça deles, estalando a língua com algo que um homem bem-vestido diz. Ele parece completamente despreocupado em relação às responsabilidades, às centenas de pessoas morrendo em sua capital enquanto ele não ergue um dedo para deter a epidemia. Enquanto coloca a culpa nas *bruxas*.

Ele faz uma pausa na nossa frente com seu sorriso reptílico.

– Feliz Natal, Irmãs!

Prue e Alice se ajoelham, mas eu hesito. A ideia de me ajoelhar na frente dele faz meu estômago se revirar. Não quero que este homem toque em mim. Ele mataria Sachi, Rory e Prue. Ele ordenaria que eu e todas as minhas amigas fôssemos mortas se soubesse o que éramos. Ele assistiria ao nosso enforcamento e comemoraria nossa morte.

O’Shea olha fixo para mim com seus olhos pálidos.

– Irmã Catherine, é isso? – pergunta ele.

Eu trinco os dentes e ajoelho. Ele abençoa Prue, depois Alice, então coloca a mão gorda e suada na minha testa e, ah... no momento em que toca em mim, sinto a dor de cabeça dele. Talvez não esteja tão intocado pelas palavras de Merriweather quanto finge. Meus dedos se agitam no piso de mármore.

Se alguém merece dor e sofrimento, é este homem que os distribui com tanta alegria.

– Que o Senhor as abençoe e as mantenha assim por todos os dias de sua vida – diz ele, e não consigo deixar de desejar exatamente o oposto para ele.

– Sinto-me agradecida – murmuro e acesso os feixes de magia que correm em mim.

A dor de cabeça dele se conflagra, queima em tons vermelho-escarlate. Ele cambaleia para trás.

Não é suficiente. Eu queria poder fazer a cabeça dele explodir, rachar o crânio dele no meio.

Eu não sabia que podia ser violenta dessa forma.

– Irmão O’Shea, está passando mal? – ouço alguém perguntar e sinto uma satisfação sombria... junto com uma onda de tontura. Minha visão fica desfocada.

– Cate? – Alice sussurra com a mão no meu ombro. Há um tom alarmante na voz dela.

– Esta não é a irmã do homem do jornal? – uma voz de mulher berra, estridente. – A que devia ter sido enforcada?

Ah, não. Eu me esforço para me levantar, porém é tarde demais. Como sou tola...

Prue está a minha frente, ela mesma mais uma vez. Minha ilusão desapareceu.

– É ela. Prudencia Merriweather – um homem que olha na nossa direção declara.

Mas os guardas chegam primeiro.

Quatro deles rodeiam Prue. Dois a agarram com brutalidade pelos braços. Dá para ver que a estão machucando pela expressão no rosto dela, mas Prue não grita.

Um homem endinheirado se aproxima dela, estalando a bengala dourada no piso de mármore, com o panfleto de Alistair amassado no punho. Ele o agita no rosto dela.

– Isto é obra sua também? Caçoar do nascimento do Senhor?

Prue baixa os olhos para o piso.

Pelo bom Senhor, o que eu fiz?

Os olhos de Alice estão em mim, mas ainda há uma centena de pessoas na catedral. É um número grande demais para executar magia mental.

Prue já foi condenada; agora vão usá-la para fazer Merriweather vir a público, e os dois serão enforcados. Que prêmio eu entreguei a O’Shea...

– O que temos aqui? – pergunta ele, com a voz ecoando. Ele se vira para mim, com o sorriso restaurado. – Esta garota é amiga de vocês?

– Eu... – digo com a voz rouca. Os olhos cinzentos de Prue estão arregalados de medo, porém ela meneia a cabeça de forma quase imperceptível. Está me dizendo para abandoná-la.

Mas é tudo culpa minha. Minha promessa a ela, a Sachi, de tomar conta dela...

Apesar das melhores intenções, parece que nunca consigo cumprir minhas promessas.

– Fale logo, garota! – O’Shea vocifera.

Um guarda corpulento coloca a mão no meu ombro e me vira. Os dedos dele vão deixar marcas roxas. Minha irritação, domada com tanto cuidado durante toda a manhã, racha. Se estilhaça. E se espalha por todos os lados.

– *Não toque em mim!*

Minha magia ondula em um arroubo muito forte, como eu nunca sentira antes. Irmão O’Shea e seus guardas são lançados para trás. O corpo deles voa feito bonecos de trapo, ou árvores arrancadas por um tornado. Eles voam, se agitam e só param quando atingem os bancos, pousando com uma série de barulhos de esmagamento de dar enjoo.

Ao mesmo tempo, ouve-se um estrondo ensurdecedor... e outro... e outro... e outro. As pessoas que ainda estão na catedral gritam, tanto homens quanto mulheres, sem parar, roucos e *apavorados*. Eu olho para o santuário a tempo de ver a imagem do Senhor subindo aos céus se estilhaçando, com estilhaços de vidro voando para todos os lados.

As pessoas se escondem atrás dos bancos de mogno com as mãos na frente do rosto para se protegerem da chuva de vidro.

Olho para Alice. Um pedaço de vidro cortou-lhe a bochecha, mas ela está totalmente imóvel.

Há medo em seus olhos azuis também.

Alice está com medo. De mim.

CAPÍTULO

16

– VÃO! – EU ORDENO, ARRANCO A CHAVE do meu pescoço e jogo para Prue. – Prue sabe para onde ir. Eu encontro vocês. *Vão!*

O segundo *vão* parece reanimá-las. Elas disparam pelo corredor, com as botas estalando. Ninguém tenta detê-las. Um dos guardas está caído contra uma coluna de mármore. Outro está estirado em cima de vários bancos; alguns parecem inconscientes... ou coisa pior.

– Guardas! – O’Shea berra. A cabeça careca dele se projeta por cima de um banco a várias fileiras de distância.

Dou uma olhada na direção das portas. Prue e Alice estão quase fora da catedral.

Dois guardas saem correndo por uma porta perto do santuário. Ergo a mão e todas as pessoas à vista se encolhem.

– Não se aproximem. Não quero ferir mais ninguém.

Prudentes, os guardas param.

– Não pode se esconder. Vamos encontrar você – O’Shea promete e se levanta. Os olhos azuis dele brilham de dentro da sombra de seu capuz. – Vamos fazer com que morra por este sacrilégio.

Eu corro. O vidro penetra minhas sapatilhas pretas. Mais três guardas disparam de trás de pilares e tentam me deter. Não é difícil pará-los. Minha magia paira logo abaixo da minha pele, pulsando pelo meu corpo junto com as batidas do meu coração.

Neste momento, cheia de medo, raiva e *poder*, eu me sinto mais viva do que nunca.

Mais guardas correm do lado de fora.

– Irmã, o que houve? Está tudo bem? – eles perguntam com os rifles em riste, os olhos frenéticos examinando o corredor central em busca de perigo. O que eles devem achar que está acontecendo? Uma tentativa de assassinato a O’Shea?

– Houve uma explosão – digo ofegante e disparo entre eles.

– Bruxaria! – O’Shea vocifera atrás de mim. – Detenham-na!

Mas eu escapo do caos. Guardas estão tentando impedir que um grupo de Irmãos volte a entrar na igreja. Faço uma pausa no fim do bando deles, com cabeça baixa, e, quando ergo meu rosto para o sol, me transformo em um homem com pele cor de café e cabelo preto crespo. Irmão Sutton, de Chatham.

Felizmente, a maior parte das pessoas parece ter ido direto para casa depois do culto em vez de ficar conversando. Os guardas estão tentando arrebanhar o restante dos integrantes da congregação do outro lado da rua, na praça Richmond. Passo por uma mulher sentada nos degraus, alheia à confusão a seu redor, colocando uma luva cinza sobre um corte feio na testa do filho para estancar o sangramento.

Observo o vidro colorido que cobre os degraus, formando um arco-íris no calçamento de pedra da rua, e percebo que poderia ser muito pior.

Desço a rua. No momento em que dobro uma esquina, meu encanto muda. *Rose*, eu penso, e me transformo na minha antiga vizinha Rose Collier, vestida com uma capa de lã cor-de-rosa refinada. Na esquina seguinte, sou Lily: a criada meiga, com olhos bovinos, que nos delatou ao Irmão Ishida. Sigo assim por quarteirões, ziguezagueando até a rua Cinco, repassando meia dúzia de disfarces, mas sem desacelerar o passo.

Sinto a magia drenando minha força, fazendo meus pés se arrastarem. Minha cabeça gira, minha visão escurece, mas não posso descansar. Não até estar em um lugar seguro. Avanço aos tropeços pelo beco atrás da papelaria O'Neill's, implorando à magia que me permita passar por mais uma transição.

– Feliz Natal, Hugh! – um homem diz animado, carregando caixas para dentro de uma loja a duas portas de distância.

Eu me viro para ele, com o rosto transformado no de O'Neill, a pele castigada, o cabelo branco contrastando com o bronzeado.

– E um Natal muito feliz para você!

Espero até que o vizinho desapareça dentro da loja antes de bater duas vezes na porta do depósito. Quando ela se abre, eu praticamente caio nos braços de Prue.

– Cate! Ah, graças aos céus! – Prue me coloca no chão.

Pressiono o rosto contra os joelhos para não desmaiar.

– Como foi que você escapou? – Alice pergunta.

– Não é importante. Você precisa ir para o convento, Alice. Rápido! Tire Maura e Tess de lá! – respiro com dificuldade e ergo o rosto. – O'Shea sabe o meu nome. Ele vai lá me procurar e, quando descobrir que tenho duas irmãs... ele só precisa olhar o registro das alunas...

– A profecia – Alice diz sem fôlego. – Três irmãs, todas bruxas. Vão saber que é uma de vocês. Você foi *poderosa*, Cate.

Ela diz isso como cumprimento, mas só consigo pensar que eu fui poderosamente estúpida. Não posso anular o que fiz. Não posso voltar para casa... não para o convento nem para Chatham... a não ser que eu queira colocar todas as pessoas que são importantes para mim em perigo.

Eu desrespeitei a regra primordial da Mãe: *nunca* executar magia em público.

E agora os Irmãos vão baixar no convento, interrogando as garotas, fazendo buscas nos quartos, procurando vestígios de bruxaria. Se Alice não chegar lá primeiro...

As consequências serão horríveis demais para imaginar.

– Você precisa avisá-las. Agora. *Por favor!* – eu imploro em tom de voz estridente.

Alice me segura pelos ombros e me sacode.

– Não precisa ficar histérica. Quando sua magia voltar, vá à casa do meu pai. Eu dei o endereço a Prue. Todos os criados foram embora, e ele está meio fora de si com a febre; você vai estar segura lá. – Ela aperta a chave nas minhas mãos. – Vou trazer Maura e Tess para você.

Tão astuta. Ela é como Elena, sempre planejando. Agora me sinto grata por isso.

– Corra! O convento inteiro...

– As Irmãs têm contingências para este tipo de coisa. Não venha atrás de mim, Cate. Só vai fazer você ou outra pessoa ser morta. Está entendendo? – Ela olha fixo para mim até que eu assinto, então se transforma em uma morena bonita e sai pela porta.

Eu me esforço para me levantar e me viro para Prue.

– Sinto muito. O que aconteceu na catedral...

– Você me tirou de lá. É só isso que importa. – Prue sorri. – Há um recado na porta dizendo que a papelaria está fechada para o Natal. O'Neill foi para a casa da filha. Eu gostaria de informar a Alistair onde estou, mas acho que não devo deixar essa informação solta por aí.

– Posso escrever um recado em... – *Código*, tenho a intenção de dizer, mas minha mente se apega a *da filha*. – Meu pai! Prue, meu pai está aqui em Nova Londres. Os Irmãos vão atrás dele. Preciso avisá-lo!

Imagens pavorosas do Pai sendo torturado enchem minha mente. Prue desce do armário.

– Quanto tempo vai demorar para sua magia voltar?

Mordo o lábio.

– Não sei.

Bato com força na porta do apartamento do Pai, rezando para que não seja tarde demais. Demorou uma hora (que tortura!) para minha magia retornar. E se os Irmãos já mandaram soldados atrás dele? E se estiverem à nossa espera? E se já o surraram e o arrastaram para a prisão no porão do prédio do Conselho? *E se... e se... e se?* As dúvidas pulsam em mim no ritmo das batidas do meu punho na porta.

Prue segura o meu braço.

– Pare – sibila ela por entre os dentes. – Você vai acordar todos os vizinhos.

O Pai abre a porta de supetão, radiante.

– Maura! Que bom ver vocês, meninas. O quê...?

A culpa me perfura com o sorriso dele.

– Não é Maura – eu digo ao desfazer as ilusões quando passamos por ele. – E não é Tess. Sou a Prudencia Merriweather, irmã de Alistair. Nós estamos... estamos encrencadas.

– Bom, podem ficar aqui quanto tempo quiserem – o Pai diz.

Nós três estamos apertados na entrada minúscula. Duas capas estão penduradas nos ganchos logo ao lado da porta, do lado de dentro. Um par de luvas de couro está na mesinha do hall, onde ele as largou, provavelmente quando chegou da igreja. Estou tão contente de você estar em casa...

– Não podemos. E o senhor também não pode. Precisa partir. Mas não pode... – Pego as mãos dele e aperto. As mãos do Pai são macias, mãos de cavalheiro, desacostumadas a trabalho árduo ou ao menos às rédeas de um cavalo. – Não pode voltar para Chatham. Vão procurá-lo por lá. Podem prendê-lo... feri-lo... para forçar que eu me entregue.

– Os Irmãos? – o Pai pergunta, e eu assinto. Ele aperta minhas mãos com mais força. – Onde estão as suas irmãs?

– Elas ainda estão no convento. Mandeí uma pessoa para buscá-las... uma pessoa em quem confio. – Passo a mão pelo cabelo despenteado pelo vento. É estranho falar assim de Alice, porém ela se mostrou merecedora disso. – O senhor precisa partir, Pai. Podem vir atrás do senhor a qualquer minuto.

O Pai sobe a escada, dois degraus de cada vez.

– Conte o que aconteceu enquanto eu faço a mala.

Eu vou atrás dele, e Prue se apressa atrás de nós, até o quarto dele. Ele tira uma valise de baixo da cama e começa a enfiar coisas nela: livros da mesa de cabeceira e um daguerreótipo de quando a Mãe tinha a minha idade. Prue vai até o guarda-roupa dele e começa a pegar camisas e coletes, que vai jogando na cama. Estou percebendo que ela ajuda muito em momentos de crise. Eu só ando de um lado para outro.

– Eu devia ter mantido o encanto em Prue na igreja, mas perdi a concentração. Alguém a reconheceu, e então os guardas tentaram prendê-la. Ela teria sido enforcada, Pai. Começaram a me interrogar, e eu... perdi a paciência e... – Respiro fundo. – Eu quebrei todos os vitrais da catedral.

– Da Catedral de Richmond? – o Pai faz uma pausa segurando uma pilha de camisas bem passadas.

– E jogou o Irmão O’Shea e dezenas de guardas pela igreja – Prue completa.

– O’Shea me reconheceu. Nós tínhamos nos visto... no convento, quando ele foi falar com a diretora. Ele vai vir à minha procura. Não só pelo que fiz hoje, envergonhando-o daquele jeito, mas por causa da profecia. Quando ele descobrir que eu tenho duas irmãs... – Eu paro de falar quando uma onda de preocupação ameaça me afogar. – Nós precisamos nos esconder, todos nós.

– Então, você é o oráculo? – o Pai pergunta.

– Tess – explico. – Espere. Como sabia da profecia?

– Eu não moro em uma caverna. – Mas o Pai me olha acanhado enquanto pega calças e roupa de baixo da penteadeira. – Conversei com Marianne depois que vocês foram embora ontem à noite.

Marianne! Ó Senhor, será que é infinito o número de vidas que eu sou capaz de destruir?

– Ela deve retornar a Chatham imediatamente. Não quero que nada de ruim aconteça a ela e a Clara.

– Vou avisá-la. – O Pai pousa a mão no meu ombro. É estranho perceber que ele é apenas alguns centímetros mais alto do que eu. Deve ser porque eu ainda o considero o gigante enorme que parecia ser quando eu era criança. – Mas e você? Se os Irmãos podem chegar aqui a qualquer minuto, deve ir andando. Certamente corre mais perigo do que qualquer outra pessoa.

Troco um olhar rápido com Prue.

– Preciso me assegurar de que o senhor escape com segurança. – Não vou permitir que os Irmãos o prendam.

O Pai fecha a valise e vai para a sala.

– Deixe-me pegar dinheiro no cofre e podemos ir andando.

Mordo o lábio.

– Para onde o senhor vai?

O Pai remove o retrato dos pais dele pendurado acima dos sofás dourados. Atrás dele, um pequeno cofre de metal está embutido na parede. Ele gira uma combinação, abre o cofre e tira um saco pequeno de dentro dele. A julgar pelo peso que parece ter, deve haver uma boa quantidade de moedas lá dentro.

– Nunca dá para ter cuidado demais – ele dá uma risadinha ao reparar na minha surpresa. – Não se preocupe comigo, Cate. Um homem de recursos é capaz de ficar escondido em uma cidade do tamanho de Nova Londres sem muito problema. Olhe só para o irmão de Prudencia. Vou começar pelo Golden Hart. Fica perto do rio, ninguém iria me procurar em um lugar assim. Pelo menos, não durante um tempo.

Engulo em seco, imaginando o Pai em uma hospedaria de cortiço habitada por... quem? Trombadinhas e prostitutas? Nunca vi nenhum dos dois, mas já ouvi histórias. Estou mais preocupada com a epidemia.

– Tome cuidado. A febre...

– Eu mando avisar se ficar doente. – Ele enfia uma pilha de documentos na mala junto com o saco de dinheiro. Então se vira para mim. – Não quero que vá ver como eu estou. Não é um lugar adequado para uma mocinha.

Uma mocinha! Não sei se rio ou se choro.

Prue diz o endereço de Alice para ele enquanto descemos a escada com muito barulho.

– É para lá que vamos agora.

– Cardiff, hein? E se eu vir Finn enquanto estiver dando a notícia a Marianne, devo dar a informação a ela também? – O Pai veste a capa cinza. Ele vai ficar preocupado.

Fico corada. O que exatamente Marianne contou para o Pai?

– Não quero que ele se envolva em nada disso.

– Tem certeza, Catie? – O apelido de infância quase me faz chorar. Ele me faz lembrar do Pai ajoelhando, conferindo embaixo da minha cama para ver se não tinha nenhum monstro. *Não tem nada aqui, Catie*, dizia ele antes de me dar um beijo estalado na testa. Nunca mais alguém me chamara disso... e não ouço o apelido desde que era muito pequena.

Imagino meu quarto lá em Chatham: a colcha e as cortinas com os lírios azuis, o tapete com estampa de rosas ao lado da cama e o sofazinho violeta da Mãe. Será que algum dia vou ver tudo isso novamente? Não posso voltar lá, pelo menos não com os Irmãos no comando da Nova Inglaterra, e, apesar das tramoias de Inez, não parece que estamos muito próximas de derrubá-los no momento.

– Tenho certeza – digo. Mas minha voz treme com a mentira.

O Pai faz uma pausa e me olha bem nos olhos.

– Eu não tenho sido um bom pai para você, Cate. Meus conselhos podem não ser bem-vindos, mas vou dá-los assim mesmo e espero que os aceite. Um homem como Finn... não vai gostar nada de ser protegido. Um casamento exige o encontro de iguais. A sua mãe... Bom, eu gostaria que ela tivesse me contado a verdade e confiasse em mim para tomar minhas próprias decisões.

– Eu... eu vou pensar nisso. – Dou um rápido abraço nele e sinto o cheiro de couro e de fumaça de cachimbo. – Mantenha-se em segurança, *por favor*. Tenho a sensação de que acabamos de encontrar o senhor, de certo modo.

– Eu também tenho. – a voz do Pai está rouca. – Cuide-se, então.

– Pode deixar. E vou cuidar de Maura e Tess também.

O Pai sorri.

– Nunca tive a menor dúvida disso.

Quase não cumpro minha promessa a Alice pela terceira vez.

– Não posso ficar esperando sem fazer nada! – reclamo, andando de um lado para outro no foyer grandioso da família Auclair. Em cima de mim, o lustre de cristal reflete os últimos raios de sol.

Prue se coloca na frente da porta. De novo.

– Você precisa ir.

– Eu poderia mover você, se quisesse – observo, frustrada.

Prue se encosta na porta com os braços cruzados sobre o peito. Os olhos cinzentos dela, rodeados por cílios inacreditavelmente longos, praticamente me desafiam a tentar.

– Eu sei que você está preocupada, mas precisa pensar bem. O convento vai estar lotado de Irmãos. Se voltar lá, só vai complicar as coisas. Alice provavelmente está a caminho de casa com Maura e Tess neste momento.

– E se *não* estiver? – eu me sento no degrau mais baixo da enorme escada reluzente, com a mente cheia de pensamentos terríveis. – Faz horas! Já deviam ter chegado a essa altura. Não sei por que podem estar demorando tanto, a não ser que os Irmãos tenham chegado lá

antes de Alice e tenha havido uma batalha. O'Shea deve estar com o registro das alunas. Quando vir as irmãs Cahill naquela lista...

– Não pense nisso – Prue interrompe. Dou uma olhada no teto, coberto com o mesmo papel de parede floral azul-escuro que as paredes, com uma cornija de querubins esculpidos. Não consigo parar de pensar na cena: guardas segurando minhas irmãs, batendo na cabeça delas para que fiquem inconscientes e não possam usar sua magia. Espancando-as. Quebrando os dedos delas como fizeram com Brenna quando ela se recusou a cooperar. Deixando cicatrizes, marcas roxas e coisa pior. Penso no que fizeram com Parvati e outras em Harwood, e meu estômago se embrulha.

Maura iria revidar, e o Senhor sabe que ela é formidável. Mas Tess... Tess, cuja magia é a mais forte de todas...

– Tess não tem estado muito bem ultimamente – entro em pânico. – Tenho medo de que ela faça alguma tolice.

Mesmo que ela não tenha noção de autopreservação, ela sabe o que a profecia diz: se o oráculo sucumbir à Fraternidade, estaremos todas perdidas. Isso certamente iria incentivá-la a lutar. Não?

Prue remexe na mesa do hall procurando um fósforo, então acende a linda lamparina de cristal azul. Está ficando escuro do lado de fora; parece que já são quase quatro e meia. Por que estão demorando tanto?

– Vai ficar tudo bem com elas, Cate. Além do mais, você está exausta. Acha que ele consegue executar mais magia hoje?

Dou uma olhada no espelho prateado em cima da mesa e reparo na minha palidez e na maneira como meus ombros estão caídos por causa do cansaço. Ela está certa. Eu mal consegui fazer com que nós atravessássemos a cidade disfarçadas antes de desabar no chão da cozinha de Alice. Prue pegou um pouco de pão e queijo na despensa, mas eu não consegui comer. Demorou uma hora até que eu tivesse forças para ir ao andar de cima para cuidar do pai de Alice.

– Eu não me importo. Não me importo com ninguém além de Maura e Tess – balbucio.

– Mentirosa – Prue diz. – Se isso fosse verdade, teria deixado que me prendessem. Teria deixado que todas nós fôssemos enforcadas. Não... Teria deixado que todas nós apodrecêssemos em Harwood, ou que sofrêssemos o destino qualquer que os Irmãos tivessem reservado para nós.

Suspiro quando Prue coloca a xícara de chá frio nas minhas mãos. Há alguns meses, Tess e Maura eram as únicas pessoas que realmente importavam para mim no mundo. Eu teria sido incapaz de ficar aqui e confiar a segurança delas a qualquer outra pessoa. Agora... Bom, isso está me levando à loucura, mas reconheço que o argumento de Prue é válido.

A porta da frente se abre. Meu coração se aloja na garganta quando vejo o homem alto e grisalho parado à porta.

– Ah, que bom que você está aqui. – Alice desfaz o disfarce e fecha a porta atrás de si.

Ela veio sozinha.

Meu coração se aperta.

– Onde estão as minhas irmãs?

– Escondidas. – Alice treme dentro da capa. – Aqui está um frio de congelar! Como o Pai está?

– Dormindo tranquilo. Eu aliviei a febre dele. Está fora de perigo agora. – Eu franzo a testa e seguro a xícara de chá com toda a força. – Ainda estão no convento? Estão em segurança?

– Sim, e sim... pelo menos por enquanto. – Alice vai até a sala, um aposento grande com um tapete rosado grosso e cortinas de um cor-de-rosa pálido como o interior de uma concha. Ela se senta em um sofazinho confortável cor-de-rosa idêntico ao do convento, e fico imaginando se ela fez o pai comprar *dois* para ela. Não consigo imaginar como é crescer nesta casa que mais parece um mausoléu. É adorável, mas impessoal: não tem livros nem papéis nem chinelos espalhados, nenhum retrato de família nas paredes. Parece um lugar inadequado para uma criança.

– O convento não está cheio de Irmãos a esta altura?

– Há dezenas deles lá. – Alice ergue a mão para tocar um sino e chamar um criado. Mas a mão dela baixa quando se lembra de que não há ninguém para chamar. Ela faz uma careta e se levanta para acender o fogo. – Mas acontece que há aposentos ocultos atrás dos de Cora. A porta fica nos fundos do closet privativo dela e está encantada para que ninguém jamais desconfie que está ali. Eu moro no convento há anos e nunca soube. É muita esperteza, não é? Lá tem todo o necessário para passar alguns dias: cobertores, penicos, velas, até alguns enlatados de Irmã Sophia. Não sei se vão ficar muito confortáveis, mas não vão morrer de fome. Gretchen enfiou todo mundo lá dentro na hora em que O'Shea chegou pisando duro, exigindo a sua prisão.

Eu me afundo em uma poltrona dourada bonita.

– Obrigada ao Senhor por você ter chegado lá a tempo.

– Não havia um minuto a perder. Havia garotas correndo por todo lado, lançando ilusões sobre qualquer coisa proibida, enquanto Inez enrolava os Irmãos à porta. Ela foi ótima fingindo que estava chocada com a sua traição. Enquanto isso, Gretchen estava no andar de cima enfiando todas as suas refugiadas nos quartos secretos. – Alice suspira e joga as mãos para o alto. – Será que uma de vocês consegue acender a porcaria deste fogo?

Prue se ajoelha ao lado dela e pega a caixa com as pedras de pederneira.

– Alguém foi preso?

– Não. Pelo menos não até onde sei. Quando eu saí, os Irmãos ainda estavam lá, interrogando todo mundo e fazendo ameaças terríveis. Claro que todas afirmaram que não tinham a menor ideia de onde você tinha se metido, nem de quando as suas irmãs desapareceram, nem que você estava de conluio com os Merriweather. – Alice volta a se

acomodar no sofazinho, chuta para longe as sapatilhas refinadas de veludo e enfia os pés embaixo do corpo. – Cate, você não escreve diário, escreve?

Franzo a testa para ela.

– Claro que não. Acha que sou burra?

– Não... – A voz dela deixa espaço para dúvida. – Os Irmãos encontraram um quando fizeram busca no seu quarto. Nele, você assume a culpa pelos ataques ao Hospício de Harwood e à praça Richmond... e pela destruição do Conselho Titular. Você se gaba de como foi fácil fechar os olhos das boas Irmãs, como o convento era o disfarce perfeito.

– Mas que vilã excelente eu sou. – Cerro os dentes e seguro com força o braço de madeira entalhada da cadeira. – Inez deve tê-lo plantado.

– Ela é rápida, isso eu sei. – Alice sorri. – Felizmente, ela não está imune a alguma bajulação. Fingi que você e Prue tinham fugido juntas e implorei perdão por ter sido contrária a ela no enforcamento. Acho que ela acreditou em mim.

– Esperta – eu digo, porque obviamente é o que Alice está esperando. – Tem certeza de que Maura e Tess estão bem?

– Estão, desde que fiquem onde estão e não façam nada descuidado – Alice diz. – O’Shea deixou um esquadrão de guardas no convento. Ele está furioso! Você precisava ter visto quando ele vociferou dizendo que a Irmandade o tinha feito de bobo, criando uma víbora em seu seio!

– Como você conseguiu escapar? – Prue volta a se levantar quando o fogo acende. – Imagino que não estejam deixando as garotas saírem como bem entenderem.

– Eu contei a verdade a eles: meu pai estava doente e eu ia cuidar dele. Quando souberam quem ele era, ficaram felizes de me deixar ir. Ele faz doações bem generosas para a Fraternidade, por isso não queriam que ele se irritasse. – Alice franze a testa. – Um deles sugeriu que eu o levasse para uma consulta com o Irmão Kenneally, mas não sei de que isso adiantaria, pois só serviria para que meu pai fosse exposto à confusão no hospital!

– Essa não é a primeira vez que o nome de Kenneally é mencionado. Merriweather está tentando ver o que consegue descobrir. – Eu suspiro e passo o dedo pelo papel de parede, todo cor-de-rosa com listras e flores. Esta é a sala mais feminina e rebuscada que eu já vi... ainda pior do que a loja de vestidos da Sra. Kosmoski em Chatham. – Seu pai deve ficar bem em alguns dias. Eu não o curei totalmente; não tinha magia suficiente. De todo modo, vou precisar de alguns dias até decidir para onde vou.

– Você não pode passar o resto da vida escondida. – Os olhos azuis de Alice são penetrantes. – Você é uma bruxa muito poderosa, Cate. Se eu algum dia duvidei disso, e nós duas sabemos que eu duvidei *mesmo*, vi prova de que eu estava errada hoje. A Irmandade não pode se dar ao luxo de perder você.

– Não vou sair de Nova Londres. Eu jamais abandonaria Maura e Tess. – Nem Finn.

– Isto afeta mais do que a você e as suas irmãs – Alice se irrita. – Você lançou dúvidas sobre toda a Irmandade. Essa é a desculpa perfeita para O’Shea jogar todas nós na rua. E daí,

o que nós vamos fazer? Eu, por exemplo, não tenho a menor intenção de me casar com um almofadinho desmiolado qualquer selecionado pelo meu pai. E se nós nos dispersarmos, será impossível nos organizarmos direito para derrubar os Irmãos.

– Pelo menos você tem um lugar para ir. Opções. A maior parte das outras não – Prue observa.

Ela e Alice olham fixo para mim, como se pérolas de sabedoria fossem cair dos meus lábios a qualquer momento.

– Precisamos fazer alguma coisa. Logo.

Só preciso descobrir o quê. Antes de perdermos nossa chance.

Estamos no meio de um jantar improvisado de ovos fritos e presunto quando ouvimos uma série estranha de batidas na porta da cozinha: uma curta, uma demorada, uma curta, uma demorada. Alice se sobressalta, mas Prue salta da cadeira e corre para a porta dando risada. Ela a abre e revela seu irmão, batendo os pés para se esquentar, com a respiração formando vapor no ar.

– Pru-deeen-ci-aaaaa! – ele cantarola, ecoando as batidas.

Ela o abraça pela cintura e o aperta com força.

– Rápido, entre logo antes que alguém o veja.

– Bem a tempo de jantar, estou vendo – observa ele. – Boa noite, Cate. Fico feliz de ver você aqui em vez de dançando na ponta de uma corda. Está o maior bafafá na cidade toda por causa do que aconteceu.

Faço uma careta com a piada dele e olho para Alice.

– Esta é Alice Auclair. Esta é a casa do pai dela.

– Ah, eu sei. *Todo mundo* conhece George Auclair. – Merriweather olha ao redor, para a cozinha imensa, com um fogão enorme e paredes azulejadas extravagantes. – Um dos apoiadores mais generosos dos Irmãos. Ganhou muito dinheiro com os contratos que fez com eles.

– Não há necessidade de ser vulgar – Alice diz, seca, mas fica corada, obviamente irritada. – Além do mais, quem é você para dizer qualquer coisa?

Olho para os dois com os olhos apertados, confusa. Merriweather faz uma mesura exagerada, teatral.

– A família Merriweather era rica como Midas antes de este que vos fala afundar tudo no jornal. Tudo graças a Walter Merriweather, chefe da Fraternidade de 1816 a 1818. Nosso augusto antepassado foi o último homem a ordenar que bruxas fossem enforcadas... até O'Shea, é claro.

– Que legado maravilhoso – digo, seca.

– E não é? – ele responde.

– Você comeu? Quer que eu prepare um ovo frito? – Prue pega a frigideira.

– Nossa, como você está prendada. Mama ficaria orgulhosa. – Alistair rouba a cadeira de Prue à mesa retangular de madeira, de costas para o fogo que estala. – Não, obrigado. Não posso demorar; tenho que refazer a primeira página do jornal. Mas aceito uma xícara de chá.

Prue estende a mão para o bule de porcelana e serve.

– Vai escrever sobre Cate?

O irmão rouba uma mordida do prato dela.

– Vou. A *Gazeta* vai fazer a distinção entre quem foi responsável pelo ataque ao Conselho Titular e quem foi responsável por salvar as garotas de Harwood. Arrisco dizer que vou ser acusado de favoritismo, tendo em vista que, agora, você salvou o pescoço de Prue três vezes, Cate. Mas eu *me sinto* agradecido. – Ele ergue a mão e puxa a trança dela, causando um gritinho. – Aliás, o que você estava fazendo na igreja, sua pagã?

– Ouvi um boato de que você iria aprontar algo – Prue explica. – Belo trabalho com os panfletos.

– Fico contente com o seu apoio – digo, ignorando a bisbilhotice de Merriweather. – Espero que isso signifique algo para as pessoas que normalmente têm medo de magia.

– A classe operária, quer dizer. – Alice revira os olhos.

– Foi precisamente essa atitude que colocou os Irmãos em apuros. As classes dos trabalhadores e dos comerciantes são a sua melhor aposta para mudança – Merriweather argumenta. – Essas pessoas estão sofrendo. Elas se voltariam contra os Irmãos bem rápido se achassem que seu dia a dia iria melhorar sob um novo governo. Estou sugerindo que o novo governo seja composto de um triunvirato, como na Roma antiga, consistindo de um Irmão, uma bruxa e um representante do povo. Assim, as preocupações de todos estariam representadas.

– Magia continua sendo ilegal, sabia? Não acha que repelir essas leis seria melhor como primeiro passo? – Alice joga o cabelo louro. Ela tomou banho e está usando um vestido limpo de lã em tom de azulão. – Vão expulsar você da cidade às risadas.

– Por que não fazer a coisa completa se está defendendo a reforma? – Merriweather agita o garfo de Prue enquanto fala. – As bruxas são poderosas demais para serem ignoradas. Você só estava tentando defender uma amiga... que teria sido morta depois de passar três anos na prisão injustamente.

– Está sugerindo que as mulheres também tenham o direito ao voto? – pergunta Prue. – Se realmente deseja efetuar mudanças...

O irmão olha para ela com cautela.

– Eu não iria assim tão longe. Onde está a sua amiga senhorita Stephenson? Achei que ela estaria aqui, compartilhando do seu infortúnio, pronta para me repreender por meus modos patriarcais.

Seguro um sorriso.

– Rilla foi para Vermont passar o Natal com a família.

Merriweather limpa a garganta.

– Você precisa pegar um exemplar da *Gazeta* de amanhã para ela, para que veja seu nome impresso. O pseudônimo, pelo menos. A garota sabe usar as palavras, acredite se quiser.

– Alistair! Isso foi um elogio? Para uma mulher jornalista? – Os olhos cinzentos de Prue se arregalam atrás dos óculos.

– Se você repetir isso, eu a desfero – balbucia ele. Rouba mais uma mordida do prato de Prue, e ela dá um tapa nele. – Cate, será que você poderia me arrumar uma entrevista exclusiva com o oráculo?

Tomo um gole do meu chá.

– Não poderia, já que no momento ela está escondida.

– Então, é uma das suas irmãs? – Merriweather ergue as sobrancelhas para mim. – Quer dizer... se você continua afirmando que não é você...

– Eu posso jurar que não sou. – Meu tom de voz é ácido. – E vou agradecer se deixar as minhas irmãs longe do seu jornal. Elas já estão bem encrocadas.

Merriweather meneia a cabeça, um cacho de cabelo preto cai sobre a testa pálida, quando ouvimos mais uma batida na porta da cozinha.

– Deve ser Belastra.

Alice olha feio para mim, e dou de ombros, mas meu coração dispara.

– Vou mostrar nossa gráfica para ele – Merriweather explica. – Disse a ele que me encontrasse aqui.

Abro a porta, feliz de encontrar Finn.

– Eu consegui o endereço de Merriweather hoje à tarde – explica ele, com os olhos castanhos me examinando, como se quisesse ter certeza de que eu ainda estou aqui e ainda estou inteira. – Tive que ver pessoalmente se você estava bem.

– Agora que viu, pode ir embora – Alice diz, belicosa.

– Esta é Alice Auclair – explico. – E já conhece Prue.

– Boa noite, Prue. É um prazer conhecê-la, senhorita Auclair – Finn diz e faz uma mesura. Ele não encosta em mim, porém fica mais próximo do que seria apropriado. Apenas um dedo separa o ombro dele do meu.

– O prazer é todo seu. – Alice se vira na cadeira. – Não quero um membro da Fraternidade na minha casa, Cate.

– É mesmo? – Merriweather diz, arrastado. – Ouvi dizer que seu pai joga cartas regularmente com alguns deles... apesar da lei contra o jogo.

– Cinco minutos, Alice, por favor? – Olho para ela com ar de súplica. – Em troca de eu ter curado o seu pai?

Ela revira os olhos.

– Achei que lhe fornecer abrigo já fosse pagamento suficiente.

Finn a ignora.

– Está tudo bem com as suas irmãs?

Eu assinto.

– Elas estão em segurança. Sua mãe e Clara voltaram para Chatham?

– Coloquei as duas num trem hoje à tarde. Mas desconfio de que os Irmãos devam visitá-las em breve. – Ele passa a mão enluvada pelo cabelo cor de cobre. – Irmão Ishida e eu fomos interrogados hoje à tarde. Achacados, na verdade. O’Shea afirma que permitimos que o oráculo escapasse bem embaixo do nosso nariz. Claro que Ishida fingiu que sempre desconfiou de você. Disse que você recebeu educação demais para seu próprio bem... e depois jogou na minha cara que você provavelmente comprou seus livros de magia na nossa livraria.

Viro o anel de pérola da minha mãe no dedo.

– Sinto muito. Nunca foi minha intenção envolver Marianne em nada disso.

– Foi Ishida que a meteu nisto. Eu devia ter dado um soco nele! – Finn esbraveja. As bochechas sardentas dele estão vermelhas de raiva e por causa do vento gélido de dezembro. – Felizmente, nossa entrevista foi interrompida. Algum assunto urgente no hospital.

– Falando no hospital... – Alice toma um gole de chá. – Soube algo a respeito de os Irmãos terem desenvolvido um remédio para tratar a epidemia? Fui aconselhada a levar o Pai para se consultar com o Irmão Kenneally.

– Isso não pode ser coincidência. – Merriweather larga o garfo, que tilinta contra o prato de porcelana. – Pedi às minhas fontes no hospital que investigassem.

Eu me volto para Finn.

– Você também pode investigar? Será terrível se eles estiverem omitindo medicamento aos doentes.

– Mas, se conseguirmos comprovar, pode haver uma boa revolta pública – Merriweather reflete.

– Vou dar uma olhada. – Finn se vira de frente para mim, com as orelhas vermelhas, e baixa a voz. – Sinto muito por não ter conseguido chegar aqui antes. Fui ao alojamento de Alistair assim que tive a notícia, na esperança de que ele soubesse onde você estava, mas então precisei levar a Mãe ao trem. E, quando saí da estação, havia um guarda à minha espera para me levar de volta ao hotel para ser interrogado. Fiquei preocupado com você.

Meus olhos colidem com os dele.

– Está tudo bem comigo. Melhor agora que vi você.

– Muito bem. – Merriweather limpa a garganta e se levanta com um rodopio elegante, fazendo o sobretudo se mover. – Precisamos ir. Muito trabalho para fazer hoje à noite. Obrigado pelo chá e pela hospitalidade, damas. Prue, você sabe como entrar em contato comigo. – Ele dá tapinhas na cabeça da irmã como se ela fosse um cachorrinho e sai porta afora.

Finn desliza a mão na minha antes de ir atrás dele. É um gesto doce, mas me lembra de como ainda estamos distantes. Há algumas semanas, ele teria me beijado.

CAPÍTULO

17

PACIÊNCIA NUNCA FOI UMA DAS MINHAS virtudes.

Na metade da manhã, estou deixando Prue e Alice malucas de tanto andar de um lado para outro. Alice está acomodada no sofazinho com uma revista de moda, de vestido de brocado cor-de-rosa bordado com folhas douradas. O fogo queima na lareira; um prato de bolinhos de cranberry recém-assados e um bule com chá fumegante estão na mesa, onde Prue os deixou.

Não consigo ficar quieta. Diferentemente de Alice, não consigo ficar sem fazer nada e, ao contrário de Prue, sou inútil com as tarefas domésticas. Estou praticamente me contorcendo com a energia acumulada.

Eu devia estar no hospital, cuidando dos doentes, mas não posso sair de casa sem uma ilusão, e seria impossível executar qualquer magia de cura significativa e manter um encanto ao mesmo tempo. Preciso encontrar algo para me ocupar.

– Você pode ir andar em outro lugar? – Alice se irrita.

Saio para procurar Prue, seguindo até a sala de música do outro lado do corredor. É toda forrada com papel de parede em arabescos, em azul e amarelo, mas fica óbvio que a sala não é usada com frequência; o piano de cauda está coberto por uma fina camada de poeira, e pétalas amarronzadas caíram de um vaso de rosas cor-de-rosa. Prue está sentada em uma banqueta próxima ao cravo, tocando e cantando baixinho. Ela para quando eu entro.

– Prossiga – digo e me apoio no piano. – Não se incomode comigo.

Ela começa a cantar em um tom de soprano agudo e bonito quando alguém bate à porta da frente. Fecho a porta da sala de música e fico espiando por uma fresta pequena. Será que alguém veio fazer uma visita ao Sr. Auclair? Alice prendeu uma fita amarela à porta ontem à noite para indicar que havia doença lá dentro, mas de repente um amigo ou colega de trabalho veio ver como ele está.

Alice abre a porta. Percebo na hora, por sua expressão insolente, que não é um Irmão. Meu coração dá um salto, torcendo para que sejam as minhas irmãs, antes de reconhecer a voz de Rory.

Eu me inclino para o corredor.

– Está tudo bem no convento?

– Na verdade, as coisas estão estranhas. – Rory se aproxima e me cumprimenta com beijinhos nas bochechas.

– Todos os guardas foram embora – Sachi diz. – Deixaram meia dúzia de soldados de plantão em cada andar ontem à noite e mais outros patrulhando a rua da frente. Então, logo depois do café da manhã, o sargento disse a Gretchen que tinham recebido ordens para se retirar.

– Por quê? – Parece bom demais para ser verdade. – Acha que é uma armadilha?

Alice dispara um olhar na direção da porta de entrada.

– Vocês não foram seguidas, foram?

– Por favor. – Sachi apoia as mãos na cintura magra. – Não somos novatas nisso, sabia?

Uma coisa me chama a atenção.

– Você disse que o guarda falou com Gretchen. Onde está Inez?

– Essa é uma ótima pergunta – Rory responde, passando o dedo na poeira do piano para escrever algo. – Ela saiu ontem à noite e não vimos nem sombra dela desde então.

– Peculiar, não é mesmo? – Sachi ajeita a faixa marfim do vestido verde maçã. – Ninguém imaginava que ela sairia do convento lotado de guardas. Ela disse que tinha um assunto a resolver no hospital.

– Quem sabe ela fica doente e morre – Rory sugere, animada.

Eu estreito os olhos. Talvez Inez esteja visitando Covington e os outros membros do Conselho Titular de novo.

– Como estão as minhas irmãs? – pergunto enquanto junto as pétalas caídas na palma da mão.

Sachi e Rory trocam olhares, e minha respiração se acelera.

– Tess teve outro episódio ontem à noite. Uma visão ou um pesadelo, não sabemos bem. Ela própria parecia não ter certeza – Sachi diz com cuidado.

– Como foi?

– É difícil dizer. Ela parecia meio maluca, para ser sincera. – Rory faz o pingo do *i* de *Elliott* com uma estrela.

Sachi dá uma cotovelada nela.

– Tess ficava dizendo que a cidade ia se incendiar. Que haveria fogo e morte, e ela não poderia impedir. Foi um tanto perturbador.

Rory tem um calafrio exagerado.

– Foi estranho ficar trancada naquele quarto a noite toda sem ter ideia do que estava acontecendo, com Tess fazendo profecias de todo tipo de morte e destruição.

– Todo mundo está em pânico – Sachi suspira. – Irmã Gretchen colocou professoras em todas as saídas para conferir qualquer um que entre ou saia. Quase se recusou a nos deixar sair, mas achamos que você ia querer saber das novidades.

– Vai haver uma proclamação ao meio-dia na praça Richmond – Rory explica.

Franzo a testa e digo:

– Finn passou aqui ontem à noite. Falou que O’Shea foi chamado ao hospital no meio do interrogatório dele e do pai de vocês. Não acham que eles perceberam o fingimento de Inez com o Irmão Covington e a prenderam, acham?

– Talvez a enforcuem! – O sorriso de coelho de Rory se torna sedento de sangue.

– É melhor não torcer para isso. Ela entregaria todas nós para salvar o próprio pescoço – Alice diz.

– Precisamos descobrir o que está acontecendo – falo, jogo as pétalas de rosa no cesto de lixo e saio para o hall de entrada. Atrás de mim, Sachi apaga o nome que Rory escreveu na poeira.

– Eu estava torcendo para que você dissesse isso. Estou cansada de ficar trancada – Rory afirma.

– Acha que consegue controlar a sua irritação desta vez? – Alice alfineta.

– Consigo. – Olho feio para ela. – Eu não cometo os mesmos erros duas vezes, Alice.

Alice cria um encanto que deixa o cabelo dela castanho e afina sua silhueta de violão e seu rosto em forma de coração. É o suficiente para que ninguém a reconheça como a garota que estava na catedral ontem. Ela usa mais magia para me transformar em uma garota hindu magricela, com cabelo castanho brilhante e pele cor de caramelo. Eu poderia passar pela irmã de Parvati.

As ruas de paralelepípedos de Cardiff estão tranquilas. Várias casas vizinhas estão com fitas amarelas esvoaçantes.

Quando chegamos ao bairro comercial, há uma mudança abrupta de clima. Soldados estão à espreita em todas as esquinas, eles nos param em intervalos de poucos quarteirões e pedem que baixemos o capuz. É óbvio que estão procurando alguém.

Estão *me* procurando.

Eu sei que Alice tem forte afinidade por ilusões, mas não posso deixar de tremer cada vez que os soldados me olham no rosto. Deposito uma confiança enorme em alguém que considerava inimiga há uma semana. Se ela quisesse me destruir, poderia fazê-lo com facilidade.

Vendedores de jornal pairam perto das lojas que fecharam cedo para o horário do almoço. “Tentativa de assassinato ao Irmão O’Shea! Bruxa perigosa à solta! Catedral de Richmond danificada no ataque!”, gritam eles, acenando com exemplares do *Sentinela*.

Paro para comprar um jornal, sempre com medo de que alguém enxergue através da ilusão e grite o meu nome, e os soldados me levem arrastada. Eu devo ser louca, caminhando assim pela rua da Igreja quando toda a Nova Londres está à minha procura. E, no entanto, Alice tinha razão. Não posso me esconder na casa do pai dela para sempre.

– Pelo bom Senhor – Rory xinga. Um desenho de mim, Maura e Tess está estampado na primeira página do jornal. Foi baseado em uma fotografia para a qual posamos há dois verões, e a semelhança é bem grande. Maura está sentada em uma poltrona alta, com Tess

ajoelhada a seus pés e eu em pé atrás, com a mão no ombro de Maura. Tess ainda usava babador e o cabelo dela estava trançado. Ela deixava essa fotografia presa no canto do espelho; os Irmãos devem ter encontrado quando fizeram a busca no convento.

Logo acima da fotografia, uma manchete anuncia: BRUXA RESPONSÁVEL PELA TENTATIVA DE ASSASSINATO DE O'SHEA É IDENTIFICADA. A primeira frase declara que uma recompensa substancial e imunidade serão dadas a qualquer pessoa que apresentar informações precisas em relação ao paradeiro de Catherine Cahill. Então afirma que minhas irmãs, também bruxas, estão desaparecidas e são cúmplices no ataque ao Conselho Titular, ao Hospício de Harwood, à praça Richmond e à catedral de Richmond. Alistair e Prudencia Merriweather também são mencionados como fugitivos, considerados perigosos.

Rory solta um assobio baixo.

– Essa é uma recompensa polpuda. Ainda bem que eu gosto de você.

Do meu outro lado, Alice desdenha.

– Talvez Maura tenha tido a ideia certa ao se livrar daquelas garotas. Não conheço muita gente que resistiria a uma quantia dessas.

Deixo que ela pegue o jornal e enfio as mãos no bolso da capa azul. Não quero acreditar que as garotas de Harwood iriam me trair depois de eu tê-las salvado duas vezes. Mas, depois de passar a noite anterior trancadas mais uma vez, ainda que fosse por sua própria segurança, bom, a promessa de liberdade e imunidade passa a ser tentadora.

Maura ficaria deliciada ao ver todas as suas acusações confirmadas sobre como as garotas de Harwood não eram de confiança e sobre a minha ingenuidade... se ela sobreviver.

Enquanto caminhamos pela rua da Igreja, outros lojistas encerram o expediente mais cedo para assistir à proclamação. Dou uma olhada na catedral. Varreram o vidro quebrado dos degraus da frente, mas os danos são claros: todos os lindos vitrais se foram, as aberturas estão fechadas com tábuas. O que eu fiz foi um sacrilégio, destruir um lugar de oração como aquele.

Rezo para que minhas irmãs não sejam castigadas pelas minhas transgressões.

Uma multidão já está reunida na praça Richmond, apesar de serem apenas onze e meia da manhã. Guardas de uniforme e baionetas em riste patrulham as entradas e se espalham por toda a praça. Centenas de Irmãos estão na frente da multidão, bem perto da forca; são tantos que parece que todo o Conselho Nacional compareceu. Finn deve estar lá em algum lugar.

Um único laço está no meio do palco da forca.

O medo toma conta de mim. Então, haverá um enforcamento.

Uma bruxa? Obviamente, estão preparados para a confusão.

– Bom, isso explica por que não sobraram guardas no convento. Todos os soldados de Nova Londres estão no centro – Rory sussurra.

Pegamos um lugar quase na frente. A multidão cresce a cada minuto, mas hoje o clima é diferente. Sombrio.

Não há gente vendendo castanhas assadas nem sidra quente para amenizar o frio. Não há crianças brincando de esconde-esconde. O ar frio está cheio de acessos de tosse, e as pessoas olham ansiosas para quem está por perto antes de erguer mais as golas. Não vejo outras Irmãs presentes, mas talvez também estejam disfarçadas. As poucas mulheres da multidão estão com o capuz levantado e o cachecol enrolado na boca.

Alice me dá uma cotovelada.

– Olhe, estão chegando! – ela sibila por entre os dentes e baixa mais o capuz.

Um tropel de guardas se move lentamente, descendo os degraus do prédio do Conselho Nacional. No centro há três silhuetas com capas pretas, indistintas a distância. Duas caminham lado a lado e a terceira se arrasta atrás, com a cabeça baixa e as mãos amarradas, com guardas acompanhando de perto. Será que é Inez? É impossível saber se a silhueta pertence a um homem ou a uma mulher.

Quando chegam à praça, sussurros se espalham pela multidão. Tem gente que cai de joelhos, gritando... o quê? Não consigo entender.

Fico na ponta dos pés, tentando enxergar por cima das cabeças à minha frente.

Quando finalmente tenho um vislumbre do homem que está subindo na forca, engulo em seco.

– Isso é impossível! – Minha voz se perde no meio dos murmúrios de todas as pessoas chocadas ao meu redor.

Os ombros largos... as bochechas marcadas... o cabelo preto, grisalho nas têmporas... o porte carismático... o modo de portar as vestes dos Irmãos como se fossem o terno mais refinado que o dinheiro pode comprar...

É o Irmão William Covington, de volta das garras da morte.

– É um milagre! – alguém grita.

O ar se enche de améns e aleluias.

Quando Covington ocupa o centro do palco, outra silhueta sobe à forca. Ela se vira para a multidão, reconheço seu nariz pontudo que mais parece um bico. O vento bate no capuz dela e revela o cabelo castanho puxado para trás em um coque apertado. Inez.

Mas suas mãos estão livres, juntas em gesto de piedade à frente do corpo. Então, quem...

A terceira silhueta sobe os degraus com um rifle nas costas. Tenho dificuldade de respirar quando ele ergue o rosto e eu reconheço o olhar azul gélido de Irmão O'Shea.

Como Inez conseguiu?

– O Senhor trabalha de maneiras misteriosas – o Irmão Covington começa. Ele faz seu discurso melado com a voz um pouco rouca, e a multidão fica em silêncio, avançando para escutar melhor. – Eu não devia estar aqui perante vocês hoje. Passei as últimas três semanas deitado em um leito do Hospital Richmond, despojado de minha dignidade. O ataque terrível das bruxas me deixou incapaz de lembrar meu próprio nome, incapaz de

desempenhar as funções mais básicas. Todas as vítimas anteriores passaram a vida inteira neste estado. Não é nada menos do que um milagre o fato de eu estar aqui, completamente recuperado, com todas as minhas faculdades intactas. Sinto-me agradecido!

A multidão o ecoa, e eu mordo a língua. Milagre, sei. Se as faculdades dele realmente estivessem intactas, suas faculdades recuperadas, ele nunca estaria ao lado da mulher que o atacou.

Como isso é possível? Ele devia estar babando em seu leito de hospital, sendo alimentado na boca e usando fraldas feito um bebê.

Covington abre um amplo sorriso.

– Eu me sinto humilde. E tenho certeza de que este milagre não teria ocorrido sem a devoção incrível, as orações incansáveis, desta mulher. Eu gostaria de agradecer publicamente à Irmã Inez Ortega, diretora da Irmandade, por rezar ao lado do meu leito todos os dias. – Ele faz uma mesura baixa, cavalheiresca. Bato palmas com o restante da multidão. Ao meu lado, Alice solta um assobio por entre os dentes.

Este é o resultado de todas as horas que ela passava ao lado da cama dele. De algum modo, ela o está compelindo.

Inez quer o Irmão Covington desperto e à frente da Nova Inglaterra. Mas por quê? Como isso se encaixa nos planos dela? Uma mistura de fascínio e medo toma conta de mim. Nunca ouvi falar de uma compulsão tão forte, porém nada mais faz sentido.

– Depois de completar com sucesso uma bateria de testes, reassumi minhas funções como líder da Fraternidade – Covington diz e faz uma pausa enquanto a multidão comemora. O povo de Nova Londres sempre gostou dele. – Nas últimas semanas, Nova Londres tem sido atacada. Agora conhecemos a identidade da bruxa responsável: uma tal de Catherine Cahill. Peço que todos vocês adquiram um exemplar do *Sentinela* de hoje e examinem a fotografia dela com atenção. Esta moça é extremamente perigosa. Olhem só para os danos que ela causou à nossa catedral! – Ele aponta expressivamente para trás de si. – Temos motivos para acreditar que ela ainda esteja em Nova Londres, e não vou descansar até que ela e seus cúmplices sejam encontrados. A justiça será feita!

Ele agita o punho no ar, e a multidão comemora mais uma vez.

Que diabos Inez está aprontando?

E se ela for capaz disso... o que vai impedir que ela faça tudo de novo, contra qualquer pessoa que se colocar em seu caminho? Ela nunca conseguiu me compelir, mas eu sempre estive de prontidão. E as minhas irmãs? Minhas amigas? Finn?

A boca grossa de Covington se vira para baixo, em uma careta.

– Minha busca pela justiça me levou a uma revelação perturbadora: alguém em quem eu confiava me traiu... traiu a todos nós! Da pior maneira. Eu, aqui, acuso Edward O'Shea de traição contra a Nova Inglaterra. – Os guardas empurram O'Shea para a frente. Toda sua coragem combativa sumiu; seus ombros desabam e seus olhos estão fixos no chão. – Ontem guardas encontraram o diário da senhorita Cahill escondido no quarto dela, no convento da

Irmã Inez. Nele, ela confessou os ataques ao Conselho Titular, assim como ao Hospício de Harwood e à praça Richmond. Ela admitiu, coisa que não é de surpreender, que o indisciplinado Alistair Merriweather a ajudou nestes ataques. Mas a senhorita Cahill também escreveu que, interessado em aprofundar a própria ambição, O'Shea a ajudou a planejar o ataque ao Conselho Titular. Encurralada, ontem ela se voltou contra ele na catedral, e ele permitiu que ela fugisse! A traição e as mentiras dele... de fato, e seu abuso de poder... devem ser punidos de acordo com o cumprimento da lei.

A multidão murmura. O'Shea não é benquisto. Mas condenar à morte um homem, um membro da Fraternidade, sem julgamento? Com base em evidência tão fraca quanto as palavras de uma bruxa? Na frente, a calma dos Irmãos se transformou em sussurros irritados, como o zumbido de uma centena de abelhas furiosas. Entre os murmúrios, ouço o nome de Sean Brennan. Será este o plano de Inez? Dividir e conquistar?

– Que isto sirva de aviso para todos vocês. Qualquer pessoa que esteja ajudando ou abrigando a bruxa conhecida como Catherine Cahill será condenada à morte. – Covington aponta de forma acusatória um dedo a O'Shea, enquanto eu fico maravilhada com o talento para a imitação de Inez. Ela controla os gestos teatrais dele, as menores inflexões de sua voz, com exatidão. Há quanto tempo ela vem planejando isso?

Covington e Inez se retiram do palco e dois guardas avançam para O'Shea. Um enfia a cabeça dele no laço e o outro aperta o nó. O capuz de O'Shea cai; a cabeça careca dele brilha ao sol.

– Por ordem executiva do Irmão William Covington, você foi condenado por traição contra a Nova Inglaterra. Sua sentença é morte por enforcamento! – um dos dois guardas proclama. Então eles dão um passo atrás.

A multidão está em silêncio.

Um dos guardas puxa uma alavanca. A porta do alçapão embaixo das botas de O'Shea cede. O corpo dele cai e para com um puxão.

O estalo do pescoço dele faz um barulho parecido com o de um osso se partindo em dois.

Irmã Inez, a bruxa, agora está à frente da Nova Inglaterra.

Algumas pessoas podem até achar que isso é motivo de comemoração.

Mas, agora que as duas pessoas no caminho dela foram eliminadas, existe alguma dúvida de que eu serei o próximo alvo?

Ao nosso redor, a multidão ficou em silêncio. Viraram o rosto para não ver o espetáculo do corpo de O'Shea balançando ao vento gelado de dezembro.

Alice segura meu cotovelo com dedos que me beliscam.

– Precisamos tirar você daqui.

CAPÍTULO

18

MAL TIRAMOS AS CAPAS, ALGUÉM BATE À porta de Alice. Mei e Rilla entram aos tropeções, descabeladas pelo vento, vestidas com o traje preto das Irmãs. Rilla carrega sua mala surrada; deve ter vindo direto da estação de trem.

– O que estão fazendo aqui? Deviam ter ficado fora uma semana! – exclamo quando ela larga a mala e me envolve com um abraço apertado.

– Não me senti bem em estar longe, com a febre e toda a confusão – explica ela. – Mandei um telegrama para Mei. Ela veio me buscar na estação do trem e me colocou a par do que está acontecendo. – O rosto sardento de Rilla está cheio de preocupação. – Fico muito aliviada de você estar a salvo.

Alice nos conduz até a sala de estar, enquanto Prue sai apressada para preparar chá.

– Ela está em segurança? Eu disse a Maura e Tess onde ela está, para o caso de precisarem dela. – Alice se acomodou em seu canto no sofazinho cor-de-rosa com as pernas cruzadas com elegância na altura das canelas, deixando as sapatilhas douradas aparecerem por baixo das saias rosadas, mas está franzindo a testa.

Eu estou sentada em uma cadeira de madeira perto do fogo, tremendo.

– Maura não contaria a Inez. Ela ainda é minha irmã.

Na outra ponta do sofazinho, Sachi ergue as sobrancelhas em descrença silenciosa.

– Isso pode ter algum significado para você. – Ela ajeita a pena verde maçã no cabelo. – Mas Maura já provou que não pensa da mesma forma.

– “Uma irmã vai assassinar a outra” – Alice recita, e meu estômago se contorce. – Está no seu destino, não está? Ela não precisa colocar o laço em volta do seu pescoço pessoalmente.

Se Maura disse a Inez onde eu estou, não seria necessário. Agora que Inez me culpou pelo ataque contra o Conselho Titular, eu sou a bruxa que toda a Nova Inglaterra vai temer. Neste exato momento a notícia de que eu sou o monstro contra quem os Irmãos vêm pregando durante toda a minha vida deve estar se espalhando pelo país: uma bruxa com magia mental, capaz de compelir as pessoas a fazer o que ela quiser. Não seria suficiente me trancar e jogar a chave fora. Vão me condenar à forca, e as pessoas vão cuspir no meu corpo, enquanto Inez vai comemorar a minha morte.

Certamente não é isso que Maura quer.

Ela é impulsiva, mas deve saber quais serão as consequências se informar Inez a respeito do meu paradeiro.

– Ela não me odeia tanto assim – digo, rezando para que seja verdade.

– Ela sabia o que Inez estava planejando fazer com Covington, não sabia? – Rory está sentada no braço do sofazinho; o vestido cor de laranja faz um contraste excêntrico com o papel de parede cor-de-rosa com listras e flores atrás dela.

Eu me lembro de como Maura se recusou a me olhar nos olhos durante a nossa conversa sobre as visitas de Inez ao hospital.

– Acho que sim.

– Então ela já tomou parte em um assassinato – Rory diz.

– O assassinato de um homem terrível que ficaria feliz de ver nós todas enforcadas.

Mei está sentada em uma poltrona azul de espaldar alto na minha frente.

– Não estou dizendo que o que Maura e Inez fizeram foi certo. Longe disso. Mas... esta é a nossa chance, não é? A Fraternidade é implacável. Agora, os Irmãos vão ficar ainda mais divididos: os que apoiam Covington, os que colocaram O'Shea no poder e os que querem chamar Brennan de volta do exílio. E as pessoas *querem* mudanças. Eu vi como as coisas estão ruins quando estive com meus pais no Natal. Nossos vizinhos estão doentes, morrendo aos montes. Se não fosse Cate, meu irmão teria morrido. As pessoas não têm dinheiro para comprar comida, muito menos medicamentos para combater a febre... e agora só os ricos estão sendo admitidos para internação no hospital. As pessoas estão passando fome porque os homens doentes não podem trabalhar e a Fraternidade nunca entregou as provisões de Natal que prometeu. Precisamos fazer algo!

– Não argumento contra isso. – Olho ao redor para a minha própria versão de Conselho de Guerra. Meu coração se aperta um pouco de saudade de Tess. Ela deveria estar presente para qualquer decisão que tomarmos. Mas, no estado em que se encontra agora, seria capaz de ajudar? – Mas não tenho uma solução.

Alice mexe nos brincos de topázio.

– Não entendo o que Inez está tentando conseguir – ela diz com os olhos azuis confusos. – Ela alega que quer que as bruxas voltem ao poder, fazer com que nós governemos a Nova Inglaterra como no passado. Eu costumava acreditar nesse discurso dela. Mas esta artimanha com Covington... qual é a intenção dela? Provocar uma guerra civil? A liderança dele teria que falhar de maneira *espetacular* para que alguém considerasse as bruxas como opção. É muito mais provável que elejam outro Irmão, por mais pedantes e corruptos que ela os pinte.

– É verdade. E ela não quer que chamem Brennan de volta exatamente para podermos trabalhar juntos. – Dou uma gargalhada de desdém só de pensar nisso.

– Mas *nós* queremos. Andei pensando sobre a sugestão de Merriweather. – Alice enfia uma mecha solta de cabelo dourado de volta no coque. – Um triunvirato que consista de um Irmão, uma bruxa e um representante do povo. Acho que a sugestão pode ser válida.

Sachi volta a erguer as sobrancelhas.

- Você estaria disposta a compartilhar o poder com um Irmão?
- E com um representante do povo? – Mei parece igualmente incrédula.

Alice dá de ombros.

- É mais poder do que temos agora.

Ouvimos passos no corredor. Inúmeros deles. Todas nos viramos na direção da porta quando Prue, trazendo o jogo de chá de prata em uma bandeja, conduz o irmão dela e Finn à sala.

- Olhem só quem eu encontrei na cozinha! – ela declara e faz as apresentações.

Merriweather vai direto ao ponto.

- Que diabos está acontecendo? Por acaso Covington foi ressuscitado por milagre ou é algum tipo de bruxaria?

– Compulsão. Mas não podemos expor Inez sem expor a Irmandade. – Largo o corpo na cadeira. – Ela é perigosa. Imprevisível. Ela me despreza por me opor a ela. E Finn, ela... – gaguejo, apesar de todos menos Merriweather já saberem a verdade, e talvez Finn também tenha contado a ele. – Foi ela quem sugeriu que Maura apagasse a sua memória. Arrisco dizer que ela só está ganhando tempo antes de fazer com que você seja preso por traição. Não está mais em segurança na Fraternidade.

Finn demora um momento para digerir a informação, então se volta para Merriweather.

- Parece que devo seguir outra linha de trabalho. Está precisando de um novo repórter?
- Sempre há espaço para um bom escritor. – Merriweather dá um tapa nas costas dele e oferece um sorriso de provocação a Rilla. Do outro lado da sala, ela cora de prazer.

- Não tenho certeza se você se dá conta do risco que corre – eu observo.

Finn está sorrindo feito louco. Ele tira a capa preta. Por baixo dela, está usando uma calça cinza com estampa de espinha de peixe, um colete combinando e uma camisa branca engomada que se ajusta aos seus ombros musculosos.

- Eu detestei ser Irmão em todos os momentos. Fico feliz de me livrar desse fardo – ele confessa, tira o anel de prata que identifica seu posto e o joga no fogo.

- Mas não se apresse! Isso pode ser útil. – Merriweather vai até a lareira, pega o atizador e tira o anel das chamas. – Conte a elas o que você descobriu.

– Ah. – Finn passa a mão no queixo. Ele já parece estar mais leve. – Os Irmãos têm um estoque de um remédio que comprovadamente cura a febre em questão de dias. Está guardado no Hospital Richmond, sob a vigilância de Kenneally, para o caso de o Conselho Nacional cair doente.

Mei se levanta de um pulo.

- Então devem ter centenas de doses!
- Isso mesmo. – A boca de Finn forma uma linha tristonha, mas, por trás dos óculos, ele continua sorrindo.
- Aqueles bastardos! – Rory xinga e pega um bolinho de cranberry que sobrou.
- Rory! – Sachi dá uma cotovelada na irmã.

– Eu *sou* bastarda. É melhor que me acostume a usar a palavra – Rory insiste. – Estão assistindo a centenas de pessoas morrerem e estão sentados em cima da cura!

– Os Irmãos e as famílias deles têm condições de descansar e acesso a outros medicamentos caros como quinina e salicílico para ajudar a baixar a febre e aliviar a dor – Mei reclama. – Não é justo. As pessoas que realmente precisam da cura...

– Devem ter acesso a ela – arremato, me levanto e ajeito a saia preta. – Você foi ao hospital mais vezes do que qualquer outra pessoa. Tem ideia de onde guardariam uma coisa destas?

Ela assente, e um sorriso toma conta de seu rosto.

– Só precisamos encontrar o Irmão Kenneally.

– Cate. – Rilla está acomodada em um pufe azul redondo ao lado de Mei. – Você não pode simplesmente entrar no hospital. Todo mundo em Nova Londres está atrás de você!

– Ninguém jamais desconfiaria de que eu seria burra o bastante para aparecer lá, não é mesmo? E Mei não pode fazer isso sozinha. Vai precisar de uma bruxa com compulsão. – Lanço um olhar nervoso para Finn. – Só para o caso de as coisas darem errado.

– Talvez possamos enganar a todos para entrar. – Finn pega o anel e o coloca de novo no dedo. – Posso fazer o papel de Irmão Belastra uma última vez.

– Há um monte de guardas no centro hoje. Não acha que eles iriam correndo se soubessem de algum problema no hospital? – Alice fica com os olhos apertados.

– Se vazasse a notícia de que o remédio existe...

Merriweather abre um sorriso maroto.

– Seria um caos. Eu só preciso publicar uma nota na *Gazeta* e...

Mei aperta sua saia preta.

– Tem gente morrendo. Não podemos esperar o jornal de amanhã!

Rilla se levanta animada com um sorriso aberto no rosto sardento.

– E se houvesse outra maneira? – Ela agarra o cotovelo de Merriweather e suas palavras vão se atropelando. – E se você imprimisse alguns panfletos agora mesmo?

– Ainda há a questão de como distribuí-los – Merriweather diz, mas seus olhos cinzentos estão curiosos. – Meus jornaleiros não podem ser vistos distribuindo algo assim nas esquinas. Eles seriam presos.

– E se usássemos magia? – Rilla se ajoelha e remexe na mala até achar um livro. Faz uma careta enquanto arranca algumas folhas. – Observem.

Todos ficamos olhando enquanto ela lança um feitiço de animação silencioso, e as folhas rasgadas começam a rodopiar pelo ar e pousam por toda a sala.

– Assim. Só que em escala bem maior. Sachi, Rory e eu podemos espalhar os panfletos pela cidade inteira.

Merriweather pega a página a seus pés e a apoia, pensativo, na palma da mão.

– Pode funcionar. Então, a caminho do hospital, Cate poderia distribuir o remédio para os pobres.

– Está louco? – Finn se aproxima de mim em um gesto de proteção. – Ela vai ser presa!

– Apenas escute. – Merriweather é bem mais alto do que Finn, mas Finn parece meio pronto para um embate. – A *Gazeta* noticiou que ela não foi a responsável pelo ataque ao Conselho Titular. Eu a defini como amiga dos fracos e oprimidos. Que maneira melhor de provar que isso é verdade a não ser fazendo com que ela roube dos ricos e dê aos pobres? Se ela fizer isso, vai conquistar a lealdade de cada família que ajudar. Essas pessoas levariam um tiro por ela.

– Talvez isso tenha mesmo que acontecer! – Cada músculo do corpo de Finn está retesado de raiva. – No minuto em que os guardas a reconhecerem, o que vai impedi-los de...

– Eu distribuo – interrompo. – Minha cabeça já está a prêmio. Pelo menos posso fazer com que seja por um motivo válido.

Três horas mais tarde, Mei, Finn e eu vamos até o Hospital Richmond a pé. Nenhum dos dois está encantado, mas, por baixo da minha capa preta, meu cabelo agora é castanho-escuro, meu queixo pontudo ficou quadrado e os meus olhos são de cor verde brilhante do capim de primavera. Quando eu executei a ilusão, Alice me olhou de cima a baixo e pronunciou que eu estava bem bonita.

– Não tão bonita quanto é de verdade – Finn afirmou, aparentemente afrontado em meu nome, e eu me apaixonei um pouco mais por ele.

Um vento cortante começa a soprar, e nossos pequenos panfletos brancos se espalham feito folhas de outono pelas ruas de paralelepípedos. Crianças correm atrás deles. Cavalos os marcam com ferraduras sujas. O mais importante é que as pessoas estão lendo.

– Toda aquela conversa de se preocupar com o rebanho! Eles não se importam nem um pouco conosco. – Um homem louro e magro agita o panfleto no punho fechado ao sair de uma loja de tabaco.

– Ficam contentes de nos ver morrer feito moscas e não fazem nada para impedir – o amigo dele de cabelo escuro concorda.

– Os hospitais foram feitos para tratar dos doentes, não foram? Não só dos ricos! Vamos lá perturbar a vida deles, Jim! – Eles saem correndo e olham feio para nós quando passam.

A cena em frente ao hospital é de partir o coração. Tem gente implorando pelo remédio, com crianças doentes no colo e falando de mães idosas. Os guardas permanecem inabalados, tentando debandar a multidão, afirmando que não existe cura secreta. Eles estão ombro a ombro na calçada na frente do hospital, formando uma barreira de proteção que não deixa ninguém entrar nem sair. De dentro, pacientes e enfermeiras com toucas brancas espiam pelas janelas.

– Não passa de uma informação falsa – um sargento de cabelo grisalho afirma. – Aquele homem do jornal está tentando criar confusão mais uma vez!

– Vamos dar uma busca no hospital, então! – uma mulher atarracada insiste, e a multidão urra em aprovação.

Outro guarda solta uma gargalhada de desdém.

– Este é um lugar para doentes, não para caças ao tesouro!

Finn abre caminho pelo meio da multidão.

– O que está acontecendo aqui? – ele pergunta em tom agradável, ajeitando os óculos com o dedo indicador.

O sargento suspira e entrega um panfleto a Finn.

– Uma bobagem a respeito de o hospital ter um estoque secreto de remédio. Só o Senhor sabe quantos destes foram impressos. Acredito que logo vamos ter que dar conta de uma multidão enfurecida.

Finn faz um gesto para Mei e para mim.

– Estou com duas Irmãs aqui para ajudar as enfermeiras, e devo assumir o turno do Irmão Diaz na capela. Podemos passar?

Os olhos azuis do sargento disparam para a mão de Finn e absorvem o anel de prata do seu posto, então assente.

– Claro que sim, senhor. Pode seguir. – A seu sinal, os guardas se afastam para nos deixar passar.

Atrás de nós, a multidão entoia injúrias.

Um servente abre a porta do hospital e nos deixa entrar.

Mei vai na frente, subindo a escada larga.

– A sala de Kenneally fica no quarto andar – avisa ela–, perto da sala da matrona. Podemos tentar lá primeiro.

Mas só chegamos ao patamar do segundo andar quando uma voz soa.

– Mei! Graças ao Senhor está aqui. Estamos com uma falta terrível de enfermeiras. Metade das minhas garotas está doente, e os homens são inúteis. Precisamos de você na ala dos homens com doenças contagiosas. – A Sra. Jarrell olha com cautela para Finn. – Sinto muito, senhor, mas uma crise não é momento para modéstia em excesso.

– Concordo plenamente, senhora. – Com o capuz abaixado, Finn parece jovem, tem ar de moleque. – Nós três estamos aqui para ajudar.

– Maravilha. – A Sra. Jarrell coloca as mãos na cintura. – Espero que me perdoe por dizer isso, mas temos reza de sobra; precisamos de mais mão na massa. O senhor se importaria de esvaziar penicos?

Finn abre seu sorriso mais encantador para ela.

– Quem sabe em outro momento. Temos uma tarefa a cumprir no andar de cima.

A Sra. Jarrell não se abala.

– Eu preciso dessas garotas. Tem gente morrendo a torto e a direito! – Ela se volta para Mei, a touca branca que usa por cima do cabelo castanho curto está quase caindo. – Não me diga que é acanhada demais para cuidar de pacientes homens.

– Claro que não. Eu tenho um irmão em casa – Mei afirma. – É só que...

Sigo meus instintos e me aproximo da enfermeira baixinha.

– Deseja mesmo ajudar? O maior número de pessoas possível? – Estamos sozinhos na frente da porta da ala das mulheres com doenças contagiosas.

A Sra. Jarrell assente.

– É o meu trabalho, não é?

Tiro um folheto amassado do bolso e aperto nas mãos dela.

– Então, como pode aceitar isso? Não dar remédio para as pessoas que mais precisam?

Ela examina o panfleto e então ergue os olhos para nós. Demora-se em Finn.

– Isso não passa de besteira. Se existisse uma cura assim, e ainda bem aqui no hospital, eu saberia.

Finn meneia a cabeça.

– Os Irmãos guardaram segredo porque não sabem quando vai chegar o próximo carregamento da Bretanha. Sabe como a febre vem se espalhando. Se quatro homens forem infectados, todo o Conselho Nacional vai sucumbir feito uma pilha de dominós. Está tudo escondido em algum lugar do hospital, e o Irmão Kenneally está distribuindo para as pessoas que têm as conexões certas.

– Se isso fosse verdade – a Sra. Jarrell enfia as mãos nos bolsos do avental branco e faz uma careta –, seria um crime. Mas não compreendo. Por que *o senhor* está me dizendo isso?

Finn parece contente demais de estilhaçar sua reputação de Irmão dedicado.

– Porque também acho que é um crime, e quero fazer algo a respeito. Assim como Mei e Cate. E é por isso que... – Ele fica paralisado ao perceber o que disse.

Os olhos castanhos da Sra. Jarrell se arregalam.

– Irmã Cate? – Ela dá um passo atrás e eu me encolho, torcendo para que meus instintos estivessem corretos, para que eu não precise compeli-la a não sair correndo e fazer soar o alarme. Eu *gosto* desta mulherzinha animada. – É você? Você é a bruxa de que todos estão falando?

– Ela é a mesma garota que passou a semana toda aqui, trabalhando junto comigo – Mei diz.

– Ela atacou o Conselho Titular!

– Não. – Ergo o queixo. – Nunca feri alguém quando tive outra opção, juro. Não lhe quero nenhum mal. Só queremos o remédio para dar às pessoas que precisam.

A Sra. Jarrell olha de Mei para mim.

– Você sempre soube o que ela era, não é? Porque você... vocês *duas* são bruxas. Agora faz sentido. Os que se recuperaram mais rápido do que os outros... Vocês não têm cuidado dos meus pacientes como enfermeiras, têm curado os doentes!

– Não conte para ninguém. Por favor – Mei implora com ar de súplica nos olhos escuros.

A Sra. Jarrell apruma os ombros magros.

– Farei melhor. Venham comigo. Se esta cura existe, aposto qualquer coisa como está no depósito do quarto andar.

Ela nos conduz escada acima, passando por enfermeiras apressadas e serventes, além de um ou outro médico. Todos acenam com a cabeça em um gesto respeitoso, e ela os cumprimenta, alegre, e ninguém olha duas vezes para nós. Nós a seguimos por uma ala cheia de corredores brancos sinuosos. Ela para na frente de uma porta com um sujeito ruivo enorme montando guarda.

A Sra. Jarrell não se deixa abalar.

– Olá, Willy. Estou vendo que a segurança está reforçada. Suponho que seja por causa deste lixo, não? – Ela abana o panfleto de Merriweather para ele.

– É isso mesmo. – Willy dá uma gargalhada de desdém. – Nunca ouvi bobagem maior na vida. Isso é doentio, sabe? Eu não estaria parado *aqui* se existisse uma cura aí dentro.

A Sra. Jarrell estala a língua, compreensiva.

– Sinto muitíssimo por saber de seu pai. Espero que ele se recupere logo. – Ela estica a mão para a maçaneta, mas Willy se coloca na frente dela.

– Desculpe, senhora. Recebi ordens do próprio Irmão Kenneally para não deixar ninguém entrar sem a permissão dele.

– Claro, está certo. – Eu me viro para Finn. – Entregue o bilhete a ele.

Finn olha para mim sem entender nada.

– O bilhete?

– O bilhete do Irmão Kenneally. Você o colocou no bolso – eu o lembro.

– Está certo. – Ele pega o folheto que o sargento lhe entregou e eu escondo um sorriso enquanto ele lê. Eu o encantei para que parecessem instruções de Kenneally, contando com o fato de que Willy não conhece a letra dele.

Willy estreita os olhos para a assinatura no fim, feita com caneta vermelha, e me ocorre que o pobre homem provavelmente não sabe ler.

– Tudo bem, então – ele concorda e fica de lado.

O depósito é uma confusão de caixas, frascos e equipamento médico.

– O que é isso? – Mei diz em tom estridente. No fundo da sala há um armário de metal alto, trancado. Ela coloca a mão sobre o cadeado e ele se abre com um clique.

Nós nos juntamos ao redor de Mei enquanto ela remove o cadeado e abre a porta. Lá dentro, há centenas de pequenas ampolas de medicamento. Cada frasco tem talvez 7 centímetros de altura, fechado com uma rolha, e parece que todos contêm alguns mililitros do mesmo líquido transparente.

– Maravilha – eu declaro.

– Nossa, mas que ratazanas! – a Sra. Jarrell balbucia. Então faz o sinal da cruz e olha preocupada para Finn. – Perdoe-me, Irmão.

– Eles *são* ratazanas. – Finn abre a bolsa a tiracolo e começa a colocar frascos dentro dela, envolvendo-os com cuidado nos panos que pegamos na casa de Alice. Quando ele termina,

Mei e eu nos revezamos enchendo nossas bolsas vazias. A Sra. Jarrell conta quantos frascos estão sendo tirados.

– Trezentos – declara ela quando terminamos.

Pouso a mão em cima do fecho.

– Quer ficar com alguns para as suas garotas?

– Não, querida. – Ela meneia a cabeça. – São todas moças boas e fortes. Devem melhorar. E elas conhecem os riscos do que fazemos.

– Vocês são anjos, todas vocês – proclamo. Eu me lembro de como fiquei impotente para ajudar Zara, Brenna e minha mãe, e imagino como é encarar isso com bom humor dia após dia. – Se algum dia cair doente, mande nos chamar imediatamente.

– Pode deixar. – Ela me dá um abraço rápido, então fica corada e ajeita a touca e o avental branco. – É uma pena não poderem usar sua magia abertamente. Vocês poderiam salvar tantas vidas...

A Sra. Jarrell se despede de nós no segundo andar, pega na minha mão e depois na de Mei.

– Que o Senhor as abençoe, meninas – diz ela antes de voltar apressada ao trabalho.

No andar de baixo, espiamos a multidão pela janela da frente. O número de pessoas cresceu exponencialmente enquanto estávamos lá dentro. Elas berram e se apertam contra a barreira improvisada de madeira que os guardas ergueram. Os soldados parecem um tanto apavorados por estarem em número tão menor. Apesar de terem armas, não parecem dispostos a atirar contra a multidão. Por enquanto.

Para dizer a verdade, o que mais me preocupa são as armas.

Mei vai ficar ao meu lado o tempo todo. Ela pode me curar se eu for ferida.

Mas não, é claro, se eu levar um tiro em algum lugar fundamental. Sei muito bem que alguns ferimentos são mais fortes do que a nossa magia.

– Eu sairia pelos fundos, senhor – o guarda diz a Finn.

Finn cerra o maxilar.

– Não tenho medo desta gente.

O guarda dá de ombros e destrava a porta.

– Será o seu enterro.

A multidão fica furiosa ao avistar Finn com sua capa preta, bonito, forte e saudável. As pessoas o xingam e avançam para cima do bloqueio, e os guardas revidam com cassetetes.

– Por que ele pode receber o remédio e o meu marido não? O que faz você ser melhor do que nós? – uma senhora de idade berra.

– Eu não sou. – Finn tira a capa. Ele abandonou o paletó, e as mangas de sua camisa estão arregaçadas, exibindo as sardas dos braços. Ele abre caminho pelo meio dos guardas estupefatos e pula por cima da barreira, depois se vira para mim, mais uma vez parecido com o garoto que trabalhava no nosso jardim.

– Você vem?

Subo desajeitada atrás dele, e ele me coloca no chão com cuidado do outro lado. Mei nos entrega nossas bolsas antes de Finn ajudá-la a descer.

– Que diabos estão fazendo? – grita um dos guardas, alarmado. – Vão matar vocês!

Finn abre caminho pelo meio da multidão. As pessoas dão cotoveladas e pisam nos meus pés. Alguém pisa na parte de trás da minha capa e eu tropeço, caio sobre uma mulher, e ela me xinga e me empurra. Aperto a mão de Mei e a puxo para me acompanhar. Finn se vira quando chegamos ao meio da rua. Os óculos dele estão tortos e seus lábios sangram no lugar em que alguém o acertou, mas ele sorri.

– Pronta?

– Pronta. – Meu coração está em disparada. Quando eu estava em cima da barreira, avistei Sachi, Rory e Alice atrás da multidão, de sobreaviso para ajudar. Sachi executará um encanto de animação para manter a porta da frente do hospital fechada, impedindo que os guardas lá dentro saiam para ajudar os soldados do lado de fora. Mas demoraria só um momento para que me empurrassem e me pisoteassem. E se o meu desejo de ajudar não resultar em nada além de um monte de ossos quebrados... ou coisa pior?

– Os Irmãos estão mentindo para vocês! – Finn berra, mas só as pessoas ao nosso redor são capazes de ouvir. Ele me lança um olhar preocupado e limpa o sangue do queixo.

– Tente de novo – peço, e desta vez uso minha magia para amplificar a voz dele, de modo que suas palavras ribombam pela multidão:

– Os Irmãos estão mentindo para vocês! O remédio *existe*! Nós vimos, e achamos que vocês têm direito a ele!

Isso chama a atenção das pessoas. Olho por cima do ombro. Não enxergo os guardas com tanta gente que tem ali, mas um está subindo na barreira; imagino que seja para tentar escutar Finn, ou para descobrir por que a multidão ficou quieta de repente.

– A Fraternidade é inimiga de vocês. Não as bruxas. Tudo o que o *Sentinela* está dizendo sobre Cate Cahill é mentira. Ela não atacou o Conselho Titular. Só quis salvar moças inocentes trancadas em Harwood. A maior parte nem bruxa era, só tinha pouca sorte. Como é o caso de Prudencia Merriweather, cujo único crime foi não abandonar o irmão – Finn diz.

– O que isso tem a ver com a gente? – uma velha ossuda pergunta.

– E o remédio? – um chinês baixo grita.

– Estamos com o remédio aqui. Centenas de doses. – Finn ergue a bolsa, e a multidão avança na direção dele, empurrando uns aos outros, pegando a alça e tentando arrancá-la dele. Finn se vira, tentando se defender.

Minha magia se agita nos meus dedos perante a ameaça à segurança dele. Eu não queria que Finn se expusesse, mas ele se recusou a permitir que eu fizesse isto sozinha. E, por mais incômodo que seja, precisei reconhecer que as pessoas estariam mais dispostas a escutar um homem.

Um gordo com um bigode grosso de morsa agarra Mei pelo cotovelo e a puxa em sua direção, bem quando sinto um apertão dolorido no meu pulso.

– Me solte! – Mei exclama. Com os olhos apertados, fito o homem de bigode e *bufo*. Minha magia empurra todos ao nosso redor para trás, como se estivessem patinando em um lago congelado. As pessoas agitam os braços, tentando se equilibrar, e caem umas sobre as outras. Ficamos Finn, Mei e eu parados com meio metro de espaço ao nosso redor.

– Não toquem em nós. – Desfiz minha ilusão e voltei a ser eu mesma: alta, loura, magra, com o maxilar pronunciado. Sem dúvida a garota que teve seu retrato estampado nas manchetes da manhã.

A multidão está sem fôlego, murmurando o meu nome, e então um dos guardas atira. Uma das nossas amigas o transforma em uma estátua em preto e dourado em cima da barreira.

– Não quero machucar ninguém – eu aviso. – Se fizerem fila, vamos distribuir o remédio. Se empurrarem e se baterem, ninguém vai receber nada.

– Como podemos saber que isso não é um truque? Que não é veneno? – um homem pergunta quando eu abro a bolsa.

Mei já está com uma ampola na mão. Ela abre a rolha.

– Se fosse veneno, eu não tomaria, não é mesmo? – ela retruca e vira o frasco nos lábios. Ela faz uma careta de nojo. – Mas o gosto é horrível. Fica melhor se colocarem algumas gotas no chá.

Mei e eu ficamos juntas, de costas uma para a outra, e começamos a distribuir o remédio. Finn está a alguns dedos do meu cotovelo. As pessoas chegam até nós ansiosas, olham para mim como se eu fosse um monstro de duas cabeças, resmungam seus agradecimentos e saem correndo com suas ampolas bem firmes nas mãos fechadas. Ninguém ultrapassa o espaço que determinei em torno de nós.

Ergo os olhos para a barreira. Três guardas agora estão paralisados. Alguns dos outros, entre eles o sargento, pularam a barreira e se misturaram à multidão.

Uma mulher carregando um bebê roliço com um gorro de tricô cor-de-rosa é a próxima da minha fila. As bochechas gordinhas da criança estão coradas e ela se agita nos braços da mãe, tentando fugir de seus cobertores, mas não chora. Seus olhos azuis olham fixo para a multidão, sem enxergar nada, e sua respiração é difícil.

– O Senhor a abençoe, senhorita. – A mulher se encolhe quando o bebê solta uma tosse úmida e chiada. – Já não sei mais o que fazer com Susannah tão doente.

Eu hesito. Como saber se o remédio, feito para adultos, é seguro para uma criancinha daquele tamanho?

– Eu posso curá-la completamente. Com magia – murmuro. – Permite que eu toque nela?

A mulher hesita por um momento antes de se aproximar e assentir. Estico um dedo, e o bebê o segura, do jeito que Tess costumava fazer quando era pequena. Bloqueio o barulho da multidão e me concentro na respiração cheia de dificuldade do bebê. Sinto a congestão

em seus pulmões minúsculos e faço força contra ela. Gradativamente, a respiração dela fica mais fácil. A pele quente esfria. Eu quase perco o equilíbrio.

– Chega, Cate – Mei diz com a voz contundente.

Tiro o dedo da mão do bebê. Ela chuta enquanto a mãe olha para ela... para a curiosidade acesa em seus olhos, para as bochechas gorduchas cor de creme, e dá um beijo em sua testa.

A mulher devolve a ampola para mim.

– Obrigada.

Ouçõ um chiado nos pulmões dela também.

– Guarde para você, para o caso de ser a próxima a precisar.

– Cate! – Finn me empurra com força, eu caio para trás, em cima de Mei, e nós duas quase caímos no meio da multidão. Ele se agacha bem rente ao chão e eu fico confusa, com o estômago embrulhado por causa da cura, a cabeça latejando, até que ele tira a pistola da bota e atira. Um guarda grita, larga o rifle e agarra-lhe o ombro esquerdo. O guarda ao lado dele, brandindo um cassetete para abrir caminho, fica paralisado quando um homem louro pega o rifle e aponta para ele. Outro arranca o cassetete das mãos do soldado.

– Precisamos ir. Não é mais seguro. – Mei joga mais alguns frascos para a multidão e depois entrega a bolsa a uma mulher magra que está próxima.

Alice obviamente chegou à mesma conclusão, porque, quando me levanto, reparo em uma mecha de cabelo preto que cai por cima do meu ombro. Minha capa fica azul. Deixo a bolsa para trás.

Desta vez, não há necessidade de empurrar. A multidão se abre para nos deixar passar.

– Essa foi por pouco – diz Finn, andando de um lado para outro no vestíbulo de Alice. – Ele não ia atirar para o alto. Ia atirar em você!

Estou sentada no degrau mais baixo da escada.

– Então fico contente por você ter atirado nele primeiro.

Finn parece exausto: está com a camisa para fora da calça, o cabelo cor de cobre mais espetado do que o normal, o lábio inchado e os nós dos dedos de uma mão ralados.

– Eu nunca tinha atirado em uma pessoa de verdade. Um ser humano vivo de fato.

– Ele vai ficar bem, a menos que você tenha atingido uma artéria. – Mei não parece muito preocupada. – Daí ele pode perder o braço.

– Mirei no peito dele – Finn admite.

– Acha que nós fizemos alguma diferença? – Minha voz sai baixa quando abraço os joelhos. – O jeito como olharam para nós... eles ficaram *com medo* de mim.

Finn se senta ao meu lado e enlaça os dedos nos meus.

– Você foi magnífica.

– Fiquei morta de medo – admito e aprumo o corpo.

– Mas seguiu em frente mesmo assim. Bravura é isso. – O polegar dele acaricia as costas do meu, e fico sem fôlego. Levo os nós dos dedos dele até a boca e dou um beijo no do meio. Com o meu toque, os arranhões desaparecem, e o jeito como ele me olha...

É o jeito como me olhava. Antes.

– Desculpe interromper a comemoração, pombinhos apaixonados, mas tenho notícias – Merriweather diz ao entrar pelo hall.

Finn não solta a minha mão.

– O que foi agora?

– Achei estranho quando não havia mais guardas no hospital, lutando contra a multidão, por isso fui falar com uma fonte. Um valete dos Irmãos. Depois do enforcamento, ele ouviu Covington ordenar que a maior parte dos guardas fosse tirada de suas patrulhas e enviada para o bairro do rio. – A linha dos ombros largos de Merriweather está rígida; sua postura elegante de sempre se foi.

– Talvez estejam preocupados com arruaça, uma vez que mais gente vai ficar sabendo sobre a cura – Finn sugere.

Fico olhando para a luz bruxuleante da lamparina de vidro azul. Alguma coisa não faz sentido.

– Mas parece que Covington deu a ordem *antes* de ver nossos folhetos. Estão instalando barreiras ao longo das ruas Prince, Munroe e Cinquenta e Sete. Estão isolando o bairro todo. – Merriweather desenha os três lados de um triângulo no ar. O rio em si formaria o quarto lado.

Rilla sai da sala de visitas.

– Acha que estão isolando para quarentena? – Ela me entrega uma xícara de chá fumegante.

– É um pouco tarde agora. A febre tomou toda a cidade – Mei balbucia entre os grampos presos nos dentes. Ela está torcendo o cabelo em um coque na frente do espelho de prata.

– Outra das minhas fontes, alma empreendedora que é, viu uma caravana de carroças do Exército passar pelas barreiras e seguiu uma. Sabia que eu ia pagar um bom dinheiro por uma boa informação – Merriweather diz. – Pararam em um armazém perto do porto.

– O que carregavam? – Finn pergunta.

Merriweather anda de um lado para outro no hall, suas botas ecoam contra as tábuas do assoalho.

– Terebintina e querosene, supostamente. Acha que estão escondendo o restante da cura nos barris?

– Não, se fossem tirar o remédio do hospital, iriam querer colocar todas as ampolas em algum lugar à mão, perto do centro da cidade. – Mei espeta grampos no cabelo preto.

Rilla franze a testa e alisa o vestido amarelo.

– Dezenas de pessoas estão morrendo todos os dias. Os Irmãos não deveriam se preocupar em deter a febre? Não orientaram as pessoas a tomar as precauções básicas.

– Eu disse. Fique em casa se puder; cubra o rosto e lave as mãos se não puder.

– Ferva as roupas – eu completo ao me lembrar de como Mei fervia nossos vestidos todas as noites quando chegávamos em casa do hospital. – Ou queime. Durante o surto de gripe, quando eu era pequena, minha mãe, que era enfermeira, saía de casa para trabalhar e queimava o vestido na lareira da cozinha quando voltava para casa.

A mão de Finn se flexiona e aperta a minha, causando dor.

– Você se lembra da família Bower? Não, devia ser muito pequena... mas a família toda pegou a gripe. Os criados também. Todos morreram. Depois, os Irmãos enviaram guardas com barris de querosene e tocaram fogo na casa de fazenda. Não sobrou nada. Disseram que estava amaldiçoada de contágio.

– Acha que os Irmãos pretendem queimar os mortos? Isso pode justificar todas as carroças – Mei sugere.

A testa de Finn se franze.

– Não iam precisar instaurar quarentena para isso, nem manter segredo.

– Pelo bom Senhor. – Derrubo minha xícara e ela se espatifa, os cacos voando pelo assoalho de madeira. O chá empapa minha saia e escalda meus joelhos. Fito os olhos castanhos de Finn, horrorizada.

– E se não for dos mortos que eles estão atrás? E se os Irmãos incendiarem o bairro do rio com as pessoas doentes lá dentro?

CAPÍTULO

19

– OS IRMÃOS? – MEI PERGUNTA. – OU INEZ?

Ninguém sugere que ela esteja errada, nem que Inez seria incapaz de tal crueldade.

Finn se levanta de um salto, ignorando o barulho da porcelana quebrada.

– Ninguém vai desconfiar de que ela está por trás disso. Se Covington ordenou aos guardas que incendeiem o bairro do rio, todos vão culpar os Irmãos. Somando a isso o fato de terem escondido a cura, pode ser o início de uma guerra civil.

Merriweather enfia as mãos no bolso de sua casaca cor de oliva.

– Mas os Irmãos simplesmente vão afirmar que Covington ficou maluco... que ele voltou todo errado... e tirá-lo do poder. Ela vai perder o controle da cidade.

Rilla se ajoelha para limpar os cacos de porcelana.

– Que tipo de pessoa tenta causar um incêndio e impedir que as pessoas saiam?

– O mesmo tipo que permitiria que dezenas de garotas inocentes fossem enforcadas porque interferiam nos planos dela. – Ando de um lado para outro no hall, alheia à minha saia molhada.

Mei veste sua capa preta.

– Precisamos impedir que isto aconteça.

Merriweather passa a mão pelo maxilar quadrado, pensativo.

– Será que podemos nos alistar na Guarda?

– Nós somos um grupo de bruxas, progressistas e fugitivas! – Rilla olha para mim, exasperada. – Não podemos chegar para o chefe da Guarda e achar que ele vai acreditar que Covington está sendo compelido. Além do mais, mesmo que eles soubessem o que está acontecendo, tem certeza de que os guardas tentariam impedir? Você tinha que ouvir o jeito como eles falam das ratazanas do rio.

Ergo a mão para impedir a réplica de Merriweather. Rilla e ele discutiriam o dia todo se permitíssemos.

– Não podemos confiar nos guardas. Até onde sabemos, Inez também os compeliu. Nós mesmos vamos ter que impedir.

– Como planeja fazer isso? – Merriweather se irrita. – As pessoas não vão nos obedecer se lhes dermos evidências tão fracas para convencê-los a evacuar o local. E nem sabemos por

onde começar a fim de deter os incêndios. Poderíamos fazer uma busca em todos os armazéns, mas isso levaria uma eternidade; há dezenas deles.

Mei franze a testa.

– Não sei como podemos impedir que os guardas causem incêndios se Inez os compeliu. Mas podemos usar magia para apagá-los.

Finn abre as cortinas e olha para o céu escuro. São só cinco e meia, mas é dezembro; o sol já se pôs, e o vento faz os galhos das árvores do jardim da frente baterem nas janelas.

– Vão esperar até as pessoas se recolherem para dormir. O fogo vai se espalhar com maior rapidez se houver apenas alguns vigias noturnos na rua.

– O vento ganhou força. – Mei cobre a cabeça com o capuz. – O incêndio em três ou quatro armazéns poderia consumir metade da cidade em uma noite assim.

O maxilar de Merriweather se retesa.

– Prue está lá. – Alice, Prue, Sachi e Rory pegaram o restante do remédio da bolsa de Finn e foram distribuí-lo a algumas famílias que Alice e eu visitamos com frequência em missões de caridade das Irmãs.

– Minha família também não está longe do rio. – Mei abre a porta da frente e treme com o vento cortante.

– Primeiro vamos alugar uma charrete para podermos fazer qualquer coisa. *Eles* vão acreditar em nós – Merriweather diz.

Rilla apaga a lamparina.

– Vou até o convento para ver se consigo trazer mais garotas para ajudar. Quando os incêndios começarem, vamos precisar de toda a magia que pudermos reunir.

Fico paralisada no meio do processo de vestir minha capa.

– Onde fica o Golden Hart?

Merriweather fica irritado.

– O que você sabe sobre o Golden Hart?

– É onde o meu pai está escondido. – Engulo em seco. – Fica perto do rio, não fica?

Merriweather assente.

– Todos os marinheiros passam por lá. Fica em um local movimentado entre uma taverna e... – A voz dele define. – Um armazém com estoque de algodão.

Finn pega minha mão mais uma vez ao sentir minha perturbação.

– Vou garantir que você esteja em segurança no convento e depois procuro seu pai.

A ideia de os dois correrem risco faz meu estômago se revirar. Faço uma promessa silenciosa para mim mesma: quando isto terminar, Inez nunca mais vai colocar alguém que eu amo em perigo. Não me importa o que eu precise fazer para garantir isso.

A charrete para na frente do convento e Rilla desce antes de o cocheiro estacionar. Finn me puxa pelo pulso para me dar um beijo rápido e forte. Por trás dos óculos, seus olhos castanhos estão preocupados.

– Tenha cuidado, Cate.

– Você também. – Quero pedir a ele que espere, que não vá até o rio sem mim, mas não posso prendê-lo a mim. Ele pode não ter a minha força, mas tem a dele. Continua sendo meu Finn inteligente e criativo. – Sinto muito por ter metido você em tudo isto.

– Não sinta. – Ele meneia a cabeça. – Se não fosse por você, eu não seria capaz de ajudar a mudar as coisas. Estou fazendo diferença, Cate. Isso vale muito.

Eu hesito, mas preciso dizer. Só para garantir. Passo a mão no rosto dele com barba por fazer.

– Eu te amo.

Desço da charrete sem esperar a resposta. Ele não pode retribuir. Não seria sincero. Não ainda. Há três semanas achei que não tinha como as coisas piorarem, e agora...

Bom, as coisas sempre podem piorar, não podem?

Quando passo para a calçada dou uma risada tão amarga quanto qualquer uma das de Rory.

Apenas dois guardas estão patrulhando nos degraus de mármore da Irmandade. Erguem os rifles quando eu me aproximo deles com os olhos apertados.

– Vão embora e não voltem mais aqui hoje à noite – digo, irritada, enquanto a charrete de Finn se afasta.

Eles se viram e saem pela rua, obedientes. Rilla já está abrindo a porta de entrada. Ela dispara pelo corredor na direção da sala de estar, que devia estar lotada de garotas estudando e conversando antes do jantar.

– Onde está Inez? – Rilla quer saber.

– Só o Senhor sabe. Não está aqui – Vi diz. – Foi visitar Cate? Como ela está?

– Eu estou aqui. – Sou recebida tanto com olhares de desdém quanto com vivas e aplausos.

– O que está fazendo aqui? Já não causou confusão suficiente? – Parvati parece ter ocupado o lugar de abelha-rainha de Alice no sofazinho cor-de-rosa.

– Ah, só estou começando a causar confusão – declaro e baixo o capuz.

Tess vem correndo na minha direção, me abraça pela cintura e enterra o rosto no meu cabelo. Eu recuo e olho para ela. Só estamos separadas há dois dias, mas parece que foi uma eternidade, e a vejo com meus novos olhos. Ela emagreceu. Tanto suas curvas quanto o rosado de sua bochecha se foram; ela está com olheiras. Até seus cachos louros parecem sem vida. Minha irmãzinha parece *mal-assombrada*.

– Eu soube da visão que você teve – digo a ela. Tess se encolhe. – Aquela com fogo e morte. Não foi um pesadelo; foi uma profecia. Inez vai tentar incendiar o bairro do rio.

Maura se levanta, resplandecente, com um vestido cor de marfim bordado de folhas verdes.

– Bobagem.

– Decretaram a quarentena hoje à tarde, e guardas foram vistos levando terebintina e querosene para armazéns ali perto. É ela que está dando as ordens, não é? – Examino o rosto de Maura, porém ela parece chocada com o rumo dos acontecimentos. – Vai fazer parecer que os Irmãos assassinaram os doentes para impedir que a febre se espalhasse.

Sussurros se espalham como um zumbido por toda a sala.

– Ela vai matar milhares de pessoas. – Tess está tremendo, pressionando a mão contra as têmporas. – Achei que tivesse sido apenas um pesadelo. Eu já devia saber a diferença a esta altura.

Lucy está sentada em um pufe aos pés de Tess.

– Não é sua culpa.

As agulhas de tricô de Grace nunca param.

– Eu devia saber a diferença – Tess repete com a voz angustiada. – Eu devia ter sido capaz de avisar a todos. Eu... não tenho me sentido *eu mesma* ultimamente.

– Isto é ir longe demais até para Inez. – Os olhos azuis de Maura disparam pela sala em busca de aliadas, mas ninguém mais fala. É revelador o fato de nenhuma outra pessoa, nenhuma das professoras encostadas à porta, nem mesmo a idosa Irmã Evelyn, saltar em defesa de Inez. – Deve ser outra coisa.

– Ela é implacável, Maura. Já passou da hora de você reconhecer isso. – Elena abraça Maura pela cintura para suavizar suas palavras.

– Precisamos ir para lá. Talvez cheguemos tarde demais para impedir que o fogo seja ateado, mas podemos ajudar a contê-lo. – A voz de Rilla é dura, sem o cantado de costume. – Alice, Mei, Sachi e Rory já foram.

– Vou dizer ao Pai para aprontar os cavalos – Vi diz e sai apressada da sala.

– Vamos ter que trabalhar em duplas ou trios. – Elena alisa o vestido de seda cor-de-rosa. – Aquela área à noite não é segura para garotas.

– Segura? – Genie repete. – Está nos pedindo para executar magia em público. Vamos todas ser presas. Ou mortas!

– Talvez não. Acho que as pessoas, principalmente as da classe trabalhadora que moram perto do rio, estão cansadas dos Irmãos. É um risco, com certeza. – Ergo o queixo. – Estou disposta a corrê-lo. Nós somos poderosas. Está na hora de pararmos de nos esconder.

– Concordo! – Um sorriso se abre no rosto de Elena quando ela se vira para Maura. – Quer ir comigo?

Maura se afasta e a despreza.

– Não. Vou até o prédio do Conselho para arrancar a verdade de Inez. Ela não faria isso. Eu sei que não faria.

Meu estômago se embrulha quando Maura sai da sala pisando duro, mas não corro atrás dela. Elena também não.

– E você, Parvati? Vai nos acompanhar? – pergunto.

Parvati levanta do sofazinho com os olhos castanhos enormes no rosto magro.

– Minha avó mora lá. Uma coisa é ter os Irmãos como alvo, mas se Inez é o tipo de pessoa que poderia queimar uma senhora de idade viva... – Ela engole em seco. – Bom, então eu estava errada em relação a ela.

Ao meu redor, garotas calçam botas ou correm para buscar o que calçar. Procuo Tess para lhe dizer que Finn foi avisar o Pai, e percebo que ela não está mais aqui. No corredor, Irmã Gretchen está organizando as professoras e as governantas em equipes para orientarem as alunas mais novas. Diferentemente da missão de Harwood, não há por que deixar ninguém para trás. Precisaremos de toda a força da Irmandade nesta noite.

Dou uma olhada no hall de entrada, onde as garotas estão vestindo as capas. Nada de Tess. Será que subiu para pegar as luvas? Espero que não tenha saído atrás de Maura.

Faço uma pausa perto da sala de visitas e ouço um soluço contido vindo lá de dentro.

Não é Tess, mas eu entro e fecho a porta atrás de mim.

– Lucy? Está tudo bem com você?

Lucy ergue o rosto inchado e coberto de lágrimas.

– Não. Eu sou uma garota terrível e amaldiçoada, Cate.

Não tenho tempo para isso, mas não posso abandonar uma criança aos prantos.

Eu me sento ao lado dela no sofazinho cor de oliva.

– Está com medo? Você e Bekah podem ir com Irmã Gretchen ou uma das outras professoras. Elas não vão permitir que nada de ruim aconteça a você.

Lucy solta mais um uivo.

– P-pare de ser tão boazinha comigo. Eu não mereço!

Eu seguro minha impaciência.

– Lucy, não há problema em ficar com medo. – Eu me lembro das palavras de Finn. – Ser corajosa é quando você está com medo, mas faz algo mesmo assim, porque é a coisa certa a se fazer.

Ela limpa o nariz na manga. Está toda de marrom hoje: um vestido de lã chocolate e grandes laços para prender as tranças cor de caramelo; parece um pardalzinho roliço.

– Então, eu preciso contar a verdade. Mesmo que isso faça você me odiar – ela diz e me olha nos olhos. – Sou eu que estou assombrando Tess.

Fico imóvel. Minha mão, a apenas alguns centímetros do joelho de Lucy, fica paralisada.

– Explique.

Os olhos dela baixam para o tapete marrom.

– Eu crio ilusões para fazê-la ver e escutar coisas que não existem. Ciclope enforcado no varão da cortina no quarto dela. A cama dela pegando fogo. Sangue no vestido dela. A marcha fúnebre. O... o gatinho.

Ela funga e enxuga mais lágrimas, mas toda a minha boa vontade se desfaz.

– Por quê? – Meus punhos estão cerrados.

Lucy só tem 12 anos, lembro a mim mesma.

Mas Tess também.

Tess, que anda apavorada por seus piores medos estarem se tornando realidade.

– Por que você fez isso? – exijo saber.

– Inez disse que, se eu não o fizesse, ela iria entregar Grace aos Irmãos e eles iriam enforcá-la – Lucy sussurra. – Eu... eu não podia permitir que isso acontecesse. Sinto muito, Cate! Nunca quis prejudicar você nem Tess.

Minha raiva se endurece e se transforma em algo reluzente e gelado. Bela promessa de Inez a Maura de que nunca iria prejudicar Tess...

– Por que essas ilusões *específicas*? – Minha voz ficou um pouco mais suave. Só um pouco.

Lucy se agita. Estendo a mão e pego o queixo dela, molhado de lágrimas, e viro o rosto dela na minha direção. Meus dedos não são gentis. Ela engasga com outro soluço.

– Tess teve uma visão! – solta ela. – Sobre você. Ela teve uma visão em que ia... ferir você.

A revelação se abate sobre mim e me deixa sem fôlego. É como ser atropelada por uma carruagem.

– Tess teve uma visão de que ia me matar.

Minha voz é seca, mas quase me sinto aliviada.

Eu não quero morrer. Quero fazer muita coisa antes. Coisas pequenas, como plantar rosas, ver o gazebo terminado na colina perto do túmulo da Mãe ou ganhar de Mei em uma partida de xadrez. Coisas grandes, como voltar a ouvir Finn dizendo que me ama, me casar com ele e ter uma casa nossa. Ser mãe. Executar magia sem precisar me esconder. Ver Tess e Maura crescerem e se transformarem em mulheres bonitas e fortes.

Só que... nós três não podemos crescer, não é mesmo?

Não de acordo com a profecia.

Talvez seja bom finalmente conhecer a verdade.

– É – Lucy diz baixinho. – Ela ficou com o coração partido. Ela não conseguia entender como poderia fazer isso algum dia, a menos...

– A menos que estivesse louca. – Respiro fundo. – E você contou a Inez, e ela resolveu usar isso contra Tess. Para fazer minha irmã pensar que seus maiores medos estavam se tornando realidade. Você é a melhor amiga dela, Lucy! Ela confiou seu maior segredo a você.

– Eu sei! – Lucy começa a chorar mais uma vez. – Sinto muito.

– Não é para mim que você deve pedir desculpas. – Eu me levanto. – Sabe onde ela está?

– E-ela foi à torre do sino, para fazer soar o alarme de incêndio. – Lucy enterra o rosto nas mãos cheias de covinhas.

A torre do sino fica no alto do prédio do Conselho Nacional... onde todos os guardas sem dúvida receberam ordens de memorizar nossas fotos e nos prender à primeira vista. Rezo para que Tess tenha o bom senso de usar um encanto para se disfarçar.

– Por que ela faria isso? – quero saber. – Por que iria sozinha?

– P-porque eu disse para ela ir – Lucy admite; suas palavras são abafadas pelas mãos. – E-ela achou que a culpa era toda dela. Eu disse que ela podia ajudar a consertar.

Eu a seguro pelos ombros e dou-lhe uma sacudida.

– Inez pediu que fizesse isso também, não pediu? Por quê? – Eu a solto e recuo antes que sinta a tentação de sacudi-la com força até ela responder.

– Não sei! – Lucy berra. Ela parou de chorar, mas parece estar morrendo de medo. – Inez disse... disse que esta era a última coisa que pediria para eu fazer. Ela prometeu!

– Que bom. Porque se algum dia você fizer qualquer outra coisa contra Tess, vai se ver comigo, e eu vou providenciar para que você e Grace sejam jogadas em um navio-prisão para o resto de suas vidas deploráveis. Está entendendo? – Olho feio para Lucy até ela assentir, então abro a porta. – Vá contar a Rilla tudo que você me contou. *Agora!* E diga a ela que eu vou atrás de Tess.

Fico surpresa ao perceber como é fácil entrar no prédio do Conselho. Há pouquíssimos guardas de sentinela nesta noite. Enquanto espero o elevador, escuto o toque do sino de incêndio, estridente mesmo a distância. Um homem que desce correndo a escadaria de mármore em curva me olha de um jeito estranho. Levo a mão ao rosto para ter certeza de que o meu encanto ainda está funcionando. Mas esta é uma ilusão fácil. Conheço bem o rosto do Irmão Ishida; ele assombra meus pesadelos desde criança. Entro no elevador de latão ultramoderno e, em poucos momentos, ele vai rangendo até o nono andar. A porta pesada que leva à torre do sino está trancada, mas minha magia a abre com rapidez. Subo a escada em caracol atrás dela.

A torre é aberta dos quatro lados. No centro, bem alto, o enorme sino de ferro fundido está pendurado em uma barra logo embaixo do telhado pontudo. Apesar das rajadas de vento fortes que mandam nuvens para a frente da Lua, o grande sino fica imóvel. Será que Tess já foi embora?

Uma lanterna no piso de tijolos lança um pequeno círculo de luz entre as sombras. É o único indício de que ela esteve aqui.

A oeste, o fogo já brilha no horizonte.

Corro até uma cerquinha baixa de ferro, tentando enxergar melhor, mas é impossível distinguir algo de tão longe. Pode ser um ou meia dúzia de focos de incêndio.

Desgraçada.

Preciso encontrar Tess e ir para o bairro do rio.

– Tess? – Minha voz é engolida pela noite.

– Estou aqui. – A voz dela está tão próxima atrás de mim que eu levo um susto.

Eu me viro para ela.

– O que está fazendo?

– Esperando por você – diz ela.

Há algo na voz dela... algo de *errado*.

Dou mais alguns passos. Os pelos da minha nuca se arrepiam, como se o meu corpo fosse capaz de pressentir o perigo.

Eu não devia estar aqui.

O vento faz minha capa preta bater como as asas de um pássaro enorme. Eu mal tenho tempo de me preparar quando sou jogada para trás.

Agito os braços, tato às cegas, tentando agarrar algo, qualquer coisa. Não há nada ao alcance. Minhas botas escorregam pelo piso de tijolos sem atrito. Eu me jogo para a frente, mas não funciona. Uma força invisível empurra o meu peito e quer me jogar pela beirada, uma queda de dez andares até a rua lá embaixo.

Berro quando minhas coxas batem na cerquinha de ferro batido atrás de mim.

–Não! Tess, me ajude!

Mas Tess não ajuda. Ela não pode ajudar.

É Tess quem está tentando me matar.

CAPÍTULO

20

TUDO ACONTECE MUITO RÁPIDO. ATINJO a grade e começo a cair.

Meus olhos nunca abandonam os de Tess, mas o olhar não é mais dela. Tenho a sensação estranha de que Inez está me fitando, fria, despreocupada e *triumfante*.

A profecia está se tornando realidade, e eu vou morrer.

Quero mais tempo.

Outro berro sai da minha garganta.

Não há palavras desta vez, apenas raiva incipiente.

Alguém me puxa pelo pulso. Caio de joelhos e ralo a palma da mão no tijolo. Abro os olhos e vejo o rosto da minha irmã: brilhante, lindo e *furioso*.

Maura.

Do outro lado da torre, Tess está no meio de um monte de saias pretas. Enquanto observo, ela se levanta e alisa a capa com calma, meticulosamente, como se eu não tivesse escapado da morte em suas mãos.

Tenho calafrios, estou tremendo, enjoada.

– Tess. Olhe para mim. – Maura caminha na direção dela, tentando chamar sua atenção, distraí-la do torpor em que Inez a colocou.

Mas Tess sempre teve uma concentração extraordinária. Sou empurrada para trás de modo lento e inexorável. Fico de joelhos e agarro a grade fria com ambas as mãos, apertando os dedos em volta do ferro com a maior força possível.

Maura lança Tess pelos ares mais uma vez. O corpo pequeno dela se choca contra a porta que leva à escada.

– Não a machuque! – eu grito.

– Ela está tentando matar você! – Maura se irrita e me ajuda a ficar de pé.

Tess se levanta com esforço e avança pisando duro, como um pequeno lobo louro caçando sua presa. Maura se vira para mim, com o rosto cheio de pânico, e fica óbvio que a magia dela não está funcionando desta vez.

Tento um encanto de imobilização, que não funciona.

Nossa irmã é forte. É a bruxa mais forte de toda a Nova Inglaterra.

Maura pega a minha mão. Pressiono minha pele contra a dela, fundindo nosso poder. A magia estala pelo meu corpo como relâmpagos, Maura lança o feitiço e Tess voa pelos ares

pela terceira vez.

– Não se levante! – Maura ordena. – Inez penetrou na sua cabeça. Você precisa lutar. É mais forte do que ela, Tess. É mais forte do que qualquer pessoa.

Esta é uma admissão desesperada, vinda de Maura.

Tess se senta ereta e algo estala lá no alto. Maura e eu erguemos os olhos para a torre do sino a tempo de ver pinos enormes se soltarem e caírem no chão. Tess está tentando soltar a barra que segura o sino. Se cair, vai nos esmagar.

Maura aperta minha mão mais uma vez. Tess se levanta com os lábios apertados em concentração.

– *Intransito* – eu lanço o encanto, e ela fica paralisada.

Maura relaxa de alívio e olha para o sino.

Eu me aproximo de Tess, tomando cuidado para manter certa distância entre nós, meio com medo de que ela estenda o braço e quebre o meu pescoço. Apenas seus olhos cinzentos se movem, disparando para lá e para cá.

– Tess – digo em tom bondoso.

Então ouvimos um barulho, um estalo enorme e apavorante, e eu me viro para ver o torreão branco da catedral de Richmond caindo bem na nossa direção.

Só consigo pensar que Tess, incapaz de se mover, vai ser esmagada. Lanço um feitiço silencioso e a liberto, bem quando Maura tropeça para cima de mim e me empurra na direção da porta.

Então algo bate no meu ombro e eu tropeço para a frente.

Tudo fica preto.

Não sei se dois minutos ou duas horas se passaram.

Algo pesado está em cima das minhas costas e me prende ao chão. Minha bochecha esquerda está pressionada contra o tijolo. O piso está coberto de destroços. Nas proximidades, algo se move, e poeira se espalha no ar. Eu tusso.

– Cate? – É a voz de Maura, rouca, mas viva.

– Estou aqui. – Tento mover os braços, mas não consigo. Sinto uma pontada de dor no ombro esquerdo e estilhaços no braço, e seguro um grito. Eu me concentro no peso em cima das minhas costas. Tento movê-lo. Minha magia parece distante, e estou tomada pela dor e pela náusea que faz meu estômago revirar. Lanço mais um feitiço, fazendo toda a força possível para me concentrar, e o peso se levanta, se afasta e eu rolo para a direita, saindo de debaixo dele. Desta vez, não consigo segurar o choramingo que escapa dos meus lábios. Meu braço esquerdo com certeza quebrou.

– Não consigo me mexer. – É Maura mais uma vez.

– Estou indo. – Eu fico de joelhos, desajeitada, ignorando a onda de tontura que ameaça me arrastar para baixo mais uma vez, e procuro minha irmã no meio dos destroços.

Meu coração se aperta quando a vejo.

Apenas um vislumbre de cachos brilhantes embaixo de uma pilha de tijolos, pedras e madeira estilhaçada. Escalo os destroços para alcançá-la, alheia à carne viva nas palmas das minhas mãos. Algo quente escorre pela minha bochecha e eu limpo com os dedos, que ficam vermelhos. Uso uma combinação de magia e pura força de vontade para erguer o pedaço de telhado que esconde Maura, desejando com todas as forças que por baixo daquilo ela não esteja ferida e...

Não. Levo a mão aos lábios.

Maura está deitada de costas com o lado direito do corpo ainda preso embaixo de uma enorme viga de madeira. Seu rosto em forma de coração está coberto de poeira, tirando um filete limpo no canto de cada olho. Há um corte horrível na bochecha direita dela, e a parte direita da clavícula perfurou a pele e o tecido cor de marfim de seu vestido.

– Estou aqui. – Desabo do lado bom dela. – Vai ficar tudo bem. Eu vou curar você. – Estendo a mão e toco no queixo dela com as pontas dos dedos.

Quase recuo quando sinto as feridas dela. Até conseguiria consertar a clavícula, mas esta não é a pior parte: o úmero e o rádio estão dilacerados, o fêmur direito está quebrado. Não sei dizer como está a coluna; o estômago é uma névoa vermelha que indica costelas quebradas. Será que uma delas perfurou o pulmão?

Não posso voltar a matar. Não posso matar a minha irmã, nem mesmo para aliviar o sofrimento dela.

Por favor, Senhor, não me peça para fazer isso.

A mão dela sai de baixo da capa e pega na minha.

– Está doendo muito? – pergunto.

A voz dela é etérea e chiada.

– Estava, mas agora não está mais. Agora não sinto mais nada. – Ela me segura sem força. – Acho que vou ficar bem. Só preciso dormir um pouco.

– Não! Fique acordada, Maura. Onde está Tess? – Olho ao redor, enlouquecida. – Ela vai... *juntas*, nós podemos...

– Não estava mais aqui quando eu acordei. – Os dedos de Maura agarram minha saia preta. – Eu... estava errada. A respeito de Inez.

Sorrio por trás das lágrimas.

– Você salvou a minha vida, boba. Não se preocupe com isso.

– Você também estava errada. – Ela continua teimosa como sempre. – Em relação a Elena. Ela é *boa*. Faz com que eu queira ser... melhor.

– Você já é a melhor. – Pego a mão dela mais uma vez. – Se Merriweather conseguir que o governo seja regido por triunvirato, Elena não vai ser apenas a líder da Irmandade. Ela vai ajudar a governar toda a Nova Inglaterra.

A respiração dela faz um ruído.

– Ela vai gostar disso.

Os olhos azuis de Maura se fecham, e eu aperto a mão dela com mais força. A dor dela está diminuindo na medida em que seu corpo vai se desligando.

– Eu amo você!

Eu me inclino por cima dela. Sua voz é um fiapo; sinto as palavras contra minha bochecha mais do que as escuto.

– Eu também amo você, Cate.

Minhas lágrimas caem no peito dela.

– Não morra. Por favor, não morra.

Mas Maura não me escuta.

Minha irmãzinha... que costumava andar atrás de mim, enfiando meus brinquedos na boca; que costumava esconder romances embaixo das tábuas do assoalho; que tinha a risada mais linda do mundo... está morta, e eu nunca mais vou voltar a rir com ela.

Durante um tempo, só fico lá sentada. Não tenho certeza de quanto tempo se passa. As nuvens cobrem a Lua. Meu braço lateja e a parte de trás da minha cabeça dói, mas nada se compara à dor no meu peito. Não sei por que estou tentando segurar as lágrimas. Não tem ninguém aqui para me ver. No fim, paro de lutar contra elas. Soluções fortíssimos provocam lágrimas silenciosas que traçam um caminho que arde nas minhas bochechas.

Enfim, algo se move lá no alto e faz poeira e destroços choverem sobre mim. Olho para a parte do torreão da catedral que de algum modo ainda está enfiado na torre do sino. Suponho que o telhado possa ceder a qualquer momento, mas não consigo suportar a ideia de deixar Maura sozinha neste telhado frio.

Era *eu* que devia morrer, não ela. Foi isso que a visão de Tess previu.

Só que... é impossível mudar o futuro, não é?

O que Tess realmente enxergou em sua visão?

Não pensei muito nela, mas agora fico me perguntando para onde ela foi, e por quê. Será que ela achou que tinha concluído a tarefa de Irmã Inez quando me viu estirada no meio dos destroços? Se voltou a ser ela mesma, livre da compulsão de Inez, deve estar arrasada pela culpa. Será que ela achou que tanto Maura quanto eu estávamos mortas? Por que nos abandonou? Se Tess não tivesse se retirado, talvez...

Detenho o pensamento antes que ele evolua. Os ferimentos de Maura eram graves demais. E se Tess continuasse aqui, é provável que ainda estivesse tentando me matar.

Inez.

Inez é a responsável, não Tess.

Solto a mão fria de Maura. Os cachos ruivos dela saíram do coque perfeito. Enfio um deles atrás de sua orelha que parece uma conchinha. Ela está com os brincos de pérola que roubou de mim há semanas. Gosto da ideia de que algo meu vai ficar com ela. Quando levo a mão à boca, sinto um vestígio do perfume cítrico dela, da fragrância que ela sempre passa nos pulsos e no pescoço.

Eu me levanto com dificuldade, a cabeça girando, então vejo o vermelho queimando no horizonte. O incêndio queima mais alto e mais forte do que antes, e eu de repente me lembro das outras pessoas importantes para mim. Finn está lá. Meu pai. Minhas amigas.

Não posso perder as outras pessoas também.

Começo a abrir caminho pelos destroços, na direção da porta. Meu braço dói a cada pequeno movimento; é difícil impedir que se prenda a tudo. Eu me abaixo e rasgo minha anágua. O algodão fino se parte com facilidade. Improviso uma tipoia com o pano e o enrolo em meu braço machucado; fico sem fôlego por causa da dor. Isso seria mais fácil se eu pudesse curar a mim mesma, mas a magia não funciona assim.

À porta, faço uma pausa e olho por cima do ombro. Na verdade, não é mais Maura, lembro a mim mesma. O senso de humor dela, seu temperamento feroz, seu desejo desesperado de ser amada, tudo que fazia com que ela fosse Maura: essas coisas já se foram. Não estou abandonando minha irmã. É o oposto. Ela foi na minha frente, para um lugar sobre o qual eu só posso especular, e não vai estar sozinha lá. Vai encontrar Brenna, Zara e a Mãe.

Lágrimas escorrem pelo meu rosto mais uma vez. Quero a minha mãe. Quero alguém para me abraçar, alisar o meu cabelo e dizer que vai ficar tudo bem.

Mas eu não sou mais criança e, mesmo que alguém me dissesse isso, não acreditaria.

Esta noite parece uma encruzilhada.

Antes, com Maura.

E depois, sem.

O prédio do Conselho parece ter sido evacuado. Tudo está imóvel e silencioso na medida em que desço as escadas. Do lado de fora, dou uma olhada no torreão quebrado da catedral, enfiado todo torto na torre do sino. Enfim, suponho que a gravidade vá fazer seu trabalho, e tudo desabar. É melhor que não haja uma multidão aqui olhando.

O coração da cidade está com um ar lúgubre de abandono. Somente um guarda magricela patrulha a calçada na frente da praça Richmond. Ele se apressa na minha direção quando me vê.

– Irmã, o que está fazendo? Não ouviu a ordem de evacuação? – Ele repara meu estado transtornado enquanto traga o cigarro. – Você se machucou no acidente?

– Vou ficar bem. – Dou um sorriso através de dentes cerrados. – Estou procurando Irmã Inez.

A respiração dele se transforma em vapor no ar frio.

– Ela tomou uma carruagem e foi para o bairro do rio. Ouvi quando ela falou sobre um incêndio que poderia perturbar a quarentena. A maior parte dos guardas foi enviada para o bairro hoje à tarde. – Ele me dirige um sorriso condescendente, apesar de não ser muito mais velho do que eu. – Acho que as ratazanas do rio devem ficar no lugar delas. Para que não espalhem doença entre pessoas de qualidade.

E suponho que ele *se* considere um exemplo. Solto um ruído baixo no fundo da garganta que não me compromete.

– O senhor viu uma lourinha? Outra menina do convento? Nós nos separamos na confusão.

Ele assente.

– Ela também perguntou sobre Irmã Inez. Parecia muito perturbada. Ofereci para providenciar uma charrete para ela, mas ela recusou. Quer que eu chame uma para a senhorita?

Então Tess foi atrás de Inez a pé. Se eu for de carruagem, talvez chegue antes dela.

– Não, obrigada. Eu me viro.

Caminho dois quarteirões até uma rua em que passam carruagens e carroças. Uma charrete de aluguel passa e eu a chamo. Uma dama jamais andaria sozinha uma hora dessas, mas eu já tinha deixado de me preocupar em ser moça direita havia muito tempo.

– Pode me levar até o bairro do rio, por favor? Ao Golden Hart?

O condutor bigodudo me olha desconfiado, e não tenho certeza se é porque eu pedi para ele me levar a uma casa de má reputação ou porque estou com o braço quebrado, a capa coberta de poeira, a bochecha ralada e os olhos inchados. Possivelmente pelas duas coisas.

– O bairro do rio está fechado, senhorita. De quarentena. E há um incêndio em um dos grandes armazéns perto do Golden Hart. Posso levá-la a outro lugar? – O cavalo baio grande bufa e bate os cascos no chão, inquieto, e fico imaginando se ele sente o cheiro da fumaça.

– Só me leve o mais próximo possível naquela direção. Eu faço o restante do caminho a pé.

– Tem... tem certeza de que não quer ir para o hospital, senhorita? – os olhos castanhos do condutor estão preocupados.

– Tenho, sim. Só até o mais perto que possa chegar do bairro do rio. – Eu meio subo, meio desabo na charrete.

Vou ver se o Pai e Finn estão bem, depois vou atrás de Inez. Já está mais do que na hora de acertarmos os ponteiros.

A charrete para na frente de uma fileira de casas na rua Cinquenta e Seis. À nossa frente, um jipe do Exército bloqueia a passagem para a rua Cinquenta e Sete. Desço e entrego moedas ao condutor, mas ele não aceita.

– Pode me dizer como chegar ao Golden Hart? – pergunto e cubro a cabeça com meu capuz esfarrapado.

A pele cor de oliva dele fica corada.

– Fica perto do rio, senhorita. Rua do Rio com a Setenta e Dois. Mas o incêndio é exatamente lá.

Eu agradeço e me apresso na direção da barreira. O ar cheira a fumaça; não o agradável de fumaça de lenha da lareira nem o de cera de vela, porém algo mais pesado, acre e perigoso.

Atrás da carroça, as barreiras foram derrubadas. Bela quarentena. Avisto dois guardas que foram imobilizados. Estão no posto de checagem com as mãos segurando rifles e cassetetes que não estão mais ali. Bruxas passaram pelo local.

Quando entro no bairro do rio, uma enxurrada de gente segue na direção oposta. Mães carregam crianças apavoradas; pais arrastam malas cheias de bens. Gente a pé se apressa ao lado de gente a cavalo, entupindo as ruas estreitas e fazendo com que seja quase impossível que as carroças passem. Várias charretes estão abandonadas no meio da rua. As calçadas estão cobertas por brinquedos largados, roupas e panelas. Por cima de tudo, a fumaça deixa o ar turvo e, a oeste, chamas cor de laranja se projetam no céu noturno.

Caminho meia dúzia de quarteirões e deparo com o primeiro incêndio. Duas quadras estão fumegando, reduzidas a destroços. Uma fileira de bombeiros direciona a água das três carroças para as cinzas, tentando impedir que as fagulhas voltem a se acender. Uma quadra foi totalmente destruída, tanto que nem dá para ver o que os prédios eram antes. Na segunda quadra, uma fileira de chaminés de tijolos ainda está em pé e, na esquina mais próxima, um edifício de tijolos está decomposto e lúgubre sem as janelas e as portas.

Quantos incêndios foram ateados? Quantas vidas já foram perdidas? Aperto o passo, alheia à dor no braço e agora à minha cabeça que lateja. Rezo para que, perto do rio, os bombeiros e as bruxas estejam trabalhando juntos e em paz. E se eu me enganei e as pessoas não quiserem nossa ajuda?

Estou três quarteirões mais perto do rio, subindo a Colina Bramble, quando escuto uma explosão. Pessoas berram ao meu redor e apontam enlouquecidas, e acompanho os dedos bem a tempo de ver a grande torre de madeira da caixa-d'água no alto da colina rachar e a água se espalhar toda.

A maneira como se rompe... não foi obra dos bombeiros. Foi magia.

Quando me aproximo, as sarjetas estão cheias de água e minhas botas afundam na lama da rua. A Colina Bramble é a elevação mais alta do bairro do rio, logo antes de as ruas formarem ladeiras que descem até lá. Vários cortiços caindo aos pedaços se localizavam logo abaixo da caixa-d'água, em terrenos baldios tomados por ervas daninhas. Nas nossas missões junto aos pobres, Mei, Alice e eu visitávamos famílias em alguns desses cortiços. Duas e três gerações viviam apertadas em pequenos apartamentos de dois cômodos sem calefação e com trapos enfiados nas frestas das janelas para não deixar o vento entrar. Agora as construções não passam de madeira preta chamuscada. Fumaça sai dos escombros e água corre colina abaixo, alagando mais vários quarteirões.

No sopé da colina, várias construções estão quase desabando. Tem gente pendurada em janelas do segundo andar e trepadas em telhados, berrando por ajuda. Avisto o pai de Vi, Robert, derrubando com o ombro a porta de uma casinha de madeira. Vi e outras duas bruxas estão na rua, ao lado de uma carroça, e, enquanto eu observo, duas criancinhas saem flutuando de um telhado, para longe da mãe estupefata, e para dentro da carroça em segurança.

Ninguém faz objeção à bruxaria. Ninguém ataca as garotas por executar magia no meio da rua. Faço uma pausa, lutando contra minha consciência, mas parece que Vi e as outras estão se virando bem. O incêndio foi aplacado aqui. Sigo em frente, apressada.

Quando me aproximo da rua do Rio, a cena se parece cada vez mais com um pesadelo. Dois armazéns enormes, com vários quarteirões de distância entre si, estão pegando fogo. Fagulhas traçam arcos por cima do rio feito vaga-lumes. Pedacos das docas em chamas boiam na água ao lado de navios destruídos. Pela rua, em cada direção, brigadas de incêndio passam baldes cheios de água e caminhões de bombeiro estão em atividade, mas os quarteirões do meio parecem ter sido abandonados.

Apesar de eu estar do outro lado da rua do Rio, a fumaça é sufocante, e o calor faz parecer que é verão em vez de inverno. Quando me aproximo do cruzamento com a rua Setenta e Dois, meu coração bate mais rápido. O fogo já consumiu todo o quarteirão dos escritórios de empresas de navegação e do albergue. Eu observo, tossindo, quando um telhado desaba e solta uma chuva de fagulhas.

Era onde ficava o Golden Hart.

Uma menina com a capa preta da Irmandade passa correndo. O capuz dela está abaixado, e eu reconheço as tranças pretas crespas enroladas ao redor da cabeça.

– Daisy?

Daisy Reed, a irmã mais velha de Bekah, se vira com o som da minha voz.

– Cate?

Eu me junto a ela e aperto o passo para acompanhá-la. Daisy participou da missão a Harwood. Deve conhecer Finn de vista.

– Meu pai estava hospedado aqui no Golden Hart, e o meu... e Finn veio avisá-lo. Sabe se alguém conseguiu sair destes prédios a salvo?

– Acho que sim. Rilla e algumas outras tentaram deter o fogo aqui, mas foi impossível. Ali ficava um depósito de madeira, e tudo pegou fogo na hora. – Daisy faz um gesto para o terreno fumegante entre este quarteirão e o armazém adiante, então aponta com o polegar por cima do ombro. – Vi Finn com um grupo de Irmãos ajudando a brigada de incêndio. O fogo foi contido no armazém ferroviário; estamos todas indo para lá.

– Há Irmãos aqui ajudando? – pergunto, estupefata, e Daisy assente. Pelo menos Finn está bem. Passo para a preocupação seguinte. – Você viu Tess?

Daisy faz que não com a cabeça.

– Talvez esteja com Bekah e Lucy. Vou procurar Bekah agora. Elas estavam com a Irmã Gretchen, mas ouvi dizer que Gretchen levou um tiro de um guarda.

Passamos pelo segundo armazém. O telhado desabou; chamas sobem dos destroços e se espalham em direção ao estaleiro no quarteirão seguinte. No rio, navios em diversos estágios de construção foram desatracados. Há uma beleza terrível nas carcaças em chamas dos que ficaram nas docas secas.

Do outro lado da rua, algumas bruxas – Irmã Mélisande, a idosa Irmã Edith e duas governantas – estão de mãos dadas enquanto dirigem o vento para a água em vez de para a terra. Bombeiros apontam as mangueiras para os cortiços do outro lado da rua do Rio, na frente do estaleiro. A brigada dos baldes trabalha duro, recolhendo água perto das docas. No fim do píer mais longo, duas silhuetas gesticulam com irritação. Uma é Elena e a outra...

Mesmo de tão longe, consigo distinguir o perfil de falcão de Inez.

A imagem de Maura, estirada, toda pálida e quebrada embaixo dos destroços, me passa pela mente.

Caminho enlouquecida na direção de Inez.

CAPÍTULO

21

SE EU AINDA TINHA ALGUMA DÚVIDA em relação a ser ou não capaz de cometer um assassinato, ela se desfaz.

Eu poderia usar a força de meus próprios braços ou qualquer magia à minha disposição. Não me importo se toda a Nova Londres testemunhar a morte de Inez provocada por mim.

Abro caminho por entre os homens que enchem baldes na beira do rio. As batidas das minhas botas no longo píer se perdem entre os gritos da brigada de incêndio, o urro das chamas e o chiado das mangueiras.

Ainda estou a quase 3 metros de distância dela quando a magia explode do meu corpo. Inez cambaleia para trás, na direção da beirada do píer e da queda de quase 2 metros até a água lá embaixo. No último momento, ela se segura em um pilar de madeira e se vira. Quando me vê, seus olhos castanhos se arregalam de choque, mas ela se recupera rapidamente.

– Isso tudo é culpa sua – diz ela, irritada, e sua capacidade de representar, de manipular a situação, fortalece meu ímpeto. – No que estava pensando ao nos expor desta maneira? Como *ousa* tomar uma atitude destas sem me consultar?

– Como *você* ousa agir como se não tivesse tentado fazer minha própria irmã me matar? – eu berro.

Elena fica paralisada, então afasta os cachos negros do rosto.

– Maura?

A dor toma conta de mim ao som do nome de Maura, por saber que nunca mais vou chamá-la e ouvi-la me atender. Uma coisinha tão pequena.

– Tess.

Inez se vira para Elena.

– Bobagem. Tess anda instável. Todo mundo viu. Ela está ficando louca, igual a Brenna Elliott. Eu não tenho nada a ver com isso.

– Mentirosa. – Eu a empurro para trás mais uma vez, porém agora ela se antecipa ao meu ataque e não se move. – Lucy me contou a verdade. Você a ameaçou para que atormentasse Tess. Então, quando convenceu Tess de que ela estava ficando louca, você a compeliu para que me matasse. Não é você que fica dizendo que ela é uma *criança*? Ela tem 12 anos!

Elena cruza os braços por cima do peito. Apesar da pouca estatura, ela irradia poder.

– É verdade?

Inez joga as mãos para cima.

– Cate tem sido um estorvo desde que pisou no convento. Tess teve uma visão de que ia matar a irmã. Era inevitável. As profecias nunca são falsas.

– Mas os oráculos podem se enganar. – Tess se esgueirou atrás de nós. Eu me viro, deixando uma distância de segurança entre nós, mas os olhos cor de tempestade são os dela mais uma vez. Neste momento, estão arregalados de surpresa. – Você ficou imóvel, Cate. Não se mexeu quando eu a chamei. Achei que estava morta. Foi igualzinho à minha visão; achei que tinha matado você. – Ela estende a mão como se quisesse ter certeza de que eu não sou um fantasma, e permito que toque em mim.

– Não. – Minha voz engasga um pouco quando penso em Maura, em como ela me salvou. – Estou viva.

Tess se vira para Inez, seus cachos louros esvoaçam atrás dela.

– Fique fora da minha mente, Inez – sibila ela. – Sinto você cutucando, tentando achar um jeito de entrar. Nunca mais vou atacar minhas irmãs. Se você tiver juízo, também não vai atacá-las.

A boca de Inez se contorce.

– Escutem só esta criança! Acha que eu tenho medo? Foi tão fácil manipular você. Tão fácil assustá-la. Você é muito *fraca*.

– Fraca? – Tess franze a testa, e, no mesmo instante, Inez cai para trás e joga água para todo o lado.

Ela agita os braços desesperada para se manter acima das ondas, mas cada vez que se aproxima da doca, as ondas a empurram para longe, Tess a afunda e ela volta à tona engasgada.

– Eu poderia continuar fazendo isso durante *dias* – Tess diz, e há algo novo e cheio de vingança em sua voz. – Arrisco dizer que seus braços vão falhar antes da minha magia.

– Tess! – grita Elena.

O queixo de Inez agora está embaixo d'água, o peso das botas, das saias pesadas e da capa a puxa para baixo. Elena dá um passo até a beira do píer e se ajoelha.

– Ela não merece a sua ajuda – eu aviso.

Elena me ignora e estende a mão para Inez.

– O que ela tentou fazer com vocês é terrível. Mas não podem *afogá-la*.

– Não podemos? – Lanço um feitiço e Elena se estatela na doca. – Na verdade, acho que eu posso, sim.

Inez usa a distração momentânea para voltar para cima do píer. Ela está pingando e arfando, com o cabelo castanho emplastrado sobre as bochechas angulosas, mas os olhos castanhos estão apertados e destemidos. Ao nosso redor, o vento ganha força. As chamas no estaleiro se alastram ainda mais. Fagulhas se espalham no céu.

– Eu ainda não perdi. – Inez desdenha. – Talvez eu não lidere a Irmandade diretamente, mas Maura será a minha voz. Ela é uma garota muito maleável, sua...

– Não diga o nome dela. – Quebro dois pilares e os mando voando na direção de Inez, de ambos os lados. Eles parecem hesitar no ar à frente dela, então disparam de volta na minha direção. Ela é rápida, reconheço. Mas eu também sou. Lanço um feitiço e os jogo de lado; eles caem na doca e rolam para o rio.

– Onde está Maura? – Tess puxa minha manga. – Cate, *onde está Maura?*

– Ela está morta – digo, com a voz falhando. Nas proximidades, a carcaça de uma escuna enorme desaba na água. O píer embaixo de nós balança.

Elena estremece como se alguém a tivesse atingido fisicamente.

– *Como?*

Os ombros de Tess se curvam; ela leva as mãos à boca.

– Não. Nunca foi a minha intenção... mas você está aqui. Você está bem. Maura não pode...

– Eu a vi morrer. – Caminho com passos firmes na direção de Inez. Atrás dela, um dos pilares restantes começa a queimar. – Você jurou para Maura sobre a cova do seu marido que não iria prejudicar Tess. Como se desculpa disso?

Inez toca no broche de marfim que tem na direção garganta.

– Sinto muito pela sua irmã. Ela era uma bruxa inteligente. Mas eu tinha feito um juramento anterior de vingá-lo.

Eu me concentro na gola alta do vestido preto de Inez que aparece por baixo da capa, e o brilho frio do marfim ali. Lanço um feitiço, e o broche se solta do corpete de Inez, traça um arco no ar e cai no rio. Inez grita. Um berro agudo, lúgubre, como o de um animal encurralado.

Não me comovo.

– Pule atrás dele – sugiro.

Ela se vira para mim com os olhos apertados por cima do nariz de falcão. O vento muda de direção. A brigada dos baldes e os bombeiros começam a recuar, mas antes de ficarem a uma boa distância, os prédios do estaleiro desabam. Vários homens ficam presos embaixo dos destroços em chamas. Estilhaços caem sobre a rua do Rio, passando por cima da cabeça das bruxas e dos bombeiros. Os telhados dos cortiços começam a soltar fumaça preta.

– Este bairro inteiro vai se esvaír em chamas, e a Fraternidade vai com ele – Inez promete. Agora eu a entendo melhor do que nunca. Há uma parte de mim que poderia recuar, observar tudo queimando e se deliciar com a destruição. Minha irmã está morta. Por que o mundo deve continuar a girar?

– Nós não vamos mais ser caçadas – Inez prossegue. – Logo, seremos aquelas que todos temem.

– Não – Tess diz, e a última seção do píer se solta, separando Inez do restante de nós. O rosto de Tess não admite perdão, é implacável.

– Elena! – Inez estende os braços quando a doca vira desgovernada sob seus pés. – Você sempre foi uma moça ambiciosa, você...

– Eu amava Maura – Elena interrompe. Ela se volta para Inez mais uma vez, com lágrimas escorrendo pelas bochechas. – Permite que a ambição estragasse isso.

Inez se vira para Tess.

– Você não quer ser uma assassina.

– Não – Tess concorda. Ela hesita, apenas por um momento, e a esperança se acende no rosto de Inez. Mas então Tess lança um feitiço, e Inez cambaleia para trás, para o meio dos pilares em chamas. A saia molhada dela começa a fumegar, e ela berra e bate no tecido com as mãos enluvadas. Os pilares se rompem, deixando a doca desancorada, e ela perde o equilíbrio. Ela cai no rio, rodeada por pedaços de madeira estilhaçados e chamuscados.

– Eu não quero ser uma assassina, mas você me transformou nisso – diz Tess. Inez se agita por um momento, a capa e a saia preta inflam a seu redor. Tess pega a minha mão. – Acho que o Senhor vai me perdoar por isto.

Inez para de se agitar e parece ficar imóvel. Ela fica balançando na água por um instante. Então afunda feito uma pedra sob a água escura.

– Será... será que Maura sofreu? O que você acha? – Elena pergunta.

– Não – minto, e me lembro das lágrimas dela. Abraço Elena pela cintura com meu braço bom. – Ela estava em paz no fim. Como se estivesse indo dormir. E algumas das últimas palavras dela foram sobre você. Ela me disse que estava errada a respeito de Inez, mas que eu estava errada a respeito de você... que você era boa. Que você a fazia querer ser melhor.

Elena chora mais.

– Ela também era boa. Sei que cometeu alguns erros terríveis, mas...

– Nada disso interessa agora. – Percebo que falo sério. Maura não era santa, mas era minha irmã e, no fim, me salvou. Não vou me lembrar de nenhuma das dezenas de maneiras, graves ou não, como nós nos magoamos.

Tess também está chorando.

– Eu nunca vou me perdoar.

Olho para ela.

– Eu amo você, e ela também amava. Nós duas sabíamos que não era você.

Tess baixa a cabeça, e os cachos louros escondem seu rosto.

– Eu devia ter contado a você sobre a minha visão. Eu fiquei tão confusa... achei que estivesse ficando louca, e não queria que você soubesse. Nunca desconfiei, nem uma vez, que *Lucy*... e não podia me imaginar machucando você, mas a profecia... ah! – Ela então se dá conta. – Achei que nós poderíamos mudá-la. Eu queria que nós fôssemos capazes de mudá-la.

– Eu sei. – Solto Elena e puxo Tess para perto de mim, dou tapinhas em suas costas e faço uma careta quando minha palma da mão machucada dói.

– Precisamos levar você para a enfermaria – Elena diz ao reparar na minha tipoia improvisada. – Mei montou uma estação de enfermaria em um parque a alguns quarteirões daqui.

– Socorro! – Nossas cabeças se viram com o berro de Rilla. Olho para o estaleiro em chamas e para as pessoas que ainda lutam contra o fogo nos cortiços, mas não a vejo. Ela deve estar usando o truque de amplificação que usei em Finn no hospital. Isso aconteceu hoje à tarde mesmo? Parece que faz um ano. – Preciso de ajuda urgente, rua Setenta e Sete com rua do Rio, no orfanato da cidade.

Franzo a testa.

– Devem ter tirado todas as crianças de lá, com certeza, não? – O endereço indica um local a apenas três quarteirões do incêndio. – Temos que ir lá para ver o que podemos fazer.

– Será que não consigo convencer você a ir à enfermaria primeiro? – Elena pergunta. Meneio a cabeça e ela suspira. – Teimosa. Igualzinha à sua irmã nesse aspecto.

Todas sorrimos em meio às lágrimas, e nós três disparamos pelo píer e pela rua coberta com cinzas, pedaços de madeira e outros destroços do estaleiro. Os três quarteirões entre os cortiços e o orfanato são cheios de moradias de trabalhadores que não serão muito resistentes às chamas. As carroças dos bombeiros se deslocam pela rua. Alguns deles estão feridos, têm cortes e arranhões no rosto coberto de fuligem, e panos molhados amarrados nos braços e nas mãos, mas continuam trabalhando. Usam lenços amarrados na metade de baixo do rosto para fazer com que fique mais fácil respirar no meio da fumaça.

Rilla está parada na frente de um prédio de tijolos de cinco andares com uma placa prateada que o intitula o orfanato nº 3 da cidade de Nova Londres. Ela orienta os bombeiros e os participantes da brigada dos baldes e também as bruxas para que entrem no prédio.

Ela dá um sorriso rápido quando nos vê.

– Graças aos céus vocês chegaram! O Irmão Coulter, o diretor, trancou as crianças nos quartos.

– Por quê? – Tess quer saber.

– Porque as bruxas estão aqui fora e ele acha que nossa intenção é devorá-las – Rilla diz, ríspida. Ela joga as mãos para cima. – Sinceramente, ele prefere vê-las queimadas a descer à rua conosco. Achávamos que todas tinham sido tiradas daqui há um tempão, mas um bombeiro entrou para ter certeza e... deixe para lá. O negócio é que precisamos tirá-las dali. Temos bruxas destrancando algumas portas, e bombeiros e participantes da brigada derrubando outras.

Olho para as chamas alaranjadas e a fumaça grossa que está vindo em nossa direção.

– Há tempo para tudo isso? – Eu me lembro das crianças que Vi fez flutuar em segurança por cima da água da enchente. – Será que elas não podem pular das janelas se nós ajudarmos?

– Vou ganhar o máximo de tempo possível. – Tess estreita os olhos para o céu noturno. – Você consegue me colocar mais para o alto? No telhado, talvez?

– De jeito nenhum! Perdi uma irmã hoje. Não posso perder duas.

– Não vou permitir que centenas de crianças morram porque sou covarde demais para me colocar em perigo – Tess se irrita.

– Cate. – Finn aparece do lado do meu braço bom. Um grupo de Irmãos está atrás dele, e, por um momento, meu coração bate forte de medo. Será que estão aqui para prender a todos nós, *agora*? – O que podemos fazer para ajudar?

– Ver se há um jeito de colocar Tess no telhado para ela poder enxergar o incêndio melhor e tentar detê-lo até as crianças saírem – Rilla ordena. – Você e os Irmãos podem fazer isso?

– Claro. – Um homem louro e esguio com um lenço de seda verde amarrado no rosto coberto de fuligem assente e entra no prédio. – Vamos, cavalheiros!

Tess vai atrás deles, mas eu não.

– Todos esses homens são Irmãos?

Finn abre um sorriso acanhado.

– Seu pai e eu fomos às duas hospedarias onde a maior parte de nós está alojada para a reunião do Conselho. Muitos homens quiseram ajudar quando souberam de como as coisas estavam ficando ruins e como precisávamos de mais mão de obra. O restante está lutando contra o fogo a alguns quarteirões daqui.

Fico estupefata, e um pouco envergonhada de mim mesma por isso. Claro que nem todos os Irmãos ficariam assistindo e dando risada enquanto o bairro do rio queimava. Não é possível que todos sejam monstros.

– Eles não...? – eu engulo em seco. – Eles não fazem objeção à nossa magia?

– Não neste momento. – Finn dá de ombros. – Ou, se fizerem, não estão se opondo.

– Cate, eu preciso de você – Rilla diz.

– Vá. Eu cuido de Tess – Finn promete.

Rilla amplifica a voz mais uma vez.

– Crianças! Crianças que estão dentro do orfanato, olhem pelas janelas do lado oeste. Estão me vendo? – Rostinhos se apertam contra as vidraças das janelas, e ela acena para as crianças com um sorriso cheio de sardas. – Não tenham medo. Os bombeiros estão indo ajudar vocês. E as bruxas também. Não deem atenção para o que o bobo do Irmão Coulter disse a vocês. Quem está no quinto andar... queremos que abram as janelas. Podem fazer isso? – Algumas frestas incertas se abrem. – Abram mais. Abram tudo! Agora, quero ver quem é a pessoa mais corajosa do quinto andar. Quero que se debrucem na janela e acenem para mim.

Imediatamente, uma menina com marias-chiquinhas loiras se debruça pela janela na ala sul, acenando, e na ala norte um menino de cabelo escuro agita as mãos. Elena e eu disparamos para baixo das janelas e retribuímos o aceno. – Hmm. Não sei qual de vocês é mais corajoso – Rilla reflete. – Vamos descobrir. Estas são minhas amigas Cate e Elena. Se

vocês pularem, elas vão usar magia para ajudar a pousarem em segurança. Vocês nunca imaginaram como deve ser voar? Quem pular primeiro ganha.

O menino hesita. Deve parecer totalmente maluco pedir que pulem de cinco andares de altura e confiem que serão pegadas por bruxas, que as crianças sem dúvida aprenderam a odiar e temer. Mas a menina de mairias-chiquinhas empurra a janela para cima e sobe no peitoril. Ela usa um vestido azul-marinho e um avental branco, não deve ter mais de 10 anos.

– Lá vou eu! – grita ela.

A menina pula... e despenca na direção do chão. Ela berra. Eu uso minha magia e a aparo, desacelerando sua descida até que ela parece flutuar em vez de cair. Ela paira sobre o solo por um segundo e então pousa com suavidade.

– Você é uma bruxa de verdade! – Os olhos azuis dela estão arregalados; seu rosto, fascinado.

– Sou, sim – admito.

– Foi divertido! – Ela ergue os olhos para o menino de cabelo escuro, ainda emoldurado pela janela acima de Elena. – Vamos, Jamie! Não seja um gatinho assustado!

– Qual é o seu nome, querida? – Rilla pergunta.

– Mary Fowler. – A menina sorri.

Rilla ergue a voz.

– Mary Fowler é a menina mais corajosa de todo o orfanato! Quem quer ser o próximo?

Rory e Sachi chegam correndo ao meu lado.

– O fogo apagou perto do depósito ferroviário. Os trilhos serviram como corta-fogo natural – anuncia ela. – O que está acontecendo aqui? Por que as crianças ainda estão aí?

Explico o que o Irmão Coulter fez.

– Que bastardo. Eu gostaria de colocar as mãos nele – Rory bufar e, desta vez, Sachi não a repreende por causa da linguagem. À nossa esquerda, crianças vão saindo pela porta da frente. Algumas delas estão agarradas a cobertores ou bonecas de pano e, quando veem o céu de pesadelo e as chamas que lambem o prédio vizinho, começam a chorar. Bekah está à porta e as conduz pela rua.

Enquanto isso, Jamie pula e é aparado por Elena. Ele parece um pouco pálido, mas ergue os braços e comemora quando pousa.

– Vamos lá, pessoal! – grita ele quando outros rostos enchem as janelas.

– As meninas são mais corajosas que os meninos! – Mary berra e outra menininha se posiciona acima de mim.

– Minhas amigas Sachi e Rory também estão aqui para ajudar. Quatro crianças de cada vez, por favor – Rilla instrui, e Sachi e Rory acenam. – Vamos ver quem sai primeiro: meninos ou meninas!

As crianças fazem fila às janelas para pular. Sachi e eu pegamos todas as 37 meninas antes de Rory e Elena pegarem o trigésimo sétimo menino de quarenta. Algumas meninas comemoram enquanto os meninos derrotados fazem a maior confusão, mas a maior parte

parece reconhecer a gravidade da situação quando chega ao chão. Estas eram as alas que continham as crianças mais velhas do orfanato, entre 8 e 14 anos, e algumas imploram para entrar de novo para pegar irmãos e amigos mais novos.

Bekah agarra um menino determinado a salvar Susie, a irmã de 4 anos. Ele chuta e bate em Bekah até que um bombeiro o pega e o coloca na rua. Rilla tenta conduzir as crianças a uma taverna onde prometeu dar comida e abrigo a elas por enquanto, mas algumas se recusam terminantemente a ir antes de ver que os amigos também saíram. O reencontro é grandioso quando Susie finalmente aparece, uma entre várias crianças trazidas por Irmã Edith.

Daisy e a amiga Alexa saem correndo, cada uma carregando um bebê agitado.

– O telhado está pegando fogo do outro lado. Não temos muito tempo – Daisy nos informa, sem fôlego. Ela dá um bebê a Rilla, e Alexa entrega o outro a um dos órfãos mais velhos que esperam na rua. – Precisamos esvaziar o terceiro e o quarto andares... É onde estão as crianças de 4 a 7 anos, mais ainda há bebês e criancinhas no segundo andar. Precisamos formar uma brigada e trazê-los para fora.

Pronto. Não posso carregar bebês com o braço quebrado e não vou ficar apenas parada aqui.

– Vou subir no telhado para ajudar Tess – anuncio e entro correndo no prédio, apertando-me entre uma fileira de bombeiros, Irmãos e bruxas que passam os bebês com jeito de querubim de um braço a outro. A maior parte dos Irmãos tirou a capa preta no ambiente quente e apertado, e, sem elas, parecem... bom, parecem homens comuns em vez dos vilões dos meus pesadelos. Eles estão ajudando, com as mangas das camisas arregaçadas, o rosto coberto de fuligem e marcado de suor, indistinguíveis dos bombeiros, a não ser pelos anéis do cargo e pelo linguajar típico da classe alta.

Corro até a escada do fundo, que começa a se encher de fumaça. Subo os degraus pisando firme e faço uma pausa no patamar do terceiro andar, tentando encher os pulmões. Tusso e sigo em frente. No quinto andar, uma escadinha leva ao teto. Eu a subo com uma sensação de déjà-vu. Para dizer a verdade, não estou muito ansiosa para me colocar em outro telhado esta noite.

– Tess? – Ela está em pé, perto da beirada do telhado, olhando para a cidade. O ar parece perigosamente parado, do jeito que às vezes acontece antes de uma tempestade. Os músculos do pescoço e dos braços de Tess estão retesados em sua luta contra o vento. A ponta mais distante do telhado fumega, o fogo lambe as calhas. Finn e alguns outros homens (Irmãos? Integrantes da brigada de incêndio?) tentam apagá-lo. Água de um caminhão de bombeiro reposicionado sobe em arco até o telhado e forma uma poça no meio, mas não é suficiente.

Tess treme, cada grama de sua energia está concentrado em lutar contra o fogo, porém ela está perdendo terreno. Abre os olhos quando escuta meus passos.

– Deixe-me ajudar – eu digo e pego a mão dela.

Ela usa a magia que me resta e, com isso, quase toda a minha força. De repente eu preciso de uma quantidade impensável de esforço para ficar em pé. Meus olhos ardem e se enchem de lágrimas, e o som da minha própria respiração chiada me lembra os últimos momentos de Maura, o que me enche de terror. Olho para baixo quando uma carroça chega sacolejando e vários bombeiros saltam dela, correndo para colocar crianças na traseira. Eles precisam de mais tempo.

Cinzas caem por todo nosso redor. Cai um pouco no ombro de Tess e eu solto a mão dela um instante espanar o ponto fumegante antes que a capa pegue fogo. Ela mal reage. A carroça se afasta aos sacolejos pela rua lá embaixo, cheia de crianças maiores e bombeiros com bebês no colo, e então volta apressada alguns minutos depois. Bekah e Daisy erguem crianças para dentro da carroça. Rory sai pela porta da frente aos tropeços, trazendo Sachi pela mão. Meus olhos estão se fechando mais uma vez; minhas pernas tremem com o esforço de ficar em pé.

Tess bate com força atrás da minha cabeça.

– O seu cabelo! – ela berra e apaga uma fagulha.

– Não se preocupe comigo. *Concentre-se* – afirmo enquanto o vento ganha força ao nosso redor.

Finn vem correndo pelo telhado. Os outros bombeiros já foram embora.

– Precisamos sair todos daqui. Vamos, moças.

O galo atrás da minha cabeça dói bastante, e pontos dançam perante os meus olhos. Tento respirar fundo, mas tudo tem gosto de cinza e minha garganta queima. Está muito quente aqui em cima. Finn solta o lenço úmido da parte inferior de seu rosto – está parecido com um dos maquinistas de trem de um livro de Maura – e o amarra com cuidado sobre a minha boca. Isso me ajuda a respirar, mas eu me contorço quando ele encosta atrás da minha cabeça.

– Você está com um galo e tanto aí atrás. Consegue descer a escada?

– Tenho uma ideia melhor. – Tess vai até a beirada. – Elena! Você consegue nos pegar?

– Você está louca – balbucio. Mas uma rajada de vento faz as chamas chegarem mais perto da escadinha, e Elena está esperando lá embaixo.

Eu pulo.

É de apavorar. Não é igual a voar, de jeito nenhum... é como cair, como aquela sensação horrível de queda que acontece no meio do sono. Solto um berro quando a rua vai se erguendo embaixo de mim a uma velocidade assustadora. Minhas botas tocam no chão com bastante suavidade, mas meus joelhos cedem. Não sou tão corajosa quanto Mary Fowler, de 10 anos.

Rilla me abraça pela cintura para me firmar enquanto Elena ajuda Tess e depois Finn a descer.

– Precisamos levar você para a enfermaria. Parece prestes a desabar.

– Eu levo. – Finn me pega no colo e eu berro quando a dor se espalha pelo meu braço quebrado. – Desculpe, querida. Vou tentar tomar cuidado.

Ele me chamou de querida. Tento sorrir para ele, porém sai mais como uma careta.

– Estou levando Sachi até Mei também – Rory diz, marchando até nós e praticamente arrastando a irmã atrás de si. – Ela não consegue enxergar.

– É por causa da fumaça – Sachi afirma, mas os olhos dela estão vermelhos e ela parece não conseguir focar o olhar no rosto de Rory.

– Prue? – pergunto.

– Já está na enfermaria. Ela ficou com uma queimadura horrível nas costas – Sachi explica.

Torço a cabeça para Finn.

– O Pai?

– Levou alguns órfãos para o Green Dragon. Tess vai encontrá-lo lá. Eu levo você depois que estiver curada – Finn promete e sai caminhando pela rua. Olho por cima do ombro dele e engulo em seco. O orfanato já foi engolido pelas chamas.

Relaxo nos braços dele, tentando não me contorcer com as sacudidas dos passos, reconfortada pela vibração da voz dele no peito enquanto conversa com Rory. Quando chegamos ao parque, ele para e me pousa em um pedaço de grama. O parque está cheio de gente: feridos, com queimaduras, cortes e ossos quebrados; bruxas da Irmandade com alguma magia de cura; e mulheres da classe trabalhadora com habilidade de enfermagem. Finn usa sua capa para improvisar um travesseiro e o coloca embaixo da minha cabeça.

Ele se esparrama na grama ao meu lado e estica as pernas compridas.

– Três dos quatro incêndios foram apagados – anuncia ele. – E os bombeiros estão tentando apagar o fogo do outro lado do orfanato. Acho que vão apagar esse logo também. Poderia ser muito pior.

Ele tem razão, eu sei. As coisas *sempre* podem ser piores. Ainda assim, meus olhos se enchem de lágrimas.

– O que foi? – Ele se debruça por cima de mim. – Onde está doendo?

– Maura. – Fecho os olhos, mas as lágrimas escorrem por baixo dos meus cílios. – Ela está morta.

– Pelo bom Senhor. Como? – Finn pega minha mão.

Conto tudo a ele.

– Não havia nada que eu pudesse fazer além de ficar lá sentada com ela – digo. Finn enxuga as lágrimas que estão escorrendo na direção da minha orelha. – Eu sei que ela... ela foi horrível com você, e deve odiá-la, mas...

Eu desmorono quando a verdade se abate sobre mim. Se Finn não puder ficar de luto comigo... se ele ficar *contente* com a morte dela... não sei como poderemos sobreviver.

– Não. – Finn passa a mão pelo cabelo desgrenhado, fazendo com que pedacinhos de cinza flutuem no ar. – O que ela fez comigo... *conosco*... foi horrível. Mas, ainda assim, ela

era sua irmã, Cate.

– Eu amo você – eu sussurro. – Mas amava Maura também.

– Claro que sim. – Ele enxuga mais uma lágrima do meu rosto com o polegar.

Achei que não tinha mais como chorar, mas não. Finn me pega no colo mais uma vez e, alheio ao que é apropriado, me aperta contra ele e acaricia o meu cabelo enquanto eu soluço.

– As coisas vão mudar – diz ele. – Os Irmãos não podem continuar a condenar a bruxaria, não depois do que aconteceu hoje à noite. As pessoas não vão aceitar. Bruxas, gente do povo e Irmãos trabalharam juntos por toda a cidade. Olhe. Está acontecendo aqui mesmo, neste parque. As coisas vão ser diferentes depois de hoje à noite.

CAPÍTULO

22

DEZ DIAS DEPOIS, NÓS NOS REUNIMOS em Chatham para o enterro de Maura.

É estranho estar em casa quando, há duas semanas, eu achava que voltar seria impossível. É ainda mais estranho sem Maura. Fico esperando ouvir a voz dela me chamar para jantar, vê-la correndo escada abaixo para contar alguma cena maluca de um livro ou entrar no meu quarto para pedir que eu pendure uma faixa em um local que ela não consegue alcançar. Ontem à noite, eu me sentei à penteadeira dela, rodeada por velhas fitas de cabelo e o fantasma da risada dela. Na caixa de joias, encontrei uma pulseira de strass que ela usava o tempo todo quando era pequena (ela adorava o jeito como brilhava com o sol) e tive um ataque de choro.

Agora estou no cemitério da família, rodeada por túmulos dos Cahill e gente aos soluços, e meus olhos estão secos. À nossa direita está o túmulo da Mãe (*Anna Elizabeth Cahill, esposa amada e mãe dedicada*) e as cinco pequenas pedras que simbolizam os bebês que ela perdeu. Ao lado delas há uma cova aberta, um monte de terra e um caixão de mogno do qual desvio os olhos.

Elena está ao meu lado com seu melhor vestido de brocado preto. O Pai ficou surpreso quando pedi que ela fosse tratada como alguém da família, mas, quando eu disse a ele que Maura ia querer que fosse assim, ele logo concordou. Tess está do outro lado, com o rostinho pálido, junto do Pai, de nossa governanta, a Sra. O'Hare, e de nosso cocheiro, John. A Sra. O'Hare seca os olhos com um lençinho branco de babados, seus cachos grisalhos sobem e descem com o choro. Nós só contamos a ela ontem; ela não teve muito tempo de superar o choque da morte de Maura.

Não que nós já tenhamos nos acostumado.

Irmão Winfield se recusou a permitir que a missa de uma bruxa conhecida fosse celebrada em uma igreja propriamente dita, mas o Pai convenceu Irmão Ralston a fazer o culto. O Pai ficou furioso por nós termos sido banidas da igreja, mas não me incomodei. Maura teria preferido assim; ela odiou cada momento que passou naquele salão de madeira, escutando sermões a respeito da nossa maldade. É uma pena não podermos fazer a missa do enterro dela em uma livraria. Isso é o que ela teria gostado mais.

Irmão Ralston alisa suas costeletas castanhas, então limpa a garganta.

– Abençoados são aqueles que se enlutam – começa ele – porque serão reconfortados. Estamos aqui reunidos hoje para lembrar perante o Senhor a nossa Irmã Maura, para agradecer por sua vida...

Mordo o lábio. Para dizer a verdade, não me sinto disposta a agradecer neste momento. Transfiro o peso do corpo para a outra perna e meus pés esmagam a grama embaixo de mim. Nevou ontem, quando estávamos chegando a Chatham. O solo está coberto com quatro dedos de um branco açucarado que reluz sempre que o sol bate da maneira certa... igual à pulseira de strass guardada no bolso da minha capa.

Estou segurando uma rosa branca. Logo, vamos deixar nossas rosas caírem sobre o caixão, e os coveiros que o Pai contratou vão baixar Maura na terra. Parece impossível. Parece que a qualquer minuto ela vai irromper casa afora e correr colina acima, berrando: “Esperem por mim!”

Um monte de rosas brancas de estufa já está sobre o caixão, além de um enorme buquê de tulipas brancas importadas. Merriweather as enviou; devem ter custado uma fortuna. Ele não veio, mas mandou Prue com Sachi e Rory.

Dou uma olhada do outro lado da cova, onde estão as minhas amigas. Nem eu nem Mei fomos capazes de curar a infecção teimosa nos olhos de Sachi. Ela deve descansar a vista por completo: nada de leitura, nada de costura, nada que a force de jeito nenhum. Sachi nem devia estar sob o sol forte. Agora enxerga formas borradas, nada mais, e o especialista não tem certeza se algum dia ela vai recuperar a visão completamente. Mas Mei conseguiu curar as queimaduras de Prue, e Rory escapou ilesa do incêndio. Ela percebe que estou olhando pra ela e deixa a cabeça pender. Está usando uma pena branca no cabelo e, embaixo da capa preta, uma gola branca fica à mostra. Mei falou a ela sobre o costume indo-chinês de usar branco para o luto, e Rory resolveu adotá-lo para si. Diz que já passou tempo demais da vida usando preto.

Rilla e Vi também estão aqui. Rilla abraça Vi com jeito materno; ela está com os olhos tão inchados quanto os de Sachi, apesar de os dela serem de chorar. Há dois dias, comparecemos ao enterro do pai de Vi. Robert tentava salvar um menino preso em uma casa quando o teto desabou em cima dos dois. Ele era a única família que Vi tinha; agora ela é órfã.

Dou uma olhada no meu pai. Ele tem estado muito presente nestes últimos dias, não como aconteceu depois da morte da Mãe, quando ele desapareceu dentro de si mesmo. Quer passar a maior parte do tempo em Nova Londres agora; tem planos para alugar uma casa em Cardiff e pediu que Tess e eu fôssemos morar com ele. Estamos pensando no assunto. Para dizer a verdade, não estou muito acostumada a vê-lo tão solícito; ele está sendo igualmente reconfortante e irritante. Mas Tess gosta.

– O Senhor é o meu pastor e nada me faltará. Deita-me em verdes pastos e guia-me mansamente em águas tranquilas. Refrigerera a minha alma – o Irmão Ralston recita.

Minha mente entra no ritmo de “águas tranquilas”. Olho para o lago, coberto por uma camada grossa de gelo. Costumávamos patinar nele todo inverno quando éramos pequenas;

ou melhor, eu costumava, com nosso vizinho Paul McLeod, e às vezes Maura nos acompanhava. Eu sempre disputava corridas com Paul pelo lago, enquanto Maura fazia formas de oito graciosas no gelo e fingia ser uma bailarina.

Paul mandou uma nota carinhosa de condolências pela morte de Maura. Ele queria vir ao enterro, mas está de cama em Nova Londres, recuperando-se da febre. Achei que talvez a mãe dele fosse comparecer, mas Agnes McLeod é uma devota convicta. Se ela ouviu dizer o que Maura era... É provável que tenha torcido o nariz, feito o sinal da cruz e pensado que o mundo está melhor por se livrar de mais uma bruxa. Os jornais – até o porta-voz da Fraternidade, o *Sentinela* – têm estado cheios de notícias sobre o grande incêndio de Nova Londres e a loucura de Irmão Covington, que voltou a entrar em coma.

Irmão Brennan retornou do exílio e ordenou que dois tropéis de guardas se posicionassem no convento; não para restringir nossos movimentos, mas para nos proteger. Os jornais noticiaram a verdade chocante sobre a Irmandade, e ao passo que algumas pessoas estão cheias de gratidão pela nossa ajuda com o incêndio e a febre, outras continuam se apegando profundamente ao ódio. Rilla, Tess e eu fomos elogiadas nos relatos dos bombeiros por nossa bravura ao salvar as crianças do orfanato, teria sido o mesmo se tivessem pintado alvos nas nossas costas. Finn e o Pai prefeririam que eu tivesse guardas atrás de mim o tempo todo. Para esta viagem, eles deixaram a questão de lado, mas desconfio que ainda não tenhamos tido nossa última discussão a respeito do assunto.

Finn está com a mãe, a irmã e um Irmão barbado que eu nunca vi antes. Ele usa um sobretudo preto velho em vez da capa preta dos Irmãos, e seu cabelo cor de cobre brilha ao sol. Finn e eu não ficamos sozinhos desde o incêndio.

– Nós agradecemos ao Senhor por Maura, pelos anos que compartilhamos com ela, pelo bem que enxergamos nela, pelo amor que recebemos dela – o Irmão Ralston ora.

Eu também amo você, Cate. As últimas palavras de Maura, mais respiração do que som, se agitam na minha bochecha. Ergo os olhos para o céu sem nuvens, de um azul brilhante como os olhos de Maura, enquanto os outros presentes baixam a cabeça.

– Agora, dê-nos força e coragem para deixá-la sob Seus cuidados...

Não quero deixá-la aos cuidados do Senhor. Não posso deixar de sentir que Ele a abandonou. Ou talvez tenha sido eu que a abandonei. Eu me lembro da garota que costumava cantar músicas indecentes e tocar o bandolim quando o Pai estava fora; que passava tardes chuvosas com o chá esfriando, encolhida em seu assento à janela, encantada pelos feitos de duques e governantas; que fazia fantasmas saltarem do meu armário para me apavorar; que ficou vidrada nas sapatilhas de veludo e na roupa de baixo de cetim de Elena quando as duas se conheceram. A garota que, até o dia de sua morte, acreditou que sua magia era um dom, nunca uma maldição.

Maura estava longe de ser perfeita, mas o mesmo vale para mim.

Independentemente do que eu faça, nunca parece suficiente. Eu quero muito proteger as pessoas que amo do perigo, mas meu amor não é forte o bastante.

Como eu posso aprender a fazer as pazes com isso? Como alguém é capaz?

Morreram 57 pessoas na noite do incêndio; centenas de lares foram destruídos. O pior incêndio – aquele que consumiu o orfanato – foi apagado na quarta-feira à noite, 24 horas depois de ter começado. Poderia ter sido muito pior, eu sei. Se as bruxas não tivessem imobilizado nem compelido os guardas a abrir os postos de checagem da quarentena... se Alice não tivesse apagado o fogo na colina Bramble... se as carroças de bombeiro não tivessem chegado aos incêndios mais próximos do bairro comercial com tanta rapidez... se os trilhos de trem não tivessem fornecido um corta-fogo natural... se Tess não tivesse contido os ventos até que o orfanato fosse evacuado... centenas de pessoas poderiam ter morrido.

Ainda assim, o preço para a Irmandade parece ter sido alto. Alice morreu depois de derrubar a caixa-d'água. Genie e Maud, as duas com apenas 15 anos, foram mortas quando um prédio desabou. Uma das refugiadas de Harwood, a pequena Sarah Mae, teve queimaduras sérias quando tentou salvar um gatinho. A perna de Livvy teve uma lesão tão grave que não pudemos curá-la; o médico não tem certeza se ela vai poder voltar a andar sem mancar. A idosa Irmã Evelyn teve um ataque de apoplexia e está acamada no convento. E Irmã Gretchen levou um tiro fatal de um soldado quando tentou abrir um dos pontos de checagem.

– Nós agora entregamos o corpo dela à terra: do pó viemos, ao pó voltaremos... – o Irmão Ralston diz, e eu me sobressalto e volto a prestar atenção. Evitei olhar para o caixão, mas agora está na hora de colocar nossas rosas sobre ele. O Pai é o primeiro. Depois, Tess. Então é a minha vez.

Os olhos de todos estão em mim. Não é assim tão difícil, Cate. Coloque um pé na frente do outro. São apenas cinco passos.

Eu chego até o caixão, então parece que não consigo me mover. Fico lá, paralisada, com a respiração presa no peito. O pânico enfia seus dentes afiados em mim. Eu me sinto muito tola, segurando com firmeza a rosa na mão sem luva, olhando cega para o caixão da minha irmã. Eu não sou o tipo de garota que desmorona, nem em momentos assim. Mas o meu corpete parece apertado demais e eu não consigo respirar e...

Passos esmagam a grama e alguém pega o meu braço. Uma mão sardenta. Manchada de tinta azul, tira a rosa dos meus dedos fechados e a coloca com delicadeza em cima do caixão. Finn me acompanha de volta à minha família e me abraça pela cintura.

– Respire – sussurra ele com os lábios muito próximos da minha orelha.

A voz do Irmão Ralston finalmente cessa, e o cortejo começa a voltar para a casa. Ouço as pessoas oferecendo condolências ao Pai e a Tess. Eu devia me apressar e ajudar a Sra. O'Hare a servir a comida. Mas a ideia de jogar conversa fora com os nossos vizinhos me apavora, e sei que Marianne, Clara e Rilla estarão prontas para ajudar.

Finn não me apressa.

– Tome todo o tempo de que precisar. – Por trás dos óculos, seus olhos castanhos estão solenes. – Eu estou aqui. Ou posso me afastar, se quiser ficar um momento sozinha.

– Não sei qual é o meu problema. – Eu corro, me afasto dele e me encolho toda. – Eu não desmoronei quando a Mãe morreu. Maura e Tess precisavam de mim. Eu não podia desmoronar.

O cenho de Finn se franze formando um V invertido.

– Você perdeu sua irmã, Cate. Ficar de luto por ela não faz com que você seja fraca. Eu chorei quando meu pai morreu. Talvez não seja muito masculino admitir, mas eu chorei. Você me desconsidera por causa disso?

Ergo os olhos para ele.

– Claro que não.

– Então pare de ser tão dura consigo mesma. – Ele enfia uma mecha de cabelo louro atrás da minha orelha. – Só se passaram dez dias. Você precisa de tempo. – Enfio as mãos nos bolsos da capa, arrasada, e ele dá risada. – Essa foi a coisa errada a se dizer, não foi? Às vezes o seu rosto é tão transparente quanto vidro.

Eu nunca fui boa com palavras, não como Tess, mas agora elas se derramam para fora de mim, cruas e urgentes.

– Não posso deixar de me sentir perdida, de algum modo. Eu *prometi*, Finn. Prometi à Mãe que iria cuidar das duas, mantê-las em segurança, e essa promessa foi tudo para mim nos últimos quatro anos. E, depois, tinha a profecia. Há meses não passo um único dia sem pensar nela, mas eu não pude detê-la, e agora Maura se foi e... eu não sei! – eu me entrego.

– Agora não sabe o que fazer? – Finn sugere.

– É – eu sussurro. – Sou terrível por pensar isso?

– Você nunca é nem a metade tão terrível quanto pensa que é – jura ele, sorrindo para mim. – Na verdade, eu queria conversar com você sobre isso, mas não tinha certeza se era o momento certo.

– Sobre eu ser terrível? – Meus lábios formam um... não exatamente um sorriso. Mas perto disso. Eu me viro, reparando no Irmão barbado que está no gazebo. – Quem é aquele?

– Ah. Eu queria apresentar vocês dois. Ele precisa voltar para Nova Londres, mas queria prestar condolências. – Finn ajusta os óculos. – É Sean Brennan.

– Irmão Brennan? – sinto um calafrio. – Ele ficou lá no frio, esperando por mim?

Brennan vê que nós estamos nos aproximando e dá um passo à frente.

– Senhorita Cahill. – Ele faz uma mesura. – Sinto muito por sua perda.

– Obrigada. – Faço uma pausa, sem saber se devo me ajoelhar para receber a bênção contumaz. No fim, não me ajoelho. – E obrigada por ter vindo. Arrisco dizer que o senhor tem coisas mais importantes a fazer.

Ele meneia a cabeça. Deve ter uns 35 anos, com barba castanha cortada curta e olhos castanhos bondosos. Rugas de risada se irradiam de sua boca e surgem dos cantos de seus olhos.

– Na verdade, falar com a senhorita era uma das primeiras coisas na minha agenda. Mas não atrapalhar o seu luto. Se não se sente preparada para conversar...

Ignoro as afirmações educadas dele.

– O senhor viajou até aqui. Eu gostaria de ouvir o que tem a dizer.

– Muito bem. – Ele cruza as mãos na frente do corpo. – Voltei para a cidade no dia seguinte ao incêndio e, desde então, tenho me reunido com membros da Resistência e também com integrantes do Conselho Nacional, tentando saber como será daqui para a frente. As ordens de Covington relativas à quarentena e aos incêndios foram uma farsa. Mesmo antes disso, o povo já estava insatisfeito com as medidas mais recentes dos Irmãos. – Ele lança um olhar para Finn. – Medidas contra as quais eu votei. Irmão Belastra pode confirmar.

– *Senhor* – Finn o corrige. – Eu abandonei a Fraternidade.

– Ainda tenho esperança de fazê-lo mudar de ideia em relação a isso. Um homem com seu caráter nos seria útil – Brennan diz antes de retornar a atenção para mim. Um ou outro Irmão com quem me encontrei me tratou com condescendência casual, achando que sou algum tipo de criatura desmiolada e submissa... ou que deveria ser. Mas ele fala comigo com o mesmo respeito tranquilo que direciona a Finn. – Acho que cancelar a medida contra o trabalho das mulheres fará ampla diferença na vida de famílias comuns. Estou planejando disponibilizar auxílio para aqueles que tenham sido mais atingidos pelo incêndio e pela febre. Assim que possível, eu gostaria de aprovar uma nova medida fazendo com que a bruxaria se torne legal.

Dou meu primeiro sorriso verdadeiro em dias.

– Isso seria maravilhoso.

– Eu compreendo que, no passado, a compulsão tenha sido um mal necessário para garantir sua própria segurança. Mas, daqui para a frente, será ilegal: um crime julgado por júri comum e sujeito a sentença de prisão. Qualquer delito dessa natureza cometido antes de a medida ser aprovada será perdoado. – O tom de Brennan é solene. – Isso lhe parece justo?

– Parece. Se eu puder ajudar em alguma coisa... se precisar de uma recomendação para uma ponte entre as bruxas e o governo... – começo a dizer.

– Na verdade, eu esperava que a senhorita fosse essa ponte – Brennan interrompe. – Foi altamente recomendada por Alistair Merriweather. Sinceramente, minha esperança era que fosse mais do que uma ponte... que se juntasse a nós em um novo conselho de governo. Já provou que tem em mente os melhores interesses de Nova Londres, senhorita Cahill.

Olho para Finn com os olhos arregalados e depois volto mais uma vez a Brennan.

– Eu... agradeço, senhor. Fico lisonjeada. Mas isso nunca foi uma aspiração minha. No entanto, se desejar ter uma bruxa no Conselho, conheço alguém que será perfeita para a posição. A minha governanta, Elena Robichaud. Ela está voltando para a casa agora mesmo. – Aponto para Elena e a Sra. Corbett caminhando pelo jardim.

Brennan assente.

– Belastra achou que fosse recusar, mas eu tinha que perguntar. Vou ficar contente de conversar com a senhorita Robichaud. – Ele hesita. – Há mais uma questão. De acordo com

a profecia, uma das irmãs Cahill é o oráculo. Se algo vier à tona... algo que eu ou o governo da Nova Inglaterra deva saber... espero que me procure. Em troca, farei o possível para honrar sua privacidade.

Assinto, surpresa com o comedimento dele.

– Acho que isso pode ser providenciado. Obrigada, senhor.

– Eu é que agradeço, senhorita Cahill, por permitir que tratemos de política em um dia tão triste. Vou me retirar agora. – Ele faz uma mesura para Finn e segue pela colina coberta de neve na direção de Elena.

– Ele é um bom homem – Finn diz. – A Nova Inglaterra vai ficar muito melhor com ele no comando.

Passo o dedo pela neve na cerquinha de madeira. Maura ficaria feliz com isto. Cautelosa em relação à ideia de trabalhar com os Irmãos, é claro, e um pouco desconfiada em relação a qualquer conselho que envolvesse dois homens e uma mulher. Mas legalizar a magia... isso conquistaria a confiança dela.

– Tem certeza de que não quer trabalhar com ele?

– Já tive minha dose de política. – Finn sorri. – Merriweather poderá vender a *Gazeta* normalmente agora, sabe? Ele me convidou para trabalhar de repórter.

– Isso é maravilhoso. – Retribuo o sorriso, apesar de o meu coração se apertar um pouco. Finn já tomou sua decisão, sem conversar comigo? – Ele também ofereceu um emprego a Rilla. Ela está animadíssima.

– E você? – Finn pergunta. – Quais são os seus planos?

Meu sorriso se dilacera.

– Eu... eu ainda não tenho certeza. – Eu me viro para outro lado, tentando esconder minha decepção. Achei que ele tinha entendido como eu me sinto desnorteada sem Maura e com o Pai... bom, agindo como pai de verdade para Tess. – Eu gostaria de fazer mais trabalhos de cura. Como enfermeira, talvez.

– Mas tem intenção de voltar para Nova Londres? – Finn pressiona.

– Faz diferença? – Imediatamente me odeio pelo tom gélido da minha voz.

– Faz, sim. – Ele pega meu cotovelo e me vira de frente para si. – Cate, eu não posso dizer o que você quer escutar. Não ainda. Quero que você saiba que... *quando* eu disser, vai ser sério. Completamente. Irrevogavelmente.

– Quando? – eu pergunto, com a voz baixinha, mas cheia de esperança. – Não *se*?

– Quando. – Ele pega minha mão fria. – Cada dia estou me apaixonando mais por você. Não sei se pelas mesmas coisas pelas quais eu amava em você antes, mas agora... o pouquinho de ruivo no seu cabelo. A maneira de empinar o queixo quando está irritada, como se estivesse atacando em uma batalha. De proteger com firmeza as pessoas que são importantes para você. A sua capacidade enorme de perdoar. Você é uma mulher fantástica, Cate Cahill. E por causa disso...

Ele tira algo do bolso e estende para mim. A pedra preciosa vermelha reflete o sol. É o anel de rubi da mãe dele... o anel que ele me deu quando pediu a minha mão... só que agora está preso a uma corrente de prata. – Encontrei isto na minha mesa de trabalho. É minha promessa a você de que vamos traçar nosso caminho de volta até o ponto onde estávamos... ou a algum lugar melhor. Você fica com ele e o mantém em segurança até eu pedir para que o coloque no dedo?

Eu não sabia que felicidade e tristeza podiam se misturar tanto assim.

– Fico, sim. – Eu me viro, e ele coloca a corrente no meu pescoço. Seguro o anel no punho fechando por um segundo, então deixo que caia entre os meus seios.

Quando me viro para ele mais uma vez, seus olhos castanhos absorvem cada pedacinho meu.

– Posso beijar você?

Eu me joga em cima dele, com a boca buscando a dele. Ele passa o dedo pelo meu pescoço nu, eu estremeço e me aperto mais contra ele.

– Não se eu beijar você primeiro – eu sussurro entre seus lábios.

Um pouco depois, caminhamos de mãos dadas pela colina coberta de neve e atravessamos o jardim. Fico surpresa por o Pai ainda não ter mandado alguém para me buscar, já que anda paternal ultimamente. Mas, quando passamos pelo jardim de rosas, uma voz chama.

– Cate? É você? – É Tess.

Finn aperta minha mão.

– Vou entrar, assim vocês duas podem ficar a sós.

– Obrigada. – Entro no jardim de rosas: é o nosso santuário, um dos nossos lugares seguros. Tess tirou a neve do banco de mármore ao pé da estátua de Atena. Minha irmã parece estar com frio e arrasada; seus ombros estão encurvados e seus lábios, levemente roxos. – O que está fazendo aqui?

– Eu queria ficar sozinha. – Ela faz um gesto para as cercas vivas altas que rodeiam o jardim; ninguém nos enxerga da casa. Eu hesito, mas ela dá um tapinha no banco. – Você não conta, boba.

Eu me acomodo ao lado dela.

– Como você está?

Os lábios dela se apertam.

– Triste. Culpada. Feliz. E depois culpada mais uma vez.

– Quero saber sobre a parte feliz – peço.

– O Pai disse que Vi pode morar com a gente na casa nova. Ele acha que encontrou o lugar perfeito... disse que tem um cômodo que daria uma biblioteca fantástica, e um dos quartos tem um torreão com um assento à janela, e ele disse que pode ser o meu. E tem uma cozinha grande, e ele disse que a senhora Muir, a empregada de Nova Londres, não vai se incomodar se eu ficar fuçando por lá. Ele até disse que Vi pode levar o gatinho dela. – Uma

sombra passa pelo rosto de Tess. – Eu queria que Vi ficasse comigo. Nós nos tornamos tão próximas nos últimos meses, dividindo o quarto. Quase como irmãs. Só que... você acha que Maura ia pensar que estou tentando substituí-la?

– Não. – Meneio a cabeça com firmeza. – Ela não acharia que pode ser substituída com tanta facilidade.

– E não pode. – Tess alisa sua capa preta. – Vou sentir saudade dela para sempre.

– Eu sei. – Coloco a mão em cima da de Tess e ficamos lá um momento, em silêncio, juntas.

– Parte de mim sente que eu não quero voltar a executar magia – Tess confessa. – Não executo desde o incêndio.

– O quê? – Olho fixo para ela. – Não é isso que Maura ia querer. Ela adorava *ser* bruxa. Às vezes, eu tinha inveja de como ela ficava feliz com isso, principalmente quando eu sentia que minha magia era um fardo tão terrível.

Tess se inclina para a frente e apoia os cotovelos nos joelhos.

– Você ainda acha isso, que magia é uma maldição?

– Não. – Fico um pouco surpresa de ver que estou falando a verdade.

O suspiro pesado de Tess sopra cachos louros para longe do rosto.

– Eu só consigo pensar nas coisas terríveis que fiz. Não sei como a magia pode voltar a ser divertida.

Uma lembrança me vem quando olho ao redor, para o jardim desolado no inverno.

– Afinal, de que adianta ter poderes se não podemos usá-los para deixar as coisas mais bonitas? – pergunto, irônica.

Lanço um feitiço, e os botões de rosa se abrem coloridos: cor-de-rosa forte e flores vermelho-escarlata emolduradas por folhas de um verde profundo.

Tess franze a testa.

– Eu disse isso? Parece algo que eu diria.

– Disse, e estava absolutamente correta. Como sempre. – Faço um gesto na direção dela.

– Sua vez.

Ela hesita.

Dou uma cotovelada nela.

– Estou desafiando você. Maura faria a mesma coisa se estivesse aqui.

Tess se levanta, e, por um minuto, acho que ela vai fugir. Então ela se vira, e a estátua de Atena está usando uma saia branca de clematite. Tess dá uma risadinha.

Lanço um feitiço, e Atena ganha um chapéu gigantesco de girassol.

Tess lança um encanto e há narcisos amarelos *por todos os lados*. O arauto da primavera. A flor preferida de Maura. Eles surgem entre os botões de rosa, cobrem o banco de mármore e pontuam o caminho que sai do jardim de flores. Damos uma olhada e vemos um tapete deles se estendendo colina acima.

Tess sorri.

- Você vai me mandar deixar como era? Estou desrespeitando as regras, sabe?
- Não. - Inalo o perfume de verão de rosas selvagens e sinto meu coração ficar mais leve.
- Essas regras não valem mais para nós.

AGRADECIMENTOS

MANDAR UMA SÉRIE PARA O MUNDO é resultado de um enorme trabalho em equipe. Agradeço a todos aqueles que apoiaram a série *As Crônicas das Irmãs Bruxas* desde o começo. Agradecimentos especiais a:

Jim McCarthy, meu agente, por seus conselhos sábios a cada passo do caminho.

Ari Lewin, minha editora. Trabalhar com você me ensinou muito; sou uma escritora melhor pela maneira como você me impulsionou. Obrigada por amar minhas meninas bruxas quase tanto quanto eu amo.

Katherine Perkins, por sua ajuda editorial e pelas dezenas de coisas por trás dos panos que eu nem sei. Anna Jarzab, Elyse Marshall, Jessica Shoffel e o restante das equipes de marketing e assessoria de imprensa, por ajudarem a conectar os livros aos leitores. Todas as outras pessoas da Penguin, por todo o trabalho árduo e o entusiasmo com as bruxas Cahill.

Andrea Cremer, Marie Lu e Beth Revis, minhas maravilhosas irmãs Sem Fôlego, por me fornecerem modelos para o tipo de autora – e de pessoa – que desejo ser.

Liz Richards, Fiona Paul e Kim Liggett, por estarem na linha de frente dos meus e-mails desesperados.

Minhas fantásticas parceiras críticas: Kathleen Foucart, Andrea Colt, Miranda Kenneally, Caroline Richmond, Tiffany Schmidt e Robin Talley, por lerem tão rápido e por me dizerem quando eu faço vocês chorarem. (Oba!) Também por retiros cheios de vinho, queijo e fofoca. Vocês são o máximo.

Minha família e meus amigos, que foram defensores tão maravilhosos de mim e do meu trabalho, e que distribuíram marcadores de livros em cada oportunidade.

Meu marido roteirista brilhante, que fica pensando comigo às quatro da manhã, quando preferia estar dormindo. Obrigada por me ajudar a desatar os nós do enredo. Eu amo você.

Este livro é dedicado às minhas irmãs, Amber e Shannon. Há quatro anos, eu tive um sonho de que estávamos brigando por causa de uma gargantilha mágica da nossa mãe. Apesar de não haver nenhuma gargantilha mágica nestes livros, foi aí que me bateu a ideia de escrever sobre a mistura complicada de amor e rivalidade entre irmãs. Obrigada por ajudarem a inspirar Maura e Tess.

E para as minhas amigas Jenn Reeder, Jill Coste, Liz Auclair e Laura Furr, que são as irmãs do meu coração – obrigada por sempre me darem apoio, por comemorar os altos e lamentar os baixos. Eu estaria perdida sem vocês, e é por causa de vocês que foi impossível imaginar um mundo em que Cate não tem amigas brilhantes e talentosas.

Aos bibliotecários, livreiros, representantes de vendas e blogueiros que recomendam meus livros e os colocam nas mãos dos leitores – muito obrigada, um milhão de vezes. Vocês são meus heróis.

E, por último, mas nunca finalmente, aos meus leitores. Escrever esta série para vocês foi um sonho que se tornou realidade. Obrigada por compartilharem a jornada de Cate e suas irmãs comigo.

SOBRE A AUTORA

© Anne Chan



JESSICA SPOTSWOOD cresceu em uma cidade no interior da Pensilvânia, onde podia ser vista nadando, tocando clarineta, ensaiando para as peças da escola ou, principalmente, com o nariz enfiado nos livros. Escreve desde pequena, mas acabou se formando em artes cênicas. Mora em Washington com o marido dramaturgo e um gato chamado Monkey.

www.jessicaspotswood.com

CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO



Mar da Tranquilidade

Katja Millay

Nastya Kashnikov foi privada daquilo que mais amava e perdeu sua voz e a própria identidade. Agora, dois anos e meio depois, ela se muda para outra cidade, determinada a manter seu passado em segredo e a não deixar ninguém se aproximar.

Mas seus planos vão por água abaixo quando encontra um garoto que parece tão antissocial quanto ela. É como se Josh Bennett tivesse um campo de força ao seu redor. Ninguém se aproxima dele, e isso faz com que Nastya fique intrigada, inexplicavelmente atraída por ele.

A história de Josh não é segredo para ninguém. Todas as pessoas que ele amou foram arrancadas prematuramente de sua vida. Agora, aos 17 anos, não restou ninguém. Quando o seu nome é sinônimo de morte, é natural que todos o deixem em paz. Todos menos seu melhor amigo e Nastya, que aos poucos vai se introduzindo em todos os aspectos de sua vida.

À medida que a inegável atração entre os dois fica mais forte, Josh começa a questionar se algum dia descobrirá os segredos que Nastya esconde – ou se é isso mesmo que ele quer.

Eleito um dos melhores livros de 2013 pelo School Library Journal, *Mar da Tranquilidade* é uma história rica e intensa, construída de forma magistral. Seus personagens parecem saltar do papel e, assim como na vida, ninguém é o que aparenta à primeira vista. Um livro bonito e poético sobre companheirismo, amizade e o milagre das segundas chances.



O nome do vento

Patrick Rothfuss

(série A Crônica do Matador do Rei)

Ninguém sabe ao certo quem é o herói ou o vilão desse fascinante universo criado por Patrick Rothfuss. Na realidade, essas duas figuras se concentram em Kote, um homem enigmático que se esconde sob a identidade de proprietário da hospedaria Marco do Percurso.

Da infância numa trupe de artistas itinerantes, passando pelos anos vividos numa cidade hostil e pelo esforço para ingressar na escola de magia, *O nome do vento* acompanha a trajetória de Kote e as duas forças que movem sua vida: o desejo de aprender o mistério por trás da arte de nomear as coisas e a necessidade de reunir informações sobre o Chandriano – os lendários demônios que assassinaram sua família no passado.

Quando esses seres do mal reaparecem na cidade, um cronista suspeita de que o misterioso Kote seja o personagem principal de diversas histórias que rondam a região e decide aproximar-se dele para descobrir a verdade.

Pouco a pouco, a história de Kote vai sendo revelada, assim como sua multifacetada personalidade – notório mago, esmerado ladrão, amante viril, herói salvador, músico magistral, assassino infame.

Nesta provocante narrativa, o leitor é transportado para um mundo fantástico, repleto de mitos e seres fabulosos, heróis e vilões, ladrões e trovadores, amor e ódio, paixão e vingança.

Mais do que a trama bem construída e os personagens cativantes, o que torna *O nome do vento* uma obra tão especial – que levou Patrick Rothfuss ao topo da lista de mais vendidos do *The New York Times* – é sua capacidade de encantar leitores de todas as idades.



O temor do sábio

Patrick Rothfuss

(série A Crônica do Matador do Rei, vol. 2)

O temor do sábio, segundo dia de A Crônica do Matador do Rei, é a instigante transformação de um menino em homem, herói e assassino.

Kvothe está de volta à Universidade, onde sua inteligência brilhante lhe garantiu um crescimento meteórico. Agora ele encara o desafio de estudar nomeação com o Mestre Elodin, enquanto vive um eterno jogo de sedução e desencontros com Denna, a mulher por quem é secretamente apaixonado.

No entanto, seu temperamento difícil e a crescente rixa com seu rival Ambrose continuam metendo-o em encrencas, até que um dos professores o adverte de que seria melhor que ele se afastasse de lá por um período.

Kvothe parte numa jornada de aventuras, na qual salvará a vida de um homem “mais rico que o rei de Vint”, combaterá bandidos perigosos na floresta, aprenderá a lutar com os mercenários ademrianos, salvará mocinhas de estupradores e precisará vingar a honra de sua tribo, os Edena Ruh.

Também conseguirá um feito sem precedentes: sairá são e salvo de um encontro com Feluriana, um ser dos Encantados e a mulher mais linda do mundo, que seduz os homens e depois os mata ou enlouquece.

Kvothe se descobrirá capaz de invocar o nome do vento sempre que necessário. Em seus primeiros passos como herói, ele adquire muito mais amadurecimento e poder do que jamais poderia imaginar possuir.



A música do silêncio

Patrick Rothfuss

Debaixo da Universidade, bem lá no fundo, há um lugar escuro. Poucas pessoas sabem de sua existência, uma rede descontínua de antigas passagens e cômodos abandonados. Ali, bem no meio desse local esquecido, situado no coração dos Subterrâneos, vive uma jovem.

Seu nome é Auri, e ela é cheia de mistérios.

A música do silêncio é um recorte breve e agriçoce de sua vida, uma pequena aventura só dela. Ao mesmo tempo alegre e inquietante, esta história nos oferece a oportunidade de enxergar o mundo pelos olhos de Auri. E nos dá a chance de conhecer algumas coisas que só ela sabe...

Neste livro, Patrick Rothfuss nos leva ao mundo de uma das personagens mais enigmáticas da série *A Crônica do Matador do Rei*. Repleto de segredos e mistérios, *A música do silêncio* é uma narrativa sobre uma jovem ferida em um mundo devastado.



Água para elefantes

Sara Gruen

Desde que perdeu sua esposa, Jacob Jankowski vive numa casa de repouso, cercado por senhoras simpáticas, enfermeiras solícitas e fantasmas do passado. Durante 70 anos Jacob guardou um segredo: nunca falou a ninguém sobre o período de sua juventude em que trabalhou no circo. Até agora.

Aos 23 anos, Jacob era um estudante de veterinária, mas teve sua vida transformada após a morte de seus pais num acidente de carro. Órfão, sem dinheiro e sem ter para onde ir, ele deixa a faculdade antes de fazer as provas finais e, desesperado, acaba pulando em um trem em movimento, o Esquadrão Voador do circo Irmãos Benzini, o Maior Espetáculo da Terra.

Admitido para cuidar dos animais, Jacob sofrerá nas mãos do Tio Al, o empresário tirano do circo, e de August, o ora encantador, ora intratável chefe do setor dos animais.

É também sob as lonas que ele se apaixona duas vezes: primeiro por Marlena, a bela estrela do número dos cavalos e esposa de August; e depois por Rosie, a elefanta aparentemente estúpida que deveria ser a salvação do circo.

Água para elefantes é tão envolvente que seus personagens continuam vivos muito depois de termos virado a última página. Sara Gruen nos transporta a um mundo misterioso e

encantador, construído com tamanha riqueza de detalhes que é quase possível respirar sua atmosfera.



A maldição do tigre

Colleen Houck

Kelsey Hayes perdeu os pais recentemente e precisa arranjar um emprego para custear a faculdade. Contratada por um circo, ela é arrebatada pela principal atração: um lindo tigre branco.

Kelsey sente uma forte conexão com o misterioso animal de olhos azuis e, tocada por sua solidão, passa a maior parte do seu tempo livre ao lado dele.

O que a jovem órfã ainda não sabe é que seu tigre Ren é na verdade Alagan Dhiren Rajaram, um príncipe indiano que foi amaldiçoado por um mago há mais de 300 anos, e que ela pode ser a única pessoa capaz de ajudá-lo a quebrar esse feitiço.

Determinada a devolver a Ren sua humanidade, Kelsey embarca em uma perigosa jornada pela Índia, onde enfrenta forças sombrias, criaturas imortais e mundos místicos, tentando decifrar uma antiga profecia. Ao mesmo tempo, apaixona-se perdidamente tanto pelo tigre quanto pelo homem.

A maldição do tigre é o primeiro volume de uma saga fantástica e épica, que apresenta mitos hindus, lugares exóticos e personagens sedutores. Lançado originalmente como e-book, o livro de estreia de Colleen Houck ficou sete semanas no primeiro lugar da lista de mais vendidos da Amazon, entrando depois na do *The New York Times*.



O resgate do tigre

Colleen Houck

Após abandonar seu grande amor na Índia, Kelsey Hayes volta para o Oregon e se esforça para juntar os pedaços de seu coração. Porém, por mais que tente levar uma vida normal ocupando seu tempo com a faculdade, novos amigos e pretendentes, seus pensamentos teimam em retornar para as selvas exuberantes, as cachoeiras cintilantes e os olhos azul cobalto de seu tigre.

Enquanto sonha com o dia em que Ren atravessará o oceano atrás dela, Kelsey não imagina que é caçada pelo maior dos malfeitores, que está mais uma vez com sede de poder. Presa a um turbilhão de provações, ela é arrancada daquele que ama e lançada nos braços de outro.

Forçada a partir imediatamente numa segunda busca, Kelsey encontra o paraíso no Tibete e vive seu pior pesadelo ao retornar para a Índia.

Com grandes revelações e reviravoltas, *O resgate do tigre* dá continuidade à saga épica *A maldição do tigre*, que já foi lançada em 18 países.



A viagem do tigre

Colleen Houck

Em sua terceira busca, a jovem Kelsey Hayes e seus tigres precisam vencer desafios incríveis propostos por cinco dragões míticos. O elemento comum é a água, e o cenário de mar aberto obriga Kelsey a enfrentar seus piores temores.

Dessa vez, sua missão é encontrar o Colar de Pérolas Negras de Durga e tentar libertar seu amado Ren tanto da maldição do tigre quanto de sua repentina amnésia. No entanto o irmão dele, Kishan, tem outros planos, e os dois competem por sua afeição, além de afastarem aqueles que planejam frustrar seus objetivos.

Neste livro, Ren e Kishan retomam a jornada em direção ao seu verdadeiro destino numa história com muito suspense, criaturas encantadas, corações partidos e ação de primeira.



O destino do tigre

Colleen Houck

Kelsey, Ren e Kishan sobreviveram a três aventuras dramáticas e muitas provações. Mas, antes que possam partir na busca pelo último presente da deusa Durga, têm que enfrentar o feiticeiro Lokesh em seu próprio território.

O vilão sequestrou Kelsey e já detém o poder de três amuletos. Ela precisa escapar de suas garras para quebrar a maldição do tigre, libertando seus amados príncipes. Esse, porém, é apenas o início da história em que escolhas difíceis e decisivas devem ser feitas por todos.

O elemento principal agora é o fogo, e em meio a lava, demônios, animais fantásticos e zumbis, o trio enfrenta seu derradeiro desafio. O caminho é arriscado e cheio de reviravoltas potencialmente fatais. Só uma coisa é certa: ninguém pode fugir de seu destino.

A saga dos tigres chega ao auge. Nunca antes Kelsey, Ren e Kishan sofreram tanto, estiveram tão unidos e precisaram lutar contra inimigos com tamanho poder. Emocionante do início ao fim, *O destino do tigre* explica todos os mistérios que unem os personagens e promete surpreender os leitores.



A promessa do tigre

Colleen Houck

Mais de 300 anos antes de Kelsey Hayes surgir na vida de Ren e Kishan, uma jovem cruzou o caminho dos príncipes. Seu amor por um deles mudou o curso da história e o destino da família Rajaram.

Criada longe dos olhos da corte, isolada do convívio no castelo, Yesubai luta para suportar os maus-tratos do pai e manter em segredo suas habilidades mágicas. Lokesh é um poderoso e cruel feiticeiro que foi capaz de assassinar a própria esposa porque ela lhe deu uma filha em vez de um filho.

Ao completar 16 anos, Yesubai é surpreendida por um anúncio do rei. Procurando fortalecer suas relações diplomáticas, o nobre acredita que um casamento entre a filha de Lokesh, comandante de seu exército, e um pretendente de algum dos reinos vizinhos será uma boa estratégia para diminuir os conflitos na região.

A jovem recebe a notícia com alegria. Pela primeira vez ela enxerga um fio de esperança, a perspectiva de escapar do controle do pai e de levar uma vida fora do confinamento de seus aposentos.

Mas esses não são os planos do feiticeiro. Ele vê no iminente casamento de Yesubai uma oportunidade de conseguir ainda mais poder e não poupará esforços para atingir seus

objetivos sombrios.

A promessa do tigre conta a origem da história dos príncipes Ren e Kishan e os acontecimentos que levaram às aventuras da aclamada série *A maldição do tigre*.

CONHEÇA MAIS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém, Desaparecido para sempre, Confie em mim, Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa, A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno, O símbolo perdido, O código Da Vinci, Anjos e demônios, Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada, O melhor de mim, O guardião, Uma curva na estrada, O casamento, À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do universo; A vida, o universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva, O salmão da dúvida e Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Conheça mais títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)